

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL DOUTORADO**

JOÃO GABRIEL PADILHA

**ÁLCOOL É DROGA?
UMA ANÁLISE DOS OBJETOS DE DISCURSO E DAS REPRESENTAÇÕES
DISCURSIVAS RELACIONADOS AO ÁLCOOL EM TEXTOS MUDIÁTICOS *ONLINE***

**SÃO LEOPOLDO
2019**

João Gabriel Padilha

ÁLCOOL É DROGA?

uma análise dos objetos de discurso e das representações discursivas relacionados
ao álcool em textos midiáticos *online*

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção de título de doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Linguística Aplicada da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Eduarda
Giering

São Leopoldo

2019

P123a Padilha, João Gabriel.

Álcool é droga? uma análise dos objetos de discurso e das representações discursivas relacionados ao álcool em textos midiáticos online / João Gabriel Padilha. – 2019.
220 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2019.

“Orientadora: Profa. Dra. Maria Eduarda Giering.”

1. Referenciação. 2. Objetos de discurso. 3. Proposição-enunciado. 4. Álcool. 5. Análise textual dos discursos. I. Título.

CDU 800

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

JOÃO GABRIEL RODRIGUES MARQUES PADILHA

**“ÁLCOOL É DROGA? UMA ANÁLISE DOS OBJETOS DE DISCURSO E DAS
REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS RELACIONADOS AO ÁLCOOL EM
TEXTOS MIDIÁTICOS ONLINE”**

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Linguística Aplicada da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 25 DE FEVEREIRO DE 2019

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. LEONOR WERNECK DOS SANTOS - UFRJ
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. MARIA DAS GRAÇAS SOARES RODRIGUES - UFRN
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROF. DR. CAIO CÉSAR COSTA RIBEIRO MIRA - UNISINOS



PROFA. DRA. MARIA EDUARDA GIERING - UNISINOS

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 03/2019

Aos vinte e cinco dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, a sessão de Arguição Pública da 55ª Tese do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada “ÁLCOOL É DROGA? UMA ANÁLISE DOS OBJETOS DE DISCURSO E DAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS RELACIONADOS AO ÁLCOOL EM TEXTOS MUDIÁTICOS ONLINE”, apresentada pelo aluno João Gabriel Rodrigues Marques Padilha, à Comissão Examinadora constituída pelas professoras Leonor Werneck dos Santos (UFRJ) - com participação via webconferência, Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN) - com participação via webconferência, Caio César Costa Ribeiro Mira (UNISINOS) e Maria Eduarda Giering (Orientadora).

O resultado da banca é de consenso entre os avaliadores. A Ata de Defesa é assinada pelos membros que participaram da sessão de forma presencial.

Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno Art. 70 e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu ao aluno, por unanimidade, o grau 9,0 (nove). A emissão do Diploma está condicionada à entrega da versão final da Tese.

Ocorreu alteração do título? Não () Sim: _____

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Caio César Costa Ribeiro Mira.....

Profª. Dra. Maria Eduarda Giering (Orientadora).....

Este trabalho é dedicado à memória de minha avó materna, Alexandrina Rodrigues,
que sempre pôs bons livros em minhas mãos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha esposa, Aline, pelo apoio incondicional que me deu durante a escrita deste trabalho, acreditando em mim em momentos em que eu próprio pus minhas capacidades à prova: te amo, meu amor, muito obrigado!

A meu pai e a minha “mãe do coração” Eunice, também pelo apoio irrestrito que me proveram.

À minha orientadora, professora Dr.^a Maria Eduarda Jacobus Giering, por ter permitido que eu fizesse parte do CCELD, seu grupo de pesquisa, e por ter permitido que eu escrevesse o trabalho que aqui apresento. Também agradeço sua incomensurável paciência e tolerância – e, sobretudo, rigor – para com minhas limitações. A ela, dedico a resposta de Paulo Freire ao pedagogo estadunidense Ira Shor, que havia lhe perguntado se o rigor deveria ser universal: “o rigor não deve ser universal: universal é a necessidade de ser rigoroso”.

À professora Dr.^a Rove Chishman, que orientou parte de minha trajetória acadêmica e que permitiu que eu seguisse o caminho que julgava ser o melhor pra mim. A ela, dedico uma frase de um cronista esportivo de que gosto muito, Jorge Kajuru: “quem não tem gratidão não tem caráter”.

Agradeço também à professora Dr.^a Cátia Fronza, pelo apoio e confiança irrestritos depositados em mim.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Neste trabalho, proponho um estudo textual-discursivo relacionado ao álcool em textos midiáticos *online* no Brasil. Minha análise contempla textos coletados da versão *online* da revista *Superinteressante* e da página *Papo de Homem*, no intuito de discutir como as representações discursivas da substância são construídas e reconstruídas e quais as implicações dessas (re)construções em seu entendimento. Primeiramente, analiso os objetos de discurso realizados por formas nominais anafóricas, conforme a proposta de Cavalcante (2003), que unifica a extensa nomenclatura existente sobre o tema. Em um segundo momento, partindo de Adam (2011), problematizo a orientação argumentativa das proposições-enunciado que compreendem tais objetos, tendo em mente que estas não apenas descrevem, mas, sobretudo, apontam para as interpretações pretendidas pelos produtores dos textos, a partir de seus respectivos projetos de fala, bem como as marcas de responsabilidade enunciativa que fundamentam esses objetos de discurso. O caráter discursivo de minha investigação ampara-se pela noção de contrato de comunicação, proposta por Charaudeau (2005, 2009, 2010), a partir da qual situo as marcas linguísticas de meu *corpus*. O contrato pode ser considerado um marco regulatório que compreende as condições de produção e interpretação de textos. Essas condições abarcam tanto elementos identitários dos produtores e leitores de um texto, as finalidades a que os textos se propõem, quanto as escolhas linguísticas de que se valem os produtores para a composição textual, dentre outros aspectos. Minha tese é a de que, nos veículos mencionados, é possível encontrar representações discursivas variadas, até mesmo contraditórias, relacionadas ao álcool. Essas diferenças podem ser explicadas (i) a partir do contrato midiático a que estão submetidas e (ii) a partir dos contratos específicos que regem cada um dos veículos. Esta proposta situa-se no âmbito da Linguística Aplicada, área que discute problemas mundanos que envolvem o uso da linguagem (MOITA LOPES, 2006). Nesse sentido, entender o álcool como algo salutar ou como um problema social é algo que perpassa a linguagem e implica representações discursivas construídas no seio social, interativamente.

Palavras-chave: Referenciação. Objetos de discurso. Proposição-enunciado. Álcool. Análise Textual dos Discursos. Linguística Aplicada.

ABSTRACT

In this investigation, I propose a textual-discursive study related to alcohol in texts taken from Brazilian online media. My analysis concerns texts collected from the online format of *Superinteressante* magazine, and from the website *Papo de Homem*, aiming at discussing how the discursive representations of alcohol are (re)constructed, as well as the implications of such (re)constructions in its understanding. Firstly, I analyze the discourse objects based on nominal forms, according to Cavalcante (2003), which unifies the vast nomenclature that there is about this subject. Secondly, based on Adam (2011), I problematize the argumentative orientation which comprehends such discourse objects, bearing in mind that not only they describe, but, above all, point at preferred interpretations of the producers of the texts, based on their speech projects, as well as the marks of enunciative responsibility that fundament this objects. The discursive element of my investigation is based on the notion of communication contract, proposed by Charaudeau (2005, 2009, 2010), from which I contextualize the linguistic marks in my corpus. The contract can be understood as a regulatory landmark that comprehends the conditions of production and interpretations of texts. Such conditions refer not only to identity elements about the producers and the readers of a given text, but, also to the objectives that a text aims to fulfil, as well as the linguistic choices selected by its producers to compose their texts, among other aspects. My thesis is that, in the aforementioned vehicles, it is possible to find varied discursive representations – even contradictory – related to alcohol. Such differences might be explained by (i) the media contract to which they are submitted, and (ii) by the specific contracts that rule each of them. This proposal relates to the Applied Linguistics realm, area which discusses mundane problems that involve language use (MOITA LOPES, 2006). In this sense, understanding alcohol as something benefic or as a social problem is a matter that implicates language and involve discursive socially constructed representations in an interactive way.

Keywords: Referenciation. Discourse objects. Proposition-Statement. Alcohol. Textual Discourse Analysis. Applied Linguistics.

RESUMEN

En esta tesis, propongo un análisis textual-discursivo sobre el alcohol en textos mediáticos *online* en Brasil. Mi investigación incluye textos tomados de la versión electrónica de la revista *Superinteressante*, y de la página *Papo de Homem*, con el objetivo de discutir como las representaciones discursivas de la substancia son construidas y reconstruidas, y cuales son las implicaciones de esas (re) construcciones en su entendimiento. Primero, analizo los objetos de discurso realizados por formas nominales anafóricas, basado a la nomenclatura de Cavalcante (2003), que unifica la extensa clasificación que hay sobre el tema. En un segundo momento, basado en Adam (2011), problematizo la orientación argumentativa de las proposiciones-enunciado que comprenden esos objetos, puesto que no apenas describen, pero, sobretudo, apuntan hacia una interpretación pretendida por los productores de los textos, a partir de sus proyectos de habla, así como las marcas de responsabilidad enunciativa que fundamentan tales objetos de discurso. El carácter discursivo de mi trabajo es basado por la noción de contrato de comunicación, tal cual Charaudeau (2005, 2009, 2010), a partir de la cual contextualizo las marcas lingüísticas de mi corpus. El contrato puede ser entendido como un marco regulatorio que comprende las condiciones de producción y interpretación de textos. Tales condiciones remiten tanto a elementos identitarios de los productores y lectores de un texto, las finalidades a que los textos se proponen, cuanto a las elecciones lingüísticas de que se valen sus productores para la composición textual, entre otros aspectos. Mi tesis es la de que, en estos vehículos, es posible encontrar representaciones discursivas distintas, mismo contradictorias, relacionadas al alcohol. Estas diferencias pueden ser explicadas a partir (i) del contrato mediático a que están sometidas, y (ii) a partir de los contratos en particular que gobiernan cada uno de esos vehículos. Esta propuesta situase en el ámbito de la Lingüística Aplicada, área que discute problemas del mundo que implican el uso del lenguaje (MOITA LOPES, 2006). Así, comprender el alcohol como algo saludable o como un problema social es algo que implica el lenguaje, bien como representaciones discursivas socialmente construidas, interactivamente.

Palavras-Clave: Referenciación. Objetos de Discurso. Proposición-enunciado. Alcohol. Análisis Textual de los Discursos. Lingüística Aplicada.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LINGÜÍSTICA TEXTUAL E REFERENCIAÇÃO	22
2.1 A Linguística textual: uma breve retomada e algumas asserções de base....	22
2.2 O fenômeno da Referenciação sob a ótica de alguns textos fundadores	27
2.3 Desdobramentos dos estudos sobre a referenciação no Brasil: as contribuições de Koch e Marcuschi	48
2.4 Investigações que mantêm a discussão sobre a referenciação no Brasil.....	58
3 REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS: A RELAÇÃO ENTRE OBJETOS DE DISCURSO E SUAS PREDICAÇÕES.....	70
3.1 A Análise Textual dos Discursos	70
3.2 A proposição-enunciado: uma categoria de análise de textos no paradigma da ATD.....	74
4 O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA EM UMA ANÁLISE TEXTUAL-DISCURSIVA.....	83
4.1 O contrato como um marco regulatório da produção e interpretação de textos	83
4.2 O contrato de comunicação midiático: um tipo particular de marco regulatório.....	93
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RECURSOS EMPREGADOS NA ANÁLISE.....	102
5.1 Descrição dos <i>corpora</i>	102
5.2 Categorias de análise	104
5.3 Procedimentos de análise.....	107
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	109
6.1 Situações globais de comunicação dos textos analisados: o estágio inicial da construção do espaço discursivo em Superinteressante e Papo de Homem.....	109
6.1.1. Situação Global de Comunicação – caracterizando a Revista Superinteressante.....	109
6.2 Situações Específicas de Comunicação dos textos Analisados: problematizando as identidades, as finalidades discursivas, as identidades, e as materialidades textuais em questão	112

6.2.1 A Situação Específica de Comunicação do texto “O álcool é a droga mais pesada de todas?”, de José Francisco Botelho, em Superinteressante	112
6.2.2 A Situação Específica de Comunicação do texto “ <i>Orange Blossom</i> : Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens”, de Júnior WM, em Papo de Homem .	119
6.3 Análises textuais: as proposições-enunciado encontradas nos textos, suas motivações contratuais, e seu papel na dinâmica da construção de sentidos acerca do álcool	129
6.3.1 Análise preliminar dos textos da Superinteressante	130
6.3.2 Análise do texto “O álcool é a droga mais pesada de todas?”, de José Francisco Botelho, na revista Superinteressante	134
6.3.3 Análise preliminar dos textos da Papo de Homem	164
6.3.4 Análise textual: as proposições-enunciado que compõem o texto “ <i>Orange Blossom</i> : Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens”, de Júnior WM, em Papo de Homem	169
6.4 Cotejando as proposições-enunciado presentes nos textos: em que elas diferem, e em que se baseiam tais diferenças?	205
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
REFERÊNCIAS	217

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, abordo, sob a ótica da Análise Textual dos Discursos, um tema bastante recorrente na sociedade brasileira: o álcool enquanto *bebida alcoólica*. Propagandas de cerveja, campanhas de conscientização e, até mesmo, fotos postadas diariamente em redes sociais nos remetem, direta ou indiretamente, a representações distintas – por vezes contraditórias – do álcool; no caso das propagandas, o álcool é apresentado como uma substância que confere a seus consumidores supostos benefícios, como a desenvoltura, a facilitação da socialização, a conquista do interesse do gênero oposto – geralmente feminino – etc.; as campanhas de conscientização, geralmente capitaneadas por entidades ligadas à área da saúde, remetem aos malefícios causados a curto, médio e longo prazos, em detrimento do uso e do abuso da substância; finalmente, nas redes sociais, não são poucas as imagens de pessoas consumindo álcool. O mesmo não parece ocorrer em relação a drogas ilegais. Seja como for, a presença do álcool parece ser pervasiva em nossa sociedade.

Esses exemplos, embora bastante genéricos, servem como um sucinto ponto de partida, ou, quiçá, uma asserção de base tomada como verdadeira, para o estabelecimento da discussão que proponho nesta tese de doutoramento.

O problema de pesquisa que me move orbita, primeiramente, a construção das representações discursivas relacionadas à substância, bem como suas implicações do ponto de vista da construção de sentidos, dado os *status* atribuídos ao álcool. O questionamento presente no título desta pesquisa – *álcool é droga?* – remete parcialmente ao problema, visto que, como demonstrarei, a categorização de álcool como droga não é uma unanimidade. Entretanto, as representações discursivas – e, em seu interior, os objetos de discurso – não serão meu único interesse. Suas contrapartes – a responsabilidade enunciativa e a orientação argumentativa – também estão implicadas na discussão que proponho: não há enunciado mínimo sem a ação conjunta desses três elementos, conforme mostrarei, partindo de Adam (2011).

Além disso, constatei a falta de estudos sobre o tema no escopo da Linguística. Isso parece, em um primeiro momento, contraditório, visto que, dado o interesse de variadas áreas do conhecimento pela linguagem – como a Antropologia, a Sociologia, a Literatura – justamente a Linguística ainda não tenha abordado o tema.

Tal constatação deu-se quando pesquisei três das maiores bases de dados disponíveis no Brasil – *EbscoHost*, *Portal de Periódicos Capes* e *Scielo*. Nessas bases, realizei duas pesquisas: a primeira delas a partir das expressões “álcool” and “linguística”, e a segunda, a partir dos termos “álcool” and “referenciação”. No primeiro caso, encontrei 247 textos na plataforma *EbscoHost* – em sua maioria, da área da saúde, e nenhum da Linguística –; 1 texto na plataforma *Portal de Periódicos Capes* – Cronick (2005), intitulado *El análisis retórico/hermenêutico de textos relacionados al consumo del alcohol*, publicado em um periódico voltado às ciências sociais –; e nenhum texto na plataforma *Scielo*. Na segunda pesquisa, a *EbscoHost* retornou 15 resultados – novamente, nenhum relacionado à linguística –; o *Portal de Periódicos Capes*, 2 resultados; e a *Scielo*, 1 – Campos e Reis (2010), intitulado *Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência da cidade de São Paulo – Brasil*, publicado na revista *Interface – Comunicação, saúde, educação*.

Além dessas bases de dados, pesquisei os mesmos termos na ferramenta *Google Acadêmico* e não obtive resultado algum.

A partir dessas buscas, constatei que minha proposta poderia se unir a essas poucas referências que encontrei e, quem sabe, ajudar a problematizar os entendimentos socialmente construídos do álcool a que temos acesso na mídia *online* do Brasil. Embora sejam bastantes os textos sobre o tema publicados na área da saúde, em termos linguísticos, há ainda muito a se fazer, sendo esta tese um esforço nesse sentido.

As justificativas para minha empreitada não são apenas acadêmicas: do ponto de vista pessoal, sempre me interessei pelo tema, haja vista minha experiência – direta e indireta – com o consumo do álcool. Sempre me chamaram a atenção aquelas predicções que dissociam a substância da categoria mais ampla *droga* – como seguidamente fazem veículos da mídia tradicional, como jornais, revistas e telejornais, ao se referirem a *álcool e drogas* – ou que lhes atribuem supostas “benesses” ligadas a seu consumo.

Também é mister para o entendimento deste trabalho o fato de que – absolutamente – não se trata de um manifesto antiálcool, mas, sim, de um convite à reflexão sobre o lugar que a substância ocupa em nossa sociedade e, conseqüentemente, nos textos que circulam na mídia *online* de nosso país. Nesse sentido, a Linguística Aplicada, domínio mais amplo sob o qual circunscreve-se esta

proposta, bem como a Análise Textual dos Discursos, parece fornecer subsídios para a arquitetura desta tese. Formulações mais recentes dessa área do conhecimento (MOITA LOPES, 2006) aludem ao interesse pela criação de entendimento acerca de problemas do mundo que perpassam a linguagem. De acordo com o teórico,

[...] a LA não tenta encaminhar soluções ou resolver problemas com que se defronta ou constrói. Ao contrário [...] procura problematizá-los ou criar inteligibilidade sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de usos da linguagem possam ser vislumbradas. (MOITA LOPES, 2006, p. 20).

Para que se atinja o fim acima descrito, segundo o teórico, “são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem [...]”. (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

No caso do álcool, entender a substância como benéfica ou prejudicial não é uma mera questão de opinião, ou fruto do acaso, mas algo que deve ser examinado a partir dos *status* de que a substância goza na sociedade brasileira, e que pode ser observado na mídia *online* de nosso país, como mostrarei. Para tal, restringirei minha análise à revista *Superinteressante* e à página *Papo de Homem*, dois veículos cujos públicos são bastante expressivos em termos numéricos.

A menção ao *status* do álcool no Brasil justifica-se na medida em que, em se tratando de uma investigação situada no âmbito sociocognitivista, conforme Koch e Cunha-Lima (2015), exclui-se o entendimento universal das categorias, e passa-se a analisá-las sob a ótica das construções de sentido socialmente embasadas.

O consumo de álcool, em linhas gerais, pode ser considerado uma questão – no mínimo – delicada: conforme a reportagem de capa da revista *National Geographic Brasil*, intitulada *o cérebro e os vícios*, e publicada em setembro de 2017, 3,3 milhões de pessoas no mundo morrem anualmente em decorrência do consumo da substância. O mesmo periódico, na edição 203, de fevereiro de 2017, na matéria de capa intitulada *a história da bebida*, remete à dosagem de álcool consumida mundialmente, bem como ao custo que os danos causados pela substância aos cofres públicos estadunidenses: “no mundo todo, pessoas acima de 15 anos de idade tomam, em média, uma dose de bebida por dia [...]. Nos estados unidos, o abuso de álcool mata 88 mil pessoas e custa 249 bilhões de dólares por ano, segundo estimativas”.

Quanto aos números associados à realidade brasileira, [...] “o último levantamento da organização pan-americana de saúde aponta que 12,2 a cada 100

mil mortes por ano no país não teriam acontecido sem a bebida – é um dos países do continente com as maiores taxas de mortalidade causadas pelo álcool”.

Ainda sobre o consumo de álcool no Brasil, de acordo com o Psicanalista Sérgio de Paula Ramos¹ – especialista em Psiquiatria, doutor em Medicina pela USP e ex-coordenador médico da Unidade de Dependência Química do hospital Mãe de Deus, em Porto Alegre, 12%² da população brasileira é dependente de álcool, em oposição aos 0.4% de usuários de *crack*, droga supostamente mais nociva.

Em uma entrevista ao programa Roda Viva³, da TV Cultura, exibido em 2011, Ramos foi enfático ao dizer que o problema das drogas, no Brasil, tem de ser debatido a partir do papel do álcool em nossa sociedade. Em outra ocasião, no ano de 2013, em um programa de entrevistas de um canal comercial⁴, Sérgio aludiu aos malefícios causados pelo consumo da substância por jovens. Segundo o especialista, o álcool afeta o desenvolvimento do cérebro de adolescentes, que só cessa aos 21 anos de idade. Em Porto Alegre, cidade onde atua, a média de idade para o início do consumo da substância é de 12 anos. O provável desencadeador desse processo, em seu entendimento, é a influência do que chama de *lobby do álcool* sobre esse público, representada na figura de marcas de bebidas que patrocinam eventos dirigidos a jovens.

Tendo em vista a saliência desse problema, interessa-me discutir, conforme já mencionado, as maneiras como o álcool é textualmente representado nesses veículos da mídia *online*, entendendo que esta tese possa representar uma tentativa sistemática de reflexão e discussão acerca das representações de álcool a que temos acesso na rede, contribuindo minimamente para a manutenção de um debate sobre o qual se pode, segundo vejo, afirmar tudo: *exceto* de que se trate de um tema incógnito, insensível à sociedade brasileira.

Meu objetivo geral, portanto, é problematizar como, nos veículos referidos, as representações discursivas ligadas ao álcool são construídas e reconstruídas, e quais suas implicações em relação ao que se diz atualmente sobre a substância.

Esse objetivo mais amplo se desdobra em cinco objetivos específicos:

¹ Mais informações sobre a formação e atuação de Ramos em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4799624J5>>.

² Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2017/07/maconha-na-adolescencia-e-uma-fabrica-de-losers-afirma-psiquiatra-sergio-de-paula-ramos-9855388.html>>. Acesso em: 15 out. 2017.

³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pDtjo1uE5Bw>>. Acesso em: 15 out. 2017.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b9QkN2oKcY4>>. Acesso em: 15 out. 2017.

- a) Discutir as situações de comunicação a que se submetem os textos analisados a partir das Situações Globais de Comunicação (SGC);
- b) Discutir as situações de comunicação a que se submetem os textos analisados a partir das Situações Específicas de Comunicação (SEC);
- c) Problematizar a construção de objetos de discurso relacionados ao álcool em textos da edição *online* da revista Superinteressante e da página Papo de Homem;
- d) Discutir o papel dos objetos de discurso em termos de manutenção e progressão tópica e de restrições contratuais;
- e) Cotejar as proposições-enunciado que implicam tais objetos de discurso em cada um dos textos, a partir de suas três dimensões – representação discursiva, responsabilidade enunciativa, e orientação argumentativa – em cada veículo, relacionando-as a aspectos contratuais que as regem.

Postos os objetivos específicos, cabem algumas observações pontuais que visam a justificá-los.

Os objetivos 1 e 2 fundamentam-se na ideia de que as marcas linguísticas que analiso não tem valor em si mesmas, sendo necessário recorrer às condições de produção que, em parte, as determinam. Nesse sentido, as noções de Contrato de Comunicação – em especial, a de contrato midiático – e de situação de comunicação mostram-se deveras produtivas, como demonstrarei.

Os objetivos 3 e 4 são válidos na medida em que discutem os processos fóricos que subjazem a construção dos objetos de discurso em meus *corpora* de estudo, relacionando-os à progressão tópica, com base em Marcuschi (2006[2000]). Como mostrarei, no que tange aos textos da Superinteressante, a progressão tópica dá-se de maneira sistemática, uma vez que o tópico *álcool* é introduzido e reiterado ao longo do plano textual, ensejando a construção da coesão e da coerência desses textos. Em relação a Papo de Homem, a progressão tópica, aos olhos do analista, dá-se de maneira menos sistemática – quiçá caótica – em que se observa a concorrência de objetos de discurso – alguns diretamente relacionados à substância, outros não.

Por fim, o último objetivo específico encontra sua validade no fato de que, através do cotejo dos textos dos dois veículos, pode-se verificar a diversidade – ou a contradição – das representações discursivas do álcool na mídia *online* brasileira.

Além das representações ligadas ao álcool, também ocorrem representações correlatas, que, embora não digam respeito à substância *per se*, operam juntamente na construção dos sentidos atribuídos à substância. Essas representações remetem à masculinidade, à maturidade, à desenvoltura etc., e, em sua maioria, coocorrem com representações que não consideram o álcool um problema – ao contrário.

Para levar a cabo o que proponho, primeiramente, examinarei os objetos de discurso à luz da *referenciação* (MONDADA e DUBOIS, 1995; APOTHÉLOZ, 1995b; KOCH; MARCUSCHI, 1998; MARCUSCHI, [2000]2006; 2002; KOCH, 2001; 2006; 2008a; 2008b; CAVALCANTE, 2003; 2011; CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO, 2014; CAVALCANTE et al., 2016). O termo *referenciação*, sintetizando o que dizem tais autores e autoras, opõe-se ao termo *referência*, na medida em que trata o ato de referir como um processo dinâmico, em que os interlocutores referem a *objetos de discurso*, em vez de *coisas do mundo*, como o fazem estudos voltados à referência (ARAÚJO, 2004).

Esse fenômeno manifesta-se, costumeiramente, por intermédio de expressões nominais referenciais, ou *grupos nominais* (FRANCIS, 1994), introduzidos, em boa medida, por pronomes definidos ou demonstrativos (APOTHÉLOZ; CHANET, 1997; CAVALCANTE, 2003). No plano textual, essas expressões atuam tanto de forma correferencial – introduzindo e retomando referentes – quanto não correferencial – recategorizando-os, isto é, introduzindo informações novas a partir de informações difusas no cotexto –, constituindo cadeias anafóricas responsáveis tanto pela manutenção da progressão referencial (KOCH, 2006), quanto pela progressão tópica (MARCUSCHI, [2000] 2006).

Entretanto, não abordarei os objetos de discurso por si sós, mas a partir de *representações discursivas*. A complementaridade dessas categorias reside no fato de que, como postula Adam (2011), as representações discursivas, juntamente à orientação argumentativa e à responsabilidade enunciativa, integram a proposição-enunciado, que, segundo o teórico, é a unidade mínima de análise textual. Enquanto tal, as proposições-enunciado unem um tema – ou um objeto de discurso – a um predicado. Se o exame dos objetos de discurso encontrados em meu *corpus* permitem que se avalie as escolhas linguísticas dos produtores dos textos em termos de recategorização, as predicções atribuídas a esses objetos, por sua vez, evidenciam o caráter argumentativo dos enunciados que analisarei, pois, como observa o teórico,

“todo enunciado possui um valor argumentativo, mesmo uma simples descrição desprovida de conectores [...]” (ADAM, 2011, p. 122).

Também é importante ressaltar que essas marcas linguísticas não serão analisadas por si sós, mas à luz do contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2005; 2006; 2009). Tratando-se de uma proposta textual-discursiva, cabe, primeiramente, situar essas marcas em relação a quem as produz, para quem as produz, onde as produz, de que recursos linguísticos se vale ao produzi-las, e com que finalidade (ou *com que fim discursivo*, para usar um termo cunhado pelo teórico) as produz. As dimensões interna e externa do contrato de comunicação, nesse sentido, abrangem esses elementos, sobredeterminando, de forma parcial (uma vez que, como explica o teórico, os falantes possuem relativa liberdade para empregarem as formas linguísticas que julgarem apropriadas à situação de troca), a produção e a interpretação de textos e, conseqüentemente, das marcas linguísticas encontradas em meu *corpus*.

No que tange à seleção dos textos, a escolha pela Superinteressante e pelo Papo de Homem levou em consideração três aspectos: sua popularidade, a tematização do álcool enquanto bebida alcoólica em seus textos, e a natureza diversa das representações que nelas se encontram, caso pensemos, dentre outras coisas, nos diferentes públicos a que são endereçadas.

A popularidade dessas publicações é embasada por dados presentes no *kit* de mídia⁵, no caso da Superinteressante, e na aba *nossa visão*⁶, no sítio Papo de Homem. A *Super*, como é conhecida entre seus leitores, teve sua primeira edição em setembro de 1987 – possui, portanto, pouco mais de trinta anos – e sua projeção de leitores é de 3.094.000, cuja média de idade corresponde aos 31 anos. 80% desse público pertence às classes A e B e é formado, em sua maioria (60%), por homens. Outro dado importante é que 96% dos leitores da publicação comentam com outras pessoas o que leram na revista, seja em sua tradicional versão impressa, seja em sua versão *online*.

A página *Papo de Homem* foi criada em 2006 e trata de assuntos alegadamente ligados à masculinidade. Propõe-se, de acordo com seus idealizadores, a “[...] deixar de lado as narrativas heroicas e os machos alfa, tão frágeis em sua eterna afirmação

⁵ Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/uploads/brand/mediakit/36/Brand_Kit_SUPER_2.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁶ Disponível em <<https://papo homem.com.br/nossa-visao>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

[...]”. Para tal, conta com mais de 500 colaboradores – entre homens e mulheres, ao contrário do que pode sugerir o nome da página – que escrevem periodicamente, e contabiliza dois milhões de acessos mensais, segundo informam seus proponentes.

Embora essas publicações compartilhem o fato de se encontrarem sob a égide do contrato de informação midiático, é preciso apontar algumas características que as particularizam.

A Superinteressante oferece a seus leitores, por meio de gêneros como notícia, a reportagem e a infografia – textos de Divulgação Científica Midiática (DCM), que pode ser considerada um “subconjunto específico”, nos termos de Charaudeau (2016), do discurso de divulgação científica. Enquanto tal, apresenta-se de forma híbrida, pois remete a características de três outros discursos: o científico e o didático – visto que ambos remetem a um “objeto de saber”, proporcionando explicações sobre a natureza desse objeto, porém sem remeter a uma disciplina em específico – e o discurso midiático, em que “esse objeto de saber é transformado em acontecimento e, em vista disso, tratado segundo as mesmas estratégias de dramatização que um acontecimento qualquer.” (CHARAUDEAU, 2016, p. 554). Esse tratamento remete-nos à dupla visada do discurso de DCM: *informar* – uma vez que se propõe a transmitir um saber (*fazer saber*), que permitirá aos leitores formarem uma opinião sobre o objeto discutido – e *captar*, pois os veículos midiáticos competem economicamente entre si, tentando, por meio de estratégias de dramatização (*fazer sentir*), angariar o maior número de leitores possível.

A página Papo de Homem, por sua vez, apresenta – em um mesmo texto – características de gêneros discursivos variados, como a receita, o artigo de opinião, a literatura de autoajuda e a autobiografia, o que os torna peculiares. Outro fato válido de menção é o de que a página é explicitamente patrocinada por fabricantes de bebidas alcoólicas, o que – possivelmente – pode influenciar nas representações de álcool nela encontradas. A essa prática dá-se o nome de *branded content*, ou *conteúdo de marca*, e remete à “criação de conteúdo [...] diretamente relacionado ao universo de uma marca”⁷.

⁷ Fonte: <<https://marketingdeconteudo.com/o-que-e-branded-content/>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

No que tange a esse tipo de patrocínio, a Superinteressante mostra-se de maneira dúbia. Embora, em seu *Kit* de mídia, haja referência a um *case*⁸ de uma conhecida marca de cerveja (p. 13), nas páginas da revista, não há menções a fabricantes de bebidas alcoólicas. Há anúncios de *smartphones*, de *videogames*, de histórias em quadrinhos, de provedores de internet e telefonia, de uma petroleira estadunidense, além das demais publicações do grupo de mídia que publica a revista; mas, de bebidas alcoólicas, não – excetuando o caso mencionado. Assim como em relação à página *papo de homem*, esse fato possivelmente influi nas predicções atribuídas ao álcool, igualmente.

Além de compartilharem o contrato midiático, há, ainda, dois outros pontos de aproximação entre esses veículos: (i) tratam de representações do álcool; (ii) essas representações cumprem função argumentativa, uma vez que, a partir de estratégias diversas, constituem pontos de vista sobre a substância.

Minha tese, nesse sentido, recai sobre a ideia de que há uma tensão entre representações discursivas relacionadas ao álcool na sociedade brasileira – representada aqui por dois veículos de informação bastante populares, em que, primeiramente, é possível encontrar sentidos variados – até mesmo contraditórios – ligados ao álcool: em relação à página *Papo de Homem*, essas representações contradizem o *status* (problemático) que a substância possui na mídia *online* brasileira. Isso se verifica através de representações discursivas que remetem a benefícios obtidos pelo uso do álcool, os quais são embasados pura e simplesmente por opiniões – visto que não há menção a fontes de informação (responsabilidade enunciativa).

A revista Superinteressante, por sua vez, enquanto publicação dedicada à divulgação científica midiática, vale-se da voz da ciência para aludir aos malefícios causados pelo álcool, tanto em termos individuais quanto coletivos. Nesse sentido, traz variadas marcas de responsabilidade enunciativa que remetem a pesquisas sobre o uso de álcool, a opiniões de especialistas, e à menção de instituições que se debruçam sobre essa questão.

⁸ História de um caso, em inglês. Termo utilizado para definir uma história, geralmente de sucesso, vivida por uma empresa ou marca. Fonte: <http://www.brenobrito.com/files/dicionario_da_propaganda.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

Dito de forma mais breve, no entendimento de muitos brasileiros e brasileiras, como meus dados mostrarão, o álcool não é uma substância danosa, nem mesmo uma droga. Ao contrário: chega a ser tomado como algo benéfico.

As implicações desta tese podem ser relacionadas ao *status* do álcool no Brasil: faz sentido afirmar que entendimentos essencialmente benéficos sobre a substância possam ser associados a atitudes condenáveis sob o ponto de vista médico – consumo em excesso, dependência, consumo entre jovens etc. – e legal – como dirigir embriagado (a), por exemplo; em sentido oposto, entendimentos que privilegiam o caráter danoso da substância podem ser relacionados a posicionamentos mais críticos em relação a seu consumo – como a importância do consumo moderado, responsável, a partir do pressuposto de que o álcool é uma droga potente.

Para cumprir meus objetivos, organizo este trabalho em sete capítulos, sendo esta introdução o primeiro deles.

O capítulo dois compõe-se de quatro subseções. A seção 2.1 traz pressupostos de base que me permitem situar a Linguística Textual. A seção 2.2 introduz o fenômeno da referenciação a partir de textos que estabeleceram a discussão em torno desse tema – fundamentalmente franco-suíços. A seção 2.3 abrange estudos sobre a referenciação realizados no Brasil, partindo das pioneiras contribuições de Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luis Antônio Marcuschi. A subseção 2.4 compõe-se, em sua maioria, de trabalhos subsequentes aos de Koch e Marcuschi, embora alguns poucos possam ser considerados contemporâneos a eles. Ainda nesse segmento, encontram-se trabalhos que estendem a discussão dos processos referenciais a outras áreas do saber, como a educação, a literatura, a divulgação da ciência e a religião, tomando como pressuposto de base uma visão sociocognitiva e interacional da referenciação, introduzida em 2.3.

O terceiro capítulo versa sobre a relação entre objetos de discurso e predicções a eles atribuídas. Essas categorias integram o que Adam (2011) chama de *representação discursiva*, que, juntamente à responsabilidade enunciativa, e à orientação argumentativa, integram a proposição-enunciado, entendida pelo teórico como unidade textual mínima de análise. Em 3.1, apresento a Análise Textual dos Discursos (ATD), proposta por Adam (2011); em 3.2, apresento a categoria de análise de que me valho neste estudo: a proposição-enunciado.

O quarto capítulo introduz o contrato de comunicação, noção circunscrita à Semiologia e proposta pelo linguista francês Patrick Charaudeau. Neste

segmento, apresento, em 4.1, o contrato e suas componentes, em linhas gerais; no segmento seguinte – 4.2 – abordo o contrato de informação midiático, subtipo que me interessa sobremaneira, uma vez que meu *corpus* de estudo compõe-se de textos coletados em publicações na mídia *online* brasileira – na versão eletrônica da revista *Superinteressante* e na página *Papo de Homem*, como referi anteriormente.

O quinto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos de que me valho na análise textual-discursiva que apresento. Subdivide-se, pois, em três subseções: em 5.1, introduzo meu *corpus* de estudo, abordando suas principais características, bem como alguns dos traços dos veículos de que foram extraídos; em 5.2, explicito minhas categorias de análise; no último segmento da seção dedicada à metodologia – 5.3 – aludo às etapas que segui para a realização da análise dos dados.

O sexto capítulo apresenta a análise e a discussão dos textos “O álcool é a droga mais pesada de todas?”, da revista *Superinteressante*, e “*Orange Blossom*: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens”, da página *Papo de Homem*. Em 6.1, apresento as Situações Globais de Comunicação que, em parte, sobredeterminam a produção dos textos analisados; em 6.2, abordo as Situações Específicas de Comunicação que regem a produção de cada texto; em 6.3, apresento a análise das marcas linguísticas que integram os textos, tendo como pano de fundo suas motivações contratuais; em 6.4, proponho uma comparação entre as marcas linguísticas encontradas nos textos, com vistas a demonstrar estas são diametralmente opostas – poder-se-ia dizer que são até contraditórias, como argumentarei.

O sétimo e último capítulo deste trabalho traz as considerações finais acerca de sua realização. Nesse sentido, enfatizo suas possíveis contribuições, suas limitações e seus possíveis desdobramentos.

2 LINGUÍSTICA TEXTUAL E REFERENCIAÇÃO

Neste capítulo, apresento a primeira parte do referencial teórico de que me valho nesta pesquisa. Embora esteja situada no âmbito da Análise Textual dos Discursos, cabe, primeiramente, apresentar a Linguística Textual, cuja fundação antecede à ATD, tratando de seus princípios teóricos e principais temas; em seguida, abordo alguns textos que fundaram as discussões em torno da referenciação, dando atenção especial às formas nominais que se prestam a esse processo – os *objetos de discurso*; a terceira subseção deste capítulo apresenta as contribuições para o estudo da referenciação realizadas no Brasil, partindo de trabalhos de Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Luiz Antônio Marcuschi; por fim, em 2.4, contemplo trabalhos que deram seguimento à discussão estabelecida por esses teóricos, em sua maioria, realizados no âmbito do projeto PROTEXTO, da UFC, sob a tutela da prof.^a Dr.^a Mônica Cavalcante.

2.1 A Linguística textual: uma breve retomada e algumas asserções de base

A Linguística Textual (LT) é uma disciplina que pode ser tomada como “funcionalista em sentido amplo” (KOCH, 2008a, p. 11), uma vez que assume o estudo do texto a partir de suas *funções* (SCHMIDT, 1973 apud KOCH, 2008a, p. 11). Diferencia-se de abordagens funcionalistas estritas por (i) não se basear em uma gramática funcional e (ii) não assumir uma visão modular de linguagem, como fazem os funcionalistas tradicionais. Conseqüentemente, não há “níveis” ou “camadas” de texto a serem considerados, senão os textos em sua totalidade. A LT, a partir dos anos 1980, passa a ter, como objeto de estudo, o processamento *online* dos sentidos, transcendendo os níveis. Como Koch (2008a) aponta, trata-se de uma abordagem “processual e holística” (p. 122), que não trata o texto como um produto acabado, resultado da comunicação, mas como um *processo* complexo em que estão em jogo vários sistemas de conhecimento.

A construção de uma gramática do texto também já é um tema superado na agenda da LT. Seu objeto de estudo “[...] é o texto enquanto processo, enquanto atividade sociocognitiva interacional de construção de sentidos” (KOCH, 2008a, p. 12). Essa forma de entender o texto tem origem na perspectiva pragmática, que influenciou teorias de base comunicativa, integrando fatores contextuais à descrição de textos.

Isso ocorre no início dos anos 1970 e, como exemplos, temos os modelos comunicativos e contextuais (HEINEMANN; VIEHWEGER, 1991 apud KOCH, 2008a, p. 12). O objetivo principal desses modelos era estabelecer regras de representação entre textos e seus respectivos contextos. Nesse sentido, a análise textual deixa de ser sintático-semântica, e o texto passa a ser entendido como parte de uma “atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais dos falantes”. (HEINEMANN; VIEHWEGER, 1991 apud KOCH, 2008a, p. 12).

Já na metade da década de 1970, a língua passa a ser tomada como uma forma peculiar de comunicação em sociedade que, por sua vez, mantém relação com outras atividades dos seres humanos. É notória, nesse período, a influência de duas escolas de pensamento: a psicologia da linguagem, sobretudo a soviética, e a filosofia da linguagem ordinária, representada pela escola de Oxford. A metodologia, nesse período, consiste em aplicar os pressupostos das duas escolas ao estudo do texto, conferindo a este o *status* de “forma de ação verbal” (KOCH, 2008a, p. 13). Cabe citar os trabalhos de Wunderlich (1970; 1976; 1985), em que desenvolve sua “teoria da atividade verbal”. Também é importante citar Isenberg (1976), que se debruçou sobre a geração, a interpretação e a análise de textos a partir do que chamou de estrutura pré-linguística da intenção comunicativa. A ideia fundamental da abordagem de Isenberg, se é que podemos resumi-la de forma breve, é a de que o aspecto pragmático predomina sobre os aspectos sintático e semântico. Em seu entendimento, em primeiro lugar, é preciso considerar o plano geral do texto, suas intenções comunicativas, e, por último, as estruturas linguísticas superficiais que o compõem. O papel do falante, de acordo com esse modelo, não é apenas o de *entender* o texto, mas o de *reconstruí-lo* a partir de seus propósitos e de seu contexto comunicativo. Já em relação ao texto, diz-se que cumpre uma função, serve a algum propósito.

Na década de 1980, surgiu uma tendência, então, nova: a influência das ciências cognitivas em diversas áreas do saber e, claro, na LT. Isso porque “todo fazer é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva” (KOCH, 2008, p. 16). Nessa época, como apontam Koch e Cunha-Lima (2005), cresceu a interação entre cognitivistas clássicos e sociocognitivistas, “criando espaços muito frutíferos para o desenvolvimento de pesquisas que compreendam os fenômenos cognitivos em geral, e a linguagem em particular, como fenômenos capazes de oferecer modelos de interação e da construção de sentido cognitivamente plausíveis ou cognitivamente

motivados e, ao mesmo tempo, como fenômenos que acontecem na vida social (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 254-255).

Caso possa resumir a principal diferença entre a primeira e a segunda gerações de estudiosos da cognição, a partir da leitura de Koch e Cunha-Lima (2005), diria que os interesses dos cognitivistas clássicos recaem sobre "aspectos internos, mentais, individuais, inatos e universais do processamento linguístico" (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 253), enquanto outros pesquisadores, que integram um grupo mais heterogêneo se comparado ao primeiro, interessa-se por "aspectos externos, sociais e históricos da linguagem" (ibidem). É o caso dos sociolinguistas, etnolinguistas, analistas do discurso, pragmaticistas etc.

A ideia de que a "a linguagem é uma espécie de ação conjunta" (CLARK *apud* KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 255) embasou o então novo paradigma sociocognitivista. Conforme as autoras, "compreender a linguagem é entender como os falantes se coordenam para fazer alguma coisa juntos, utilizando simultaneamente recursos internos, individuais, cognitivos e recursos sociais" (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 255).

O sociocognitivismo, que é o paradigma que me interessa, assume o conceito de mente corporificada, isto é, uma visão que não faz distinção entre mente e corpo, como pregava Descartes. Assim, passa-se a aceitar que "os aspectos motores e perceptuais, bem como as formas de raciocínio abstrato são todos de natureza semelhante e profundamente inter-relacionados" (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 275). Partindo do pensamento de Varela, Thompson e Rosch (1992), as estudiosas afirmam que "nossa cognição é o resultado das nossas ações e das nossas capacidades sensório-motoras [...] a enação - ou seja, emergência e desenvolvimento dos conceitos nas atividades nas quais os organismos se engajam [...] fazem sentido do mundo que os rodeia" (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 275). A partir do conceito de mente corporificada, pode-se citar a percepção das cores, que se baseia em quatro elementos: dois deles de natureza corpórea, física – a constituição de nossas retinas e as terminações nervosas do cérebro – e os demais de natureza ambiental – comprimentos de ondas de luz e iluminação do ambiente.

O problema da separação entre corpo e mente é que essa dicotomia "trata os fenômenos culturais como uma coleção de saberes ou de dados e não como um processo, que é o que realmente são" (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 280). Essa é a ideia principal da sociocognição, ou da cognição situada: devemos entender os

processos culturais a partir "da dinâmica pela qual soluções são coletivamente estabelecidas e modificadas pelos indivíduos na história de suas ações" (KOCH, e CUNHA-LIMA, 2005, p. 280), e não como produtos acabados, dados.

Nesse cenário, os estudos do texto recebem papel de destaque, já que o processamento textual é um dos aspectos ligados à linguagem sobre o qual os cognitivistas se debruçaram (p. 290). O processamento de um texto consiste em atividades como "a capacidade de identificar o tópico principal de um texto, identificar seus temas principais, resumir-lo, fazer as inferências que geram a coesão e a coerência globais." (KOCH, e CUNHA-LIMA, 2005, p. 290).

A primazia do texto, nesse sentido, tornou-se evidente diante da impossibilidade de explicar o funcionamento das palavras de forma isolada, ou a partir da estrutura sintática, conforme defendiam os cognitivistas em sentido estrito. Assim, "a demanda de explicação do nível textual tornou indispensável uma visão social da cognição, já que logo se tornou patente que o processamento de textos envolvia diversos aspectos interacionais e conhecimentos sociais." (KOCH, e CUNHA-LIMA, 2005, p. 291). Os estudos do texto passaram, então, da gramática do texto, que se ocupava de estudar a relação entre as frases – abordagem *transfrástica* – ao estudo da construção dos sentidos no texto, tanto oral quanto escrito, de maneira mais abrangente, conforme as teóricas. Essa mudança fez com que os estudiosos do texto passassem a se ater sobre conceitos das ciências cognitivas, como a memória, a atenção, as representações mentais e o processamento cognitivo de forma geral, para que, assim, pudessem explicar fenômenos textualmente situados. Uma referência importante, nesse sentido, foram os trabalhos de Van Dijk e Kintsch, que, além de estudarem aspectos internos ao texto – que compreende a chamada microcoerência, ou coerência local – também se debruçaram a aspectos externos ao texto – sua coerência global, ou macrocoerência, que remete a "fatores variados, como, por exemplo, fatores interacionais, linguísticos e um grande conjunto de conhecimentos sociais mobilizados pelo texto" (KOCH, e CUNHA-LIMA, 2005, p. 291).

Em termos interpretativos, é importante salientar que, para compreendermos um texto, é necessário que partilhemos conhecimentos variados. Esses conhecimentos estruturam-se de formas complexas, formando sistemas, e recebem diferentes nomes na literatura, tanto em Linguística Textual, quanto nas demais ciências cognitivas, como lembram Koch e Cunha-Lima (2005): esquemas (BARTLETT, 1933; RUMELHART, 1980); *frames* (MINSKY, 1975); cenários

(SANFORD; GARROT, 1985); *scripts* (SCHANK e ABELSON, 1977), modelos experienciais, episódicos ou de situação (VAN DIJK, 1989, 1997), entre outros (p. 292).

Salvaguardadas suas diferenças, a representação desses saberes cabe à memória de longo prazo, e podem ser acomodados em duas categorias: conhecimentos de ordem procedural e conhecimentos enciclopédicos. Em termos linguísticos, os conhecimentos procedurais são aqueles que, por exemplo, “nos permitem identificar nossa vez de falarem uma conversação, ou que nos indicam que uma conversa está chegando ao fim e que devemos nos despedir.” (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 293). Os conhecimentos de natureza enciclopédica remetem a “estados de coisas”, “sendo, portanto, mais facilmente verbalizáveis que os conhecimentos procedurais” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p. 293). Representam estados de coisas proposições declarativas como *a água ferve a 100°*, ou *o Brasil é uma república presidencialista*, conforme os exemplos fornecidos pelas teóricas, ou de caráter episódico, que engloba conhecimentos absorvidos ao longo da vida em sociedade.

Além dos sistemas de conhecimentos implicados na interpretação de textos, é preciso aludir, como fazem Koch e Cunha-Lima (2005), a dois outros fatos: o primeiro é que textos ensejam tanto a construção das representações mentais de indivíduos, quanto a construção de conhecimentos partilhados no âmbito social, “participando ativamente das categorizações sociais, da criação, circulação e manutenção de estereótipos e das diversas visões de mundo encontráveis numa sociedade” (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 294); o outro fato é que

[...] textos são também fundamentais para a circulação e construção de conhecimentos partilhados entre indivíduos, assim como de conhecimentos que circula socialmente, participando ativamente das categorizações sociais, da criação, circulação e manutenção de estereótipos e das diversas visões de mundo encontráveis em uma sociedade. (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p. 294).

Porém, cabe dar destaque ao que interessa a esta proposta de investigação – a construção da referência, que, segundo as autoras em questão, pode ser considerado o tema mais caro a estudiosos do texto situados no âmbito do sociocognitivismo. Nesse sentido, estudar a construção da referência “é tentar compreender como o sentido pode ser construído interativamente [...] como a

linguagem pode falar do mundo.” (KOCH, e CUNHA-LIMA, 2005, p. 294), considerando que, conforme já dito, sob essa mirada, o mundo não está dado.

À construção da referência, tal qual acima descrita, tem-se chamado *referenciação*, à qual me deterei na seção seguinte. Os pioneiros dessa proposta, de acordo com Koch e Cunha-Lima (2005) são teóricos franco-suíços, como Alain Berrendoner, Denis Apothéloz. Daniele Dubois, Lorenza Mondada. No cenário da linguística textual brasileira, os que mais se destacam são Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Villaça Koch. Também é preciso citar a semanticista Margarida Martins Salomão, da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A visão de referência adotada por esse grupo de estudiosos difere daquela da concepção clássica de cognitivismo, representada na metáfora da linguagem como espelho do mundo, que prevê uma relação simétrica entre as duas instâncias (p. 294-295). O termo *referenciação*, nesse sentido, contrapõe a visão estanque de *referência*, já que privilegia um entendimento e uma construção processuais da referência. Passa-se a falar, então, em objetos de discurso, uma vez que seu entendimento está ligado a processos de comunicação, e não à menção ou à catalogação de objetos do mundo.

No quadro da referenciação, um tema privilegiado tem sido o estudo “dos processos coesivos do texto, principalmente aqueles pelos quais os referentes são introduzidos, mantidos e retomados na progressão textual” (KOCH e CUNHA-LIMA, 2005, p. 295). Nesse sentido, o estudo dos processos anafóricos tem-se mostrado bastante produtivo, confirmando algumas hipóteses postuladas pela abordagem sociocognitivista da linguagem.

Nas subseções seguintes, discorro sobre o fenômeno da referenciação, partindo de seus proponentes, e contemplando, também, as contribuições para a discussão do tema no âmbito da Linguística Textual brasileira.

2.2 O fenômeno da Referenciação sob a ótica de alguns textos fundadores

A ideia de *referenciação* surge em meados da década de 1990, primeiramente, através de autores franco-suíços, como Mondada e Dubois (1995), Apothéloz (1995a; 1995b), Apothéloz e Chanet (1997). Contribuem também para a discussão Francis (1994), e Conte (1996), de nacionalidade inglesa e italiana, respectivamente. Essas referências, além de seu papel fundante, têm extrema relevância a minha pesquisa,

uma vez que, além de situar o fenômeno, remetem a sua forma primordial de manifestação, a qual se dá por intermédio de formas nominais, entendidas como *objetos de discurso*.

Mondada e Dubois (1995) introduzem a discussão partindo da ideia de *referente* – um termo compartilhado tanto pela Filosofia quanto pelos estudos da linguagem, que, de maneira frouxa, é *a entidade no mundo à qual a língua refere*. O conceito de referente é, então, contraposto ao de *referenciação* – que, segundo as autoras, evidencia um ponto de vista *processual*, em oposição a uma visão *acabada* de mundo onde as entidades preexistem em relação ao uso da língua. Partindo de tal dicotomia, os processos de referenciação são apresentados: através deles os falantes constroem “versões públicas do mundo” (p. 17), por intermédio da linguagem.

Essa abordagem requer concepções de língua e cognição sociais e culturalmente situadas, partindo-se do pressuposto de que as categorias não estão dadas, mas passam a existir em contextos específicos de uso, através de processos de construção e reconstrução, que remetem não a referentes, mas a *objetos-de-discurso*.

Entretanto, dizer que *as categorias não estão dadas* não é dizer que o processo de categorização seja caótico: as versões públicas do mundo produzidas pelos falantes adquirem certo grau de estabilidade através de expedientes específicos, como os *protótipos*, os *estereótipos* e as *formas de inscrição*, cuja função é introduzir ou modificar os objetos-de-discurso no plano textual.

A ideia da existência de uma equivalência total entre palavras e coisas é especulada desde muito tempo, se tomarmos a *Antiguidade Clássica* como marco de referência espaço-temporal. Mondada e Dubois (1995) fornecem uma relação de estudos que, de diferentes maneiras, privilegiam essa relação de equivalência (RORTY, 1980; PADLEY, 1985; COHEN, 1977; GRACE, 1987; ECO, 1993).

Essa discussão, como apontam Mondada e Dubois (1995), foi retomada no âmbito das ciências cognitivas contemporâneas, como no caso do processamento automático das línguas naturais. Nesse sentido, a ideia de que uma equivalência entre as coisas mostrou-se, novamente, questionável.

Diante do impasse, o ponto de vista escolhido pelas autoras consiste em considerar a referência sob duas formas complementares: a linguística e a cognitiva – essa última baseada nos achados da Psicologia Cognitiva, através dos estudos de Eleanor Rosch e seus associados. Mondada e Dubois (1995) privilegiam os processos

de discretização da linguagem, ao invés de partir de uma concepção objetivista do mundo:

[...] no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como seus processos de estabilização. (MONDADA; DUBOIS, 1995, p. 19).

Como consequência dessa escolha, nota-se uma mudança de perspectiva, como as estudiosas apontam: não se trata mais de pensar questões ligadas de forma estrita à língua ou à cognição, mas de estudar os processos que evidenciam maior ou menor grau de estabilidade em relação às entidades das quais se fala.

Nessa abordagem o que está em jogo é a forma “como as atividades humanas – cognitivas e linguísticas estruturam e dão um sentido ao mundo.” (MONDADA E DUBOIS, 1995, p. 20). Por conseguinte, há uma relação estreita entre referenciação e categorização, na medida em que ambas remetem a práticas simbólicas – ou seja, não existem objetivamente no mundo – como nos lembram as estudiosas, ao citar Rastier (1994).

Se o mundo não está dado, se sua construção depende de práticas sociais – simbólicas – é preciso adotar outra abordagem de categorização. Segundo as autoras,

Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito *encarnado*, mas ainda um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta sobre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestas no discurso. (MONDADA; DUBOIS, 1995, p. 20).

Como consequência dessa abordagem, passa-se a tratar de *objetos de discurso* ao invés de *referentes*, o que implica aceitar a instabilidade das categorias, ao invés de sua estabilidade, como advoga a abordagem clássica.

A ideia de que as categorias são estáveis é marca do que as estudiosas chamam de *visão utópica ou nostálgica* de categorização. Elas referem-se à concepção clássica de categorização. É como se as categorias fossem definidas por uma lista de características que, por si só, e em sua totalidade (por isso ditas *necessárias e suficientes*), seriam capazes de definir as entidades do mundo.

A abordagem proposta pelas autoras partirá do pressuposto de que a instabilidade é observável devido à natureza diversa dos processos que fundamentam a *discretização* – que é a estabilização através de linguagem – das categorias no

discurso. Essa diversidade de processos é marcada, principalmente, pela intersubjetividade e pelo caráter *negociado* das trocas linguísticas.

Como exemplos da variação categorial, Mondada e Dubois (1995) citam, de forma sincrônica, a oposição *nacionalista* e *antieuropeia*, para se referir à posição de alguém tendo como marcos de referência duas ideologias contrastantes; por outro lado, diacronicamente, um *traidor* pode vir a se tornar um *herói*.

Outro exemplo de variação categorial mencionado pelas estudiosas remete a controversas científicas, como é o caso do morcego, que, embora seja mamífero, pelo fato de voar, já foi categorizado como *ave*. Esses casos de variação, além do célebre estudo de William Labov (1978) sobre as categorizações de *xícara*, *copo* e *tigela* (*cup*, *glass* e *bowl*), reiteram a ideia de que

As categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos. [...] a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender descrever, compreender o mundo – e lançar assim a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo. (MONDADA; DUBOIS, 1995, p. 28).

Para tornar-se estável, uma categoria precisa ocorrer no discurso. Essa ocorrência não se dá de forma fortuita, mas em função de uma prática social, que compreende alguns elementos: a *enunciação*, a existência de *atividades cognitivas não verbalizadas*, práticas ou interações dos sujeitos em que estes “negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo” (MONDADA e DUBOIS, 1995, p. 29).

Nesse sentido, as categorias podem variar de diferentes formas. Uma delas é a sua *transformação sequencial no contexto*, como se observa no discurso oral quanto no discurso escrito. Na oralidade, em termos sintáticos, é possível verificar que em algumas situações os falantes parecem hesitar diante de quais categorias empregar, o que gera a produção de uma lista de lexemas (p. 29), como se observa no exemplo retirado de Blanche-Benveniste (1987) pelas autoras:

Eu bebia uma dose na mesa do bar, uma dose nada, um porre mesmo.

Vê-se, portanto, que o estabelecimento da categoria está condicionado ao tempo da produção do enunciado. Os falantes valem-se desse expediente para “construir, passo a passo, um objeto discursivo que não está disponível como uma categoria única e

pronta para ser empregada” (MONDADA *apud* MONDADA e DUBOIS, 1995, p. 30). Esse processo é chamado pelas autoras de *transformação discursiva*, que nada mais é do que um *processo de ajustamento das palavras* ao contexto de uso (p. 33), que ocorre em tempo real (*online*), e, por isso mesmo, não pode ser dado de antemão.

Todos os exemplos até aqui enumerados podem dar a entender que a instabilidade das categorias é um mero caso de variação. Entretanto, como já foi dito, tal instabilidade surge do caráter intersubjetivo das atividades cognitivas. Tomando tal asserção como verdadeira, a referenciação é “concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso [...] cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas” (MONDADA *apud* MONDADA e DUBOIS, 1995, P. 35).

Se a estabilização das categorias está ligada a sua ocorrência, conforme mencionado, é importante pensar os processos de estabilização que subjazem essas ocorrências (p. 41). Tais processos podem ser observados em dois níveis, como nos dizem as teóricas: o nível psicológico, por meio da *prototipicidade*, e o nível linguístico, por meio das *anáforas*, *lexicalizações* e *estereótipos*.

Os protótipos são as entidades mais representativas de uma categoria, e não o são por acaso, se levarmos em conta duas razões: a redução no tempo de processamento cognitivo e a saliência, que diz respeito aos traços observáveis mais marcantes de uma entidade.

Ao nível linguístico, a *anáfora*, a *lexicalização* e os *estereótipos* podem ser apontados como processos de estabilização. Os estereótipos, para as autoras, são os protótipos que adquiriram forma lexical.

A anáfora, por sua vez, remete-nos a uma das formas de *inscrições textuais* ou *modos de inscrição*, e são um importante elemento na (des)estabilização de categorias no discurso, mas não se restringem a isso: podem, ainda, propor ou corrigir, especificar ou convencionalizar uma dada categoria (p. 43). Um exemplo desse uso anafórico pode ser observado abaixo (p. 44):

Encontra-se uma abóbada isolada, em pleno centro, que se diz ser o túmulo de Agrippine. Esta abóbada...

No exemplo, percebe-se a transformação categorial por que passa a entidade: é introduzida pela forma *uma abóbada isolada*; passa a ser, então, *o túmulo de Agrippine*, para ser retomado sob a forma de *esta abóbada*. As formas de inscrição

são responsáveis pela materialização das categorias cognitivas no texto. A configuração dos modos de inscrição pode se dar de diferentes formas: através da escrita, da imagem e da imprensa – que envolve as anteriores. Através desses modos percebemos que há uma relação intrínseca entre estabilização, tecnologia e pensamento científico, já que a divulgação das categorias oriundas de estudos científicos é feita através da imprensa (p. 47).

Em nossa investigação, considerando que se trata de uma proposta textual-discursiva, priorizo as formas de inscrição *escritas*, particularmente, as formas nominais anafóricas.

O estudo da referenciação, conforme dizem as autoras (p. 48), tende a beneficiar-se dessas formas de inscrição, uma vez que é através desses expedientes que as categorias podem ser reproduzidas, passando a circular no âmbito social, e, com o passar do tempo, podem ser comparadas a outras formas de inscrições.

De forma breve, procurei trazer os principais pontos desse texto, que situa o fenômeno da referenciação em termos teórico-metodológicos. Cabe, a partir deste ponto, dedicar espaço às expressões nominais referenciais, que aparecem na literatura dedicada ao tema sob diferentes denominações: *rótulos*, *nomeações*, *anáforas*, *encapsuladores anafóricos*, para citar algumas.

Francis ([1994] 2003) introduz os *rótulos* como grupos nominais cuja função é conectar e organizar o discurso escrito (processo a que chama de coesão lexical). Enquanto tais, os rótulos podem ser de duas naturezas: *prospectivos*, ou *retrospectivos*. Os prospectivos funcionam de forma catafórica, uma vez que remetem a porções textuais situadas após o rótulo. Seu valor é, pois, preditivo, uma vez que antecipam o conteúdo que precedem. Quanto aos rótulos retrospectivos, ocorre o oposto: atuam de maneira anafórica, já que retomam uma porção de texto já especificada no contexto. Seu valor é interpretativo, pois resumem o conteúdo a que remetem. Abaixo, encontra-se um exemplo de rótulo prospectivo:

Eu sei que aproximadamente 12 por cento da população é canhota. Por que, então, deve haver uma predominância tão grande de jogadores de golfe destros que, eu me informei, se estende também aos tacos? Em resposta a esta indagação, um colega meu, jogador de golfe, apresentou *duas razões*.

A primeira foi que os iniciantes normalmente começam com tacos que foram herdados de outras pessoas, que são, em geral, destros. A segunda foi que, por motivos técnicos, pessoas canhotas tornam-se bons jogadores de golfe com a mão direita.

O rótulo *duas razões* introduz as informações presentes no segundo segmento do exemplo. O caso seguinte ilustra o uso de um rótulo retrospectivo, que, no *corpus* de Francis ([1994] 2003), são bem mais recorrentes se comparados aos prospectivos:

[...] o sistema imunológico dos pacientes reconheceu os anticorpos do rato e os rejeitou. Isto significa que eles não permanecem no sistema por tempo suficiente para se tornarem completamente eficazes.

A segunda geração de anticorpos agora em desenvolvimento é uma tentativa de contornar este problema através da “humanização” dos anticorpos do rato, usando uma técnica desenvolvida por [...].

A expressão *o problema* encapsula (ou “empacota”) o conteúdo expresso no trecho anterior, categorizando-a como *problema*, permitindo que notemos o caráter interpretativo desse tipo de rótulo: ele instrui o leitor quanto à forma de entendimento que deve atribuir ao trecho ao qual o rótulo se refere.

Um traço essencial dos rótulos é que carecem de lexicalização, que se efetua por meio de um nome não específico, cuja especificidade encontra-se no discurso, e que, portanto, precisa ser decifrada, como argumenta Francis ([1994]2003), a partir do pensamento de Winter (1982, 1992). Outra particularidade dos rótulos, em especial, dos retrospectivos, é a ideia de que não se referem a um grupo nominal específico, mas têm valor de equivalência em relação às porções de texto que substituem.

Em termos argumentativos, os rótulos organizam plano textual, cumprindo o que Francis ([1994]2003) chama de *função assinaladora*, uma vez que evidenciam o movimento de transição do enunciador em sua argumentação, encapsulando o que foi dito anteriormente, e sinalizando para a próxima fase, a qual introduzirá, ou uma mudança de tópico, ou uma alteração do tópico em discussão (um subtópico, portanto), dando continuidade ao texto.

Também é importante mencionar que o emprego dos rótulos não consiste apenas em escolher palavras de mesma função em um eixo paradigmático, mas em “uma escolha única a partir de uma infinidade de lexicalizações possíveis” (FRANCIS, [1994]2003, p. 202) que, por sua vez, mantêm relação de substituição com as porções de texto que encapsulam.

Segundo o *corpus* de Francis, os rótulos mais frequentes são: *abordagem, aspecto, caso, assunto, mudança, problema, material, coisa e modo*. Quanto aos

menos produtivos, destacamos *anacronismo*, *contradição*, *reação* e *risco*, que também vigoram em nossos dados, conforme mostraremos.

Apothéloz ([1995a]2003), por sua vez, discute o papel da anáfora no texto, propondo, primeiramente, uma tipologia de anáforas, e, posteriormente, relacionando esse conceito ao de *déixis*, que, de acordo com o teórico, sobrepõe-se, em certa medida, à anáfora.

Para o teórico, as expressões anafóricas apresentam-se, fundamentalmente, de duas maneiras: podem ser controladas por um antecedente – são as chamadas *formas ligadas*, definidas, portanto, por um critério sintático – ou sem que sejam atreladas a um antecedente – ao que o teórico chama de *forma de retomada*, um critério de caráter pragmático/contextual. Os exemplos a seguir evidenciam esses usos:

Jules adora olhar-se no espelho.

Um jovem suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias pela polícia em Paris. Ele “utilizou” a linha de seus vizinhos para ligar para os Estados Unidos por uma quantia de 50000F. O *tagarela* foi levado ao tribunal (*Libération*, 04/08/1994)

A interpretação do pronome oblíquo *se*, no primeiro exemplo, requer a retomada de seu antecedente – *Jules* – um critério sintático, portanto. O mesmo não ocorre no segundo exemplo, em que a interpretação de *o tagarela* não repousa no contexto, mas em conhecimentos de mundo que permitam seu entendimento: o primeiro deles é o preço das tarifas telefônicas suíças, e, em segundo lugar, é preciso saber que o valor cobrado pelas ligações – 50.000 Francos – diz respeito a um longo tempo de conversação (p. 58).

Em relação às formas de retomada, duas observações devem ser postuladas:

- a) Não remetem, necessariamente, a um antecedente, sendo, portanto, referenciais em sentido lato;
- b) Considerando a existência de um antecedente, este não é uma entidade unívoca – o que se percebe através das predicções atribuídas a ele. Isso fica evidente no exemplo acima (*o tagarela*).

Também é importante mencionar, com base em Apothéloz ([1995a]2003), noções correlatas à anáfora que vêm à baila quando se estuda o tema. São elas a *referência* e a *déixis*.

Em relação à referência, primeiramente, é preciso apontar suas interpretações *referenciais*, bem como as *atributivas* – estas geralmente atreladas aos verbos de ligação:

Giscard d'Estaing é o presidente da república francesa.

O presidente da república francesa, SN pós-posto ao verbo copulativo, remete a um atributo predicado a *Giscard d'Estaing*, muito embora tal sentença também possa ser interpretada referencialmente, como nos diz o teórico, com base em Lyons (1978).

A correferência se estabelece quando “[...] duas expressões [...] designam no discurso o mesmo referente” (APOTHÉLOZ, [1995a]2003, p. 61), como no exemplo abaixo, em que a anáfora *a construção* remete a *uma igreja*:

Na praça tinha uma igreja. A construção era grandiosa.

Finalmente, no que tange ao conceito de referência, as formas *endofóricas* e *exofóricas* remetem a objetos designados na situação extralinguística que ainda não foram introduzidos no texto, e a objetos nele já introduzidos (dêixis textual), respectivamente.

A outra noção correlata à anáfora é a dêixis, e aqui interessa sobretudo, visto que muitos dos objetos de discurso de que tratarei apresentam pronomes demonstrativos em sua constituição. Ainda, conforme Apothéloz ([1995a]2003), o conceito de dêixis é fundamental para o entendimento dos sintagmas nominais demonstrativos e dos definidos.

Podem ser consideradas dêiticas todas as "expressões linguísticas cuja interpretação se apoia nos parâmetros de lugar, tempo e pessoa da situação de enunciação" (APOTHÉLOZ, 1995a, p. 66-67). Nesse sentido, não remetem a significados, mas a referências relacionadas aos parâmetros acima descritos.

A dêixis textual é um tipo peculiar de dêixis pois aponta para lugares ou momentos do próprio plano textual: *acima*, *abaixo*, *no próximo capítulo* etc. A referência, portanto, não recai mais sobre o momento de enunciação, mas à localização, no texto – a que o teórico chama de *expressão indicial*, como no exemplo abaixo:

Neste segmento, discorreremos sobre o papel da referenciação na escrita e na produção de textos.

Outro tipo de dêixis é a dêixis de memória, que diz respeito às situações em que um SN demonstrativo refere-se a uma entidade que não se encontra no plano textual propriamente, mas na memória do interlocutor. A dêixis de memória “dá ao destinatário a impressão de ter um acesso imediato ao estado cognitivo no qual se acha um terceiro, quer este último seja o enunciador, quer seja uma pessoa explicitamente evocada” (APOTHÉLOZ, [1995a]2003, p. 70), como mostra o exemplo abaixo:

À noite, vamos ao café; somos três ou quatro velhos camaradas; divertimo-nos tomando uma meia-taça, um trago e queimando nossas gargantas com cachaça! *Essa fumaça, esse cheiro de álcool*, o barulho das bolas de bilhar, o estampido das rolhas, as gargalhadas, tudo isso ativa meus sentidos e tenho a impressão de que me cresceram bigodes e de que eu poderia levantar a mesa de bilhar! (J. Vallès, *L'enfant*)

Das noções acima referidas, as que mais interessam a esta investigação são a correferência e a dêixis – à qual retomaremos a partir de Apothéloz e Chanet (1997), que estabelecem critérios que favorecem o emprego de sintagmas nominais demonstrativos e definidos.

Apothéloz ([1995a] 2003) também oferece uma tipologia de anáforas, que engloba tanto aquelas formas prototípicas (isto é, que estabelecem relação de correferencialidade), quanto as menos típicas, cuja interpretação se baseia em conhecimentos contextuais. Integram essa tipologia as anáforas *fiel* e *infiel*, as *nomeações*, e a *anáfora associativa*.

A anáfora fiel remete a um referente previamente introduzido no texto, através de um sintagma nominal definido (*a casa*) ou demonstrativo (*esta casa*), cujo núcleo é idêntico à forma previamente introduzida. Trata-se de uma operação de correferência bastante típica.

A anáfora infiel dá-se por meio de uma forma nominal diferente da que foi previamente introduzida, geralmente um hipônimo ou um sinônimo – *casa/habitação*; *O álcool é uma droga depressora do sistema nervoso central*).

As anáforas constituídas por nomeações⁹ remetem à individuação de objetos, que ocorre quando um sintagma nominal adquire o *status* de referente, remetendo a um estado (ou a um *processo*, como veremos adiante) previamente expresso em uma proposição, ou a um ato de fala ligado à enunciação dessa proposição. Os exemplos abaixo ilustram, respectivamente, esses dois usos:

Os arquivos do cineasta Abel Gance [...] serão vendidos em leilão, em Druot, nos dias 3 e 4 de março. *A venda* compreenderá uma centena de cenários manuscritos. (Libération, 8/11/1993)

É conveniente situar as funções na ordem figurativa e os funcionamentos na ordem figural? Ou o inverso? *Esta interrogação* ameaça permanecer. (Artigo científico)

Se comparada às formas mais recorrentes de correferência, as nomeações distinguem-se uma vez que evidenciam “que os mecanismos da anáfora podem levar muito além da simples retomada de informação e contribuir para os aspectos mais especificamente construtivos do discurso” (APOTHÉLOZ, 1995a, p. 73).

Finalmente, as anáforas associativas destacam-se por apresentarem dois traços concomitantes: (i) sua interpretação depende, em parte, de um referente compartilhado; (ii) não estabelecem relação de correferencialidade, pois não retomam um referente dado textualmente, mas de um *desencadeador* – termo de Hawkins (1977a), de que se vale Apothéloz. Nesse sentido, as anáforas associativas operam sobre conhecimentos compartilhados entre os interlocutores, como mostra o exemplo abaixo, em que, para que se interprete o sintagma nominal *o homem*, é necessário associá-lo com a proposição anterior, que trata de um roubo:

Um pulôver valendo menos de 80 francos foi roubado de uma grande loja da margem direita. *O homem* foi logo detido. (Tribune de Genève, 25/02/1991)

A associação repousa na ideia de que o homem foi o autor do delito. Fica evidente a não correferencialidade desse tipo de anáfora, já que a expressão nominal em destaque não havia sido introduzida previamente a seu emprego.

A tipologia de anáfora brevemente descrita, bem como as ideias correlatas aos procedimentos anafóricos – a referência e a dêixis, precisamente – são centrais para esta investigação, como dito previamente. Apothéloz ([1995a]2003) trata, ainda, da

⁹ Adotamos a tradução proposta por Cavalcante et. Al. (2003), que preferem o termo *nomeação*, ao invés de *nominalização*, a fim de evitar leituras ambíguas do termo, que remetem tanto à proposta de Apothéloz, quanto a nomes derivados de verbos.

anáfora por silepse, e das ilhas anafóricas, as quais não foram contempladas pois não interessam a nossos fins. Dedicarei, a partir deste ponto, algum espaço às nomeações – em especial, às *anáforas atípicas* – conforme a proposta de Apothéloz (1995b), brevemente delineadas no texto a que referi até aqui.

Entende-se por *nominalização* a “operação discursiva que consiste em referir, por meio de um sintagma nominal, a um processo ou a um estado previamente significado por uma preposição” (APOTHÉLOZ, 1995b, p. 144). Além dos exemplos acima citados, emprestados do teórico, pode-se adicionar outro, mais familiar ao atual contexto brasileiro:

Lula pode se tornar réu ainda em um terceiro processo com Moro na Lava Jato. O MPF ofereceu, em 22 de maio, uma nova denúncia contra Lula, acusando-o, mais uma vez, de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Desta vez, *os crimes* envolvem um sítio em Atibaia (SP). (FSP, 24/07/2017)¹⁰

Essa operação tem por característica fundamental resumir um conjunto de informações – ditas *informações-suporte* – as quais resumem proposições que permitem ao leitor interpretar a nomeação (p. 144). No exemplo fornecido acima, as informações-suporte que subjazem *os crimes* são *corrupção passiva e lavagem de dinheiro*. Essas informações, ao serem nomeadas, ganham *status* discursivo, passando a constituir *objetos de discurso*.

As anáforas atípicas – ou *referentes clandestinos* – por sua vez, podem ser consideradas exceções à regra, uma vez que nem sempre há congruência referencial entre as informações suporte e a nomeação em questão. Nesse sentido, são algo “próximas às nomeações” (APOTHÉLOZ, 1995b, p. 154), uma vez que referem a um processo, ainda que não formulado. Subdivide-se, pois, em duas categorias: as *anáforas recategorizantes* e as *anáforas que remetem a atos de linguagem ou a enunciados*.

As anáforas recategorizantes remetem ao que Frege (1982) chama de *modo de doação do objeto*, e podem ser observadas em processos argumentativos, quando a escolha lexical do codificador evidencia seu posicionamento perante o processo referido, como se nota no exemplo abaixo, emprestado de Apothéloz (1995b):

¹⁰ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/07/1903814-para-nao-depender-de-empresario-lula-defende-fundo-para-campanhas.shtml>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

Enquanto, nos países industrializados, a água chega todos os dias à torneira, *essa banalidade diária* evidencia uma sucessão de restrições técnicas e financeiras (Macadam Journal, abril, 1994).

O nome núcleo *banalidade* mostra um juízo de valor acerca do estado-de-coisas descrito na oração anterior. Sua substituição por um nome não específico – como *fato*, por exemplo – atenuaria o tom possível irônico atribuído a *banalidade*, orientando argumentativamente para uma interpretação menos marcada, em que o posicionamento do enunciador não seria evidente. Algo semelhante se daria caso a nomeação escolhida fosse *absurdo*, o que permitiria interpretá-la como uma *crítica*, ou, mesmo, uma reprovação.

Como referimos, as anáforas atípicas também podem remeter a atos de linguagem ou a enunciados, como se nota, respectivamente, nos exemplos abaixo, o primeiro deles de Apothéloz (p. 155), e o segundo de Koch (2008):

Toda a conversação é uma construção coletiva, e a conversa astrológica não faz exceção a *essa regra* (Mémoire de certificat, Université de Neuchâtel, 1992)

O que falta é um *promoter* ter a iniciativa de trazer a gente para fazer uma turnê decente no Brasil". *A bronca* não é de nenhum *popstar* ou dinossauro do rock que ainda não pisou no país, mas do mineiro Max cavalera, ex-vocalista do sepultura e atual líder do Soulfly. (Folha de São Paulo, Folha Teen, 23/03/2001, p. 5)

No primeiro exemplo, a nominalização *essa regra* refere-se ao enunciado *toda a conversação é uma construção coletiva*; no exemplo seguinte, a declaração do músico Max Cavalera, entre aspas, é recategorizada como uma *bronca* – uma avaliação negativa acerca da relação da banda estadunidense com promotores de shows brasileiros.

Esses exemplos remetem a representações cognitivas socialmente situadas, uma vez que

[...] todo processo de enunciação gera um ambiente cognitivo, conseqüentemente uma representação, de um lado, daquilo a que se visa significar explicitamente, de outro lado [uma representação] dela mesma enquanto atividade que implica agentes sociais, as intenções, os estados psicológicos, um local, um momento, um "texto", etc. (APOTHÉLOZ, 1995, p. 156)

Para a compreensão das anáforas atípicas, também é importante, além do que foi dito, abordar o papel da *metonímia* nessas expressões, referida pelo teórico como

ingredientes da enunciação. Os referentes *essa regra*, e *a bronca*, nos casos supracitados, não podem ser considerados extralinguísticos, mas “intrinsecamente ligados à atividade verbal em curso” (APOTHÉLOZ, 1995, p. 156). Por tal peculiaridade, diz-se que as anáforas atípicas são *parcialmente anafóricas*, já que também possuem uma dimensão *situacional* (p. 156-157), além da linguística.

A metáfora da clandestinidade, nesse sentido, baseia-se na ideia de que certos elementos – ou *ingredientes*, como propõe o teórico – podem ser referidos de maneira anafórica sem terem sido mencionados de forma explícita anteriormente, adquirindo, dessa forma, estatuto discursivo. A essas nomeações o teórico chama de *referentes clandestinos importados ao universo de discurso*. Os elementos anaforizados podem compreender (i) todos os ingredientes do processo: o agente, o objeto afetado, o objeto, um complemento circunstancial, a ação, a atividade, a propriedade ou um atributo psicológico; (ii) todos os ingredientes da enunciação: o valor da ação, seja ele direto ou indireto, o estatuto lógico do enunciado, além de particularidades de caráter mais ou menos acidental de um enunciado.

O que está em jogo, neste caso, é uma abordagem *processual* da referência, já que “[...] o universo referencial de um discurso não é um amontoado de *coisas* do mundo, mas uma representação publicamente construída” (APOTHÉLOZ, 1995, p. 168), referida diferentemente por alguns autores, como o estudioso observa: *esquematização* (GRIZE, 1990), *memória discursiva* (BERRENDONNER e REICHLER-BÉGUELIN, 1989), *modelo do discurso* (CORNISH, 1987), *modelo do contexto* (BOSCH, 1983).

A leitura de Apothéloz (1995b) é importante nesta investigação, na medida em que explora, em primeiro lugar, o papel das nomeações no plano textual de forma mais atenta, se tomarmos como comparativo a publicação anterior; também nos interessa porque detém-se sobre as anáforas atípicas, que, como dito, não são simplesmente mecanismos de retomada e de introdução de referentes nos textos, mas, sim, expedientes discursivos através dos quais os enunciadores podem trazer à baila seus posicionamentos – sob a forma de *objetos de discurso* – evidenciando os fins argumentativos desse tipo de anafórico.

Trato a partir deste ponto, das nomeações, problematizando o papel de artigos definidos e pronomes demonstrativos que as introduzem.

A motivação para o estudo proposto por Apothéloz e Chanet (1997) é que, em seu *corpus* de estudo, as expressões nominais introduzidas por demonstrativos

mostraram-se mais produtivas, se comparadas àquelas cuja marca introdutória é um artigo definido. Conforme os estudiosos, ao valerem-se de Ch Janet (1994), em termos comutativos, sempre é possível substituir uma expressão definida por uma expressão demonstrativa, embora o oposto não seja possível.

Um dos empregos dos SN definidos dá-se quando um objeto designado entra em relação de contraste com outro objeto, como se nota entre *um* homem, uma *mulher*, e *a mulher*, no exemplo abaixo, emprestado de Apothéloz e Chanet (1997):

Um homem e uma mulher entram. A mulher trazia em seus braços um cachorrinho.

Vejamos, pois, quais são os fatores que favorecem as escolhas do demonstrativo, do definido, e do nome núcleo sendo um hiperônimo, nas nomeações.

São três os casos que favorecem a escolha do demonstrativo: a recategorização metafórica ou avaliativa de um processo; quando o nome núcleo de um SN demonstrativo é qualificado por uma expressão sem valor demonstrativo, e a marcação de parágrafo.

No primeiro caso, o mais latente entre os três, segundo os autores, “[...] pode-se dizer que a tendência é para o demonstrativo todas as vezes que o substantivo escolhido requalifica de maneira pouco predizível seu objeto” (APOTHÉLOZ e CHANET, 1997, p. 144), como no exemplo a seguir:

Kilpatrick foi assassinado dentro de um teatro; a polícia britânica nunca encontrou o assassino; os historiadores declaram que *esse embaraço* não obscurece a sua boa reputação, pois talvez a própria polícia o tenha assassinado (Borges, Fictions, trad. Franc. p. 145). (APOTHÉLOZ; CHANET, 1997, p. 144).

O núcleo *embaraço*, italicizado no segmento acima, evidencia um juízo de valor do narrador atribuído ao ocorrido: o fato de o assassino não ter sido identificado pela polícia. Conforme já mencionado, a partir de Francis (1994) e Apothéloz (1995b), o que se observa na linearidade do trecho é o desenvolvimento de um argumento, introduzido pela nomeação: *talvez a própria polícia o tenha assassinado*.

Semelhante a esse exemplo, também, é o caso da denominação reportada, “[...] quando o substantivo escolhido é, por uma razão ou por outra, colocado à distância, por exemplo, por aspas de conotação autonímica” (APOTHÉLOZ e CHANET, 1997, p. 145). Veja-se exemplo seguinte:

A grande Casa [a Comédia Francesa] deverá modificar seus hábitos. A sala Richelieu fechará para obras até o mês de dezembro, os espetáculos se darão no Mogador e na Ópera Cômica. Simultaneamente a esta “deslocalização”, a trupe será renovada, aumentada. (Le Monde, 27/04/1994)

O segundo caso que favorece o emprego do demonstrativo diz respeito às instâncias em que o núcleo da nomeação é qualificado por uma expressão sem valor demonstrativo, como é o caso dos complementos nominais e dos adjetivos:

Prenderam-no de manhã bem cedo [...] Mais surpresos que ele, de fato, ficaram os próprios autores *desta prisão brutal e sem motivo declarado*, ao encontrá-lo calmo e dócil naquela altura dos acontecimentos. (Kadaré. *La caravane des féredjès*)

Finalmente, o último fator que favorece o emprego de SN demonstrativos é a marcação de parágrafos. Os autores atribuem essa funcionalidade devido à “visibilidade das expressões referenciais” (APOTHÉLOZ; CHANET, 1997, p. 149), as quais tendem a aparecer no início de parágrafos, organizando, dessa maneira, o plano textual. Embora esse papel possa ser cumprido sem objeções por um pronome, as expressões nominais referenciais oferecem informações que permitem elencar os segmentos de maior importância do ponto de vista discursivo (p. 149). Nesse sentido, cabe pontuar uma observação – retomada por Koch (2002) – de que não se está falando de *parágrafo* no sentido tipográfico, mas, sim, *cognitivo*, uma vez que se trata de uma “mudança de ponto de vista sobre uma sequência de eventos [...] passagem de uma narração a uma descrição” (APOTHÉLOZ; CHANET, 1997, p. 150), ou quaisquer outras situações que modifiquem o tópico ou que introduzam um tópico novo no plano textual, a partir da leitura do trecho citado acima.

Passo aos casos em que é preferida a escolha de um artigo definido.

O primeiro caso dá-se quando há a presença de um complemento nominal designando um actante do processo:

Ninni Hagsten, uma sueca de 84 anos, se torna, domingo a mulher mais idosa a saltar de para-quedas. A velha dama, que é cega, tem realizado *este salto audacioso* presa a um para-quedista experiente enquanto um helicóptero sobrevoa Estocolmo. [...] *o salto da avó* foi filmado pela televisão sueca e difundido em vários países. (Le nouveau Quotidien, 09/08/1994)

Na segunda expressão italicizada no trecho, o complemento *da avó* evidencia o favorecimento do definido.

O segundo fator que favorece o uso do definido é quando o substantivo predicador é uma derivação morfológica do verbo principal da proposição nomeada:

A polícia local de Schwytz prendeu um suposto falsificador de dinheiro. [...] A prisão aconteceu em colaboração com a Interpol (Le Matin, 01/06/1994).

O terceiro caso em que o definido tem primazia dá-se quando o anafórico designa um atributo da enunciação ou um ato de fala:

Dixit MC. Solaar: “foi graças à herança do Jazz que o homem-macaco se tornou homem-sábio”. O *preceito*, que faz comungar uma geração de rappers em busca de boas vibrações, começa a ficar ultrapassado. (Libération, 03/12/1994).

Esse uso, como salientam Apothéloz e Chanet (1997), também pode ocorrer através de um sintagma nominal demonstrativo (*esta pergunta, esta afirmação*) (p. 160). Outra observação importante é que a nomeação acima não é um caso prototípico, uma vez que esses usos remetem a “um processo, mas não aquele que denota um conteúdo proposicional [...] mas o tipo de ato de fala realizado por uma enunciação, e categorizam este ato como *questão, conselho, preceito* etc.” (APOTHÉLOZ e CHANET, 1997, p. 161).

Finalmente, as circunstâncias que favorecem o emprego de um hiperônimo como núcleo de nomeação são as seguintes: evitar a repetição de um morfema, a nomeação de um processo dificilmente categorizável, e a nomeação de vários processos.

A repetição de uma expressão é algo condenado pela norma culta¹¹: nesses casos, cabe ao enunciador a escolha de outro termo, o que geralmente se dá pela escolha de um hiperônimo. Veja-se o exemplo abaixo, em que o nome *aceitação* é retomado por *reação* – a relação de hiperonímia estabelece-se na medida em que a *aceitação* é um tipo de *reação*:

As autoridades britânicas aceitaram, com um desinteresse afetado, quarta-feira, 8 de junho, uma decisão da Corte europeia de justiça estabelecendo que a Grã-Bretanha não respeitou a legislação comunitária em matéria de direito trabalhista. Todavia, *esta reação* dissimilava mal o embaraço do

¹¹ Entretanto, a norma culta não é o único expediente de regulação no que tange à repetição: há também o papel dos gêneros discursivos, que também podem determinar essa prática. Por exemplo, na poesia, há irrestrita liberdade para o emprego da repetição, caso pensemos no poema de Manuel Bandeira *Trem de Ferro*, em que o verso *café com pão* é reiterado ao longo da obra, uma vez que cria um efeito de sentido que emula o som de um trem em movimento (grifo meu).

governo de John Major diante de um veredito tornado público às vésperas da eleição europeia, quer dizer, num momento particularmente inoportuno. (Le monde, 10/06/1994).

Entretanto, embora a norma condene a repetição, certos gêneros discursivos menos monitorados, como as postagens em redes sociais, permitem que o enunciador se valha desse expediente.

Quando o processo anaforizado é de difícil categorização, o produtor do texto pode se valer de um hiperônimo no intento de nomeá-lo. Nesse caso, as nomeações podem ocorrer através de “um nome semanticamente nulo, como *coisa*.” (APOTHÉLOZ e CHANET, 1997, p. 163), como ocorre no exemplo abaixo:

Atrás desses muros cinzas, entre tanta gente jovem, alguns liam, *a coisa* é certa. (Virgínia Woolf, *La Chambre de Jacob*, p. 74, tradução francesa)

Finalmente, a nomeação de vários processos representa outro caso em que o hiperônimo recebe papel de destaque na nomeação. Semelhante à noção de encapsulamento anafórico, proposta por Conte (1996), e da qual trataremos em seguida, o emprego do hiperônimo permite concentrar diversos processos por intermédio de um mesmo lexema, gerando “uma globalização de informações, uma sumarização em um objeto de discurso único” (APOTHÉLOZ e CHANET, 1997, p. 164). Nesse sentido, note-se o exemplo abaixo:

É tudo benefício, pensei eu. Se eu tivesse um duelo com um adversário tão célebre, se eu o ferisse gravemente, se eu o matasse, certamente *o fato* não passaria despercebido: ele correria em todas as bocas, seria divulgado, comentado pelos jornais. (D’Annunzio, *L’innocent*, p. 204, tradução francesa)

Brevemente referidos, esses foram alguns fatores que favorecem o emprego de definidos e de demonstrativos nas nomeações. Como afirmam Apothéloz e Ch Janet (1997), não se trata de critérios rígidos, mas de generalizações feitas a partir de seu estudo de *corpus*, em Francês.

No que concerne a esta investigação, um exame preliminar me permite dizer que alguns¹² dos objetos de discurso que analiso, ao estilo dos que discuti até aqui, também são introduzidos, ora por artigos definidos, ora por pronomes demonstrativos.

¹² Tomando como base os textos analisados na versão submetida à banca de qualificação, em 21/09/2017.

Entretanto, é preciso uma análise mais atenta para que possa verificar sua sistematicidade.

Finalmente, outra noção cara a esta investigação é a de *encapsulamento anafórico*, tal qual proposta por Conte ([1996]2003), que consiste em uma “anáfora lexicalmente baseada, construída com um nome geral (ou um nome avaliativo, um nome axiológico) como núcleo lexical” (CONTE, [1996]2003, p. 178).

Além da forma em que ocorrem, cabe dizer que esses anafóricos atuam como “um recurso pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente de texto” (CONTE, [1996]2003, p. 178). Tal porção estende-se desde uma sentença, até um parágrafo em sua totalidade, como mostra o exemplo abaixo:

A verdade, profunda anomalia do nosso sistema de televisão, representa o peso do poder político. *Este fato* provocou uma excessiva fragmentação da rede privada, sobretudo no centro-sul.

Os encapsuladores anafóricos diferem-se dos tipos canônicos de anáforas por dois motivos:

- a) Não se referem a indivíduos, mas a entidades de segunda ordem, que, segundo Lyons (1977), compreendem estados de coisa, eventos, situações e processos;
- b) Seu antecedente não é explicitamente posto no texto, tendo de, assim, ser (re) construído pelo interlocutor.

Assim sendo, constituem um recurso coesivo deveras importante.

Outra contribuição importante a esta proposta, além do caráter resumitivo dos encapsuladores, é a introdução de informações novas a partir de informações dadas, ao que Conte ([1996]2003) chama de “eixo velho-novo”, em que as informações dadas são aquelas contextualmente dependentes. Quanto às informações novas, caracterizam-se por dois traços: (i) o núcleo do sintagma nominal encapsulador não ter ocorrido anteriormente no texto; (ii) pela presença de informação hipostásica, além da informação dada – na qual aquilo “que já está presente no modelo discursivo é objetificado, ou, em outras palavras, torna-se um referente” (CONTE, 1996, p. 183). Tal processo se mostra bastante notável, uma vez que introduz um referente

discursivo novo a partir de informação velha, e, conseqüentemente, esse referente passa a receber, a partir de sua introdução, novas predicacões (p. 183).

Semelhantemente ao que disse baseado em Apothéloz ([1995a]2003) e Apothéloz e Chanet ([1997]2003), para a autora, esse estabelecimento do referente proporcionado pelos encapsuladores favorece a presença de pronomes demonstrativos, dado seu “intrínseco poder dêitico”, embora os casos com artigos definidos também estejam previstos. Nesse sentido, os pronomes demonstrativos cumpririam três funções: apresentar um referente novo, pô-lo em foco, ou, ainda, fazer com que o leitor recupere, através do cotexto, o antecedente a que se refere o encapsulador (principalmente no que tange aos encapsuladores cujo núcleo é um nome que remeta a julgamentos (caráter axiológico).

Também é importante dedicar espaço ao caráter organizacional dos encapsuladores anafóricos no plano textual.

Os encapsuladores contribuem para o que Conte ([1996]2003) refere como “integração semântica”, constituindo um nível hierárquico na construção de sentidos em um texto (p. 184). Costumeiramente, ocorrem em início de parágrafos – mais uma vez, em consonância com Apothéloz e Chanet ([1997]2003), e Apothéloz (1995a) – organizando o discurso. Isso porque, em termos funcionais, o emprego de encapsuladores pode ser visto como “a sumarização imaginável mais curta de uma porção discursiva precedente” (Conte, [1996]2003, p. 185) – uma espécie de subtítulo que relaciona parágrafos que a precedem, resumindo-os, e, também, introduzindo novos parágrafos:

No fim, contudo, a luta contra a corrupção será vencida pelo desenvolvimento dos próprios países- não pelo mundo dos ricos. Há sinais encorajadores: A Tailândia e o Zimbábue, entre outros, estabeleceram comissões anticorrupção, embora elas nem sempre cumpram o que prometem. [...] Na Argentina e em outros locais, advogados, que uma vez defenderam casos civis, agora lutam contra a corrupção.
Estes esforços nativos algumas vezes acabam morrendo na casca.

No trecho acima, o encapsulador *estes esforços nativos* resume os três períodos que o antecedem, e, também, funciona como um ponto nodal – um termo da própria estudiosa – uma vez que permite a interpretação intratextual, isto é, a interpretação de segmentos do próprio texto em que se encontram (o que nos remete a Apothéloz, (1995a), em relação à referência endofórica, à qual já referimos anteriormente).

Quanto ao caráter axiológico dos encapsuladores, este fica evidente "quando o núcleo do sintagma nominal anafórico [...] oferece uma avaliação dos fatos e dos eventos" (CONTE, 1996, p. 186) postos no plano textual:

Irado com a multidão que protestava contra ele, a apenas sete semanas da eleição eleitoral, o presidente romeno Ion Iliescu saltou furioso de sua limusine e agrediu um jornalista da oposição.
O incrível episódio, que provocou fortes reações, ocorreu no último sábado.
 (Conte, 1996, p. 6).

O encapsulador *o incrível episódio*, não remete apenas a uma avaliação dos fatos descritos no período que lhe antecede, mas o faz com um fundo argumentativo – semelhantemente às *anáforas atípicas*, ou *referentes clandestinos*, propostos por Apothéloz (1995b), e à *função assinaladora*, no que tange aos rótulos, conforme Francis ([1994]2003). Para Conte ([1996]2003), a função argumentativa dos encapsuladores repousa sobre os pressupostos de que esses anafóricos relacionam (i) diferentes configurações da informação dada, para fins de generalização, e (ii) descrições de fatos ou eventos.

Por fim, os encapsuladores anafóricos também se prestam à categorização de atos de fala, novamente, relacionados a movimentos argumentativos, como mostra o exemplo a seguir, em que fica evidente a força ilocucionária de promessa, evidenciada pelo núcleo do encapsulador anafórico:

Aliga será sempre para as pessoas que lutam contra a classe governamental
 – *esta promessa* de Dasi provocou uma aclamação na praça.

Neste segmento, procuro apresentar algumas noções basilares para a compreensão de processos anafóricos. Proponho-me a discutir, desde as formas mais conhecidas em relação ao emprego de anáforas – aquelas em que a correferencialidade é privilegiada, dependendo da linearidade do texto – até as menos típicas, como é o caso dos objetos de discurso, centrais para nossa investigação, e cuja retomada não se dá apenas de forma linear, cotextual, mas, principalmente, através de elementos *contextuais*, que compreendem fatores da situação de enunciação, atos de fala, actantes dos processos referenciados, e juízos de valor (ditos *axiológicos*), conforme procuro mostrar.

Os textos brevemente discutidos até este ponto podem ser considerados como fundadores da discussão em torno dos processos de referenciação. Nesse sentido,

descrevem a construção de objetos de discurso sob a visada de seus proponentes, cujas línguas variam entre o Inglês (Francis, [1994]2003), o Italiano (Conte, [1996]2003), e, sobretudo, o Francês (MONDADA e DUBOIS, [1995]2003; APOTHÉLOZ, 1995a; 1995b; e APOTHÉLOZ e CHANET, [1997]2003).

Nos segmentos seguintes, discorro sobre contribuições sobre a referenciação situadas no âmbito da Linguística Textual brasileira.

2.3 Desdobramentos dos estudos sobre a referenciação no Brasil: as contribuições de Koch e Marcuschi

Um dos méritos – se não o mais notável – de Koch e Marcuschi foi o de terem introduzido no país o debate sobre a referenciação, através de seus proponentes – alguns dos quais tratei na seção anterior. Conforme Cavalcante (2011), em relação aos textos fundadores, “muitos deles nos foram apresentados, aqui no Brasil, por Ingedore Koch e Luiz Antônio Marcuschi, sempre ocupados em nos pôr a par das inovações ‘saídas da lata’, agorinha mesmo” (CAVALCANTE, 2011, p. 9-10). Esse pode ser considerado o marco inicial das produções acadêmicas que contemplam a referenciação, no Brasil, de acordo com a mesma autora.

Nesta subseção, trago algumas das contribuições de Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi ([2000]2006, 2002), Koch (2001, 2002a, 2002b, 2008); e Koch e Cortez (2015). Esses autores comungam três dos pressupostos expostos até aqui: (i) partem da ideia de língua como atividade; (ii) entendem os referentes como objetos de discurso; e (iii) assumem a visão sociocognitivista e interacional da construção de sentidos.

Em Koch e Marcuschi (1998), a referenciação é tratada a partir de dois processos correlatos: a sequencialidade – ou progressão referencial – e a topicidade – ou progressão tópica. A sequencialidade nos remete à introdução, à preservação, à continuidade, à identificação e à retomada de referentes no plano textual. Por sua vez a topicidade compreende os assuntos ou tópicos discursivos no texto.

Esses processos implicam-se mutuamente: se um tópico é desenvolvido por meio da continuidade referencial, sua mera presença não é garantia de continuidade. Como apontam os autores, trata-se de “processos distintos, mas complementares” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 2).

A proposta de Koch e Marcuschi (1998) é embasada por três pressupostos:

- a) Indeterminação linguística;
- b) Ontologia não atomista; e
- c) Referenciação como atividade discursiva.

O primeiro pressuposto considera uma visão não instrumental de língua. Conforme os autores, “a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente construída, não servindo como mero espelhamento da realidade [...] língua é trabalho cognitivo e atividade social que pressupõe negociação” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 4).

O segundo pressuposto baseia-se em algo a que já referi: nem o mundo nem a realidade estão dados, de sorte que “a discretização do mundo empírico não é um dado apriorístico e sim uma elaboração cognitiva.” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 4-5).

Finalmente, o terceiro pressuposto baseia-se em Mondada e Dubois (1995), para as quais a referenciação é um processo negociado no seio do discurso, o que resulta, não em referentes apenas, mas em *objetos de discurso*.

Esses três pressupostos podem induzir ao pensamento de que o ato de referir é caótico, ou, como dizem os teóricos, “uma panaceia subjetivista” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 5). Entretanto, trata-se de uma abordagem processual, em que, sob essa perspectiva, “a realidade empírica, mais do que uma experiência estritamente sensorial especularmente refletida pela linguagem, é uma construção da relação do indivíduo com a sociedade” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 5).

Também é importante mencionar, como fazem os autores, que os pressupostos apresentados acima permitiriam o estabelecimento do que chamam de uma *semântica do texto*.

A ideia de objeto de discurso proposta por Reichler-Béguelin e Apothéloz (1995) também é assumida por Koch e Marcuschi (1998). Para os primeiros, os objetos de discurso diferenciam-se dos objetos mundanos, pois evidenciam “a plasticidade das significações linguísticas” (REICHLER-BÉGUELIN e APOTHÉLOZ *apud* KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 7). Nesse sentido, “os objetos de discurso não preexistem ao discurso como tal, mas são construídos no seu interior. São estes objetos que os itens lexicais vão designar e não propriamente algo que esteja fora da mente, isto é, algo mundano” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 7).

A discussão em torno dos objetos de discurso remete a uma ampliação da noção de anáfora, que não ocorreria apenas através de pronomes, mas, a partir dessa ampliação, por nomes e outras categorias. (p. 10). Nesse sentido, ao invés de unicamente correferir, a anáfora teria a função remissiva:

Figura 1 - Usos anafóricos remissivos de *o sindicato*

<p>Inf: ... uma das finalidades precípuas... de <i>um sindicato</i>... é: exatamente a de prestar... toda e qualquer assistência aos <i>seus associados</i>... né? dentre... os inúmeros benefícios... que podemos assim constatar... ou podemos constatar... éh: deveremos citar... de início... a prestação... da assistência médica /.../ outra finalidade... a que <i>o sindicato</i> se propõe... evidentemente é... aquela de proporcionar... o lazer... aos <i>seus "inúmeros" associados</i>... sabemos por exemplo que <i>o sindicato dos comerciários</i> para falar de um assunto que nos toca parti/particularmente... possui uma granja na cidade de Carpina... e que proporciona àquela IMENsa... leva... de <i>associados</i>... /.../ sabemos também... que(3s) <i>os sindicatos</i> também devem leVAR.. adiante... toda e qualquer reivindicação dos <i>seus associados</i>/.../</p>	<p>= cada sindicato (do conjunto de todos os sindicatos) = todos os associados (de todos os sindicatos) = conjunto dos sindicatos = conjunto dos associados = um s. (o dos comerciários) = associados do sindicato dos c. = todos os sindicatos = todos os associados</p>
--	---

NURC-REC- DID, Inq. 131, linhas 6-36

Fonte: Koch e Marcuschi (1998).

No exemplo acima, a expressão nominal “*o sindicato*” nem sempre designa o mesmo conjunto de elementos, pois, às vezes, é um sindicato específico (p. ex., o dos comerciários e por vezes todos eles” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 11). Note-se a falta de correferencialidade, pois, como dizem os autores, a expressão remete a um número “variável em termos de indivíduos designados” (KOCH e MARCUSCHI, 1998, p. 11).

A partir da ideia de remissão, cabe abordar as estratégias de progressão referencial no discurso – ou referencialização discursiva – já que temos falado da transformação de referentes em objetos de discurso, em que a anáfora é vista como um continuador discursivo.

São três os “grandes conjuntos de estratégias” de referencialização de que falam os autores (p.13). O primeiro deles remete-nos à introdução do referente, em que um objeto de discurso é transformado no momento da designação anafórica; o segundo caso, bem como o terceiro, remetem à recategorização: Na segunda estratégia, um objeto de discurso já introduzido é recategorizado sem que se leve em conta os

atributos já predicados a ele; em relação à terceira, seria algo como o “estado final” do referente, que foi recategorizado ao longo do texto.

Marcuschi ([2000] 2006) relaciona a referenciação à organização tópica de um texto, isto é, a maneira como os tópicos são introduzidos e desenvolvidos ao longo do plano textual. A ideia central desse texto é a de que há uma relação muito próxima entre esses dois processos, uma vez que os tópicos podem ser entendidos a partir da noção de objeto de discurso, proposta por Mondada (1994), que salienta a

[...] imbricação das práticas cognitivas e sociais nas operações de referenciação, onde a referência é construída pela atividade enunciativa e orientada em primeiro lugar para a dimensão intersubjetiva no seio da qual ela é negociada, instaurada, modificada ratificada.” (MONDADA, 1994, *apud* MARCUSCHI, ([2000]2006, p. 8).

O conceito de objeto de discurso, portanto, remete-nos ao acesso ao mundo através do discurso, não do mundo em si, de uma realidade já dada (p. 11), como referido.

Quanto à noção de tópico adotada, Marcuschi ([2000]2006) frisa que se trata de tópico discursivo, não frasal, uma vez que é de natureza mais ampla, pois compreende tanto texto quanto contexto. O tópico frasal depende exclusivamente do texto, é linear, enquanto o tópico discursivo é global (p. 9).

Os tópicos cumprem função de ativação e desativação de informações no texto: uma vez ativada, uma informação “pode ser mantida mediante estratégias anafóricas” (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 9), através de nomes e pronomes, como referi anteriormente, que têm por função manter o tópico introduzido em andamento.

A relação entre tópico e objeto de discurso pode ser observada através de três operações (p. 11):

- a) Operação de enquadre – dá-se quando uma expressão evoca um conjunto de propriedades, relações ou associações (expressas por *frames*, cenários ou esquemas);
- b) Operação de textualização – um expediente linear, pois se dá no contexto, e cognitivo;
- c) Operação de referenciação – operação em que “um elemento designa um universo e fenômenos nomeados por sinonímia ou [...] substituição” (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 11).

Através dessas operações, ultrapassa-se a ideia de coesão linear, sequenciada, “gerando informações mais globais e de longo alcance” (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 11). Verifica-se isso no exemplo a seguir, que trata de uma versão do conto de Chapeuzinho Vermelho:

Figura 2 - Versão do conto de Chapeuzinho Vermelho

<p>- Olá, seu Lobo. Nossa que nariz grande você tem – observa. - É para melhor sentir o seu perfume, Chapeuzinho! – responde ele, secamente. E ela continua o seu passeio. Alguns minutos depois, vê outra moita se mexendo. Espia e outra vez dá de cara com o Lobo. - Uau! Você de novo! Mas que orelhas grandes você tem! – observa. - São para melhor te ouvir, Chapeuzinho! Responde o lobo irritado. E ela continua o seu passeio. Duzentos metros depois, vê outra moita se mexendo. Adivinha quem está lá? O próprio. - Olá seu Lobo! Mas que saco Grande você tem! – observa. - É pra te aturar, Chapeuzinho! Faz meia hora que eu estou querendo dar uma cagada e você não me deixa!</p>	<p><i>nariz grande</i> <i>melhor sentir teu perfume</i> <i>secamente</i></p> <p><i>orelhas grandes</i></p> <p><i>melhor te ouvir</i> <i>irritado</i></p> <p><i>saco grande</i></p> <p><i>pra te aturar</i> <i>querendo dar uma cagada...</i></p>
---	--

Fonte: Marcuschi (2006).

As expressões *chapeuzinho vermelho*, *vovozinha* e *lobo mau* evocam expectativas para o leitor que já conhece o conto – remetem-no, portanto, ao *frame* de conto infantil, especificamente, o de Chapeuzinho Vermelho (uma operação de enquadre); as expressões *cordial*, *secamente* e *irritado* atuam no texto como comentários do narrador, pois remetem o narrador à forma como foram enunciados pelo lobo (operação de textualidade); finalmente, em termos de referência, as expressões *moita* e *saco grande* introduz outros elementos (tópicos) para que a narrativa progrida.

Esse exemplo ilustra bem a relação não linear estabelecida entre tópico discursivo e objetos de discurso: percebe-se uma atividade enunciativa que se dá de forma sociocognitiva, em que não há uma relação direta entre linguagem e mundo (p. 12).

Nesse sentido, também deve-se mencionar a dinamicidade do discurso, que pode ser entendido como “[...] esse movimento dinâmico que permite o surgimento de objetos nele desenvolvidos” (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 12). Não se trata de objetos do mundo, mas de “movimentos discursivos”, conforme Mondada (1996), em que a realidade aparece como construção discursiva motivada, o que se observa, portanto, nos objetos de discurso.

A relação entre tópico e objeto de discurso, como enfatiza Marcuschi ([2000]2006), também influencia a coerência de um texto – não como uma propriedade inerente, mas como um princípio de acessibilidade. Nesse sentido, a coerência seria uma “necessidade e condição da discursividade” (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 17), e não uma simples relação entre lógica e linguística. Além disso, a coerência funciona como “uma condição de acessibilidade intersubjetiva” (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 17), ou seja, para que nos entendamos, nosso discurso precisa ser coerente, sob pena de, na falta da coerência, não retomarmos os tópicos ou objetos de discurso já introduzidos na interação. Admitindo a coerência como um processo, o teórico nos diz que o texto ou o discurso não *são* coerentes, mas *tornam-se* coerentes (p. 18), a partir de algumas das estratégias de que falamos até este ponto. A referenciação e a coerência, nesse sentido, tonam-se codependentes na produção de sentidos do texto (p. 19).

Um bom exemplo do caráter processual da coerência, conforme o teórico, são os resumos de novelas, publicados em jornais diários. Esses resumos são coerentes para quem os assiste, uma vez que seus telespectadores sabem a sequencialidade dos tópicos referidos. Em relação àqueles que não acompanham as novelas, os resumos não dizem muita coisa. Como diz Marcuschi ([2000]2006),

Isto nos faz pensar na coerência como uma atividade que se assemelha à solução de um problema, o que exige um contínuo reajuste. Está submetida a inferências sucessivas comandadas parcialmente pelas evidências textuais e parcialmente por realidades mentais. Dinâmica por natureza, a coerência é em boa medida uma construção cuja responsabilidade cabe também ao receptor, sendo assim um fenômeno que se dá negociadamente. Não se acha inscrita no texto, mas submete-se a um conjunto de indicadores primariamente textuais. (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 20).

O exposto até aqui remete a uma relação de reciprocidade entre a progressão referencial e a progressão tópica, pois a introdução, a identificação e a preservação de referentes textuais pode ser, como propõe o estudioso, diretamente relacionada aos assuntos – ou tópicos discursivos – tratados no plano textual.

Em Marcuschi (2002), a referenciação é abordada em sua dimensão criativa, em que a atividade de designar não se dá de maneira extensional. Nesse sentido, a anáfora é tomada como um sistema de relações discursivas cuja funcionalidade mais evidente é a de construção do sentido, ao invés de seu processamento. O aspecto construtivista, de que já falamos, remete-nos à visão sociocognitivista, em que o

conhecimento é produto da interação social: assim, fala-se em “fabricação do conhecimento” (MONDADA, 1994 *apud* MARCUSCHI, 2002, p. 45) por meio da língua.

Aceitando o postulado acima, é preciso aludir à concepção de língua de que se vale Marcuschi (2002), a partir de Mondada (2001), para quem a língua é mais do que mediadora do conhecimento, mais do que um instrumento de comunicação, mais do que um modo de interação, mas uma entidade que “existe na/pelas práticas discursivas dos locutores” (MONDADA, 2001 *apud* MARCUSCHI, 2002, p. 46). Na medida em que representa uma atividade simbólica, “[...] mais do que um retrato, a língua é um trato da realidade” (MARCUSCHI, 2002, p 50), ou, ainda, a língua pode ser tomada como “um sistema de indeterminações sintático-semânticas que se resolvem na atividade dos interlocutores em situações sociocomunicativas [...] a língua não tem uma semântica determinada e a cognição não é apenas um fenômeno mental” (MARCUSCHI, 2002, p. 51). Isso fica evidente quando pensamos em conceitos como *ordem social, direitos do cidadão, educação pública, restaurante, trabalho* etc, que não são fenômenos naturais, mas construções de natureza sóciocognitiva (p. 52), e como tal, não são apreendidos de forma direta, mas mediada pela linguagem.

Em Koch (2001, 2002), além dos pressupostos já mencionados – a sociocognição e os objetos de discurso – também é mencionado o processamento estratégico do discurso, uma vez que, para concretizar seu projeto de dizer, o enunciador vala-se de determinadas estratégias, de que, em certa medida, já tratamos até este ponto.

Koch (2001) discute o papel das formas nominais na atividade de referenciação, que podem ser consideradas “as formas linguísticas constituídas, minimamente, de um determinante [...] seguido de um nome (substantivo)” (KOCH, 2001, p. 75). Nesse estudo, a autora privilegia as formas nominais introduzidas por artigos definidos, que, por sua vez, constituem nominalizações – ou *nomeações*, como já referimos anteriormente, a partir de Cavalcante (2003). OS tipos de expressões nominais discutidos nesse texto são a rotações metalinguísticas, ou metadiscursivas, além das anáforas indiretas – conforme Schwartz (2000).

As anáforas indiretas não retomam referentes contextuais explícitos, mas o fazem a partir de um referente já introduzido, comumente por metonímia:

A justiça dos Estados Unidos decidiu ontem, em caráter liminar, suspender a efetividade de uma lei que previa retirar da internet sites que oferecessem material pornográfico gratuitamente [...].

O magistrado, de uma corte da Filadélfia aceitou os argumentos de críticos da Lei de proteção online à criança, que dizem [...]

No exemplo acima, retirado de Koch (2001), *o magistrado* retoma indiretamente o referente *a justiça* de forma metonímica, uma vez que a representa. Nesse sentido, as anáforas indiretas são muito importantes na construção da coerência, pois funcionam como “representações tópicas potenciais” que se estabelecem no contexto subsequente (p. 76).

Quanto a sua funcionalidade, Koch (2001, 2002) enumera três funções das expressões nominais referenciais: *funções cognitivas*, que compreendem as formas remissivas (responsáveis pela (re) ativação de elementos dados ou sugeridos pelo contexto; e a função predicativa – a recategorização – por meio da qual novas informações são conferidas ao referente modificado; *encapsulamento* ou *sumarização*, conforme referido em Francis (1994) e Conte (1996); *organização textual*, conforme Francis (1994) e Apothéloz e Chanet (1997).

Também é importante mencionar a função dos determinantes nas expressões nominais referenciais, já que comumente são introduzidas por pronomes demonstrativos ou artigos definidos (p. 79). Conforme Koch (2001), cada tipo de determinante estabelece relações anafóricas específicas, e são bastante importantes na reativação de referentes textuais. Os casos que compreendem os usos do demonstrativo e do definido já foram discutidos em Apothéloz e Chanet (1997), de maneira que dedicaremos algum espaço às expressões nominais introduzidas por artigos indefinidos, de que ainda não tratamos.

As expressões introduzidas por artigos indefinidos, conforme Koch (2001) ocorrem de maneira pontual, se comparadas às formas mais recorrentes – os casos do definido e do demonstrativo. Além disso, segundo a teórica, “não são normalmente adequadas para a retomada de referentes já apresentadas no texto”. (KOCH, 2001, p. 83). A partir de Schwartz (2000), Koch (2001) elenca os três casos em que ocorrem:

a) Quando a seleção do referente opera sob um conjunto dado:

Um grupo de colegas entrou na sala. Um estudante loiro acenou para mim.

- b) Quando há a nomeação de parte do referente dado (meronímia, ou *ingrediente*, como vimos em Apothéloz, 1995b):

Preciso consertar *o telhado*. *Uma telha* está quebrada.

- c) “Quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação por ela veiculada do que o prosseguimento da cadeia coesiva” (KOCH, 2001, p. 83):

A velha senhora desaba sobre a cadeira da cozinha. E quando sua amiga chega, não encontra a avozinha, mas *um montinho de infelicidade, uma coisinha danificada e confusa*. (Exemplo de Schwartz, 2000).

Além das formas que introduzem as expressões nominais referenciais, de que tratamos acima, é preciso discutir, também, a escolha lexical que motiva o núcleo dessas expressões, conforme Koch (2001, 2006, 2008). O viés lexical, nesse sentido, é importante porque “a escolha do nome núcleo e/ou de seus modificadores vai ser o responsável pela orientação argumentativa do texto” (KOCH, 2001, p. 83).

Quanto a sua configuração, o núcleo de uma forma nominal pode ser composto por: a) um nome genérico; b) um nome metafórico; c) um nome metonímico ou meronímico; d) introdutor “clandestino” de referente (cf. Apothéloz, 1995b); e) nome núcleo de caráter metadiscursivo, como propõe Francis (1994). Koch (2001, 2006, 2008), portanto, unificam o que se discutiu até este ponto em termos de configuração e função das formas nominais referenciais, concluindo que essas expressões são multifuncionais, ou *polioperadoras*, ao referir-se ao termo proposto por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Essa multifuncionalidade na elaboração de sentidos pode ser vista em duas dimensões: primeiramente, a do ponto de vista, em que as expressões nominais apresentam-se como organizadoras do texto, determinando sua orientação argumentativa; em segundo lugar, em casos de recategorização, em que o acesso ao referente é mais difícil, se comparado aos casos de simples correferencialidade.

O caráter argumentativo dos objetos de discurso, entretanto, é mais explorado em Koch e Cortez (2015). É imperativo reservar algum espaço a essa referência, visto que cotejaremos a construção do ponto de vista por meio dos objetos de discurso à noção de orientação argumentativa (ADAM, 2011).

Em Koch e Cortez (2015), a construção dos objetos de discurso é abordada a partir de sua faceta heterodialógica, isto é, a partir de um jogo de vozes que “ancoram e sustentam discursivamente o referente, revelando a orientação argumentativa do texto” (KOCH e CORTEZ, 2015, p. 29).

A escolha das formas nominais, nesse sentido, não remete apenas a fatores subjetivos em uma situação de interação, mas, também, ao que as autoras chamam de “versões ou modos de perspectivar o referente/objeto de discurso na relação com outros enunciadore” (KOCH e CORTEZ, 2015, p. 31). Essas “formas desempenham papel importante para a construção do ponto de vista, porque sua seleção lexical aponta para uma instância discursiva ou centro de perspectiva – o narrador/personagem – a partir do qual o fato é apreendido e os objetos de discurso apresentados.” (KOCH e CORTEZ, 2015, p. 34). Aceitando esse pressuposto, fica patente a ideia de que a construção de referentes não pode se dar de forma neutra, e cada escolha, em uma abordagem discursiva, pode ser entendida a partir das identidades¹³ do enunciador e do enunciatário e das relações que estes mantêm. Em termos discursivos, como apontam as autoras, essas relações são “o que caracteriza fundamentalmente a expressão dos pontos de vista” (KOCH e CORTEZ, 2015, p. 37).

Os pontos de vista remetem, fundamentalmente, a predicções que o enunciador atribui aos referentes, que podem ter fundo axiológico, ideológico, interpretativo que se manifestam por meio do “dizer” (p. 37). Isso se verifica através da *prise em charge*, “que pode ser definida como uma operação enunciativa em que o enunciador assume como *verdadeiro* a proposição de um enunciado ou aquilo sobre o qual toma posição” (KOCH e CORTEZ, 2015, p. 39). Nesse sentido, a escolha das expressões referenciais não remete apenas a juízos de valor ou opiniões, uma vez que implica diferentes vozes que, conjuntamente, dão sustentação à progressão referencial de forma argumentativa.

Em relação a esta investigação, a construção heterodialógica dos objetos de discurso parece ser mais evidente nos textos da revista *Superinteressante*, em que os jornalistas valem-se de variadas fontes (ou vozes) para afirmarem que, por exemplo, o “[...] álcool pode ser considerada a droga mais pesada de todas”, como se verifica em um dos textos.

¹³ As identidades dos parceiros da troca linguística é apenas uma instância do Contrato de Comunicação, de que falaremos no capítulo seguinte, e que é central a esta proposta.

2.4 Investigações que mantêm a discussão sobre a referenciação no Brasil

Nesta seção, abordo alguns dos trabalhos que têm mantido as discussões em torno da referenciação no Brasil.

Cavalcante (2003) apresenta uma classificação para as expressões nominais referenciais. Sua proposta, além de retomar as ideias presentes nos textos fundadores, bem como seus desenvolvimentos no Brasil, busca unificar os entendimentos dos processos referenciais por meio de uma taxonomia que forneça aos interessados no tema uma visão mais global desses processos.

Por esses motivos, nesta pesquisa, adoto a taxonomia proposta pela estudiosa.

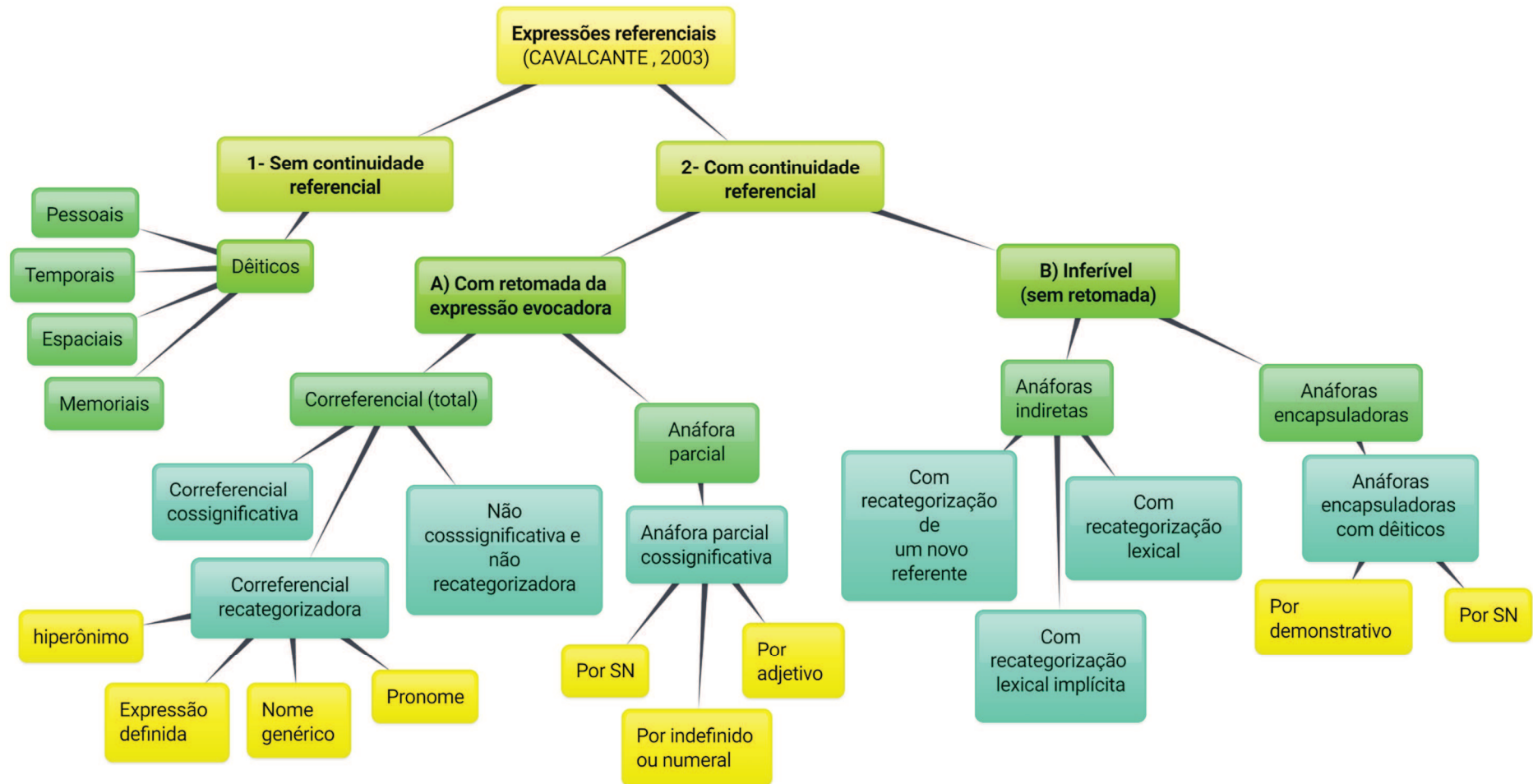
A classificação dos processos referenciais, em estudos mais recentes (CAVALCANTE, 2011), sumariza a anáforas em três grupos: diretas, indiretas e encapsuladoras. Entretanto, me valho de Cavalcante (2003), na medida em que essa proposta especifica os processos anafóricos, por exemplo, apontando a introdução de novos referentes. Não haveria, no contexto desta tese, prejuízo na escolha de uma proposta em função de outra, visto que, de qualquer forma, eu especificaria os processos fóricos a que me proponho analisar, ao invés de simplesmente classificá-los como *diretos* ou *indiretos*.

Segundo Cavalcante (2003), as expressões nominais referenciais podem ser divididas em dois grandes grupos:

- a) As que ocorrem sem contribuir para a continuidade referencial; e
- b) As que se baseiam na continuidade referencial, seja de forma explícita ou implícita.

A classificação de Cavalcante (2003) encontra-se sintetizada no mapa conceitual representado na figura:

Figura 3 - Expressões referenciais: classificação de Cavalcante



Em 1, encontram-se as expressões referenciais que não consideram a continuidade referencial: os dêiticos temporais, pessoais, espaciais e memoriais. Essas formas operam “a introdução de referentes quando a expressão referencial instituir um objeto no discurso sem que nenhum elemento do contexto discursivo ou da situação imediata de comunicação o tenha evocado” (CAVALCANTE, 2003, p. 106). Abaixo, um exemplo de dêitico temporal (p. 107):

Apresentada *na última sexta-feira* pela polícia como uma das autoras do assassinato de seus pais, ocorrido *no mês passado*, em São Paulo, Suzane Richthofen, de 19 anos, tem muito a ensinar sobre a atual geração de jovens de classe média. (Artigo de opinião, de Gilberto Dimenstein – Folha de São Paulo).

Os demais dêiticos podem ser resumidos conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 - Dêiticos pessoais, memoriais e espaciais

Dêiticos	Definição
<i>Pessoais</i>	“apontam para os próprios interlocutores na situação de comunicação” (CAVALCANTE, 2003, p. 107)
<i>Espaciais</i>	“remetem ao lugar em que se acha o enunciador, ou pressupõem esse lugar” (CAVALCANTE, 2003, p. 107)
<i>Memoriais</i>	“indicam que o referente tem acesso fácil na memória comum dos interlocutores e incentivam o destinatário a buscar ali a informação de que ele precisa” (CAVALCANTE, 2003, p. 107)

Fonte: Elaborado pelo autor.

O segundo grupo de expressões nominais referenciais – que corresponde ao número 2 no mapa acima – é maior, caso o comparemos com o primeiro, e inclui os casos em que essas expressões cooperam para a continuidade referencial, pois retomam a expressão que as evoca, seja de forma evidente (A), seja de forma inferencial (B). Sua característica mais evidente é a de que

[...] fazem manter uma espécie de base de referencialidade, que se percebe por algum gatilho no co(n)texto. Para haver continuidade, não é obrigatório [...] que exista sempre retomada parcial de um mesmo referente, como nas anáforas diretas. Pode ser que a ligação se estabeleça apenas entre uma âncora e outro elemento contextual introduzido pela primeira vez no texto, como nas anáforas indiretas e encapsuladoras. (CAVALCANTE, 2003, p. 108).

Nesse grupo, incluem-se todas as formas de anáfora – diretas, indiretas, com ou sem a presença de dêiticos, pois agrupá-las

[...] apresenta a vantagem de preservar uma intuição comum, em Linguística Textual, de que todo recurso referencial que remeta, no mínimo, a qualquer âncora do contexto é, no fundo anafórico. Não interessa se tal âncora é um antecedente correferencial, ou se é um outro referente distinto, ou se não constitui nem mesmo um referente, mas sim um conteúdo proposicional, como nos encapsulamentos. (CAVALCANTE, 2003, p. 108).

Em relação às formas de retomada explícita, podemos citar a anáfora correferencial (ou total) e seus subtipos: a anáfora correferencial e cossignificativa; a anáfora correferencial recategorizadora; e a anáfora não cossignificativa e não correferencial. Além da anáfora correferencial, nesse grupo também se encontra a anáfora parcial.

A anáfora correferencial – ou total – “abrange qualquer processo em que duas expressões referenciais designam o mesmo referente, não importando o fato de a expressão anafórica remeter retrospectivamente ou prospectivamente” (CAVALCANTE, 2003, p. 109).

A anáfora referencial cossignificativa ocorre quando a expressão nominal repete a forma já introduzida para retomá-la, tal qual ocorre com *um velho* e *o velho*, no exemplo seguinte:

Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: *um velho*, uma mulher com uma criança e eu. *O velho*, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. (Conto de Lygia Fagundes Telles – Prottexto).

Quanto à anáfora correferencial recategorizadora, aplica-se a situações em que o enunciador deseja evitar a repetição de termos, ou aos casos em que quer conferir, conforme Cavalcante (2003), “alguma carga avaliativa” à expressão referencial. Nesse sentido, a recategorização pode dar-se por meio de três expedientes: pelo emprego de um hiperônimo, através de uma expressão definida, por um nome genérico, ou por um pronome. O quadro a seguir exemplifica esses expedientes, conforme adaptados de Cavalcante (2003):

Quadro 2 - Tipos de anáfora correferencial recategorizadora

Anáfora correferencial recategorizadora	Exemplos
Por hiperônimo	Não deixe acumular água em pratos de vasos de plantas e xaxins. Na hora de lavar <i>o recipiente</i> , passe um pano [...]
Por expressão definida	Sobe Carlos Aberto Parreira – <i>o treinador tetracampeão do mundo voltou ao comando da seleção brasileira.</i>
Por nome genérico	Dividi-mo-la em dois grupos de definições [...] algumas de caráter mais linguístico, em que se consideram <i>os seguintes fatores: ênfase; escolha; [...]</i>
Por pronome	[...] Então o Largo dos Leões é <i>isso?</i> [...]

Fonte: Elaborado pelo autor.

O terceiro subtipo de anáfora total é a não cossignificativa e não recategorizadora, que ocorre por meio de pronomes pessoais:

Betsy esperou a volta do homem para morrer. Antes da viagem, *Ele* notara que Betsy mostrava um apetite incomum. (conto *Betsy*, de Rubem Fonseca).

A anáfora parcial, finalmente, dá-se quando um antecedente é retomado apenas em parte, sendo precedido por um quantificador ou um adjetivo, “imprimindo ao anafórico a ideia de parte de um conjunto não unitário” (CAVALCANTE, 2003, p. 112). Outro traço marcante desse subtipo de anafórico é a omissão do nome núcleo, a qual é motivada, ou por economia linguística, ou por questões estilísticas, como frisa a autora.

A retomada parcial, nesse sentido, apresenta-se sob três expedientes: por intermédio de um sintagma nominal; por um artigo indefinido ou numeral; por um adjetivo. O exemplo abaixo remete à retomada parcial por meio de um SN:

Bifes com molho de tomate:
 Ingredientes
 ¼ de xícara de óleo; 1kg de bifes de vaca ou de vitela, cortados finos (...)
 Modo de fazer
 Numa frigideira [...], es quente o óleo em fogo forte e frite *poucos bifes* de cada vez, por dois ou três minutos de cada lado ou até o ponto desejado (receita – Protex to).

No segmento acima, *bifes* é parcialmente retomado por *poucos bifes*, como demonstra o SN italicizado.

Até este ponto, tratei das formas anafóricas que retomam, total ou parcialmente, um referente dado no texto.

A partir deste ponto, abordo as formas anafóricas que não se valem da retomada de referentes, uma vez que, segundo Cavalcante (2003), não são idênticas – ou são *quase* idênticas – a uma forma nominal previamente introduzida. Nesse subconjunto de anáforas encontram-se as anáforas indireta, encapsuladora, bem como seus subtipos. As anáforas sem retomada interessam-me, pois, através delas, temos acesso a diferentes esquematizações¹⁴ (GRIZE, 1990), que, devido a seu caráter não linear¹⁵, transparecem pontos de vista – ou, segundo Adam (2011), *representações discursivas* – dos enunciadores. As anáforas com retomada, como demonstrarei, também aparecem no corpus.

As anáforas indiretas caracterizam-se por duas peculiaridades: não se prestam à função correferencial, e introduzem um novo referente a partir de informações dadas. Embora não retomem pontualmente referentes, as anáforas indiretas são consideradas formas de remissão a uma âncora, seja ela co-textual ou contextual. Como alude Cavalcante (2003), ao citar Kleiber (1991), a forma canônica desse tipo de anáfora dá-se por uma relação parte-todo (meronímia), ou por uma relação de ingrediência (cf. Apothèloz 1995b), à qual referi anteriormente.

Quanto a sua tipologia, as anáforas indiretas subdividem-se entre (i) as que preveem a categorização de um novo referente; (ii) as que implicam a recategorização lexical implícita; (iii) as que remetem a recategorização lexical explicitamente.

O primeiro subtipo exige um esforço cognitivo maior da parte do interlocutor, pois, para sua compreensão, é necessário inferir a relação do novo referente com sua âncora no texto. Isso ocorre no exemplo abaixo, em que o merônimo *pele* precisa ser associado, através de uma relação parte-todo, a seu holônimo *amendoim*:

Modo de preparar:

Coloque o amendoim em uma assadeira e leve ao forno médio por 30 minutos. Mexa sempre até que o amendoim esteja torrado e a *pele* saindo com facilidade. (Receita – Prottexto).

Por sua vez, a anáfora indireta com recategorização lexical implícita remete aos casos em que a modificação do referente se dá de forma não evidente, como ocorre com o pronome *eles*, italicizado no exemplo abaixo, tomado de Marcuschi (1998), que

¹⁴ Esquematizações são processos de dialógicos de construções de mundo – ou *microuniverso*, usado um termo do teórico – operadas discursivamente. Segundo Vidrio (2017), “uma esquematização concretamente é uma representação discursiva orientada a um destinatário” que tem por fim a coconstrução de um mundo possível, a qual é passível de adesão ou rechaço por parte do interlocutor.

¹⁵ No que tange ao caráter não linear da recategorização referencial, ver Silva e Custódio Filho (2013).

modifica *a equipe médica*, dando a entender que a equipe é formada por profissionais do sexo masculino:

A equipe médica continua analisando o câncer do governador Mário Covas. Segundo *eles*, o paciente não corre risco de vida.

Finalmente, a anáfora indireta com recategorização lexical ocorre quando um referente é explicitamente recategorizado meronimicamente por um ou mais itens lexicais, como no trecho do poema *Invenção de Orfeu*, do poeta Alagoano Jorge de Lima:

Qualquer que seja a chuva desses campos
Devemos esperar pelos estios;
E ao chegar os serões e os fiéis enganos
Amar os sonhos que restarem frios.

Porém, se não surgir o que sonhamos
E os ninhos imortais forem vazios,
Há de haver pelo menos por ali
Os pássaros que nós idealizamos.

Feliz de quem com cânticos se esconde
E julga tê-los em seus próprios bicos,
E ao bico alheio em cânticos responde.

E vendo em torno as mais terríveis cenas,
Possa mirar-se *as asas depenadas*
E contentar-se com as *secretas penas*.

No exemplo acima, *pássaros que nós idealizamos* é a âncora que permite as recategorizações indiretas *seus próprios bicos*, *bico alheio* e *cânticos*, além de, meronimicamente, *asas* e *penas*.

O segundo tipo de anáfora sem retomada diz respeito àquelas ditas encapsuladoras, que, quando efetuadas por meio de um SN, são chamadas *rótulos*, já mencionadas ao referirmos os estudos de Francis (1994) e Conte (1996). Para Cavalcante (2003), “encapsular consiste em resumir proposições do discurso empacotando-as numa expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal [...] ou pode ser um pronome, geralmente demonstrativo” (CAVALCANTE, 2003, p. 115). Veja-se o exemplo abaixo, retirado do sítio do jornal gaúcho Correio do Povo, em matéria publicada em 27/11/2017:

O presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), avaliou nesta segunda-feira, em São Paulo, que *a pergunta feita mais cedo pelo deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ), sobre se alguém choraria se a Coreia do Norte jogasse*

*uma bomba e atingisse o Congresso brasileiro, é uma "declaração perigosa"*¹⁶.

No exemplo acima, a anáfora encapsuladora *uma declaração perigosa* retoma a porção textual italicizada que a antecede: *a pergunta feita mais cedo pelo deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ), sobre se alguém choraria se a Coreia do Norte jogasse uma bomba e atingisse o Congresso brasileiro*.

As anáforas encapsuladoras também podem ocorrer, conforme postula a teórica, por meio de elementos dêiticos, como os pronomes demonstrativos, ou, a um só tempo, por sintagmas nominais precedidos por dêiticos, como mostram o pronome *isso*, e o SN *esse dilema*, nos exemplos a seguir:

Mas nesse momento a recordação do homem não a angustiava e, pelo contrário, trazia-lhe um sabor de liberdade há doze anos não sentido. Porque seu marido tinha uma propriedade singular: bastava sua presença para que os menores movimentos de seu pensamento ficassem tolhidos. A princípio, *isso* lhe trouxera certa tranquilidade [...] (conto *a fuga*, de Clarice Lispector)

Veja – uma mulher que trabalha o dia inteiro, cuida de filhos, tem de resolver problemas da casa nem sempre consegue arranjar tempo para praticar esporte. O que fazer para resolver *esse dilema*?

Apresentada a taxonomia de que me valeirei para analisar os objetos de discurso de meu *corpus*, cabem algumas menções a trabalhos que, a partir do que expus, no que tange à atividade de referenciação, relacionam o tema a outras questões de pesquisa.

Cavalcante (2011) apresenta uma revisão diacrônica sobre a referenciação, situando o fenômeno em termos de tempo e espaço, a partir dos textos fundadores, aos quais já aludimos brevemente. O foco desse trabalho é a relação entre a referenciação e seu estudo em sala de aula. Produto de pesquisas realizadas desde o ano de 2001, no âmbito do grupo Prottexto, liderado pela professora Mônica Cavalcante, essa obra têm como finalidade familiarizar o público não acadêmico a respeito da referenciação de maneira bastante didática, o que em meu entendimento, é algo deveras produtor, pois além de sintetizar as principais noções envolvidas nesse processo, busca aplicá-las ao cotidiano escolar, evidenciando um compromisso social do grupo Prottexto, que não se limita ao contexto acadêmico.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Politica/2017/11/635634/E-perigosa,-avalia-Maia-sobre-declaracao-de-Bolsonaro>>. Acesso em: 16/ mar. 2018.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) assemelha-se a Cavalcante (2011) na medida em que introduzem o tema ao público não acadêmico (professores, fundamentalmente), e fornecem sugestões de atividade para o trabalho em sala de aula, ao final de cada capítulo (a contrário da obra anterior, cujas sugestões pedagógicas encontram-se em um capítulo à parte ao final da obra).

Ainda no contexto pedagógico, Santos (2014) problematiza a relação – ainda incipiente, em seu entendimento – entre texto e ensino. Também discorre sobre o lugar da referenciação em livros didáticos voltados ao ensino de língua portuguesa no ensino médio publicados entre os anos de 2004 e 2010, problematizando as implicaturas das escolhas linguísticas dos alunos em relação a seu projeto de dizer no que toca à produção de textos.

Cavalcante e Santos (2012) relacionam a referenciação ao conhecimento partilhado entre leitor e produtor do texto, sendo o segundo necessário ao primeiro: não é possível construir o sentido de expressões referenciais sem que se tenha conhecimentos necessários para tal. Esses conhecimentos são de cinco tipos: textual (no que concerne à organização dos textos); linguístico (que remete ao categorias linguísticas e discursivas, como os gêneros de discurso); enciclopédico (referente a conhecimentos de natureza geral a que temos acesso durante a vida, também conhecido como *conhecimento de mundo*); intertextual (no que tange à invocação de outros textos que dialogam com o texto lido ou escrito); e, finalmente, contextual (que diz respeito “à associação do contexto de leitura e produção [...] contextualizar significa também perceber intencionalidades interacionais” (CAVALCANTE e SANTOS, 2012, p. 659).

O caráter central do conhecimento compartilhado vem à tona caso nos detenhamos a um exemplo citado pelas estudiosas:

Chile perde para a Espanha, termina em segundo e será o rival do Brasil. O *time de Bielsa* foi ousado, mas apresentou erros fatais.

No exemplo acima, para que se compreenda a expressão referencial *o time de Bielsa*, é necessário ter-se conhecimento de que esta remete ao argentino que comandou a seleção chilena de futebol na Copa do Mundo de 2010. Como enfatizam as autoras, não se trata apenas de conhecimento sobre como se dá o processo anafórico, mas de conhecimentos que permitem a reconstrução dos sentidos pretendidos pelo produtor do texto. A falta desses conhecimentos quiçá seja “a razão pela qual o leitor

menos proficiente nem sempre [consiga] reconstruir a contento a coerência dos textos a que tem acesso na escola e na vida cotidiana” (CAVALCANTE e SANTOS, 2012, p. 663).

Giering (2012) aborda a construção de objetos de discurso em textos de divulgação científica para crianças na revista *Ciência Hoje das Crianças*, atrelando a discussão ao conceito de *hiperestrutura* (ADAM; LUGRIN, 2000; 2006), de *esquematisação* e *pré-construídos culturais* (GRIZE, 1990, 1996).

Semelhantemente, Giering e Souza (2013) tratam dos objetos de discurso desenvolvidos em artigo de divulgação científica voltados ao público infantil a partir das visadas de informação e captação próprias do discurso midiático (cf. Charaudeau 2006): a primeira visa a transmitir um saber aos leitores de um dado veículo, e a segunda visa a obter o interesse desses leitores em relação ao veículo, que, por sua vez, encontra-se em situação de concorrência para com os demais. Como exemplos de estratégias referenciais as autoras citam o *piercing* usado pelas baleias – que remete ao rádio transmissor instalado nos mamíferos atípicos par monitorar suas atividades. O referente é introduzido como *piercing* e vai-se transformando no decorrer do plano textual: *piercing – um piercing – um rádio transmissor parecido com um piercing – o rádio – rádio piercing*. Tal estratégia, nos dizem as estudiosas, ao citarem Charaudeau (2006), evidencia que o produtor do texto “está consciente da separação que existe entre a linguagem científica e a compreensão de um público leigo (CHARAUDEAU, 2006 *apud* GIERING e SOUZA, 2013, p. 216). Esse expediente baseia-se em um conhecimento cotidiano supostamente dominado pelas crianças – seja ele o que é um *piercing* – que permite a elas a compreensão de uma prática científica, por meio de uma recategorização metafórica¹⁷ do referente *radiotransmissor*.

Santos e Leal (2013) discutem a atividade de referenciação no contexto de alunos surdos usuários de LIBRAS. As autoras aludem à necessidade de adaptação de estratégias de leitura e produção de textos nessa circunstância, visto que seus textos “apresentam características bastante peculiares usuários de LIBRAS” (SANTOS e LEAL, 2013, p. 160). Chama-nos a atenção tal investigação uma vez que, em sua grande maioria, os textos e pesquisas sobre referenciação pressupõem sujeitos ouvintes. Nesse sentido, o intento das estudiosas não jaz em “apontar

¹⁷ Sobre recategorizações metafóricas, ver Martins e Morato (2013).

soluções, mas jogar luz sobre um tema pouco explorado nas pesquisas linguísticas no Brasil e estimular o debate sobre o ensino de leitura e produção textual.” (SANTOS e LEAL, 2013, p. 161).

Silva, Cavalcante e Brito (2015) discutem a referenciação no campo dos estudos críticos do discurso, que versam sobre “o estudo das ideologias de dominação de grupos sociais” (SILVA, CAVALCANTE e BRITO, 2015, p. 278). Os autores contemplam a construção de referentes em duas circunstâncias criminais: uma ligada a corrupção política, e outra a roubos e furtos. O exame dos processos referenciais, realizado a partir de um *corpus* constituído de artigos da revista semanal *Veja* – em suas versões impressa e eletrônica – evidencia diferentes recategorizações que constroem o entendimento sobre *criminosos ricos* e *criminosos pobres*. No primeiro caso, os criminosos são referidos, dentre outras expressões referenciais, a partir de seus cargos – *O presidente da OAS, Léo Pinheiro, os quatro executivos da empreiteira OAS*. Em relação a criminosos pobres, percebe-se o contraste de recategorizações: aquelas que praticam roubos e furtos – é preciso aludir ao fato de que o texto versa sobre criminosas do sexo feminino – são introduzidas referenciaismente através da expressão *mulheres* e reconstruídas a partir de expressões como *gangue das loiras* e *gangue das vovós*, para resumir a análise sustentada pelas teóricas. O contraste é fundamentado, entre outros expedientes, pela escolha lexical: *gangue* remete a crimes prototípicos, vulgares, praticados por pessoas de baixa renda; enquanto as formas referenciais construídas a partir dos cargos dos investigados pela operação Lava-Jato, mencionados acima, remetem a um perfil criminoso diferente: aquele ligado aos chamados *crimes do colarinho branco*, que, usualmente, envolvem somas vultuosas de dinheiro. Em síntese, tratam-se de representações discursivas antagônicas baseadas em gênero e *status* social.

Custódio Filho (2015) observa o estabelecimento de objetos de discurso no contexto das narrativas com episódios através de uma série de televisão e de uma série literária. Essa investigação destaca-se em relação às demais na medida em que prevê “uma experiência de leitura/escuta interrupta na manifestação de estratégias de referenciação ainda não devidamente descritas” (CUSTÓDIO FILHO, 2015, p. 256). Além disso, problematiza o lugar da intertextualidade nos estudos de anáfora e referenciação.

Zandonai e Giering (2016) abordam os processos referenciais através da multimodalidade em vídeos educacionais no *YouTube*, evidenciando que outros expedientes, além dos linguísticos, cooperam para a atividade de referenciação.

Minha pesquisa alinha-se ao que propõem Giering e Souza (2013), e Giering (2012), visto que também se vale da teoria Semiolinguística de Charaudeau para conferir sentido aos objetos de discurso sobre os quais me proponho a discorrer. Também cabe ressaltar que essas propostas circunscrevem-se às atividades do grupo de pesquisa CCELD – Comunicação da Ciência: Estudos Linguístico-Discursivos – realizadas na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), no Rio grande do Sul.

Neste capítulo, procurei abordar tanto as obras seminais relacionadas à referenciação, como aquelas que fizeram – e fazem – a manutenção do debate no âmbito da academia brasileira.

No capítulo seguinte, apresento o segundo pilar teórico que embasa esta investigação: as representações discursivas, tais quais propostas pelo teórico francês Jean-Michel Adam, as quais integram os objetos de discurso a predicções, constituindo *proposições-enunciado*, consideradas por esse pensador unidades textuais de base para a análise textual.

3 REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS: A RELAÇÃO ENTRE OBJETOS DE DISCURSO E SUAS PREDICAÇÕES

Neste capítulo, discutirei a validade da noção de representação discursiva no contexto de minha pesquisa. Na seção 3.1, apresento brevemente a área intitulada Análise Textual dos Discursos; na seção 3.2, abordo a noção de proposição-enunciado, a unidade textual de base apontada por Adam (2011) que concerne a esta investigação, uma vez que integra objetos de discurso e predicções atribuídas a essas entidades, que, conjuntamente, cooperam para a composição do plano textual.

3.1 A Análise Textual dos Discursos

A Análise Textual dos Discursos (doravante ATD), tal qual proposta por Adam (2011), tem suas bases assentadas nos trabalhos de dois estudiosos que o precedem: Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Ater-me-ei unicamente aos pontos que considero mais importantes para a compreensão de sua influência na ATD – para uma visão em profundidade a esse respeito, sugiro a leitura do capítulo introdutório de Adam (2011).

Como é de conhecimento daqueles e daquelas que estudam Linguística, e como rememora Adam (2011), Ferdinand de Saussure privilegia a língua em detrimento da fala, embora deva-se lembrar que “o sujeito falante não se exprime por palavras isoladas” (ADAM, 2011, p. 29), como o faz Saussure em um trecho de *Escritos de Linguística geral*, referido por Adam (2011), e que reproduzo, em parte, a seguir:

A língua é criada unicamente com vistas ao discurso, mas o que separa o discurso da língua, ou o que, em certo momento, permite dizer que a língua *entra em ação com o discurso?*

Conceitos variados estão prontos na língua (quer dizer, revestidos de uma forma linguística), tais como *boi, lago, vermelho, rachar, ver* [...]. A sucessão dessas palavras, por mais rica que seja pelas ideias que evoca, não indicará jamais a um indivíduo humano o que outro indivíduo humano, ao pronunciá-las, queira significar-lhe alguma coisa. [...] o discurso consiste, ainda que de forma rudimentar, e por vias que ignoramos, em afirmar um elo entre dois conceitos que se apresentam revestidos de for a linguística, ao passo que a língua apresenta previamente apenas conceitos isolados que esperam ser postos em relação entre eles para que exista significação de pensamento. (SAUSSURE, 2002 apud ADAM, 2011, p. 30).

Como enfatiza Adam (2011), o fragmento apresenta “uma afirmação que faz do discurso o horizonte da língua e se prolonga com uma interrogação relativa à natureza da discursividade” (ADAM, 2011, p. 30). Portanto, embora o mestre genebrino tenha-se preocupado mais com o sistema linguístico do que com a fala, ainda assim, deixou-a em aberto, ao referir-se ao discurso, conforme depreende-se da leitura do trecho dos *Escritos* e dos comentários de Adam (2011) acerca dessa obra – unicamente disponível “em um caderno escolar sem título [...] depositado na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra” (ADAM, 2011, p. 30).

Émile Benveniste, como recorda Adam (2011, p. 35), retoma a noção de frase, relegada por Saussure à fala, para contrapô-lo, ao dizer que é o discurso que determina a língua: “[...] a frase é a unidade de comunicação humana” (ADAM, 2011, p. 36).

Nesse sentido, Benveniste distingue uma *Linguística da Língua*, de caráter semiótico, de uma *Linguística do discurso*, de caráter semântico, como lembra Adam (2011, p. 38). Essa distinção é reformulada em 1974, no artigo denominado *Aparelho formal da enunciação*, quando o teórico fala em análises *intra-linguística* e *translinguística* – esta que se volta a uma Semântica da enunciação, interessada pela produção de enunciados, ao invés dos textos que compõem enunciados, segundo entende Adam (2011, p. 39).

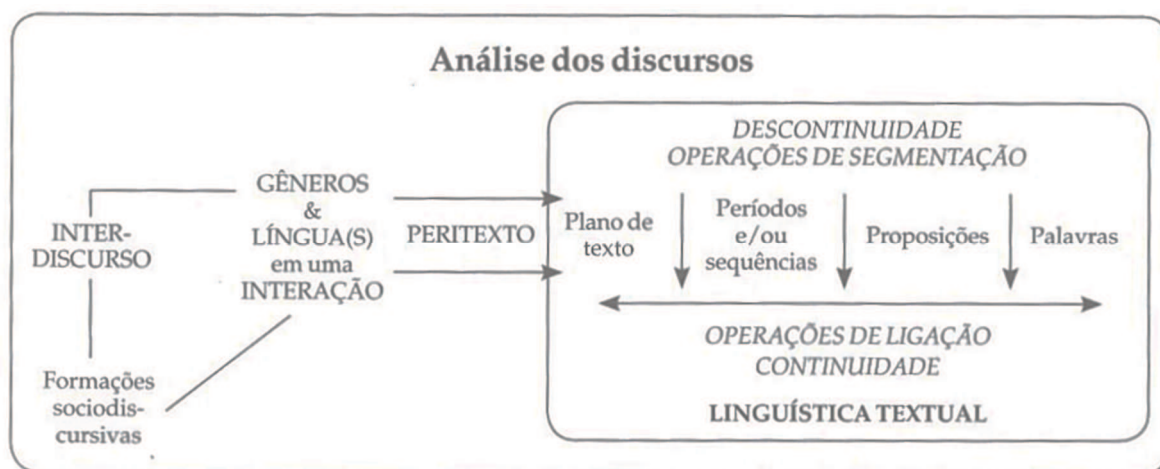
Como referirei adiante, a noção de enunciação é bastante marcada na proposta de Adam (2011), no que tange à proposição-enunciado.

A ATD pode ser entendida como uma disciplina separada do que se costumava chamar *gramática de texto*, nos anos 60 e 70, na Alemanha, e da análise do discurso francesa:

Postulando, ao mesmo tempo, uma separação e uma complementaridade das tarefas e dos objetos da linguística textual e da análise do discurso, definimos a linguística textual como um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas. (ADAM, 2011, p. 43).

Essa separação e essa complementaridade são representadas na figura a seguir:

Figura 4 - A relação entre análise dos discursos e a linguística textual



Fonte: Adam (2011, p. 43).

No retângulo menor, reservado à linguística textual, encontram-se as operações de descontinuidade, ou de segmentação, bem como as operações de ligação, ditas de continuidade. Essas operações atuam da direita para a esquerda, e vão das palavras, unidade mínima de análise, ao plano de texto como um todo, tendo como pontos intermediários as proposições (ou *proposições-enunciado*, como mostrarei a seguir) e os períodos ou sequências. O retângulo maior inclui dados que operam em sentido oposto: da esquerda para a direita. Esses dados funcionam como agentes de regulação da produção textual. Nas palavras do próprio teórico,

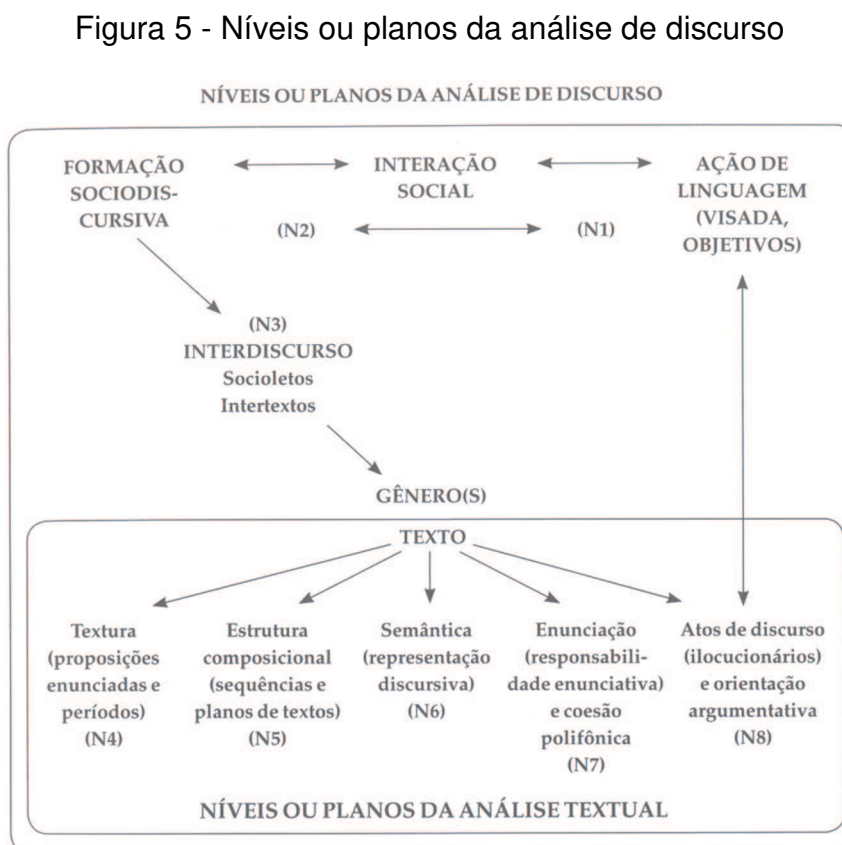
Esse esquema evidencia o jogo complexo das determinações textuais “ascendentes” (da direita para esquerda) que regem os encadeamentos de proposições no sistema que constitui a unidade TEXTO – o objeto da linguística textual – e as regulações “descendentes” (da esquerda para direita) que as situações de interação nos lugares sociais, nas línguas e nos gêneros dados impõem aos enunciados- objeto da análise do discurso. Sob o impacto das necessidades de expressão e de interação, os enunciados assumem formas infinitas, mas os gêneros e as línguas intervêm como fatores de regulação. (ADAM, 2011, p. 44).

No esquema 3, interessam-me as regulações ascendentes, que abrangem as palavras – ou *objetos de discurso* – e as proposições-enunciado, como referi. As regulações descendentes, entretanto, serão vistas sob a ótica de Charaudeau (2006, 2009, 2012), através do intermédio do Contrato de Comunicação (midiático), dado seu maior poder explanatório. As noções de formação sócio-discursiva, e de interdiscurso podem ser relacionadas à identidade dos participantes da troca languageira; o caráter interacional da relação entre gêneros discursivos e línguas pode ser associado à

situacionalidade do contrato de comunicação: em que condições se dão as interações em determinado contexto. Finalmente, o peritexto pode ser relacionado ao caráter semiótico da proposta de Charaudeau: a construção dos sentidos dá-se também por elementos não verbais, como ilustrações – daí o caráter *semiolinguístico* de sua proposta.

A ponte que une a linguística textual e a análise do discurso, permitindo o estabelecimento da ATD, é aquilo a que Warning (1979) chama de “discursos institucionalizados”, e que, para Adam (2011), remete a gêneros de discurso. Nesse sentido, os gêneros, em Adam (2011), são vistos pelo viés da interdiscursividade, dado o fato de que “um texto raramente advém de um só gênero” (ADAM, 2011, p. 62)¹⁸.

Adam (2011) entende “o discurso como ação ao texto” (ADAM, 2011, p. 60), isto é, o discurso como motivador da matéria textual, e apresenta os níveis ou planos textuais de análise, conforme a figura a seguir:



Fonte: Adam (2011), p. 61.

¹⁸ Essa máxima será levada ao limite em minha análise dos textos da página *Papo de Homem*, que apresentam o que Adam (2011) chama de *genericidade complexa*.

Dentre esses níveis, Interessam-me, em especial, quatro deles: primeiramente, as proposições-enunciado, que se encontram em N7, o nível da textura. Em segundo lugar, também são importantes a esta investigação as dimensões integrantes das proposições-enunciado – semântica, enunciativa, e os atos de discurso, representados nos níveis 6, 7 e 8, respectivamente. Cabe, portanto, na seção subsequente, rememorar à noção de proposição-enunciado e sua validade para este estudo.

3.2 A proposição-enunciado: uma categoria de análise de textos no paradigma da ATD

Para Adam (2011), a proposição-enunciado é uma unidade de base que se presta à análise de textos.

Enquanto tal, une dois conceitos: a proposição, oriunda da lógica formal, e o enunciado, enquanto produto de uma enunciação, e cuja origem se verifica nos estudos de Benveniste (ADAM, 2011, p. 105), em relação à Semântica da enunciação, referida na seção anterior. Tal abordagem, segundo Adam (2011), surge da insuficiência dos conceitos de frase – por ele entendida como uma unidade meramente tipográfica – e de enunciado, entidade cujos limites são imprecisos graças à ausência de contextos gramaticais ou semânticos. Nas palavras do próprio teórico,

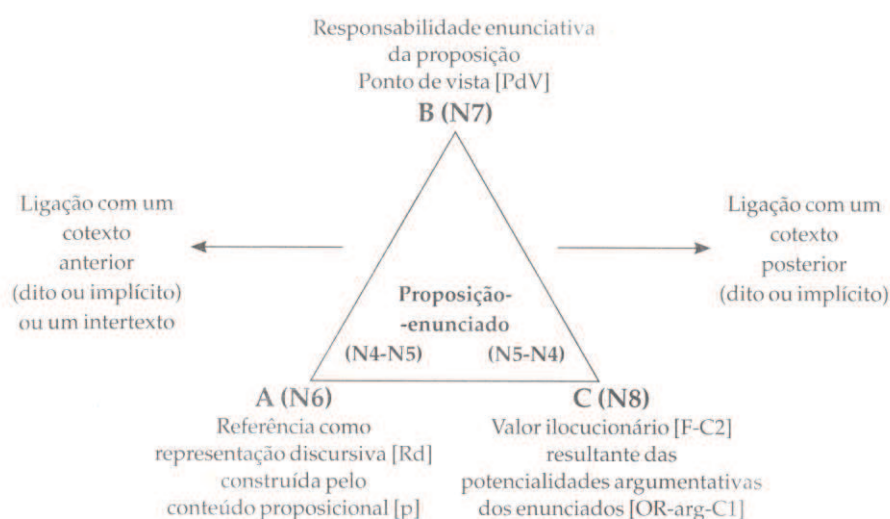
Ao escolher falar de *proposição-enunciado*, não definimos uma unidade tão virtual como a proposição dos lógicos ou a dos gramáticos, mas uma unidade textual de base, efetivamente realizada e produzida por um ato de enunciação, portanto, como um *enunciado mínimo*. (ADAM, 2011, p. 106).

Ainda em relação à acepção tradicional de proposição, Adam (2011) mantém a prerrogativa de que esse tipo de entidade liga um objeto de discurso – seja ele um tema ou um sujeito – e aquilo que dele se diz por meio de um predicado verbal ou nominal, o que acarreta, respectivamente, enunciados verbais ou nominais (p. 109). No contexto desta pesquisa, como nos referimos anteriormente, interessa-nos a relação entre objetos de discurso relacionados ao álcool e a relação que mantêm com predicados a eles atribuídos.

Partindo da ideia de que não há enunciados construídos isoladamente – ao que Adam (2011) chama de *condição de ligação* – o teórico pondera que “[...] um enunciado elementar liga-se a um ou vários outros e/ou convoca um ou vários outros

em resposta ou como simples continuação” (ADAM, 2011, p. 109). A imagem a seguir deixa clara essa relação de continuidade mantida pelas proposições-enunciado no decorrer do plano textual:

Figura 6 - A proposição-enunciado e suas três dimensões



Fonte: Adam (2011, p. 111).

Em primeiro lugar, é preciso atentar para as setas que apontam para as extremidades esquerda (contexto anterior) e direita (contexto posterior) da figura: essas marcas gráficas indicam a conexão entre as proposições-enunciado em um texto. Nesse sentido, é importante enfatizar que essas setas não remetem apenas a marcas linguísticas explícitas, mas, da mesma forma, ao que se pode inferir em uma situação de leitura ou produção de textos.

As letras A, B e C, por sua vez, remetem às dimensões da proposição-enunciado: referencial (A), que abarca uma *representação discursiva*; enunciativa (B), que remete a um ponto de vista, isto é, atrela – ou não – o enunciado à identidade daquele que o produz; finalmente, argumentativa/ilocucionária (C), que indica ao leitor como a proposição-enunciado deve ser entendida: uma crítica, uma ordem, uma sugestão etc. Nos dizeres de seu proponente,

As três dimensões complementares de uma proposição-enunciado são: uma dimensão enunciativa [...] que se encarrega da representação construída verbalmente de um conteúdo referencial [...] e dá-lhe uma certa potencialidade argumentativa [...] que lhe confere uma força ou valor ilocucionário [...] mais ou menos identificável. (ADAM, 2011, p. 109).

Em relação à dimensão referencial (A), é preciso lembrar, como o faz o teórico, que não se trata de separá-la das demais dimensões, conferindo-lhe maior ou menor importância, mas, sim, de notar que é nessa componente que se encontra o que chama de “o valor descritivo de todo enunciado” (ADAM, 2011, p. 110). A referência, portanto, é vista “como uma construção operada no e pelo discurso de um locutor e como uma (re)construção por um interpretante” (ADAM, 2011, p. 110). Ao produto dessas operações o autor chama *representação discursiva*, conforme referimos anteriormente. Enquanto tal, encontra-se no domínio da verdade ou da falsidade, ou, até mesmo, no domínio da ficção.

No que tange ao nível B, este pode ser entendido através da noção de *validade*, em que

[...] um enunciado (uma Rd) é válido conforme o locutor (EU-válido), conforme seu ou seus interlocutores (TU-válido), conforme os outros (delocutivos ELE(s)/ELA(s)-válido), para todos (NÓS-válido) ou conforme a opinião comum, a doxa das máximas, provérbios e ditados (NÓS, ALGUÉM, A GENTE-válido). O peso da validade de um enunciado, que liga, portanto, uma Rd [A] a um PdV [B], é um aspecto essencial de seu valor argumentativo [C1] e de seu valor ilocucionário [C2].

Dito de outra forma, a validade de um enunciado repousa não apenas no reconhecimento das identidades do locutor e do interlocutor, mas também, no reconhecimento das identidades daqueles que de quem se fala, sejam os delocutivos – aqueles que não falam, por assim dizer – seja de uma comunidade, ou, ainda, de provérbios e ditados que circulem em tal comunidade. A ligação entre as três dimensões, portanto, não representa uma ordem hierárquica, mas, uma lógica de dependência mútua, como alude o trecho citado.

Situadas as três dimensões da proposição-enunciado, cabe mencionar outras peculiaridades que Adam (2011) lhes atribui.

Em primeiro lugar, é importante dizer que as proposições-enunciado possuem valor descritivo, através do qual um locutor constrói, como já enfatizei, uma representação, ou um objeto de discurso comunicável. Nesse sentido, podemos dizer que uma Representação discursiva remete ao que Adam (2011) chama de microuniverso semântico, o qual é composto por um tema, ou Objeto de discurso, e seu desenvolvimento por meio de uma predicação (p. 113).

Nesse processo,

[...] é o interpretante que constrói a RD a partir dos enunciados (esquemáticação), em função de suas próprias finalidades (objetivos, intenções) e de suas representações psicossociais da situação, do enunciador e do mundo do texto, assim como de seus pressupostos culturais. (ADAM, 2011, p. 114).

Em sua concepção inicial, minha pesquisa contemplava apenas o escrutínio dos objetos de discurso. Entretanto, um breve exame dos dados mostrou que a adoção do conceito de representação discursiva seria um expediente produtivo, uma vez que me permitiria dar conta não apenas dos processos fóricos subjacentes aos referidos objetos, mas, da mesma forma, às predicções a eles atribuídas. Como demonstrarei, essa escolha há de me permitir analisar a matéria textual em sua completude, e não apenas parte dela, como era a ideia inicial.

Quanto à Responsabilidade Enunciativa dos enunciados, estas, conforme propõe Adam (2011), remetem a pontos de vista (Pdv), que são geralmente introduzidos por marcas linguísticas como *segundo*, *para* etc. Nas palavras do teórico, “o grau de responsabilidade enunciativa de uma proposição é suscetível de ser marcado por um grande número de unidades da língua” (ADAM, 2011, p. 117-121). Vejamos quais são elas.

A rigor, essas unidades estão distribuídas em oito categorias: índices de pessoas (pronomes); dêiticos espaciais e temporais (de caráter situacional, quando ligados ao contexto, e anafóricos, quando relacionados ao contexto); tempos verbais; modalidades; diferentes tipos de representação da fala (o discurso direto, o discurso direto livre, bem como o discurso indireto, o discurso narrativizado, e o discurso indireto livre); indicação de quadros mediadores (através de SPs como de acordo com, para, segundo etc); modalização autonímica; indicações do pensamento e percepções do relatado.

Como demonstrarei, grande parte dessas unidades emergirão dos textos, em maior ou menor saliência.

Em relação à orientação argumentativa dos enunciados, retomo uma ideia basilar para sua compreensão, à qual aludi na seção introdutória de minha pesquisa: “Todo o enunciado possui um valor argumentativo, mesmo uma simples descrição desprovida de conectores argumentativos [...]” (Adam, 2011, p. 122). Isso é verificável por intermédio de um exemplo do próprio autor:

T19 Quadro verdejante
 Rochedo nítido e maciço
 O passo do urso
 Tem tudo para agradar.

Como explica o teórico, os adjetivos *verdejante*, *nítido* e *maciço*, em consonância com o predicado generalizante *tem tudo para agradar*, orienta argumentativamente o leitor ao desejo de estar em um lugar como o descrito.

Entretanto, caso esse exemplo pareça distante aos leitores e leitoras brasileiros, reporto-me ao que disse o procurador regional do Ministério Público Federal (MPF) sobre a impossibilidade de o referido ex-presidente participar do primeiro debate eleitoral relativo ao processo de 2018, na TV Bandeirantes:

[...] cumpre consignar que a situação jurídica de Luiz Inácio Lula da Silva não é a de um cidadão em pleno gozo de sua liberdade, mas de preso condenado com as restrições impostas pelo ordenamento jurídico brasileiro, cuja pena está em fase de execução.¹⁹

No exemplo acima, colhido da página UOL, a menção ao *status* judiciário do ex-presidente – auferível por meio de sentenças declarativas – já aponta para a interpretação preferida por seu enunciador: dada essa situação, o ex-presidente não pode deixar a prisão, em Curitiba, para tomar parte no debate em rede aberta nacional de televisão. Note-se que, embora, nesse trecho, não haja um conector causal explícito, essa relação emerge do texto pela simples menção à situação em que Luís Inácio se encontra.

Entretanto, interessam-me, também, aquelas representações discursivas em que a orientação argumentativa aparece explicitamente marcada.

Os conectores, segundo Adam (2011), agrupam-se em três grandes categorias: conjunções coordenativas, conjunções e locuções conjuntivas, bem como em grupos nominais e preposicionais. Segundo o mesmo teórico, podem, ainda, do ponto de vista tipológico, ser classificados como conectores argumentativos, organizadores e marcadores textuais, bem como marcadores de responsabilidade enunciativa.

Em termos funcionais, “esses três tipos de conectores exercem uma mesma função de ligação semântica entre unidades de níveis diferentes” (ADAM, 2011, p.

¹⁹ Fonte: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/08/01/nao-e-lula-que-acredita-estar-acima-da-lei-diz-equipe-do-petista-a-lava-jato.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2018.

180), sendo o nível que mais me interessa o da proposição-enunciado. São empregados no texto com a finalidade de “marcar duas unidades semânticas” (ADAM, 2011, p. 180), contribuindo, dessa forma, para o que o teórico chama de linearização do discurso.

Também convém destacar que o emprego desses conectores, caso lembremos o que postula o teórico, é sensível aos gêneros discursivos a que remetem os textos. No contexto de minha pesquisa, considerando que trato do gênero *reportagem*, no que tange à Superinteressante, e à presença de gêneros discursivos variados, como a receita, o artigo de opinião, a literatura de auto-ajuda, verificados nos textos da página Papo de Homem, demonstrarei que tal máxima é mantida.

Nesse sentido, destaco o papel dos conectores argumentativos nesses textos, visto que, guardadas as devidas proporções entre os veículos que analiso, os textos de meu *corpus* são marcadamente argumentativos: as reportagens da Superinteressante atentam para os malefícios causados pelo álcool, além de questões ligadas indiretamente ao consumo da substância, como o espaço que o álcool tem na mídia, a relação entre adolescentes e o álcool etc. Os textos da página Papo de Homem, por sua vez, constroem sentidos de álcool de valor positivo, remetendo a supostas benesses advindas do consumo e do conhecimento sobre a substância, como a socialização, o viés histórico atrelado ao álcool, dentre outras *esquematisações*, para citar um termo de Grize (1990). Em termos de orientação argumentativa e de atos de discurso – categoria correlata à anterior, como já me referi – demonstrarei que, nos textos da Super, abundam os atos de caráter assertivo-constativo, bem como atos declarativos, e diretivos – muitas vezes, implícitos – que se prestam às construções de sentidos que privilegiam advertências (uma espécie de *sugestão para não fazer*, uma espécie de *ato diretivo às avessas*), críticas etc. Da mesma forma, em Papo de Homem, além dos atos acima mencionados, aparecerão diversos atos de cunho expressivo.

Quanto a sua tipologia, os organizadores – ou marcadores – textuais podem ser de três sortes: espaciais, temporais e enumerativos. Enquanto tal, sua função primeira é a de segmentar e ordenar a matéria textual (ADAM, 2011, p. 186).

Os marcadores de responsabilidade enunciativa, segundo Adam (2011), por sua vez, operam a atribuição de uma porção de texto a um ponto de vista, como se observa no exemplo abaixo, que intitula o texto aludido na página anterior, e que versa

sobre a impossibilidade de Lula participar do primeiro debate eleitoral em televisão aberta de 2018:

“Não é Lula que acredita estar acima da lei”, diz equipe do petista à Lava Jato.

No exemplo acima, a porção de texto *diz equipe do petista à Lava Jato* marca a responsabilidade enunciativa atrelando-a a quem a proferiu – que, nesse caso, é a fonte da qual a informação provém.

A identificação da responsabilidade enunciativa dos enunciados pode ser operada por meio de três categorias: pelos marcadores de reformulação (como a paráfrase²⁰, quando introduzida por expressões tais quais *dito de outra forma, em outras palavras* etc), pelos marcadores de estruturação da conversação (*bem, bom, pior, então*), e pelos marcadores fáticos (*você vê, tu sabes*). Esses dois últimos tipos são associados, como propõe Adam (2011, p. 188), a textos orais. Ainda sobre os marcadores de reformulação, é importante dizer que assinalam uma retomada metaenunciativa, que, em muitas ocasiões, ou modificam um ponto de vista previamente expresso, ou associam tais pontos de vista a marcadores de integração linear de caráter conclusivo.

Quanto aos conectores argumentativos – que me interessam sobremaneira – estes obedecem a quatro tipologias, segundo seu proponente (adam, 2011, p. 190): marcadores de argumento (ou causais); marcadores da conclusão; contra-argumentativos marcadores de um argumento; contra-argumentativos marcadores de argumentos.

Os marcadores causais têm valor de justificativa ou de explicitação – verificáveis através do emprego de marcas linguísticas como *porque, já que, com efeito* etc. – além de operarem construções de mundo, prototipicamente introduzidas por intermédio da preposição *se*.

Os contra-argumentativos marcadores de um argumento, bem como os contra-argumentativos marcadores de argumentos, possuem valor adversativo, e são verificáveis através pelo emprego de expressões como *mas, contudo, porém, entretanto, ainda que, apesar de que* (ADAM, 2011, p. 191), e de todas as outras que forem portadoras de tal valor²¹.

²⁰ Grifo meu, admitindo-se o pressuposto de que toda a paráfrase encerra em si uma reformulação.

²¹ Grifo meu, embasado na leitura da obra referida.

Finalmente, terminarei este capítulo discorrendo sobre a intrínseca relação entre as proposições-enunciado e os microatos de discurso, tal qual propõe Adam (2011).

Como defende o teórico, “toda proposição-enunciado possui um valor ou uma força ilocucionária” (ADAM, 2011, p. 124). Essa ideia baseia-se nos pressupostos de John Austin (1962), os quais não abordarei, assim como não abordarei as críticas feitas a esse filósofo da linguagem, como o faz Adam. No contexto de minha pesquisa, basta dizer que toda a proposição-enunciado vem acompanhada de um ato de fala²², ou de um microato de discurso, como propõe Adam (2011).

Os valores ilocucionários atribuídos aos atos de discurso cumprem duas grandes funções: expressão de uma atitude psicossocial e representação de um estado de coisas (ADAM, 2011, p. 129).

No que tange à representação, os atos obedecem a duas funções: a de constatação, por meio de atos assertivos; e a de performatividade, quando expressa gramaticalmente.

Em termos de expressão, entra em jogo aquilo que Adam (2011) chama de *atitude psicossocial*, que diz respeito à manifestação de sentimentos por parte de um enunciador. Também é necessário postular, à luz do que propõe o teórico, a intrínseca relação entre os atos de discurso expressivos e a performatividade: expressões como *obrigado!*, *desculpe!*, *eu lhe agradeço!*, remetem às ações de agradecer e desculpar-se.

Ainda sobre o conceito de performatividade, cabe citar os três tipos de atos de discurso que integram essa categoria: engajantes, diretivos e declarativos.

Os atos engajantes são aqueles “por meio dos quais nós nos engajamos em fazer essa ou aquela coisa” (ADAM, 2011, p. 129). São também chamados de *promissivos*, e de *metadiscursivos*, como frisa Adam (2011), ao retomar as nomenclaturas propostas por Searle (1972) e Vernant (1997), respectivamente.

Os atos diretivos são aqueles em que “tentamos fazer alguém fazer alguma coisa: *proibido entrar.*” (ADAM, 2011, p. 129). Sobre esse subtipo em particular, a partir de meus dados, especificamente, de um texto da página *Papo de Homem*, incluo a *sugestão*, de que o teórico não fala.

²² Grifo meu, haja vista que Adam (2011) não usa essa expressão, mas, sim, *ato de discurso*.

Por fim, os atos declarativos são aqueles em que, a um só tempo, prestam-se à enunciação e, através dela, à mudança, de um estado de coisas no mundo: *eu te batizo* (ADAM, 2011, p. 130).

Entretanto, como reforça Adam (2011), há certos enunciados que o ato ilocucionário não é evidente: o enunciado *cuidado com o cão*, por exemplo, pode ser interpretado

[...] como um ato protetor, destinado ao visitante, avisando-o para prestar atenção ao cão de guarda e ao perigo que este representa pra ele. Mas é, certamente, antes de tudo, uma ameaça, um diretivo cuja finalidade é [...] fazer com que os ladrões potenciais vão embora. (ADAM, 2011, p. 125).

Neste capítulo, procurei dar conta do conceito de proposição-enunciado, abordando suas três dimensões complementares: a representação discursiva, a responsabilidade enunciativa e a orientação argumentativa. Embora o cerne de minha proposta repouse sobre a primeira categoria, visto que essa abarca tanto os objetos de discurso, quanto as predicções a eles associadas, os demais níveis são importantes na medida em que embasam o entendimento de tais representações, pois aludem à fontes de informação de que se valem os produtores dos textos (incluindo a assunção ou a não assunção dessas fontes), bem como à expressão de seus pontos de vista.

Outro ponto válido de menção é que a orientação argumentativa e a responsabilidade enunciativa são válidas para esta investigação na medida em que mantém relação de afinidade com o *fim discursivo*, com as fontes de informação e com a identidade dos falantes, como propõe Charaudeau (2006, 2009, 2012).

Apresentadas as categorias de análise propostas por Adam (2011) de que me valerei neste trabalho, cabe, em tom concludente, frisar que esta tese dialoga com outros trabalhos que se valem desse arcabouço teórico. Nesse sentido, cabe citar o *Grupo de Pesquisa em Análise Textual dos Discursos*, coordenado pela professora Maria das Graças Soares Rodrigues, na UFRN, cujas publicações detêm-se, em sua maioria, à análise textual-discursiva de textos jurídicos.

No capítulo seguinte, portanto, apresento, primeiramente, a noção de Contrato de Comunicação (CHARAUDEAU, 2006, 2009). O segundo desdobramento desse capítulo é dedicado ao tipo de contrato que interessa a esta tese: o midiático.

4 O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA EM UMA ANÁLISE TEXTUAL-DISCURSIVA

Neste capítulo, abordo o *contrato de comunicação*, noção que rege a produção e a interpretação de textos de uma perspectiva Semiolinguística. Apresento, em 4.1, os elementos constituintes do contrato de comunicação, tanto externos, quanto internos. Os primeiros dizem respeito às condições materiais e sociais envolvidas em um ato linguageiro; os elementos internos dizem respeito às escolhas linguísticas e aos modos de organização do discurso de que se valem os parceiros da troca no ato em questão. Em 4.2, apresento o contrato de informação midiático, que sobredetermina, em parte, a produção de textos nesse domínio.

4.1 O contrato como um marco regulatório da produção e interpretação de textos

Tratando-se de uma investigação de caráter textual-discursivo, cabe discorrer sobre a condição essencial para que um ato de linguagem seja entendido em sua complexidade: o *Contrato de Comunicação* (CHARAUDEAU, 2005; 2006; 2010; 2012). Entretanto, antes de passarmos às peculiaridades do contrato, cabe situarmos o marco teórico sob o qual este se encontra: a *Semiolinguística*.

É importante mencionar que a Análise do Discurso, de acordo com a perspectiva charaudeana, adotada nesta investigação, também encontra-se sob esse domínio.

Em linhas gerais, a Semiolinguística tem como objeto de estudo os processos de construção de sentidos (por isso *semio*, de *semiose*) a partir do binômio *forma-sentido* – processos observáveis a partir dos usos da língua (por isso *linguística*) (CHARAUDEAU, 2005, p. 2).

O caráter semiológico dessa teoria supõe um *sujeito intencional*, dotado de um *projeto de influência*, isto é, um sujeito que se engaja em um ato linguageiro com uma *finalidade* ante a um sujeito interlocutor para agir sobre ele: convencê-lo, informá-lo, contradizê-lo, ironizá-lo etc.

O caráter linguístico da semiolinguística diz respeito às línguas naturais e sua dupla articulação: sintagmática e paradigmática. Essa dupla articulação se dá em vários níveis, como a palavra, a frase e o *texto* – este último é o procedimento de

semiotização que aqui interessa. A construção de sentido, na abordagem semiolinguística, portanto, ocorre exclusivamente pelo emprego das formas verbais. Nas palavras de Charaudeau (2005), “se há construção de um texto, trata-se daquela que depende das regras de *ordenamento* do verbal” (2005, p. 2).

A semiolinguística remete à *dimensão cognitiva* da linguagem, que pode ser entendida a partir de dois posicionamentos inversamente proporcionais. O primeiro deles questiona se há percepção e categorização do mundo fora da linguagem, enquanto o segundo advoga que tais processos se dão *estritamente* por meio da linguagem. Charaudeau opta pelo segundo posicionamento, procurando mapear as operações semântico-cognitivas que subjazem a estruturação linguística do mundo.

Outra questão pertinente em termos de linguagem e cognição diz respeito aos vários domínios do conhecimento que se dedicam a essa relação – *várias pragmáticas, várias psicolinguísticas*, caso nos remetamos aos termos usados pelo professor (CHARAUDEAU, 2005, p. 2) – o que dificulta a delimitação do campo de estudo. A escolha do teórico é integrar esses domínios do conhecimento em uma abordagem cujo traço mais marcante é a transdisciplinaridade. Sob uma perspectiva linguística, Charaudeau procura relacionar *questionamentos mais externos* – ligados à lógica das ações e à influência social – a *questionamentos mais internos* – voltados tanto às construções de sentido, quanto às de texto.

A noção metafórica do contrato, portanto, sistematiza a relação entre esses elementos internos e externos condizentes ao ato de linguagem, como procuraremos expor.

Para entendermos em que consiste o contrato de comunicação, precisamos, antes, remeter-nos a um de seus elementos primordiais: a *situação de comunicação*.

O pressuposto fundamental, como nos diz Charaudeau (2006) em relação a esse elemento, é o seguinte: todo ato languageiro é situado, isto é, ocorre em função de uma situação de comunicação²³ (2006, p. 1). Consequentemente, para entendermos um ato, precisamos, de antemão, compreender a situação no mundo em que ele ocorre. Tal afirmação pode nos levar a confundir a situação com um “domínio da prática social²⁴”, ou, ainda, com a noção de “contexto”, como afirma o teórico.

²³ “Como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se não existisse um quadro de referência?” (CHARAUDEAU, 2012, p. 67).

²⁴ Em relação a essa diferenciação, é válido mencionar que, em uma reformulação do conceito de situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2010), encontra-se a ideia de que tanto o domínio da prática social (DP), quanto a situação global de comunicação (SGC), e a situação específica de

Entretanto, a situação é mais restrita, se comparada com a prática social – uma vez que a situação de comunicação a implica – e mais ampla, se justaposta à ideia de contexto, que geralmente remete ao entorno linguístico²⁵ do que é dito.

A situação de comunicação é formada por quatro elementos, sendo que cada um deles pode ser parafraseado por um questionamento: a *finalidade* (comunica-se para dizer o quê?), a *identidade* (quem se comunica com quem?), o *propósito* (sobre o que se comunica?) e as *condições materiais* que subjazem os atos languageiros (em que circunstâncias se comunica?).

A *finalidade* é composta de visadas, que, por sua vez, acarretam atos distintos. A primeira visada tem por intuito *informar* (ou *fazer-saber*), por isso diz-se *informativa*; a segunda visada objetiva *convencer* (um *fazer-pensar*); a terceira visada compreende o ato de incitar (ou *fazer-fazer*), e, por essa razão, é chamada de *incitativa*; a quarta visada consiste em instruir (ou *fazer saber-fazer*). Em Charaudeau (2012)²⁶, encontramos outra visada, peculiar ao domínio midiático: *fazer-sentir* (ou *pathos*). Discorrerei sobre tal visada ao abordar o contrato de comunicação midiático, no segundo segmento desta subseção.

Embora constituam categorias distintas, é importante mencionar que as visadas não são mutuamente excludentes: é comum que elas coocorram. Por exemplo, em um gênero de fim argumentativo, como o artigo de opinião, em um primeiro momento, é possível abordar um problema social – o desemprego, trazendo dados sobre seu índice anual no país, suas causas etc. – um *fazer-saber*, portanto; e, em um segundo momento, apontar soluções para tal problema – um *fazer-fazer*, portanto.

A *identidade* baseia-se em categorias como idade, sexo – ou *gênero*, palavra que Charaudeau (2006) não emprega –, meio social, *status* (administrativo ou profissional), relações de poder, além de traços psicológicos dos interlocutores. Todos esses elementos compõem a identidade psicossocial dos parceiros de troca, e, portanto, deve estar em relação de pertinência com o ato de linguagem.

O *propósito* – ou *macrotema* – diz respeito ao domínio do saber que fundamenta cada ato de linguagem: política, economia, esportes etc.

comunicação (SEC) são elementos integrantes da Situação de Comunicação. Resumidamente, Charaudeau (2010) define a situação a partir de 3 elementos, enquanto Charaudeau (2006) o faz a partir de 4.

²⁵ Também chamado de *cotexto*.

²⁶ As caracterizações *informativa*, *incitativa*, *prescritiva* também encontram-se nessa publicação.

As *circunstâncias*²⁷ dizem respeito ao “marco material”, usando um termo do próprio teórico, em que o ato linguageiro ocorre. Em certas ocasiões, funciona como “dispositivo cênico”²⁸, como é o caso da televisão e da publicidade. As circunstâncias são menos notáveis em trocas como a conversa íntima, para a qual não há condições dadas, já que pode ocorrer praticamente em qualquer lugar – o terraço de uma cafeteria ou em um lugar fechado, caso retomemos exemplos do próprio autor (p.1-2).

Até este ponto, abordei as normas psicossociais que compõem a situação de comunicação. Entretanto, estes não são os únicos elementos de que esta se compõe: é preciso levar em consideração as instruções para a encenação²⁹ do discurso. Em consonância, esses dois elementos operam na construção do sentido de um ato de linguagem: o primeiro pode ser entendido como a dimensão interna (ou “espaço interno”) do ato linguageiro, e remete a normas situacionais; o segundo diz respeito a dimensão externa (ou “espaço externo”³⁰) do ato e compreende suas normas discursivas.

Essas duas dimensões são essenciais para que se entenda o modelo *sociocomunicacional* de discurso, proposto por Charaudeau (2010), em que se encontra a noção de contrato. Seu diferencial consiste em relacionar o ato linguageiro a “um *fora da linguagem* que o condiciona através da definição de três lugares de pertencimento e de uma teoria da situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2010, p. 17).

Esses três lugares de pertencimento, já brevemente referidos, são (2010, p. 13-14):

Domínios da prática (DP) – remetem às práticas sociais em que se inserem os atos linguageiros, os lugares em que ocorrem, que podem ser entendidos como

²⁷ Ou *dispositivo*, caso tomemos a classificação presente em Charaudeau (2012) como referência.

²⁸ A analogia com o teatro não se estende apenas às circunstâncias, mas à própria ideia de situação de comunicação, que é vista “como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui seu valor simbólico” (CHARAUDEAU, 2012, p. 67).

²⁹ Ou seja, *como dizer*, conforme Charaudeau (2012).

³⁰ Que, por sua vez, divide-se em três outros espaços (CHARAUDEAU, 2012): a *locução*, em que o sujeito falante toma a palavra (ou seja, “em nome de quê” ele o faz); a *relação*, que diz respeito às relações de força do locutor para com o interlocutor – que podem ser de *aliança*, *exclusão*, *inclusão*, *agressão*, *convivência* etc.; e, finalmente, a *tematização*, que envolve não apenas a definição do tema, mas os meios de abordá-lo. Em relação a tais meios, é necessário que o locutor escolha, primeiramente, um *modo de intervenção*, para, então, eleger um *modo de organização do discurso*.

recortes do espaço social. Como exemplo disso, temos o domínio político, o domínio jornalístico, o domínio midiático³¹ etc. Esse domínio não mantém relação com disciplinas em particular, mas ao mundo fenomênico, isto é, fatos mundanos passíveis de serem observados. Nas palavras de Charaudeau (2010), os DP

“são lugares de produção das interações sociais organizadas em setores de atividade social que se definem por um conjunto de práticas finalizadas [...] resultam de um jogo de regulação das relações de força que aí se apresentam, e instauram um recorte do espaço social como lugar simbólico de uma atividade ordenada de atores sociais em torno de uma finalidade que implica regras de troca” (CHARAUDEAU, 2010, p.7)

Situação global de comunicação (SGC) – Pode ser considerada a primeira etapa de transição entre o domínio das práticas sociais e o domínio da troca comunicacional. Também é tida como um dispositivo conceitual que remete ao número de envolvidos – as *instâncias de comunicação* – bem como a seus estatutos e funções no ato linguageiro, às relações que mantêm essas instâncias, à finalidade da troca e ao domínio temático. Por exemplo, em relação à SGC concernente às mídias de informação, podemos dizer que esta exige uma *instância de informação*, uma *instância pública* (a midiatização), um fim discursivo voltado a *saber fazer e a comentar os acontecimentos no mundo* e um domínio temático que remete a eventos ocorridos em espaços públicos. Nos termos de seu proponente, a SGC

[...] é um primeiro lugar de construção do domínio das práticas sociais em domínio de troca comunicacional [...]. Esta situação se define conceitualmente pelo número de instância de comunicação presentes, o que as legitima quanto a seu papel e estatuto, os tipos de relação que se instauram entre elas, a finalidade discursiva que ela visa alcançar e o domínio temático que a ela se filia [...] segundo um dispositivo [...] considerado conceitual porque ele não prejulga a especificidade desses elementos. (CHARAUDEAU, 2010, p. 7).

Situação específica de comunicação (SEC) – é a segunda etapa de transição entre o domínio da prática e o domínio comunicacional. Remete às “condições físicas da situação de linguagem” (CHARAUDEAU, 2010, p. 14), como a definição dos sujeitos envolvidos na troca por intermédio de suas dimensões social (externa) e comunicacional (interna). É na SEC que se encontra o que Charaudeau chama de

³¹ Domínio sobre o qual se debruça desta investigação.

“dispositivo material” (p. 15) da troca linguageira, que remete à “materialidade do sistema semiológico”, ou, em termos mais frouxos, à forma como a troca linguageira se apresenta: a situação *de troca* pode ser *monolocutiva*³² ou *interlocutiva*; seu suporte pode ser variado: papel, audiovisual, eletrônico³³ etc.

Enfatizo que me valerei dessa articulação entre o ato linguageiro e um elemento “fora da linguagem”, seja ele a situação de comunicação, proposta em Charaudeau (2010), para caracterizar as condições de produção de recepção/interpretação dos textos que analisarei no capítulo 6.

A partir das dimensões externas e internas do ato de linguagem, percebe-se que este se trata de um processo, de uma *construção*, e não de um evento fortuito. A repetição desses atos faz com que estes se estabilizem, de maneira a criar uma tipologia, que, por sua vez, passam a server de pontos de referência aos falantes. Também é importante referir que, nesse processo, a *reciprocidade* é uma noção pressuposta: ao se engajarem em uma troca linguística, espera-se que os parceiros tenham um propósito em comum, e, para tal, têm de reconhecer os quatro níveis da situação de comunicação como ponto de partida. O contrato de comunicação, portanto, é o elemento regulador das trocas linguísticas, pois determina as condições de realização de um ato de linguagem. Para que um ato seja considerado válido, são necessárias duas condições: (i) ser condizente com a intencionalidade do sujeito comunicante; e (ii) poder ser interpretado pelo sujeito receptor/interpretante. Portanto, o contrato consiste em uma relação de reconhecimento, como se nota das palavras do estudioso francês:

O reconhecimento do contrato é o que permite vincular texto e contexto, dizer e situação de dizer, de maneira que essa obrigação de reconhecimento não inclui somente o “saber” e o “saber dizer”, mas também o “querer dizer” e o “poder dizer”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 2).³⁴

³² Como é o caso de meus *corpora* de análise.

³³ No que tange ao suporte dos textos que analisarei, particularizo o subtipo *eletrônico*, postulado pelo teórico, adicionando a peculiaridade *online*, visto que me debruço sobre produções textuais disponíveis na Internet. Sinalizo para essa categorização na medida em que apenas o adjetivo *eletrônico* é vago, pois pode remeter a textos digitalizados, como aqueles em formato *.pdf*. Ao me referir a *textos eletrônicos online*, ou apenas a *textos online*, desfaço tal ambiguidade (grifo meu).

³⁴ “El reconocimiento del contrato es lo que permite vincular texto y contexto, decir y situación de decir, de suerte que esta obligación de reconocimiento no incluye solamente el “saber” y “el saber decir”, sino también el “querer decir” y el “poder decir” (CHARAUDEAU, 2006, p. 2). Tradução minha.

O contrato de comunicação determina de tal maneira o ato linguageiro que nem é preciso abordar espaço interno para se ter alguma noção de seu conteúdo: o próprio contrato já dá indícios: “o contrato remete ao que se fala antes que qualquer um tenha falado, ao que se compreende mesmo antes de ter sido lido” (CHARAUDEAU, 2006, p. 2)³⁵. Essa relação de reciprocidade pressuposta entre os parceiros do ato – produtor e receptor – faz com que um texto não signifique por si só, mas a partir de suas condições de comunicação: seja no discurso publicitário, no pronunciamento de um político, em uma aula, como exemplifica o teórico (p. 3), ou em quaisquer outras situações em que se cogite um ato de linguagem, de acordo com a lógica charaudeana.

Também é importante mencionar que a ideia de contrato em questão mantém pontos de aproximação com outras noções em Linguística: *intersubjetividade* (BENVENISTE, 1966), *dialogismo* (BAKHTIN, 1978), *intenção coletiva* (SEARLE, 1991), *intencionalidade conjunta* (JACQUES, 1991), *teoria da pertinência* (GRICE, 1975; SPERBER e WILSON, 1979; FLAHAUT, 1979) e os *marcos de experiência* (GOFFMAN, 1991). Como propõe Charaudeau (2006), essas noções aproximam-se do contrato de comunicação, uma vez que pressupõem as ideias de inter-relação e de coconstrução do sentido pelos participantes do ato linguageiro. Entretanto, afastam-se – e eis o diferencial do contrato, conforme o teórico (2006, p. 3) – na medida em que nenhuma dessas noções procura articular as dimensões sociais – ou *psicossociais*, situadas no *espaço externo* – às dimensões discursivas – o domínio do *dizer*, inscrito no *espaço interno* – da situação de comunicação.

Certa parcela dos exemplos apresentados até este ponto remete a situações de trocas *orais*. O contrato de comunicação, entretanto, também é de bastante valia na análise de *corpora* escritos, uma vez que permite a análise da estrutura dos textos por meio de marcas enunciativas tais como conectores, tempos verbais modalidades e *marcas de coesão*, que me interessam sobremaneira nesta investigação – mais precisamente, *marcas de coesão referencial*, cerne dos estudos sobre referenciação.

Tendo situado o contrato a partir de aspectos gerais, cabe, a partir deste ponto, abordar as condições da troca linguageira (p. 7), o que implica abordar os perfis dos sujeitos comunicante e interpretante.

³⁵ “El contrato es de lo que se habla antes que cualquiera haya hablado, lo que es comprendido incluso antes de que se haya leído” (CHARAUDEAU, 2006, p. 2). Tradução minha.

O sujeito comunicante caracteriza-se por, primeiramente, ter objetivos definidos quando se engaja em uma troca – dito de outra forma, não o faz de maneira impensada. O que o compele, nesse sentido, é uma combinação entre razão (objetividade) e sentimentos (subjetividade), elementos regulados pela situação em que o ato se insere. Para cumprir a *finalidade* de seu ato, o sujeito comunicante precisa valer-se de estratégias para produzir *efeitos de sentido* no outro. Vejamos como tais efeitos atuam sobre o (s) outro (s) parceiro (s) da troca.

Ao sujeito receptor – ou interpretante – por sua vez, cabe interpretar a finalidade do comunicante através de sua própria finalidade, e isso, tampouco, se dá de forma aleatória, mas na forma de restrições contratuais. Para tal, é preciso que o receptor conheça o contrato de comunicação em questão – seja de antemão, seja progressivamente, no decorrer da interação – mas ele não tem acesso *direto* ao projeto de fala de seu parceiro. No caso de haver mais de um sujeito receptor, podem ser reconhecidas diferentes intenções em relação a um mesmo contrato. Considerando essa inacessibilidade, resta ao receptor partir dos enunciados do comunicante para, através das marcas linguísticas, reconhecer seus propósitos. Esse processo envolve, portanto, *inferências interpretativas*, se quisermos nos ater à sistematização proposta pelo linguista:

É neste ponto em que se pode afirmar que emissor e receptor, sujeito comunicante e sujeito interpretante são, ao mesmo tempo, predeterminados e livres na construção dos acordos pessoais e dos efeitos que estes implicam (CHARAUDEAU, 2006, p. 8)³⁶.

No trecho anteriormente citado, no que tange ao caráter pré-determinado e, simultaneamente, livre que recai sobre emissor e receptor, cabe lembrar o que diz Charaudeau (2012), em que o teórico alude à relativa liberdade dos parceiros da troca por meio da metáfora *margem de manobra*³⁷, que lhes permite adequar seus discursos à situação de comunicação. Em Charaudeau (2010) consta que os sujeitos da troca linguística são *parcialmente* sobredeterminados. Todas essas sistematizações vão ao encontro da ideia de que, embora haja uma situação *socialmente instituída*, como

³⁶ Es en este punto en que se puede afirmar que emisor y receptor, sujeto comunicante y sujeto interpretante, son a la vez predeterminados y libres en la construcción de los acuerdos personales y de los efectos que estos implican (CHARAUDEAU, 2006, p. 8). Tradução minha.

³⁷ Em Charaudeau (2010) encontra-se a ideia de que o *sujeito do discurso* é “relativamente livre para se posicionar perante ela [a situação de comunicação]” (CHARAUDEAU, 2010, p. 17).

alude Charaudeau (2015), ainda assim, os parceiros da troca possuem liberdade para, a partir dessa situação, elegerem os comportamentos linguageiros que lhes convierem.

Entretanto, devido ao princípio da alteridade sujeito comunicante e sujeito receptor não podem ser vistos de forma dissociada: o *ego* (eu, ou *moi*) só se define ante a presença do outro, que é, ao mesmo tempo, *semelhante* e *diferente* (CHARAUDEAU, 2010). Essa situação se mostra de forma paradoxal, uma vez que, quanto mais semelhantes esses sujeitos são, menos evidente é a noção de *ego*; quanto menos semelhantes, mais o *ego* se destaca. Trata-se, portanto, como nos diz o teórico, de uma relação antagonista baseada nos princípios de atração e rejeição (p. 17). Esse antagonismo recrudesce, por exemplo, quando vêm à tona conflitos em que o interlocutor não reconhece a legitimidade do comunicante (rejeição), ou, ao contrário, quando filia-se a ele, compartilhando de sua visão do mundo.

Aceitando que o sujeito do discurso é livre, e, ao mesmo tempo, subordinado às restrições de que falei, cabe abordar brevemente a *individualização*, que diz respeito às formas de diferenciação que tal sujeito adota para manifestar sua subjetividade.

Além do princípio da alteridade, o sujeito do discurso também pode ser definido como sendo um *sujeito de saber* e um *sujeito relacional* (2010, p. 18).

Sujeito de saber pois percebe e apreende saberes mundanos através de *sistemas de conhecimento*. Tais sistemas podem ser (i) da ordem do *conhecimento* – quando constituírem um saber objetivado, exterior ao sujeito – por exemplo, quando se baseia em uma *experiência compartilhada*³⁸, ou em um *saber organizado*, como a lei da gravidade; ou (ii) da ordem da crença, constituindo um saber subjetivado, interior ao sujeito, já que diz respeito a seus juízos sobre o mundo a partir, justamente, daquilo que ele crê ser verdade. Tais julgamentos encontram-se em discursos de comunidades sociais, que povoam tanto o imaginário coletivo, quanto individual dos falantes.

Sujeito relacional pois precisa, para a felicidade do da troca comunicacional, levar em conta três questionamentos:

- i. O outro percebe o que me autoriza a falar?
- ii. O outro crê em mim?

³⁸ Como saber em que consiste uma maratona por já haver participado desse tipo de evento.

iii. O outro aceita entrar em relação comigo?

O primeiro questionamento remete à questão da *legitimidade*: se o interlocutor não percebe o que dá direito ao locutor de tomar a palavra, cabe a este valer-se de estratégias que lhe façam parecer legítimo ante seu parceiro.

O segundo questionamento remete-nos à *credibilidade*: caso o interlocutor não a reconheça, é preciso que o locutor se valha de estratégias para parecer crível ante seu parceiro.

Finalmente, o terceiro questionamento remete-nos à *captação*: caso o interlocutor não demonstre vontade de interagir, cabe ao locutor tentar parecer amável, tratando seu parceiro com respeito, reconhecendo sua identidade etc. Trata-se, em outras palavras, de como *persuadi-lo* ou *comovê-lo* para que ele adira à interação.

A partir desses questionamentos, é possível, então, falarmos de *estratégias de individuação*, tal como propõe Charaudeau (2010).

A *legitimação* (primeiro questionamento) se faz necessária em duas ocasiões: quando o sujeito não está certo do que pretende dizer, ou quando não está certo do reconhecimento de sua legitimidade por parte de seu interlocutor. Essa estratégia exige *espírito de seriedade* e o *conhecimento* ou filiação/experiência a um domínio específico do conhecimento.

A *credibilidade* (segundo questionamento) consiste na criação, por parte do locutor, de uma imagem de si próprio – ao que Charaudeau nomeia *ethos*, em consonância com a classificação de Aristóteles proposta na Retórica: o interlocutor deve, caso queira ser acreditado, demonstrar sensatez e ponderação em sua ação linguageira, apontando argumentos, justificando escolhas etc.

Por fim, a estratégia de *captação* (terceiro questionamento) se faz necessária quando o sujeito locutor não possui autoridade perante seu interlocutor. Para atrair seu interesse, volta-se a provocar emoções (*pathos*) para (i) fazer o parceiro compartilhar sua opinião ou (ii) fazer com que este adira irracionalmente a seus sentimentos.

A validade do modelo sociocomunicacional do discurso, de Charaudeau, simbolizado pela metáfora do *contrato de comunicação*, reside na ideia de que este

[...] é tanto uma hipótese sobre o funcionamento do ato de linguagem como permite por meio de sua decomposição analisar diferentes aspectos seus: um sujeito do ato de linguagem desdobrado em identidade social e identidade discursiva, ao mesmo tempo sob as restrições dos dados situacionais, tende a se individualizar recorrendo a estratégias discursivas, e cuja instauração em termos de linguagem produz um texto que é portador de efeitos de sentidos possíveis, resultados de uma acumulação de coconstrução de efeitos visados e efeitos produzidos (CHARAUDEAU, 2010, p. 19).

Nesta seção, procurei discorrer sobre os principais aspectos que fundamentam a noção de Contrato de Comunicação, proposta por Patrick Charaudeau. O contrato é, nesta proposta, fundamental, pois, conforme mostrarei, os processos de referenciação relacionados à categoria *álcool*, seja na revista *Superinteressante*, seja no sítio *Papo de homem*, são, inevitavelmente, sobredeterminados pelas condições situacionais em que se inserem, tanto externas, se pensarmos nas identidades dos sujeitos psicossociais envolvidos no ato linguageiro, quanto internas, caso nos remetamos às restrições discursivas que operam sobre as escolhas linguísticas dos sujeitos do discurso.

Tendo em conta que contemplarei o domínio *mediático*, cabe, no próximo segmento, abordar o contrato de comunicação condizente a tal domínio – que subscreve o que foi dito até aqui em termos gerais sobre o contrato, mas apresenta peculiaridades, em sua maioria, contraditórias. Não por acaso, conforme argumentarei.

4.2 O contrato de comunicação midiático: um tipo particular de marco regulatório

O contrato midiático é formado por duas dimensões, às que Charaudeau (2012) chama *instância de produção* e *instância de recepção*.

A instância de produção possui, em termo de visadas, dupla finalidade: *informar* e *captar*. Cabe a essa esfera que organizar não só o sistema de produção da informação, mas também a forma como se enuncia a informação. Por exemplo, em relação à revista *Superinteressante*, pode-se apontar os vários expedientes de captação de que a publicação se vale para enunciar as informações que veicula: uso de infográficos, de imagens – o que inclui não apenas fotografias, mas ilustrações que coconstroem os sentidos de seus textos, e que, não raras as vezes, trazem figuras da cultura pop, como personagens de filmes, séries e histórias em quadrinhos. Como aludo adiante, embasado pelas ideias do professor Charaudeau (2012), não se trata

apenas de publicar informações, mas, sim, de fazê-lo de modo a apelar à atenção dos leitores e leitoras, cativando-os.

A instância de recepção caracteriza-se por dois traços: *interessa-se pela informação* e *procura disfrutar do momento em que a acessa*, estabelecendo uma relação de *prazer* com o produto midiático. Esses traços são evidentes na figura a seguir, obtida através de uma pesquisa a partir do termo *leitura*³⁹, no Google Imagens:

Figura 7 - Imagem que mostra o caráter frutivo da leitura



Fonte: Google Imagens.

Embora desprovida de marcas linguísticas, a imagem permite a seguinte interpretação: a moça retratada em um momento de leitura interessa-se pelo conteúdo do livro, a julgar pelo sorriso que ostenta, visto que, caso assim não fosse – por exemplo, se ao invés de sorrir, franzisse o cenho – demonstraria, minimamente, desinteresse pela obra; além disso, vê-se que se trata de um momento de fruição, em que a moça não apenas lê o livro, mas o faz de maneira tal que permite ao observador auferir o prazer que advém da ação, dada a forma como se apresenta a seus olhos: de pés descalços e apoiados no assento do sofá, algo que só é aceito em circunstâncias sociais não monitoradas. Dificilmente ela poderia postar-se de tal forma

³⁹ *Reading*. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=firefox-b-ab&biw=1133&bih=545&tbid=isch&sa=1&ei=dYCNW82aLYOTwgTSop3oCg&q=reading&oq=reading&gs_l=img.3...55902.59200.0.59374.21.10.0.0.0.0.0.0...0...1c.1.64.img..21.0.0.0...0.5_nz_FKvJ8U#imgcr=V_IndjupbeZn_wM>. Acesso em: 28 ago. 2018.

em um contexto formal, como em uma sala de aula, ou em um ambiente profissional, por exemplo.

Além desses traços, a instância de recepção é pensada a partir de duas categorias: *instância alvo* e *instância público*.

Como diz Charaudeau (2012), essa relação entre as duas instâncias pode parecer óbvia. Entretanto, não o é por dois motivos: (i) não se trata de pura e simplesmente *transmitir* informações, mas de confrontar um acontecimento no mundo, produzindo saber sobre ele; (ii) devido à variedade, o público pode não condizer com as representações das quais dispõe a instância de produção no momento em que elege potenciais alvos. A noção de contrato permite, nesse sentido, um olhar em perspectiva sobre a troca linguística, ao invés de a aceitarmos de forma pacífica.

É importante explorar os variados atores da instância de produção – a instância *midiática* – dentre os quais destacam-se, prioritariamente, o (a) jornalista, além da direção do veículo, da direção de programação, da direção de redação, dos técnicos que operacionalizam a logística do processo. É devido a tal variedade que por vezes é difícil atribuir autoria aos textos que circulam na mídia (CHARAUDEAU, 2012, p. 74).

O (a) jornalista é aquele (a) quem leva a informação ao público. Para cumprir sua função, precisa inteirar-se de seu objeto de interesse, os fatos no mundo. Essa figura pode ser pensada através de dois perfis: *fornecedor (a) de informações*, ou *descritor (a)-comentador (a)*.

No caso do (a) fornecedor (a) de informações, a problemática orbita a natureza das fontes de informação de que se vale o jornalista, e de seus critérios de seleção. Isso porque não se pode cobrir todos os fatos que ocorrem no mundo a um mesmo tempo devido a condições logísticas. Faz-se necessário, portanto, selecionar e verificar as fontes de informação, compostas por uma dupla rede de jornalistas (p. 75). A primeira rede tem por função *testemunhar* os fatos e é composta por correspondentes e enviados especiais. A segunda objetiva *revelar* fatos e é composta por equipes de investigação.

Entretanto, há casos em que essa regra apresenta exceções: por exemplo, quando a fonte de informação é o acontecimento em si, ou quando provém de um órgão externo à instância de produção.

Os casos em que as fontes são externas ao jornalista são aqueles que envolvem agências de notícias e organizações profissionais, em que se percebe uma luta de influências em que a informação se molda à visão de mundo de cada entidade.

Como aponta Charaudeau (2012), o contrato midiático não é isento de contradições, uma vez que, a partir dessas questões relacionadas às fontes de informação, se questiona o papel das mídias em relação a sua eventual descontextualização:

Em sua relação com as fontes, a instância midiática é ambivalente. Caberia às mídias prevenir-se contra as tentativas de manipulação, procurando sempre as provas da veracidade da informação, uma vez que o compromisso com a verdade é a base da credibilidade. N [...]o entanto, deixam de lado esse aspecto quando a informação pode causar um certo impacto, prevalecendo o interesse pelo seu possível efeito de captação. Toda informação retirada de seu contexto de origem [...] é suscetível de sofrer modificações que podem transformá-la em desinformação [...] de produzir um efeito de *rumor* ou *boato*. (CHARAUDEAU, 2012, p. 76).

A contradição também incide sobre o segundo perfil de jornalista: o *descritor-comentador*. Como precisa *explicar* um fato no mundo, encontra-se em uma espécie de encruzilhada: se “explicar exige coerência e rigor” – traços dos discursos didático, científico e histórico, como nos diz o teórico (2012, p. 76) – como pode o jornalista fazê-lo, uma vez que se encontra fora de tais domínios? O discurso científico parece mais restrito por não necessitar de captação, já que não se dirige ao público em geral, mas a comunidades específicas; por outro lado, o discurso histórico exige aprofundamento em relação às fontes, aprofundamento que não condiz com o periodismo, que se debruça fundamentalmente sobre fatos do dia a dia; finalmente, o discurso didático envolve exercícios de aprendizagem e avaliações, atividades totalmente alheias ao domínio midiático (2012, p. 76-77).

Portanto, embora o (a) jornalista, no intuito de obter credibilidade, se apresente de forma isenta, como “simples fornecedor de informação” (2012, p. 77-78), como comenta Charaudeau (2012), isso se mostra de forma duvidosa. Levando em conta que a informação é mediada pelo jornalista, este é obrigado a se posicionar, assumindo dois papéis: o de *juiz* ou o de *detetive*. Esse comportamento tem influência sob o público e, até mesmo, chega a desafiar o poder instituído, evidenciando a mídia como uma espécie de *contrapoder* na sociedade, como enfatiza o teórico.

Apresentada brevemente a instância de produção e sua figura principal o jornalista, cabe abordarmos a outra parte implicada na troca linguageira midiática.

A *instância de recepção* diz respeito ao *público*, mas este não pode ser tratado de forma homogênea, devido a sua diversidade, conforme brevemente referido.

Assim, dois critérios orientam o estabelecimento dos perfis de público: o *suporte* e a *instância social de recepção*.

O suporte remete à forma como o público acessará a informação. Pode ser pensado a partir de três formas: a *imprensa* – que possui um público *leitor* – o *rádio*, que se endereça a *ouvintes*, e as *transmissões*, voltadas a *telespectadores (as)*⁴⁰.

O segundo critério – *instância social de recepção* (2012, p. 79) – resumidamente, diz respeito ao perfil social do público, e é imprevisível por dois motivos: primeiramente porque não se trata de uma relação em presença, isto é, não há contato entre público e instância de produção. Em segundo lugar, porque o público varia, o que dificulta a identificação de seu *status social*:

O verdadeiro problema [...] não é tanto o das categorias sociológicas ou socioeconômicas, mas o da relação entre certos dados desse *status* e as categorias mentais que corresponderiam à maneira de aprender os conhecimentos, de compreendê-los e interpretá-los, em função do modo como são reportados. (CHARAUDEAU, 2012, p. 79).

Isto é, não basta alocar o público em tabelas baseadas em critérios como idade, renda, região, mas é preciso verificar em que medida o público coincide com aquilo que a instância de produção cogita a seu respeito ao organizar a informação.

Em relação à instância de recepção, cabe um adendo que, uma vez mais, concerne à Internet, suporte de que me valho na análise, haja vista que Charaudeau (2012) atém-se, fundamentalmente, à mídia impressa jornalística.

Como já referi anteriormente, no contexto de minha pesquisa, abordo textos disponíveis no domínio midiático *online*, dentre os quais apenas os da Superinteressante podem ser entendidos como *jornalísticos*. A página Papo de Homem, por sua vez, não constitui uma revista, mas um portal temático que compreende assuntos (alegadamente) ligados à masculinidade, como o próprio nome remete.

Em relação às instâncias de recepção desses veículos, parece-me haver um agravamento da imprevisibilidade do perfil social do público a que faz alusão Charaudeau (2012), pois, estando disponíveis na rede mundial, qualquer pessoa tem acesso a esse material – mesmo aquelas que não se adequam ao público alvo dessas

⁴⁰ A esse rol de possibilidades, adiciono a internet. Creio que esta possa ser uma das contribuições de minha investigação à Linguística Aplicada: a aplicação da noção de contrato de comunicação a textos produzidos no domínio *online*, em consonância com Boaventura (2018), por exemplo.

publicações. Essa é uma questão quiçá própria da *modernidade-líquida*, para usar um termo cunhado por Bauman (1999), em que as fronteiras que antigamente seccionavam a vida em sociedade – e, conseqüentemente, os saberes construídos socialmente –, se pensadas hoje, mostram-se de maneira fluída, isto é, sem delimitações precisas, como dá a entender a metáfora empregada pelo teórico. Dito de outra forma, a internet amplia a variabilidade das instâncias de recepção porque, além do perfil de leitores e leitoras previstos no kit de mídia da *Super*, e na aba *quem somos?*, da *Papo de Homem*, virtualmente *qualquer pessoa* pode acessar seu conteúdo, independentemente de interesse temático. Digo que esse quadro parece ser uma peculiaridade dos tempos atuais porque, antes da popularização da rede mundial de computadores, dificilmente isso aconteceria, pois os leitores e leitoras, para terem acesso ao conteúdo de quaisquer veículos de comunicação, teriam de pagar por ele, comprando-os em uma banca de revistas, em uma livraria etc., e isso, aliado ao preço nada simbólico da maioria das publicações disponíveis no Brasil, representava uma espécie de *linha de corte* que forçava os leitores a se aterem às publicações cujas temáticas de fato lhes interessassem, além da mera curiosidade. Essa é uma restrição de que não padecem os textos da *Super* e da *Papo de Homem*, visto que podem ser acessados gratuitamente por quem quer que seja, em qualquer lugar, a qualquer hora, por intermédio de um *tablete*, de um celular, ou de um computador.

Voltando à variabilidade da instância de recepção de que trata Charaudeau (2012), para dar conta disso, a mídia aborda a o público através de duas formas: em termos de *destinatário-alvo* e de *receptor-público*.

Levando em conta a dupla finalidade do contrato midiático – informar e captar – o destinatário-alvo pode ser visto de duas formas (p. 79): como um *alvo intelectual* ou como um *alvo afetivo*.

Um alvo *intelectivo*, como diz Charaudeau (2012), é “aquele que pensa” (p. 80), que avalia o que lê, que busca credibilidade na informação que consome, que procura seus interesses naquilo que lê. Para captar seu interesse, a instância de produção se vale de estratégias, como os efeitos de *descoberta*, de *suspense* e de *repetição* (ou *matracagem*).

Conforme demonstrarei no capítulo 6, é esse o tipo de instância de recepção a que se volta a revista *Superinteressante*.

Mas em que momentos se verifica o interesse do leitor em relação à informação?

Primeiramente, quando se apercebe de que a informação pode lhe beneficiar no que concerne a três domínios: o da organização da vida política e econômica do país; o domínio da organização de atividades sociais diversas (de lazer, esportivas, religiosas etc.); e o domínio da organização de práticas cotidianas baseadas em informações factuais, como a contratação de serviços, leitura de anúncios etc.).

Em segundo lugar, cabe dizer que as pessoas não se informam única e exclusivamente para agir, mas para, da mesma forma, desfrutar de um certo prestígio social, ao interagir com a sociedade em termos de convívio e poder. Charaudeau (2012) alude a relações de poder em conversas cotidianas, onde enunciados aparentemente banais tais quais “Como? você não leu nos jornais? Não viu televisão? Não está sabendo?” não consistem em meras perguntas, mas estabelecem uma relação de quem sabe – favorecido (a) – com quem não sabe – portanto, desfavorecido (a) (p. 80).

No intuito de cativar seu público, as mídias precisam atentar para dois fatores importantes: a *credibilidade* e a *acessibilidade* (p. 80-81).

O conceito de credibilidade pressupõe que o alvo tem capacidade de julgamento, distinguindo, assim, os fatos credíveis dos não credíveis. Para satisfazer as expectativas do alvo, levando em conta sua já mencionada heterogeneidade, a instância de produção conta apenas com *cálculos* fundamentados pelo imaginário social: em termos de desempenho, privilegia o *furo*⁴¹; em termos de confiabilidade, preocupa-se em verificar as informações recorrendo a arquivos, por exemplo; em termos de revelação, quando se propõe a descobrir o *oculto* em um evento. À mídia cabe pesar todos esses fatores sob pena de, ao ignorá-los, quebrar as expectativas do alvo.

A acessibilidade parte do princípio “de que o grau de compreensão de um discurso está ligado à simplicidade, à clareza com a qual o discurso é construído” (CHARAUDEAU, 2012, p. 81). Entretanto, mais uma vez, as coisas não são tão transparentes como apresentam manuais de jornalismo, como alerta o teórico. A

⁴¹ Embora o tema *furo* extrapole esta investigação, menciono-o, pois trata-se de uma peculiaridade bastante marcada no discurso midiático: lembremo-nos, pois, como o faz Charaudeau (2012), que, uma vez encontrando-se em situação de concorrência, os veículos midiáticos disputam acirradamente qual vai ser o primeiro a noticiar algo em primeira mão. Isso me permite concluir que aquele que o faz, terá mais credibilidade perante seus leitores e leitoras, gerando, conseqüentemente um número considerável de acessos.

acessibilidade não depende apenas dos dispositivos em que a informação transita, mas envolve conceitos como capital social, econômico, cultural – ideia esta do também francês Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1979) – dos públicos endereçados pelas mídias.

A contraparte do alvo intelectual é o alvo *afetivo*, e se caracteriza pelo fato de não validar a informação a que tem acesso de forma racional, mas emocional (e inconsciente). Da mesma forma, para captar esse tipo de alvo, a instância de produção vale-se de expedientes específicos, a partir de “categorias socialmente codificadas de representação das emoções” (CHARAUDEAU, 2012, p. 81-82). São exemplos dessas representações o *inesperado*, que rompe com a notícia justamente por sua imprevisibilidade; o *repetitivo*, que se apresenta, segundo Charaudeau, como um *espírito maligno* que torna algo crível por meio da informação exaustiva; o *insólito*, que rompe expectativas morais; o *inaudito*, que envolve questões metafísicas (o *sagrado*, como postula Charaudeau); o *enorme*, que põe o ser humano diante de suas limitações perceptuais; e, por fim, o *trágico*, que remete ao “destino impossível” do ser humano, como parece ser o caso de desastres, sejam naturais ou causados pela ação humana.

A página *Papo de Homem*, como argumentarei no capítulo dedicado à análise dos dados, volta-se a esse tipo de instância de recepção, o alvo afetivo, que pode ser considerada diametralmente oposta ao alvo intelectual, caso reflitamos sobre a sistematização proposta por Charaudeau (2012).

Situadas as duas faces do destinatário alvo, é importante mencionar que ambas se mesclam no discurso midiático – isso fica mais evidente caso as relacionemos às duas visadas desse domínio: informar e captar. É a combinação dos dois que integra o que se conhece como *opinião pública*.

A outra forma de abordar o público adotada pelos veículos midiáticos é em termos de *receptor-público*. Essa instância encontra-se fora do domínio da instância-alvo, e mede o efeito que a informação tem sobre o público. Embora seja relativamente exterior ao alvo – uma vez que ambas as categorias compõem a instância de recepção – pode-se dizer que o receptor público interage com ele, pois

Não se trata mais de entidades construídas a partir de visadas, de hipóteses sobre o que as motiva e as emociona [...] mas de entidades consideradas do ponto de vista de seus comportamentos como consumidoras de um produto comercial: a mídia. A instância midiática não age mais como produtora da informação, mas como responsável por uma empresa empenhada em rentabilizar seu produto [...] isto é, captar o maior número de consumidores (leitores, ouvinte, telespectadores). (CHARAUDEAU, 2012, p. 82).

Para medir os efeitos que a informação surte no público, as mídias valem-se de dois recursos: o *audimat*, que mede de forma eletrônica o sucesso da programação em termos de audiência⁴², e os estudos de impacto, que dizem respeito aos efeitos produzidos na audiência por um programa.

A relação entre essas duas instâncias – alvo e público – pode ser entendida através de duas perguntas (p. 84): *o que é compreensão? O que é motivação?*

A compreensão pode ser definida como “um mecanismo cognitivo que depende da capacidade do sujeito em produzir inferências interpretativas a partir de um jogo de relação entre o que é dito e o seu saber” (CHARAUDEAU, 2012, p. 84). O problema que se coloca aqui é o condizente aos saberes do público: como saber se este inferirá o que se espera, dada a natureza deveras heterogênea de seus conhecimentos?

A motivação baseia-se nos anseios e necessidades psicossociais dos públicos, por si sós transitórios, que, por sua vez, são produtos da combinação de três elementos: da oferta, da forma como essa oferta é apresentada e das motivações do público para consumi-la.

Mais uma vez, Charaudeau (2012) reitera o caráter contraditório do contrato midiático: embora a relação entre as instâncias nele envolvidas sejam complexas, como se nota através das situações em que essa complexidade é mostrada, os profissionais de mídia tendem a tratá-las de forma pacífica, homogênea. Alegadamente o fazem por “necessidade do público”, mas é preciso considerar que o domínio midiático é regido pelas leis de mercado.

Nesta seção, procurei abordar o contrato de comunicação midiático, discutindo a relação que mantêm suas duas instâncias: a que produz e a que recebe a informação. Certamente não esgotei o tema, mas procuro trazer aspectos mais basilares sobre as formas – muitas vezes contraditórias – como a informação é disposta e promovida no domínio midiático.

Essa discussão muito interessa a esta pesquisa, uma vez que tudo o que foi exposto até aqui, em termos de contrato de comunicação, reemergirá em nosso *corpus* de estudo.

No capítulo seguinte, apresento os procedimentos metodológicos empregados na análise.

⁴² O *audimat* é um recurso francês semelhante ao que no Brasil se conhece por *IBOPE*.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RECURSOS EMPREGADOS NA ANÁLISE

Neste capítulo, descrevo os procedimentos metodológicos e os corpora empregados em minha análise. Entendo que o exame dos dados, realizado à maneira que proponho, possa-me permitir fundamentar minha já referida tese: na mídia online brasileira, é possível encontrar representações discursivas contraditórias a respeito do álcool: parte dessas representações corroboram o que a ciência afirma sobre a substância, (re)categorizando-a como uma droga, enquanto outra parcela dessas representações vai de encontro ao que postulam estudiosos do tema, visto que confere caráter benéfico a seu consumo. Para tal, divido este capítulo em três subseções: a primeira delas descreve os materiais empregados na análise – fundamentalmente textos; a segunda parte enumera as categorias de análise de que me valho; finalmente, o terceiro segmento apresenta os procedimentos de escrutínio dos dados.

5.1 Descrição dos *corpora*

Os textos que compõem meus *corpora* foram coletados na WEB entre os meses de maio e junho de 2017.

Os veículos de informação de que advêm esse material são a edição *online* da revista Superinteressante, e a página Papo de Homem. Conforme já referido, tais publicações foram escolhidas em função de dois critérios fundamentais: sua popularidade – representada pelos números notáveis de assinantes/leitores, aos quais, da mesma forma, aludimos anteriormente – e a tematização do álcool, observada pela introdução referencial dessa entidade, explícita ou inferível, quase sempre, no título dos textos.

A amostra analisada compreende 14 produções escritas, totalizando 07 textos para cada um dos veículos. Dada a variabilidade das datas de publicações desse material, disponho, nas seguintes tabelas, essas informações, acrescidas dos títulos dos textos, e de seus respectivos produtores:

Quadro 3 - Textos da edição *online* da Revista Superinteressante analisados

Título	Data de publicação	Autoria	Identificação no corpus
<i>“O álcool é a droga mais pesada de todas?”</i>	06/04/2012 (atualizado em 31/10/2016)	José Francisco Botelho	T_01_SI
<i>“Álcool nas alturas”</i>	31/03/2001 (atualizado em 31/10/2016)	Gilberto Stam	T_02_SI
<i>“Bebida alcoólica engorda?”</i>	30/11/1993 (atualizado em 31/10/2016)	Felipe Utrera	T_03_SI
<i>“Copo sem fundo”</i>	30/11/1993 (atualizado em 31/10/2016)	Krishma Carreira	T_04_SI
<i>“Álcool faz bem”</i>	31/01/2000 (atualizado em 24/02/2017)	Álvaro Pereira Júnior, Meire Cavalcante	T_05_SI
<i>“O álcool não mata por overdose”</i>	18/03/2011 (atualizado em 31/10/2016)	Sem autoria explícita (“da redação”)	T_06_SI
<i>“Uma viagem das drogas pelo corpo humano”</i>	29/02/1992 (atualizado em 31/10/2016)	Lúcia Helena de Oliveira, Paulo Roberto Pepe, Lúcia Camargo (colaboradora)	T_07_SI

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 4 - Textos da página *Papo de Homem* analisados

Título	Data de publicação	Autoria	Identificação no corpus
<i>“[+18] Mixologia: Dr. Drinks fala sobre suas motivações alquímicas”</i>	26/03/2011	Júnior WM (Dr. Drinks)	T_01_PdH
<i>“4 dicas para construir coquetéis rápidos, simples e matadores (com 15 receitas para começar)”</i>	29/07/2013	Júnior WM (Dr. Drinks)	T_02_PdH
<i>“Cara, você tá bêbado! Ass: o cartão do estacionamento”</i>	19/07/2013	Jader Pires	T_03_PdH
<i>“Jello Shots. Drinks de gelatina”</i>	17/08/2008	Júnior WM (Dr. Drinks)	T_04_PdH
<i>“Gimlet: Dr. Drinks ensina a ficar bêbado com classe”</i>	07/04/2010	Júnior WM (Dr. Drinks)	T_05_PdH
<i>“Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens”</i>	29/01/2010	Júnior WM (Dr. Drinks)	T_06_PdH
<i>“Quem nunca bebeu e dirigiu, que atire a primeira garrafa”</i>	12/10/2011	Gustavo Morelli	T_07_PdH

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dessa série de textos, escolhi um exemplar de cada um dos veículos escolhidos, baseando-me no quesito *produtividade*: “O álcool é a droga mais pesada de todas?”, de José Francisco Botelho, publicado na Superinteressante, e “Orange

Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens”, de Júnior WM – autoproclamado “Dr. Drinks”. Refiro-me a esses textos como “mais produtivos” na medida em que ensejam a aparição de um número maior de representações discursivas, dada sua extensão, se comparados aos demais textos do *corpus*.

A análise dos demais textos, bem como as sínteses das análises dos textos principais, será feita através de quadros como o que segue:

Quadro 5 - Categorias empregadas para análise e síntese dos textos escolhidos

Proposições-enunciado no texto <i>O álcool é a droga mais pesada de todas?</i>						
Segmento	Nível A			Nível B		Nível C
	Objeto(s) de discurso	Predicação(ões)	Processo(s) fórico(s)	Resp. enunciativa/ Identidades	Conectores	Or. arg/ Microato(s) de discurso

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Adam (2012), e Charaudeau (2010, 2012).

O emprego dessa tabela servirá para demonstrar que o que se observa nos textos destacados acima é recorrente nas demais produções que formam os *corpora*, ainda que de menos marcada. A tabela será usada, ainda, para sintetizar a análise dos textos principais, dadas suas extensões.

5.2 Categorias de análise

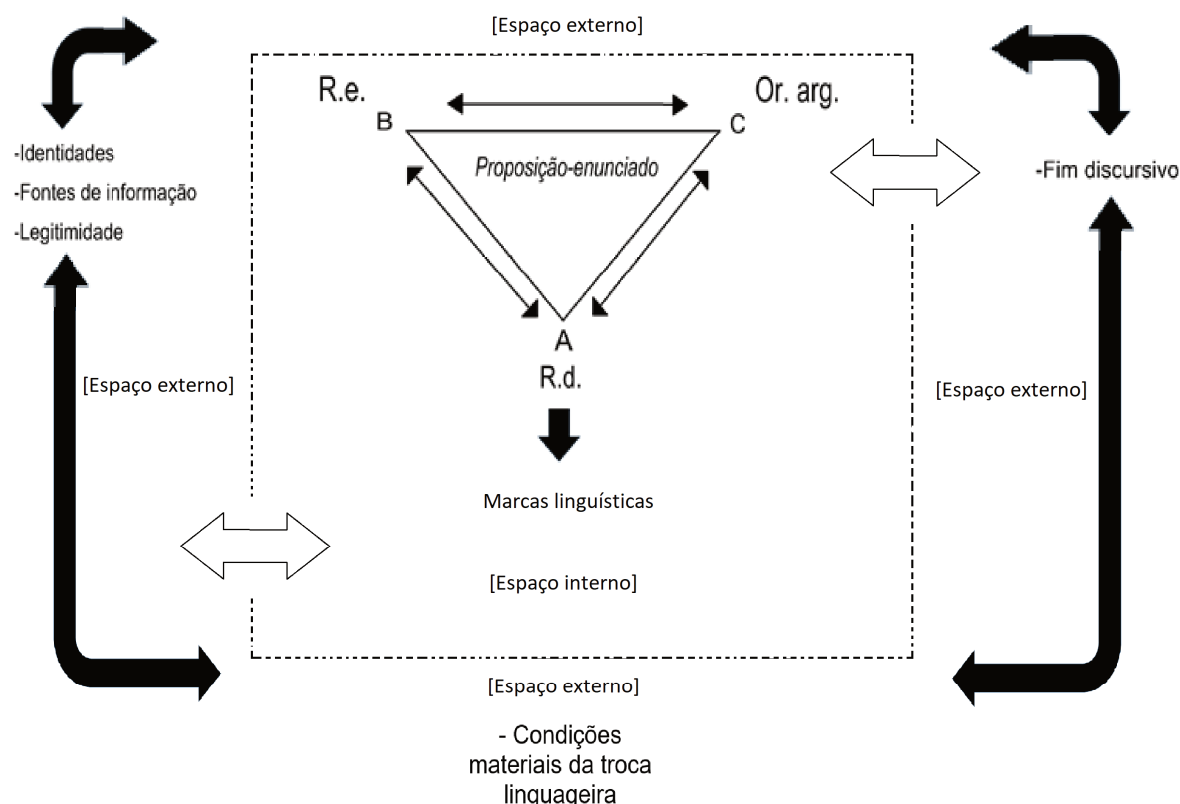
As categorias de análise empregadas nesta investigação, conforme já referi, são a *proposição-enunciado*, de Adam (2011), nas quais incluem-se os objetos de discurso – que serão classificados conforme Cavalcante (2003) – e suas respectivas predicções (nível A): essas duas categorias serão meu ponto de partida. Também me aterei, no âmbito da proposição-enunciado, às dimensões B – *Responsabilidade enunciativa* – e C – *Orientação argumentativa* – dada sua inseparabilidade, como postula Adam (2011). Ainda, enfatizo que examinarei essas categorias conforme sua ocorrência no decorrer do plano textual, ao invés de analisá-las separadamente, visto que, caso assim procedesse, estaria separando algo que, como já dito, não pode ser separado; em segundo lugar, valer-me-ei das duas⁴³ dimensões da situação de

⁴³ O domínio das práticas sociais, como já me referi, embasado em Charaudeau (2010), é o primeiro espaço de delimitação da situação de comunicação. Enquanto tal, serve de pressuposto para o entendimento da análise. Considerando que o domínio midiático *online* é deveras abrangente, optei por (i) apresentar o domínio das práticas no capítulo 4, a fim de contextualizar os leitores e leitoras

comunicação – *Situação Global de Comunicação e Situação Específica de Comunicação*, conforme Charaudeau (2010), para estabelecer as condições de produção que sobredeterminam parcialmente as produções analisadas; finalmente, empregarei peculiaridades do contrato de comunicação midiático, tal qual postula Charaudeau (2012), como o perfil das instâncias de produção e recepção, as fontes de informação a que os textos recorrem, e os expedientes de captação dos quais seus produtores se valem para a composição de seus planos textuais.

Enfatizo que não separarei as categorias de análise anteriormente citadas, mas, ao contrário, procurarei estabelecer um diálogo entre elas, dadas suas afinidades epistemológicas. A imagem a seguir sintetiza meu esforço em cotejá-las, visto que integra as categorias textuais de que me valho – proposições-enunciado, conforme Adam (2011) – a uma dimensão situacional ensejada pela noção de contrato de comunicação, de Charaudeau (2010, 2012):

Figura 8 - Esquema-síntese da abordagem teórico-metodológica da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Adam (2012), e Charaudeau (2010, 2012).

deste trabalho, e (ii) alocar as situações global e específica de comunicação no capítulo de análise, visto que particularizam os veículos que me proponho a analisar.

A imagem acima foi concebida a partir de dois esquemas: o da proposição-enunciado, de Adam (2011) – teórico que se ocupa exclusivamente da matéria textual – e o da situação de comunicação, de Charaudeau (2010) – que aborda questões atinentes às condições de produção do discurso. A concatenação das duas teorias permite o estabelecimento da relação entre o ato de linguagem, concretizado pelas marcas linguísticas sobre as quais discorro, e o “fora da linguagem” a que alude Charaudeau (2010), no que tange à situação de comunicação em seus desmembramentos, que fundamentam as escolhas linguísticas dos produtores dos textos em termos de instruções discursivas endereçadas aos parceiros da troca linguística.

No triângulo circunscrito ao retângulo pontilhado encontram-se as três dimensões da proposição-enunciado: A – representação discursiva; B – responsabilidade enunciativa; e C – orientação argumentativa. O retângulo composto de linhas pontilhadas demarca o que Charaudeau (2008) chama de o espaço do *dizer*, ou seja, aquele que comporta as marcas linguísticas que analiso.

As dimensões B e C da proposição-enunciado podem ser relacionadas ao espaço externo da situação de comunicação – aquele que comporta os seres *sociais*, ou *empíricos*, envolvidos na situação de troca.

As setas que relacionam as três dimensões da proposição-enunciado foram mantidas, visto que, como disse ao citar Adam (2011), não há relação hierárquica entre elas, mas, sim, uma relação de interdependência.

À dimensão B, relaciono os conceitos de *identidade*, *fontes de informação* e *legitimidade*, visto que mantêm relação de afinidade com o a noção de *responsabilidade enunciativa*, conforme mostra a seta do lado esquerdo do esquema.

À orientação argumentativa – dimensão C – relaciono o conceito de *fim discursivo*, dada a afinidade conceitual entre as noções: se o fim discursivo de uma troca linguageira é convencer, digamos, então caberá ao produtor do texto enumerar uma série argumentos – ou enunciados assertivo-constativos, já que, como me referi no capítulo 3, com base em Adam (2011), mesmo enunciados desprovidos de conectores argumentativos prestam-se à expressão da orientação argumentativa – que possivelmente convençam seu interlocutor. Em outras palavras, a partir de seu fim discursivo, o produtor orientará argumentativamente seu texto para que a ação de convencimento seja levada a cabo de maneira sistemática.

As setas pretas que circundam o esquema inter-relacionam os elementos do espaço externo da situação de comunicação.

As setas brancas duplamente orientadas interligam os espaços interno e externo da figura. Assim como em relação às setas do triângulo, essas setas são duplamente orientadas para dar a entender que se tratam de elementos cuja atuação é concomitante, não havendo uma ordem dada *a priori*.

5.3 Procedimentos de análise

Organizei as etapas analíticas desta tese de doutoramento em quatro procedimentos:

1) Segmentação dos textos em parágrafos e períodos numerados.

Opto por esse procedimento pois me referirei às proposições-enunciado através dos parágrafos e dos períodos em que se encontram. A numeração de parágrafos é justificada pelo esforço em garantir a linearidade temática das análises. Suponho que, caso simplesmente fizesse alusão aos períodos em que se encontram as proposições-enunciado, correria o risco de segmentar excessivamente o plano textual, comprometendo, conseqüentemente sua coesão.

Para tal, identificarei os segmentos de forma crescente, com a numeração entre colchetes para os parágrafos – [1] – e entre parênteses para as proposições-enunciado – (1). Essa parece ser uma forma sistemática, tanto de análise, quanto de menção, para abordar as marcas linguísticas a que me proponho analisar.

2) Partindo de Charaudeau (2010), examinei (i) das Situações Globais de Comunicação a que se submetem os veículos estudados, e (ii) da Situação Específica de Comunicação de cada um dos principais textos analisados. Esse procedimento visa ao cumprimento dos objetivos específicos 1 e 2.

Justifico a validade dessa etapa partindo do fato de que, embora ambas as publicações encontrem-se na mídia *online* – o que lhes confere algum grau de afinidade, portanto – cada uma delas possui traços contratuais que lhes são particulares – como as identidades dos produtores, as identidades dos leitores, os fins discursivos etc. – e que, por conseguinte, lhes sobredeterminam parcialmente.

3) Análise sintética dos textos integrantes do *corpus* de estudo por intermédio de tabelas resumitivas.

Esse primeiro momento da análise visa apresentar, em linhas gerais, as peculiaridades dos textos de cada um dos veículos. Tais peculiaridades apresentam-se de forma sistemática, e serão pormenorizadas na etapa seguinte, que se dedica aos dois textos mais representativos de cada veículo, em termos de representações discursivas.

4) Análise das três dimensões das proposições-enunciado que integram os dois textos mais representativos de cada veículo, tendo como ponto de partida a dimensão A, que condiz aos objetos de discurso e as predicções a eles associadas, no intuito de discutir suas implicações na construção de sentidos atribuídos ao álcool. Esse – bem como os procedimentos subsequentes – visa ao cumprimento dos objetivos específicos 3, 4 e 5.

Esse procedimento de análise remete à relação entre as marcas linguísticas que integram a proposição-enunciado e suas possíveis motivações contratuais: conforme já mencionei, a escolha dessas marcas não se dá aleatoriamente; tampouco seus sentidos podem ser apreendidos por si sós, sem que venham à baila as já referidas regulações situacionais e discursivas que as subjazem, e que são dadas de antemão.

5) Cotejo das marcas linguísticas encontradas nos textos da Superinteressante e da Papo de Homem, a partir de duas respectivas situações de comunicação, abordadas no procedimento anterior.

Essa etapa, além de ser a mais extensa, também é a mais importante, visto que me permitirá estabelecer uma relação contrastiva entre as representações condizentes ao álcool nos veículos estudados.

O capítulo subsequente dedica-se à análise e a discussão dos dados, a partir do que foi explicitado neste segmento.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresento a análise de dados que fundamentam esta tese. Em 6.1, trato das Situações Globais de Comunicação a que os textos se submetem: 6.1.1 compreende a Situação Global de Comunicação condizente à revista Superinteressante, e 6.1.2 abrange a Situação Global de Comunicação da página Papo de Homem. Essa primeira etapa justifica-se na medida em que essas instâncias, ao contrário do domínio da prática, apresentam as primeiras restrições de caráter discursivo, como as identidades dos parceiros – as “instâncias de comunicação”, como diz Charaudeau (2010), definidas em termos de legitimidade, segundo papéis e estatutos sociais – as condições materiais da troca, a finalidade e o domínio temático. Em 6.2, dedico-me à análise das Situações específicas de comunicação – consideradas por Charaudeau (2010) como o “dispositivo material” (p. 7) da troca linguageira. Em 6.2.1, caracterizo a situação específica de comunicação do texto *O álcool é a droga mais perigosa de todas?*, do jornalista José Francisco Botelho, na Superinteressante. Em 6.2.2, caracterizo situação específica de comunicação do texto *Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens*, publicado na página Papo de Homem. Em 6.3, passo às marcas linguísticas, analisando as proposições-enunciado presentes nesses textos, suas motivações contratuais, e seu papel na construção de sentidos predicados ao álcool: 6.3.1 traz a análise preliminar dos textos da Superinteressante; 6.3.2 volta-se ao texto da SI; 6.3.3 traz a análise preliminar dos textos da Papo de Homem; e 6.3.4 abarca as marcas linguísticas do texto de Papo de Homem. Em 6.4, dedico-me ao cotejo entre as análises da seção antecedente: articulo as proposições-enunciado empregadas pelos respectivos produtores em seus textos, discutindo em que medida se diferenciam, tanto em termos linguísticos quanto contratuais.

6.1 Situações globais de comunicação dos textos analisados: o estágio inicial da construção do espaço discursivo em Superinteressante e Papo de Homem

6.1.1. Situação Global de Comunicação – caracterizando a Revista Superinteressante

Primeiramente, cabe retomar brevemente a ideia de Situação Global de Comunicação (doravante *SGC*), introduzida no capítulo 4: esta consiste no “lugar onde os atores sociais do domínio de prática são construídos em *instâncias de*

comunicação, onde o jogo de regulação é construído em finalidades discursivas e o universo do saber envolvido é o *macrotemático*” (CHARAUDEAU, 2010, p. 7).

Quanto ao domínio midiático,

[...] a SGC das mídias de informação propõe uma instância de “informação”, uma instância pública [...], uma finalidade discursiva de “fazer saber e comentar os acontecimentos do mundo” e um domínio temático de “acontecimentos que se produzem no espaço público imediato” [...]. (CHARAUDEAU, 2010, p. 7).

A partir dessas categorias, é possível passar às particularidades da SGC da revista Superinteressante:

a) Instância de informação

É a própria Revista Superinteressante (doravante *SI*). Segundo o Kit de Mídia⁴⁴ do grupo editorial que a publica, a editora Abril, a revista pode ser acessada tanto em versão impressa quanto em versão eletrônica. Trata-se de uma revista bastante conhecida no Brasil, visto que está em circulação há mais de três décadas – sua primeira edição chegou às bancas em setembro de 1987. Atualmente, conta com aproximadamente três milhões e cem mil leitores no Brasil. Em 9 países do exterior, o número de leitores é de 546.000. Quanto a sua versão eletrônica, a SI possui 11.659.000 visualizações, e a média de tempo que os usuários navegam pelo sítio é de 2 minutos e trinta e oito segundos.

Quanto ao perfil do público leitor, este é composto, em sua maioria, por adultos com em média 31 anos de idade, cuja maioria é composta por homens (60%). Em relação a seu perfil socioeconômico, 80% dos leitores se adequa às classes B e C. O tempo médio empenhado pelo seu público na leitura da edição impressa é de 43 minutos, sendo que 96% dos leitores e leitoras – a imensa maioria, portanto – comenta o conteúdo da revista com outras pessoas.

b) Instância pública

A Web, considerando que os textos que analiso estão disponíveis *online*: basta ter uma conexão de internet para acessá-los; além disso, a SI pode ser adquirida em seu formato impresso em bancas de jornais e revistas.

⁴⁴ Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/superinteressante>>. Acesso em: 12 out. 2018.

c) Finalidade discursiva

Apresentar a seus leitores e leitoras temas ligados ao universo científico, relacionando-os à cultura Pop⁴⁵ – como personagens de filmes conhecidos e de histórias em quadrinhos – que cumprem a segunda finalidade do discurso midiático: a *captação* do público, como me referi no capítulo 4. Segundo o mídia kit da publicação, a SI é “Essencial para cabeças quem tem fome de conhecimento, inovação e novidades. É feita para quem quer entender o mudo além do óbvio!”;

d) Domínio temático

Ciência.

6.1.2. Situação Global de Comunicação – Caracterizando a página Papo de Homem

a) Instância de informação

É a página *Papo de Homem* (doravante *PdH*), que versa sobre temas alegadamente ligados à masculinidade. A página é assim descrita por seus idealizadores, na aba *nossa visão*⁴⁶:

Homens se interessam apenas por sexo, dinheiro, futebol e bebida...? E se houvesse também um espaço para cultivar uma visão de mundo mais ampla, desafiar preconceitos, aprender a viver e se relacionar com mais satisfação? Esse é o PapodeHomem, um espaço criado em 2006, no qual todos são bem vindos (sic) – independente de sexo, gênero, orientação sexual, credo ou raça.

[...]Aspiramos produzir conteúdo que vá além da cultura do entretenimento, capaz de estimular pensamento crítico e ação. Apostamos no poder da comunidade e das boas conversas.

Gostamos da ideia de nos colocar ombro a ombro, aprendendo e explorando junto com vocês. Temos prazer em reconhecer nossos erros e crescer com eles, fizemos isso incontáveis vezes ao longo desses nove anos. Não pretendemos ser donos da verdade, mas ficamos felizes em dizer que muitos de nossos textos são boas fagulhas.

Não acreditamos em sermos salvos pelo resgate e uma masculinidade antiga ou por "novos homens".

Propomos deixar de lado as narrativas heróicas (sic) e os machos alfa, tão frágeis em sua eterna auto-afirmação (sic). É tempo de homens possíveis.

Pelas informações providas nessa aba, percebe-se que, ao contrário da SI, PdH não possui um público específico: *um espaço [...] no qual todos são bem vindos*

⁴⁵ Ou *cultura popular*, que “pode ser definida como qualquer manifestação (dança, música, festa, literatura, folclore, arte) em que o povo produz e participa de forma ativa”. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_popular>. Acesso em 12 out. 2018.

⁴⁶ Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/nossa-visao>>. Acesso em 20/11/2018.

– *independente de sexo, gênero, orientação sexual, credo ou raça*. Entretanto, através do número vultoso de acessos – 2 milhões de pessoas acessam a página mensalmente – percebe-se que se trata de uma página bastante conhecida, com um público alvo cativo.

b) Instância pública

A Web, através do endereço *www.papodehomem.com.br*.

c) Finalidade discursiva

Tratar de assuntos ligados, no entendimento de seus proponentes, à masculinidade – veja-se o próprio título da página –, além de “cultivar uma visão de mundo mais ampla, desafiar preconceitos, aprender a viver e se relacionar com mais satisfação”.

d) Domínio temático

De acordo com a página, os temas privilegiados são “sexo, dinheiro, futebol e bebida”: *Homens se interessam apenas por sexo, dinheiro, futebol e bebida...? E se houvesse também um espaço para cultivar uma visão de mundo mais ampla [...]*. Nesse sentido, as marcas *apenas* e *também* permitem a leitura de que esses temas são inerentemente masculinos, segundo o sítio.

6.2 Situações Específicas de Comunicação dos textos Analisados: problematizando as identidades, as finalidades discursivas, as identidades, e as materialidades textuais em questão

6.2.1 A Situação Específica de Comunicação do texto “O álcool é a droga mais pesada de todas?”, de José Francisco Botelho, em Superinteressante

Primeiramente, é válido retomar o conceito de situação específica de comunicação (doravante *SEC*):

[...] é um segundo lugar de estruturação do domínio de prática onde são determinadas as condições físicas da situação de linguagem, e, portanto, especificados os termos da situação global de comunicação. [...] Aqui temos os sujeitos participantes da troca, com uma identidade social e papéis comunicacionais bem precisos. [...] é o lugar de dispositivos materiais da comunicação [...]. (CHARAUDEAU, 2010, p. 7).

Em relação à SEC do texto em questão, tem-se:

a) Identidades social/discursiva da instância de produção

A identidade social de José Francisco Botelho pode ser auferida pela descrição de seu perfil, no sítio da editora Companhia das Letras:

Nasceu em Bagé (RS), em 1980. É jornalista, escritor e colabora em publicações como *Superinteressante*, *Aventuras na História* e *Bravo!* É Mestre em Letras pela UFRGS e autor do livro *A árvore que falava aramaico*, obra finalista do Prêmio Açorianos de Literatura/Conto de 2012. Ocupou-se da magistral tradução de *Os contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, para a coleção Penguin/Companhia das Letras, indicada ao prêmio Jabuti e já considerada uma referência contemporânea na tradução de Chaucer⁴⁷.

Como mostrarei na seção 6.3, a identidade discursiva de José, no texto em questão, privilegia sua faceta jornalística em função das demais descritas em seu perfil.

b) Delimitação da finalidade discursiva

A finalidade discursiva desse texto é problematizar os impactos sociais do álcool na sociedade, através da comparação dos malefícios associados ao consumo dessa substância, se comparadas com outras drogas – como o *crack* e a cocaína – que, comumente, são ditas mais danosas que o álcool.

c) Delimitação do domínio temático

Os temas a que remete o texto são, em primeiro lugar, álcool, e, em segundo lugar, saúde pública.

d) Materialidade do sistema semiológico

Consiste em um texto escrito, acrescido de uma imagem que mostra vários recipientes com bebidas alcoólicas:

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=03601>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

Figura 9 - Materialidade do sistema semiológico (Superinteressante)

SUPER INTERESSANTE Edição do mês Todas as edições Saúde Astronomia Física Blogs Newsletter **Assine**

Mais vistas

- Ciência** Molusco descoberto no Brasil é batizado em homenagem a Sergio Moro
- Mundo Estranho** Conheça a vila "fantasma" de castelos abandonados na Turquia
- Ciência** Lugar de criança é na escola. Lugar de Deus é na Igreja.
- Comportamento** Qual o salário ideal para ser feliz?
- Comportamento** 12 truques para driblar o calor (sem ar condicionado)
- Saúde** Quais são as doenças transmissíveis no sexo entre duas mulheres?

Ciência

O álcool é a droga mais pesada de todas?

Há quem diga que sim e que não. Mas ninguém discorda: o alcoolismo é um problema muito maior que as outras drogas - e seus efeitos são devastadores

Por **José Francisco Botelho**
 17 out 2017, 16h02 - Publicado em 6 abr 2012, 22h00

f
 t
 e
 m
 p
 ...

(LauriPatterson/iStock)

Quando se pensa nos danos causados por drogas como o crack ou a cocaína, fica difícil imaginar que um copo de cerveja ou uma dose de uísque possam ser mais perigosos. Muitos especialistas, no entanto, defendem a tese de que, por uma combinação de fatores perversos, o álcool é a droga mais pesada – ou pelo menos a mais preocupante – de todas.

De acordo com a médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa da Silva, autora do livro *Mentes Perigosas – O Psicopata Mora ao Lado* (Fontanar, 2008), as consequências do uso continuado de álcool são devastadoras: desenvolvimento de doenças autoimunes, cirrose, diabetes e depressão, para citar apenas alguns exemplos. E com um agravante: bebidas alcoólicas são drogas legais, estão à venda em cada esquina. “De todas as drogas, o álcool é a que tem o maior número de usuários e a que começa a ser consumida mais cedo, entre os 12 e os 13 anos de idade”, diz Ana Beatriz. “Em 50% dos casos, a primeira dose é consumida em casa, com a convivência dos pais.”

O poder destrutivo do álcool, segundo a médica, vem da capacidade que essa substância tem de provocar lesões em tecidos adiposos (gordura). “E o cérebro humano é todo revestido de tecido adiposo”. Ao atacar esse revestimento, diz Ana Beatriz, o álcool desencadeia um processo inflamatório no cérebro, alterando sua bioquímica e as transmissões elétricas entre as sinapses (as ligações que unem os neurônios). “No primeiro momento, ele relaxa. No segundo, provoca euforia. No terceiro momento, vem a depressão. E, se a pessoa não parar de beber, o álcool leva ao coma.”

Uma pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) revela que 80% dos adolescentes brasileiros já beberam alguma vez na vida e que 33% dos alunos do Ensino Médio bebem em excesso pelo menos uma vez por mês. “O

SUPER INTERESSANTE NAS BANCAS
 399 - Janeiro 2019
 Acesse o índice
Assine
 Leia grátis por 30 dias no **GoRead**

Leia também no

- Saúde **A epidemia da ansiedade**
- Ciência **Acorde, você chegou em Marte**
- Saúde **O enigma da anestesia**
- Ciência **O telescópio de gelo**
- Sociedade **Alienígenas do passado. E do presente**

Newsletter

Conteúdo exclusivo para você

Nome _____

E-mail _____

Aceito receber ocasionalmente ofertas especiais e de outros produtos e serviços do Grupo Abril.
[Política de Privacidade](#)

Quero Receber

consumo de álcool na adolescência pode causar danos irreversíveis à cognição e à aprendizagem”, afirma Ana Beatriz. E a situação fica ainda mais preocupante, segundo a médica, quando se leva em consideração que anúncios de bebidas alcoólicas ocupam algo entre 8% e 10% de toda a publicidade veiculada na TV – especialmente nos intervalos de transmissões esportivas e programas que têm os jovens como público alvo. “É um paradoxo”, diz o historiador Henrique Carneiro, especialista na história do consumo de drogas. “A substância que causa mais problemas à saúde pública é aceita e legalizada, enquanto os usuários de outras drogas são estigmatizados.”

Para o médico Emiliano Kanter, clínico geral em Porto Alegre (RS), determinar qual é a droga mais pesada de todas pode ser algo muito relativo. Exemplos: o LSD, segundo Kanter, é a droga que causa efeitos mais intensos com uma dose mínima – apenas 25 milionésimos de grama já são suficientes; por outro lado, o crack é a que vicia mais rapidamente; já as crises de abstinência da cocaína costumam ser as mais radicais. “Se considerarmos o impacto social do alcoolismo, no entanto, o álcool certamente entra no rol das drogas mais nocivas”.

Vícios na balança

CRACK

Droga estimulante do sistema nervoso central. Os danos ao lobo frontal do cérebro são graves, tornando muito difícil a tarefa de livrar o usuário da dependência. O vício pode surgir em apenas 3 dias. A abstinência é bem parecida com a da cocaína: irritabilidade e ansiedade extremas.

COCAÍNA

Como o crack, é uma droga estimulante do sistema nervoso central. Aumenta o ritmo cardíaco e diminui a capacidade de absorção de oxigênio, tornando o organismo mais propenso a infartos. A abstinência causa agressividade, ansiedade extrema e depressão. O vício pode surgir já na quarta dose.

MACONHA

Perturbadora do sistema nervoso central (a categoria dos alucinógenos). Embora seja vista como droga “leve”, as estatísticas demonstram que pessoas que consumiram maconha ao menos 400 vezes na adolescência têm menos empregos e menos diplomas do que aquelas que nunca a utilizaram.

ÁLCOOL

É uma droga depressora do sistema nervoso central. Age diretamente sobre os lipídios e as gorduras – presentes em todos os tecidos do corpo humano, inclusive na membrana que envolve e protege o cérebro. A abstinência pode causar pressão alta, tremores generalizados, alucinações e síndrome do pânico.

Fontes: Secretaria Nacional Antidrogas (Senad); United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC); Sergio de Paula Ramos; Ana Beatriz Barbosa da Silva.

TUDO SOBRE

ALCOOLISMO BEBIDAS ALCOÓLICAS ESTUDOS E PESQUISAS VÍRUS - DOENÇAS

AssineAbril.com



Superinteressante

Promoção Relâmpago!
69% de Desconto
Por 12x R\$ 19,14

Assine



Dossie Super

Promoção Relâmpago!
72% de Desconto
Por 12x R\$ 15,12

Assine



Exame

Promoção Relâmpago!
65% de Desconto
Por 12x R\$ 49,27

Assine



Quatro Rodas

Promoção Relâmpago!
69% de Desconto
Por 12x R\$ 18,16

Assine



Claudia

Promoção Relâmpago!
72% de Desconto
Por 12x R\$ 15,12

Assine



Veja

Promoção Relâmpago!
68% de Desconto
Por 12x R\$ 49,90

Assine

Abril.com • AbrilSAC • Clube do Assinante • Grupo Abril • Leia também no [GoRead](#)

Capricho

EXAME.com

Mundo Estranho

Saúde

Viagem e Turismo

CASACOR

Guia do Estudante

Placar

VEJA.com

VIP

Claudia

MdeMulher

Quatro Rodas

VEJA São Paulo

Fale com a redação

Termos de uso

Newsletter

SIGA [f](#) [t](#) [i](#) [v](#) [e](#)

Fonte: Superinteressante.

Quanto ao peritexto, há anúncios que cercam o texto acima, abaixo e ao lado direito da tela.

Os links que se encontram acima do texto, logo abaixo da barra de navegação do periódico, remetem aos textos mais lidos, de acordo com as seções temáticas da revista:

Figura 10 - Exemplo de peritexto superior (Superinteressante)



Fonte: Superinteressante.

Abaixo dos *links*, há o anúncio de um evento de moda – *Claudia Summer Fashion* – em que dois de seus apoiadores são marcas de bebidas: uma de cerveja, a *Itaipava*, e outra de energético, que, embora não contenha álcool, é comumente misturada a bebidas como a *vodka* e o *whisky*. Essa combinação de energético, uma bebida estimulante, com bebidas alcoólicas, possivelmente, causa a perda da noção quanto à tolerância ao álcool, fazendo com que as pessoas não saibam o momento em que é necessário parar de beber⁴⁸.

O anúncio do mesmo evento aparece à direita do texto:

⁴⁸ Fonte: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/10/energetico-descubra-o-que-bebida-faz-com-o-seu-organismo.html>>. Acesso em 28/12/2018.

Figura 11 - Exemplo de peritexto lateral 1 (Superinteressante)

The image shows a magazine advertisement. At the top left, there is a logo for 'CLAUDIA Abril'. Below it, the text 'sada de' is prominently displayed. Underneath, there is a small text block: 'coolismo é um problema adores'. To the right of this text is a vertical banner with a dark background and floral patterns. The banner contains the text 'APOIO' at the top, followed by 'ITAIPAVA GO DRAFT' and 'TNT ENERGY DRINK'. Below that, it says 'REALIZAÇÃO' and 'Abril Ativar o Windows'. At the bottom of the banner, there is a small 'Abril' logo and the text 'Ative as Configurações para Ativar o Windows'. To the left of the vertical banner is a photograph of a red cocktail in a martini glass with a lime wedge and a cherry.

Fonte: Superinteressante.

Abaixo desse anúncio, ainda no lado direito do texto, há *links* para conteúdos de outras páginas anunciados na SI, bem como para textos da própria publicação. Estes são seguidos, novamente, de *links* para *sites* que anunciam na revista:

Figura 12 - Exemplo de peritexto lateral 2

The image shows a magazine advertisement for 'SUPER' magazine. On the left side, there is a vertical column of text: 'caína, sam ser je, por - ou pelo ra do l vimento s alguns stão à or is 12 e se é ' essa cérebro to, diz (as) ru se a revela que e 33% dos mês. "O cognição eocupante, bebidas la na TV - s que têm ue a que os erminar mplos: o uma dose tro lado, o'. On the right side, there are several article teasers. The first one is 'Fotos Horrripilantes do Titanic Encontradas em Câmera Antiga.' with a small image of the Titanic. The second one is 'Fotos constrangedoras na praia que farão você chorar de rir!' with a small image of a woman in a bikini. Below these is a section titled 'Para você' with two more teasers: '6 grandes momentos da ciência em 2018 - e um não tão bom assim' and 'A sonda InSight gravou o som do vento de Marte pela primeira vez - ouça'. At the bottom, there is a large advertisement for 'SUPER' magazine, featuring a woman's face and the text 'NAS BANCAS Edição 395 Dezembro 2018 Assine o Índice Assine'. There is also a 'GoRead' logo and a section titled 'Leia também no' with sub-sections for 'Saúde: O fim da enxaqueca', 'Ciência: Três contos sobre o tempo', and 'Saúde: "Viagra feminino": a polêmica história da pílula rosa'.

Fonte: Superinteressante.

O último segmento com anúncios ao lado direito da tela contém um *link* que remete ao salgadinho *Doritos*, que é seguido por um anúncio de assinaturas da revista SI:

Figura 13 – Exemplo de peritexto lateral 3



Fonte: Superinteressante.

Abaixo do texto, há *links* para temas relacionados, bem como anúncios de conteúdos de outras páginas:

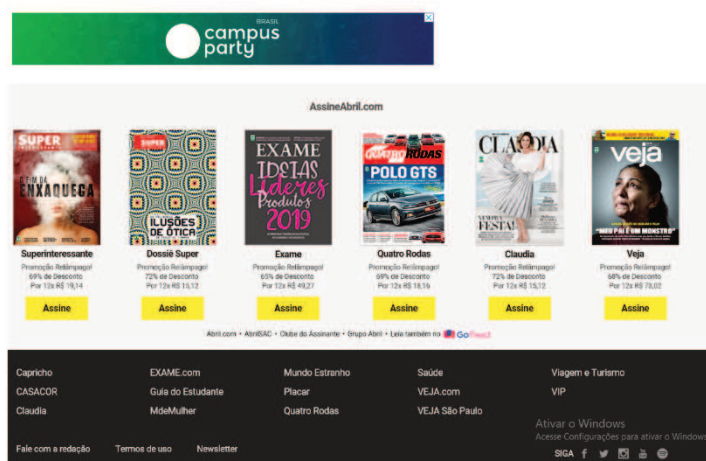
Figura 14 - Exemplo de peritexto inferior 1



Fonte: Superinteressante.

Logo abaixo destes, o último grupo de anúncios remete, respectivamente, a mais textos da SI, ao evento *Brasil Campus Party*, e a outras assinaturas de periódicos do Abril mídia SA:

Figura 15 - Exemplo de peritexto inferior 2



Fonte: Superinteressante.

e) Situação da troca languageira

Trata-se de uma troca monolocutiva, posto que não há interação face-a-face entre Botelho e os leitores e leitoras da revista.

f) Suporte de transmissão

O suporte desse texto é o eletrônico, pois encontra-se disponível no sítio da SI.

g) Gênero Discursivo

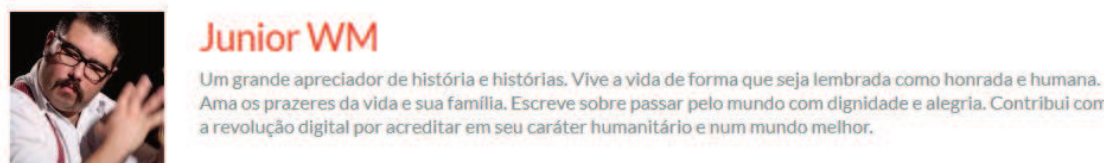
O gênero a que o texto se enquadra é a reportagem de divulgação científica, que, segundo Charaudeau (2010), é um subtipo específico do discurso midiático, uma vez que possui traços do discurso didático, bem como do discurso científico.

6.2.2 A Situação Específica de Comunicação do texto “*Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens*”, de Júnior WM, em Papo de Homem

a) Identidades social/discursiva da instância de produção

A identidade social de Júnior WM – ou *Dr. Drinks*, se considerarmos o pseudônimo que assume a autoria do texto – é apresentada ao fim da publicação, como mostra a imagem a seguir:

Figura 16 - Identidade social de Júnior WM (Papo de Homem)



Fonte: Papo de Homem.

Note-se que essa credencial é composta unicamente de predicções abonadoras de sua subjetividade, sem quaisquer menções a atividades profissionais. Nem mesmo seu nome completo é exibido: apenas consta seu primeiro nome – Junior – acrescido das letras W e M, que, possivelmente, remetem a seus sobrenomes. A identidade social de Junior, portanto, é um tanto imprecisa, visto que não há filiação a nenhuma área de conhecimento ou atividade profissional.

Sua identidade discursiva é a de colunista da página Papo de Homem, que versa sobre temas abordados nessa página: bebidas alcoólicas. Portanto, no texto em questão, Júnior WM – ou Dr. Drinks – apresenta-se como uma pessoa que entende, primeiramente, sobre bebidas alcoólicas, e, em segundo lugar, sobre temas ligados ao ato de consumi-las, em seu entendimento.

b) Delimitação da finalidade discursiva

Esse texto não tem uma única finalidade discursiva, mas cinco: (i) ensinar a preparar a bebida que dá nome ao título – o *Orange blossom*; (ii) diferenciar pessoas maduras de pessoas imaturas (metaforicamente referidas como *meninos* e *homens*); (iii) ensinar a “beber fora dos padrões”; (iv) interpelar os leitores e leitoras da página sobre os motivos que os (as) levam a beber; (v) ensinar homens a abordar mulheres em situações sociais a partir do tópico *álcool* e de tópicos afins (esta finalidade, ao contrário da demais, é inferível, dada a reiteração de objetos de discurso que remetem a mulheres).

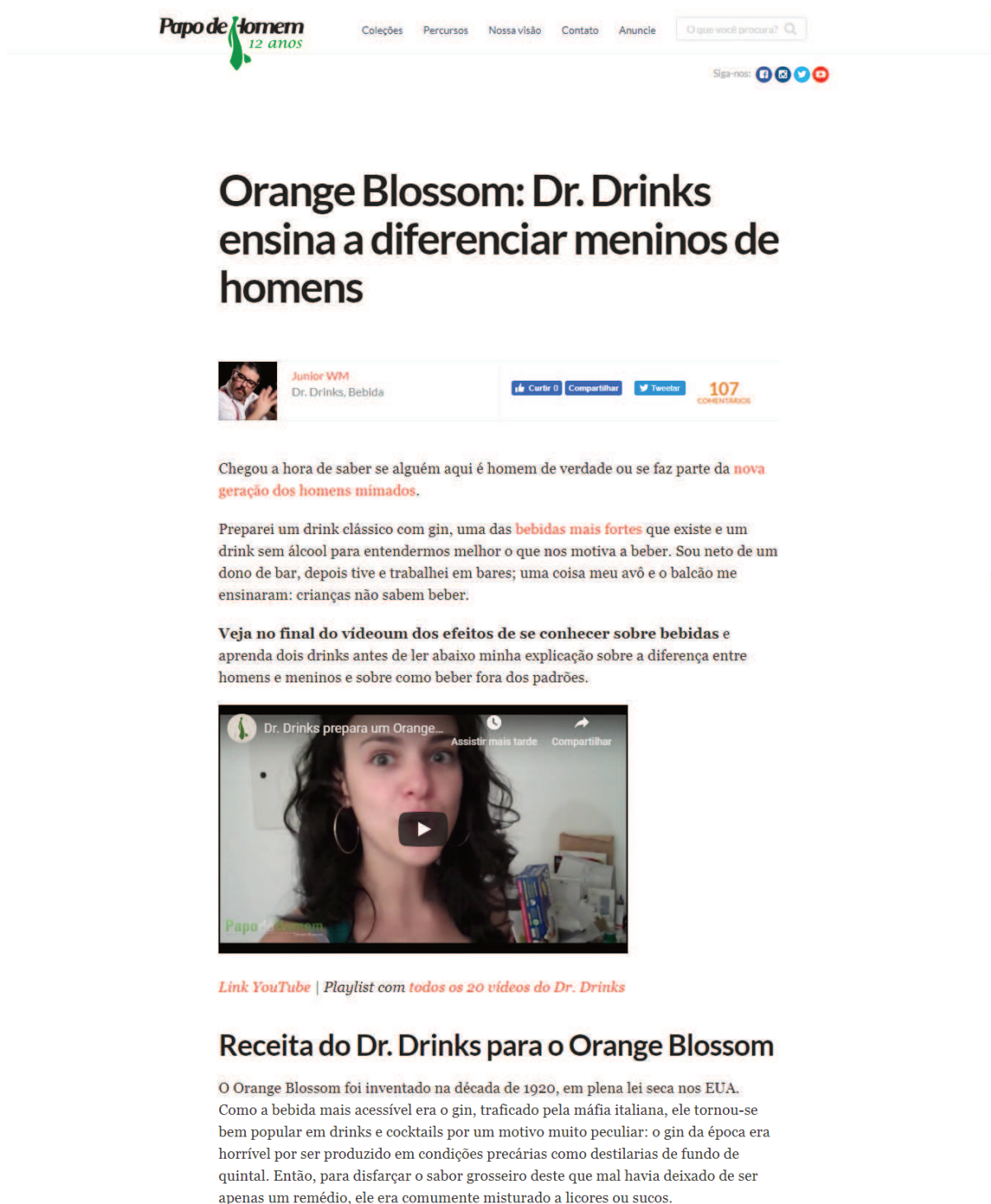
c) Delimitação do domínio temático

O texto de Junior WM remete aos seguintes domínios temáticos: (i) bebidas alcoólicas; (ii) comportamento; (iii) masculinidade.

d) Materialidade do sistema semiológico

Trata-se de um texto escrito, pontuado por 4 imagens e um *link* para a plataforma de vídeos *YouTube*:

Figura 17 - Materialidade do sistema semiológico (Papo de Homem)



The image shows a screenshot of a website page. At the top, there is a navigation bar with the logo 'Papo de Homem 12 anos' and links for 'Coleções', 'Percurso', 'Nossa visão', 'Contato', and 'Anuncie'. A search bar is also present. Below the navigation, there are social media icons for Facebook, Instagram, Twitter, and YouTube. The main heading of the article is 'Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens'. Below the heading, there is a profile picture of a man and the text 'Junior WM Dr. Drinks, Bebida'. To the right of the profile, there are buttons for 'Curir 0', 'Compartilhar', and 'Tweetar', along with a '107 COMENTÁRIOS' badge. The article text begins with 'Chegou a hora de saber se alguém aqui é homem de verdade ou se faz parte da nova geração dos homens mimados.' followed by a paragraph about gin drinks. Below the text, there is a video player with a play button and the title 'Dr. Drinks prepara um Orange...'. At the bottom of the video player, there is a link: 'Link YouTube | Playlist com todos os 20 vídeos do Dr. Drinks'. The article concludes with a section titled 'Receita do Dr. Drinks para o Orange Blossom' and a paragraph explaining the history of the drink.


Papo de Homem 12 anos

Coleções Percurso Nossa visão Contato Anuncie

O que você procura?

Siga-nos: [f](#) [i](#) [t](#) [y](#)

Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens

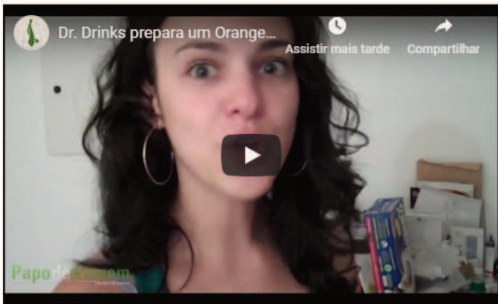
 **Junior WM**
Dr. Drinks, Bebida

[Curir 0](#) [Compartilhar](#) [Tweetar](#) **107** COMENTÁRIOS

Chegou a hora de saber se alguém aqui é homem de verdade ou se faz parte da **nova geração dos homens mimados**.

Preparei um drink clássico com gin, uma das **bebidas mais fortes** que existe e um drink sem álcool para entendermos melhor o que nos motiva a beber. Sou neto de um dono de bar, depois tive e trabalhei em bares; uma coisa meu avô e o balcão me ensinaram: crianças não sabem beber.

Veja no final do vídeo os efeitos de se conhecer sobre bebidas e aprenda dois drinks antes de ler abaixo minha explicação sobre a diferença entre homens e meninos e sobre como beber fora dos padrões.



[Link YouTube](#) | [Playlist com todos os 20 vídeos do Dr. Drinks](#)

Receita do Dr. Drinks para o Orange Blossom

O Orange Blossom foi inventado na década de 1920, em plena lei seca nos EUA. Como a bebida mais acessível era o gin, traficado pela máfia italiana, ele tornou-se bem popular em drinks e cocktails por um motivo muito peculiar: o gin da época era horrível por ser produzido em condições precárias como destilarias de fundo de quintal. Então, para disfarçar o sabor grosseiro deste que mal havia deixado de ser apenas um remédio, ele era comumente misturado a licores ou sucos.

Você vai precisar de:

- Uma taça de Martini gelada
- Suco de laranja
- Gin (o melhor é o London Dry Gin)
- Simple syrup (xarope simples de açúcar, receita abaixo)
- Gelo

Adicione gelo à coqueteleira, 3 partes de gin, 6 partes de suco de laranja e duas partes de simple syrup. Bata até gelar a superfície da coqueteleira e sirva o drink coado sem gelo algum na taça de Martini previamente gelada.

Para fazer o simple syrup:

Muito fácil: jogue uma medida de água e uma de açúcar numa panela, leve ao fogo médio e mexa continuamente por alguns minutos até começar a ferver. Retire de fogo, deixe esfriar e use para adoçar drinks com suco de fruta que não levem licor. Infelizmente o vídeo que temos fazendo o xarope ainda não está editado. Publicaremos o link via [Twitter](#), [Facebook](#) e comentários essa semana.

Receita do novo drink sem álcool do Dr. Drinks

Esse drink junta elementos cítricos e azedos, como limão e abacaxi, a sabores doces e amplos, como o simple syrup e a hortelã.

Você vai precisar de:

- Um copo Long Drink
- Gelo
- Um raminho de hortelã
- Suco de laranja
- Suco de abacaxi
- Simple Syrup
- Suco de limão

Ponha a hortelã no copo com uma boa dose de simple syrup, macere bem pra que a erva solte seu sabor e aromas no xarope. A seguir acrescente 4 pedras de gelo e encha até a metade do copo com suco de laranja. Complete com suco de abacaxi e esprema meio limão por cima. Mexa e sirva. É fantástica a complexidade desses sabores combinados.

Entenda por que crianças não sabem beber



Xamã peruano: esquecemos de nossas origens a tal ponto que hoje muitos sequer sabem o que significa "xamã" | Créditos: Leonid Plotkin

Bebemos com desejo de socialização. Pense em quantas pessoas bacanas você conheceu enquanto bebia leite e entenderá o que estou dizendo. O consumo de bebidas alcoólicas pela humanidade começou há muitos séculos por vários **povos indígenas e pagãos** que bebiam para "entrar em transe" e estar mais próximo de seus deuses.

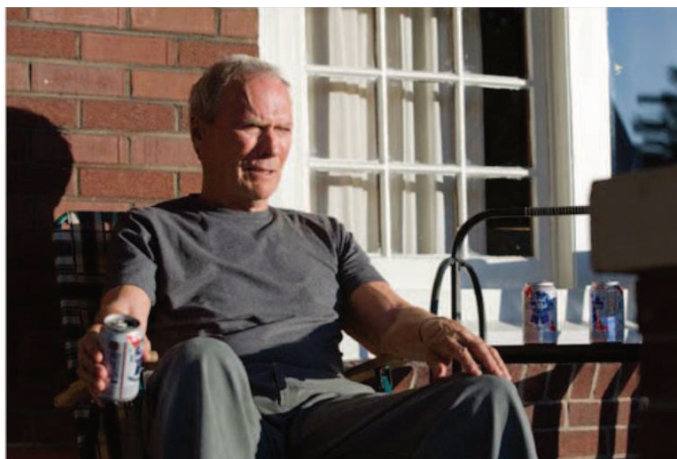
É fato que quem bebe vê "coisinhas" – e como não havia método científico, era normal atribuir tudo ao divino. Tomar um porre era, literalmente, uma coisa santa. Assim as bebidas tornaram-se um traço da cultura dos povos. Em algumas regiões onde a medicina era mais avançada, as bebidas eram inicialmente usadas como remédio. Em outras, eram aperitivo, como a cachaça no Brasil, que era tomada antes das refeições para abrir o apetite.

Esse hábito tornou-se parte tão forte de nossas vidas que hoje em dia é quase impossível pensar em uma festa de casamento, por exemplo, sem algo diferenciado para beber. Beber tornou-se algo natural em nossas vidas. É natural filhos crescerem vendo os pais consumindo álcool em casa. Seja no seu próprio aniversário de um aninho ou na noite de Natal.

Mais cedo ou mais tarde essas crianças crescem e acabam bebendo. Isso acontece porque incorporamos em nosso inconsciente, por osmose com nosso meio e a sociedade em que vivemos, o valor emocional do álcool e todas as suas benesses para o agrupamento social.

O álcool potencializa as emoções, antes para nos colocar em contato com os deuses e hoje para nos conectar a outras pessoas. Portanto, ele torna-se um problema nas mãos de quem não sabe controlar as próprias emoções.

A diferença entre homens e meninos



Clint Eastwood: mesmo tomando cerveja em latinha (PBR), é sempre um grande exemplo

Para algumas pessoas o hábito de beber é muito mais do que simplesmente **embriagar-se levado por um hábito involuntário**. São as pessoas que conhecem o que estão bebendo. Sabem seus limites e as consequências de avançar até eles, ou de ultrapassá-los.

É justamente a forma como encaramos as consequências que mostra quão homens nós somos. Não só por causa de uma ressaca ou uma piadinha pra mulher errada, mas pra tudo na vida. Homem mesmo é aquele que estufa o peito e segura a bronca, seja ela qual for. É o cara que sabe admitir que errou ou que algo que fez deu errado e tem a coragem de encarar os fatos.

Isso também tem seu lado bom, pois quem administra de forma madura algo ruim também o faz para coisas boas. Afinal é assim que vamos pra cima das mulheres. De qualquer outra forma tomamos toco. Quem é pegador chega junto com a maior naturalidade porque é seguro de si e não precisa correr pra mamãezinha buscando proteção.

Beber fora dos padrões

Sujeito diz que sabe beber, pois bebe 30 latas de cerveja e não cai. Isso não é saber beber. No máximo é saber não cair de bêbado com cerveja. **Sabe beber o sujeito que conhece o que está bebendo, sua história e seus efeitos.**



Nosso retrato: seres enlatados, uns iguais aos outros, que fazem pouco além de poluir o mundo

Se num evento social já estão todos de copo na mão, a aproximação torna-se muito mais fácil ao focar seu discurso em algo que está evidente na outra pessoa: seu copo. Alguém com um copo na mão está, como vimos, disposto a socializar. Imagine se nesse momento você é capaz de **descrever o estímulo sensorial** que o outro está tendo naquele exato momento por meio de sua bebida.

Isso só acontece se você conhecer bebidas. Se tiver tal disposição, um novo mundo vai se abrir diante de seu olfato, visão e paladar. História, antropologia, ciência, religião... tudo cabe numa simples dose. E nesse momento você **nasce** de forma elevada perante o outro. Seja uma mulher, sejam seus amigos, familiares, colegas de trabalho, quem for.

Você adquire a característica de dominar o conhecimento de um hábito subconsciente do ser humano. É ser visto como um tipo de psicólogo que entende as expectativas que pretendemos suprir no copo. Ou ser **um grande contador de histórias**.

Ambos os casos prendem a atenção e tornam você uma pessoa diferenciada no grupo cheio de caras que tomam 30 latas de cerveja e não caem. E também não sabem porque bebem. É quase como que um movimento reflexo, automático.

Pessoas que se enquadram em grandes padrões comportamentais tem menos chance de serem lembradas, uma vez que compartilham suas características com um grupo muito grande. E se todos são iguais, como diferenciar alguém?

Olha na foto abaixo **meu abdômen atual** (tirada hoje pela manhã):



Não é um exemplo de beleza midiática, mas mesmo assim Dr. Drinks sempre é recebido como uma pessoa com uma habilidade especial: **construir sabores**. É uma forma de comunicação não-verbal muito forte e é justamente ela que proporciona um destaque dos padrões comportamentais de um grupo.

Isso faz com que se consiga reações como a da gatinha do final do vídeo (que odeia álcool, aliás), pois estamos proporcionando **uma experiência sensorial muito mais profunda que uma simples conversa** ou exibição de um corpo perfeito. Explorar outros níveis de conversação é algo que jogará muito a seu favor. E conhecer essas formas é algo que exige maturidade. Ou seja, ser homem.

Ser homem pra saber dosar malícia *versus* gentileza e estar disposto a receber críticas de caráter pessoal tomadas como verdades a respeito de novos sabores. Mas também é fazê-lo projetando o resultado, esperando um sorriso e o elogio que vem sempre potencializado pela empolgação da experiência.

Ao aprender a preparar um drink, na verdade estamos lidando com algo muito além do álcool: estamos **resgatando histórias** e aprendendo novas formas de estimular os sentidos e proporcionar novas sensações.

Por que você bebe?

Em vez de viver dividindo espaço com todos os demais homens que tem o mesmo padrão comportamental, convido você a ser um elemento diferenciado, não apenas mais um, mas **um ponto focal de sofisticação, generosidade, conhecimento**

e **estilo**. É essa minha motivação por trás de todo o trabalho para tocar essa coluna.

E pra isso te pergunto: **Por que você bebe?**

publicado em 29 de Janeiro de 2010, 03:01



Junior WM
Um grande apreciador de história e histórias. Vive a vida de forma que seja lembrada como honrada e humana. Ama os prazeres da vida e sua família. Escreve sobre passar pelo mundo com dignidade e alegria. Contribui com a revolução digital por acreditar em seu caráter humanitário e num mundo melhor.

★ Puxe uma cadeira e comente, a casa é sua. Cultivamos diálogos não-violentos, significativos e bem humorados há mais de dez anos. Para saber como fazemos, leia **nossa política de comentários**.



Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

107 Comentários Papo de Homem Entrar

Recomendar Tweet Compartilhar Ordenar por Mais votados

Participe da discussão...

FAZER LOGIN COM OU REGISTRE-SE NO DISQUS

Nome

Sugestões de leitura



Guia cervejeiro para iniciantes | Como começamos a beber melhor nossa cerveja | Bia Amorim 5

Fonte: Papo de Homem.

Quanto ao peritexto, primeiramente, encontram-se 03 anúncios, que remetem a relógios – anteposto ao texto – e a uma clínica médica e a um *site* de *poker* – situados à direita do texto:

Figura 18 - Peritexto (Papo de Homem)



SMARTWATCH
LED COLORIDO
DE R\$ 199,00 POR
118,90
5X SEM JUROS
COMPRAR

Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens



Junior WM
Bebida, Dr. Drinks

Curtir Compartilhar Tweetar

Chegou a hora de saber se alguém aqui é homem de verdade ou se faz parte da **nova geração dos homens mimados**.

Preparei um drink clássico com gin, uma das **bebidas mais fortes** que existe e um drink sem álcool para entendermos melhor o que nos motiva a beber. Sou neto de um

Nossos atuais Meceiros:




Fonte: Papo de Homem.

Após o texto, há 04 *links* que permitem aos usuários acessar outros conteúdos de PdH, e, logo abaixo destes, outros quatro *links* para matérias de outros veículos que anunciam seu conteúdo no portal. Abaixo esses conteúdos, há mais 09 *links* que dão acesso a matérias anunciadas em PdH por outras páginas.

Ao lado direito desses *links*, encontram-se dois textos relacionados a anúncios de patrocinadores da página – referidos como *mecenas*. Ambos anúncios são dos mesmos patrocinadores cujos anúncios aparecem no topo da página: *Américas Serviços Médicos* e *888 Poker*. O primeiro deles, remete ao tópico *disfunção sexual*. Logo abaixo, outro texto que ensina técnicas de concentração usadas por jogadores de *poker* a pessoas que pretendem render mais no ambiente profissional. Relacionado a esse texto, há um anúncio em que se lê *jogue poker*.

Figura 19 - Peritexto inferior 1 (Papo de Homem)

Um grande apreciador de história e histórias. Vive a vida de forma que seja lembrada como honrada e humana. Ama os prazeres da vida e sua família. Escreve sobre passar pelo mundo com dignidade e alegria. Contribui com a revolução digital por acreditar em seu caráter humanitário e num mundo melhor.

Recomendados para você

- Realizando o sonho de viver na praia com a família
- Carta de despedida como se deve - com saudade e aventura
- Pratique um esporte que você sempre quis e nunca fez | relatos Ignição #22
- Mantendo a calma sob pressão
- Ex-padrão afirma: Não estude inglês antes de ver isto!
- Milionários exigem que seja banido vídeo da jovem que ensina como ganhar 1...
- Panela que não gruda nem ovo vira febre no Brasil
- 20 Fotos hilárias que provam que brasileiro precisa ser estudado!

Recomendado por @outbrain

★ Puxe uma cadeira e comente, a casa é sua. Cultivamos diálogos não-violentos, significativos e bem humorados há mais de dez anos. Para saber como fazemos, leia [nossa política de comentários](#).

Papo de Homem
496.905 curtidas

Curtir Página Comentar agora

Fonte: Papo de Homem.

Figura 20 - Peritexto inferior 2 (Papo de Homem)

The image shows a screenshot of a social media post from the page 'Papo de Homem'. At the top, there is a 'Sponsored Links' section with six items:

- A woman with text: 'Ela padre afirma: Não estude inglês antes de ver isto!'. Source: Aprender os Inglêss.
- A man with text: 'Descuberta planta que reduz drasticamente a dor no sangue e dores'. Source: Max Morango.
- A game scene with text: 'Jogadores do mundo inteiro estavam esperando por esse jogo'. Source: Page Of Enemies - Jogo Online Grátis.
- A woman with text: 'Brooke Shields tem 52 anos e está irresistível!'. Source: Finance Easy.
- A smartwatch with text: 'Novo relógio inteligente que monitora sua saúde está conquistando o país'. Source: HealthVestor.
- A gold watch with text: 'Relógios exclusivos e com design sofisticado - Conheça o novo VADO'. Source: Vitor.

Below the sponsored links, there are two 'Mecenas' advertisements:

- 'Americas Serviços Médicos' with text: 'Disfunção sexual: um pequeno guia'. Source: Marcela Campos 6.
- 'Jogue Poker 888 poker' with text: 'Como aumentar o foco na vida e no trabalho'. Source: Alberto Brandão 2.

At the bottom of the post, it shows '107 Comentários', the page name 'Papo de Homem', and an 'Entrar' button. There are also social sharing options for 'Recomendar', 'Tweet', and 'Compartilhar', and a sorting option 'Ordenar por Mais votados'. A comment input field says 'Participe da discussão...'.

Fonte: Papo de Homem.

e) Situação da troca linguageira

Trata-se de uma troca interlocutiva (CHARAUDEAU, 2010), já que os leitores da página podem interagir com o autor do texto. No *post* em que o texto se encontra, há 107 comentários que, em sua quase totalidade, demonstram identificação com o conteúdo do texto e com seu autor. Esse tipo de interação é definido por Primo (2009), como *Interação mútua*, pois baseia-se “na construção cooperativa da relação, cuja evolução repercute de nos eventos futuros” (PRIMO, 2009, p. 21).

f) Suporte de transmissão

O suporte desse texto é, também, o eletrônico, já que pode ser acessado na página Papo de Homem.

g) Gênero Discursivo

Esse texto ilustra bem aquilo a que Marcuschi (2002) chama de heterogeneidade tipológica de gênero, e a que Adam e Heidemann (2009) chamam de heterogeneidade genérica constitutiva: a concorrência de traços genéricos distintos em um mesmo texto, que acabam por dificultar sua classificação. O texto em questão apresenta traços dos seguintes gêneros discursivos: *receita* (já que ensina a preparar

uma bebida); *post* de blog; artigo de opinião; e literatura de autoajuda (instrui leitores quanto à resolução de problemas pessoais⁴⁹).

Em relação à postagem de blog e seu suporte, cumpre lembrar, a partir de Borges (2003), que o *blog*, em linhas gerais,

[...] pela própria natureza da ferramenta, acaba por expor, exclusivamente a linha de raciocínio de seu autor, o que tende a personalizar a notícia e a atrair, com maior ou menor intensidade, opiniões semelhantes. (BORGES, 2003, p. 43).

Esse parece ser o caso dos textos postados na página PdH.

6.3 Análises textuais: as proposições-enunciado encontradas nos textos, suas motivações contratuais, e seu papel na dinâmica da construção de sentidos acerca do álcool

⁴⁹ Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Self-help_book>. Acesso em: 26 nov. 2018.

6.3.1 Análise preliminar dos textos da Superinteressante

Quadro-síntese dos textos - Superinteressante				
Texto	Contrato de comunicação		Representação discursiva	
	Inst. Produção	Fim discursivo	Objetos de discurso e predicções	
			Observações	
<p>“Álcool nas alturas” (T_02_SI)</p>	<p>Gilberto Stam</p> <p>Graduado em Ciências Biológicas (USP); Mestrando em Laboratório Avançado de Jornalismo; atua como divulgador científico⁵⁰.</p>	<p>Discutir os efeitos negativos do álcool em voos.</p>	<p>[1] <i>O drinque a bordo ajuda a enfrentar as alturas, mas pode entupir suas artérias</i>; [2] <i>um copo de vinho de vez em quando faz até bem para o coração</i>; [3] <i>só se beneficiam com o álcool as pessoas nas quais a digestão da substância é lenta</i> (demora mais de meia hora); [4] <i>a bebida reduz as chances de ataque cardíaco</i> – há uma redução de até 86% na incidência do mal; [5] <i>quem tem o gene responsável pela lerdeza na digestão do álcool fica com o coração forte</i>; [6] <i>Nem os bons genes do pileque</i> protegem os passageiros da desidratação normalmente causada pelo álcool; [7] <i>ela engrossa o sangue e, se chegar a formar coágulos, pode matar</i>. [8] <i>É a “síndrome da classe econômica”, que tem transformado viagens inesquecíveis em pesadelo.</i></p>	<p>Esse texto organiza-se a partir de um tema – <i>efeitos do álcool</i>, benéficos e maléficos – situado em uma circunstância específica: uma viagem de avião. As representações discursivas encontradas nesse texto remetem, primeiramente, às circunstâncias em que o consumo de álcool pode ser benéfico à saúde, como mostram [2], [3], [4], [5]. Tais circunstâncias são sinalizadas no segmento [1], linha de apoio situada abaixo do título, e, então contrapostas pelo conector contra-argumentativo <i>mas</i>, que introduz o caráter prejudicial da substância, e o desenvolve durante o restante do texto. Os efeitos danosos do álcool, segundo o texto, podem ser percebidos em segmentos como [6], [7], [8]. Pode-se dizer que texto busca o cumprimento do fim discursivo contrapondo eventuais situações em que o consumo de álcool é benéfico – por questões genéticas – e uma situação em particular, que é a viagem de avião, que ao modificar momentaneamente o funcionamento do corpo, modifica também a forma como este se relaciona com a substância. Isso remete a uma estratégia na orientação argumentativa do texto construída a partir de um contraste entre situações em que uma delas é posta de lado em favor de outra – neste caso, os benefícios em oposição aos malefícios.</p>
<p>“Bebida alcoólica engorda?” (T_03_SI)</p>	<p>Felipe Utrera</p> <p>Sem informações <i>online</i> disponíveis.</p>	<p>Explicar a relação entre o consumo de álcool e a (alta) produção de calorias</p>	<p>[1] <i>Todas as bebidas alcoólicas se compõem de álcool etílico que, metabolizado pelo organismo, transforma-se em hidratos de carbono, produzindo 7 quilocalorias por grama</i>; [2] <i>Os destilados, como aguardente, uísque e gim fornecem 238 quilocalorias por um décimo de litro</i>; [3] <i>O vinho fornece 85 quilocalorias</i> sendo 70 correspondentes ao álcool e 15 aos hidratos de carbono já presentes na bebida; [4] <i>Um copo pequeno de cerveja fornece 43 quilocalorias</i>, metade proveniente do etanol e metade de carboidratos; [5] Em comparação com <i>os refrigerantes, que, apesar do açúcar, fornecem 42 quilocalorias por um décimo de litro, as bebidas alcoólicas engordam mais.</i></p>	<p>Esse texto relaciona o tópico <i>álcool</i> ao tópico <i>produção de calorias</i>. As representações discursivas que o compõem remetem à relação entre a quantidade de gordura produzida pelo corpo humano sob efeito de diversas bebidas, como se vê em [1], [2], [3], e [4]. Em [5], fica evidente a marcação de um PdV orientado à ideia de que o consumo de álcool faz o corpo produzir mais açúcar do que o consumo de refrigerantes, desfazendo a crença de que estas bebidas contêm mais açúcar do que bebidas alcoólicas.</p>
<p>“Copo sem fundo” (T_04_SI)</p>	<p>Krishma Carreira</p> <p>Professora convidada da Faap na Pós-Graduação de Produção Executiva de TV e Produtos Multiplataforma. Professora convidada do Senac no curso de e-commerce. Jornalista, doutoranda na Umesp, com bolsa da Capes, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da</p>	<p>Discutir a técnica da redução de danos em oposição à noção de “abstinência”; Alertar aos perigos do consumo excessivo do álcool.</p>	<p>[1] <i>A abstinência sempre foi a única cura para o alcoolismo</i>; [2] <i>Agora, a polêmica técnica da redução de danos defende que, em alguns casos, o melhor não é tentar parar, mas beber menos</i>; [3] <i>A solução clássica para quem já admitiu ser dependente de álcool sempre foi a busca da abstinência</i>, ou seja, <i>abandonar a bebida de vez</i>; [4] <i>Mas a verdade é que nem todo mundo quer ou consegue parar de beber</i>; [5] <i>E muitos usuários não precisam mesmo dessa medida radical</i>; [6] Para felicidade deles – e da indústria do álcool –, <i>basta aprender a lidar com a bebida da forma mais saudável possível</i>. [7] <i>Esse pensamento é</i></p>	<p>Esse texto defende o PdV de que, em relação a certos casos de alcoolismo, o melhor tratamento é beber menos, ao invés de tentar parar totalmente, como mostram [1], [2] e [3]. Os segmentos que se estendem de [4] a [10] remetem aos casos em que a redução de danos parece melhor se aplicar: àqueles casos em que os usuários são informados periodicamente a respeito dos efeitos do álcool, e acabam, por si sós, reduzindo o consumo da substância, ao invés de interrompê-lo repentinamente. Nesses segmentos, percebem-se, também, variadas</p>

⁵⁰ Fonte: <<https://www.escavador.com/sobre/4788889/gilberto-pentead-stam>>.

	<p>Universidade Metodista de São Paulo (Unesp), na linha de pesquisa Comunicação Midiática, Processos e Práticas Culturais. Obteve o mestrado, na mesma instituição, em 2017, como bolsista do CNPq⁵¹.</p>		<p>compartilhado por um grupo de estudiosos no Brasil, que defende essa abordagem diferente, conhecida como redução de danos; [8] <i>Um exemplo de como isso funciona está na Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista de Botucatu (Unesp);</i> [9] <i>A idéia surgiu depois que os professores descobriram que, entre 1998 e 2001, 25% dos alunos bebiam cinco ou mais drinques em uma única ocasião por mais de uma vez em um período de duas semanas (situação de risco para quem entende do assunto)</i> [10] Na Conferência Internacional sobre Álcool e Redução de Danos, realizada em Recife no final de agosto, a pesquisadora Linda Sobell afirmou que existem <i>muitos usuários de álcool que não atravessam a entrada das clínicas porque não querem receber o rótulo de alcoólatras.</i> Como saída, ela propõe um programa diferencial. [11] <i>O álcool é uma droga;</i> [12] Segundo o Escritório das Nações Unidas para o Controle de Drogas e Prevenção ao Crime, <i>a ingestão de álcool no Brasil é maior que a de leite.</i> [13] Aqui, o consumo per capita de cerveja é de 49 litros por ano. [14] Parece muito, mas é menos da metade da Alemanha: 131 litros por pessoa, o maior do mundo. [15] <i>Tudo isso faz do álcool a droga mais consumida do planeta.</i> [16] <i>O álcool age no sistema nervoso central, assim como a maconha, a cocaína e a heroína.</i> [17] <i>O álcool vicia mais que maconha e causa mais danos que todas as outras drogas juntas, se somarmos aí os prejuízos causados por acidentes, conflitos regados a biritas e doenças.</i> [18] <i>O problema relacionado ao álcool tem um nome: dependência química, e quem tem esse problema é conhecido como alcoólatra ou alcoolista</i> (o termo politicamente correto): 12% dos brasileiros têm essa doença (sim, é uma doença reconhecida pela Organização Mundial de Saúde desde 1967). [19] <i>Estima-se que a indústria do álcool movimentou 3,5% do Produto Interno Bruto no Brasil. Mas o país gasta 7,3% do PIB para tratar problemas resultantes da bebida, da dependência à perda de produtividade.</i> [20] Segundo a Organização Mundial de Saúde, <i>os brasileiros perdem, em média, 11,6% dos anos saudáveis da vida devido ao álcool;</i> [21] <i>Em 1997, cerca de 80 mil internações motivadas pela bebida foram registradas nos hospitais brasileiros;</i> [22] <i>No cômputo geral, o uso abusivo é apontado como responsável por 350 doenças físicas e psíquicas catalogadas pelos médicos.</i> [23] <i>Outro dado impressionante: a taxa de suicídio entre alcoólatras é 15 vezes maior do que entre a população em geral.</i></p>	<p>marcas de responsabilidade enunciativa, visto que a técnica da redução de danos que o texto apresenta é resultado de estudos científicos. A partir de [11], o tópico do texto passa da redução de danos ao álcool em si, primeiramente, categorizando-o como uma droga. Os segmentos [12], [13], e [14] remetem ao alto consumo de álcool no Brasil. O segmento [15] alude ao <i>status</i> internacional do álcool como droga mais consumida. Em termos de r.e., essas informações são atribuídas ao <i>Escritório das Nações Unidas para o Controle de Drogas e Prevenção ao Crime</i>, segunda fonte de informação de que se vale o produtor do texto. Os segmentos [16] e [17] tratam do consumo do álcool em termos de efeitos. A partir de [18], as representações discursivas passam a remeter ao alcoolismo como <i>um problema</i>, e àqueles que são acometidos por esses problemas: os <i>alcoólatras</i>, ou <i>alcoolidas</i>. O mesmo segmento traz também o dado de que 12% dos brasileiros são dependentes do álcool. As representações discursivas que vão de [19] a [22] remetem a consequências do alcoolismo em termos materiais – custos do tratamento da doença – e em termos de qualidade de vida – a redução da expectativa de vida, e o grande número de doenças associadas ao alcoolismo. [23], finalmente, evidencia a relação entre o alcoolismo e o suicídio. Em termos estratégicos, esse texto, primeiramente, apresenta a técnica da redução de danos – que não é uma unanimidade entre os profissionais da área da saúde – construindo-a como uma proposta de tratamento viável. Ao mesmo tempo, a segunda metade do texto funciona como um aviso, pois aborda o álcool sob diferentes pontos de vista marcadamente negativos, visto que remetem a doenças e outros danos colaterais causados pela substância. Dessa forma, a produtora do texto parece cumprir seu duplo fim discursivo: discutir a nova modalidade de tratamento, bem como os malefícios do consumo compulsivo do álcool.</p>
<p>“Álcool faz bem?” (T_05_SI)</p>	<p>Álvaro Pereira Júnior Graduado em Química e Jornalismo pela USP, com especialização em Jornalismo Científico pelo MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts/ em Cambridge, nos Estados Unidos. Assinou por quase 20 anos, desde metade dos anos 90, a coluna <i>Escuta Aqui</i>, que fez parte do caderno semanal <i>Folhateen</i>, da Folha de S.Paulo. Também</p>	<p>Discutir (i) os malefícios do uso abusivo de álcool, e (ii) os eventuais benefícios de seu consumo;</p>	<p>[1] Consumido sem cuidados, <i>o álcool provoca reações inesperadas.</i> [2] Você já reparou que nas festas tem sempre alguém que bebe <i>uma cerveja</i> e dá vexame, enquanto outro entorna <i>uma garrafa de vinho</i> e fica só um pouco mais alegre? [3] É difícil acreditar, mas apenas agora a ciência começa a entender como e por que <i>a droga mais antiga da civilização suscita efeitos tão diferentes nos seres humanos;</i> [4] <i>Várias pesquisas sugerem que, na medida certa, a bebida pode fazer bem.</i> [5] <i>“O uso moderado do álcool traz uma série de benefícios físicos e psicossociais”, afirma Archie Brodsky, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Harvard, nos Estados Unidos.</i> [6] <i>“O álcool é o que</i></p>	<p>Esse é o único dos textos que aborda aspectos positivos associados ao consumo moderado do álcool. Entretanto, não faz apenas isso, mas, assim como os demais, alude aos malefícios de seu consumo abusivo. Ambas as situações são subsumidas por [3]. Os benefícios do álcool são o tópico dos segmentos que vão de [4] a [10]. Os objetos de discurso construídos positivamente são <i>o uso moderado do álcool, o álcool</i> etc. [8] e [9] remetem a benefícios advindos do uso moderado da substância, e de sua mudança de <i>status</i> – <i>deixou de ser tão mal visto</i>. Em termos de r.e, além da menção às fontes de informação</p>

⁵¹ Fonte: <<http://www.fapcom.edu.br/corpo-docente/krishma-anaisa-coura-carreira>>.

	<p>trabalhou como repórter da editoria de ciência da Folha de S.Paulo e foi editor-chefe do Notícias Populares entre 1992 e 1995⁵².</p> <p>Meire Cavalcante Jornalista, mestra em educação⁵³. Escreve periodicamente na Superinteressante.</p>		<p>se chama de lubrificante social ideal”, explicou à SUPER a psicobióloga Ana Regina Noto, do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). [7] “Sob seu efeito, os indivíduos interagem com os outros de uma forma gostosa, melhorando a qualidade da relação”, acrescenta a pesquisadora. [8] <i>A ciência leva em conta ainda outros fatores positivos no consumo moderado, como a redução do estresse e a melhora do humor, segundo Brodsky.</i> [9] “Como a Medicina passou a incluir a qualidade de vida nos condicionantes da saúde, o álcool deixou de ser tão malvisto”, diz ele. [10] A sabedoria está em separar a porção que alivia daquela que envenena; [11] Se você fica tonto só de cheirar <i>um copo com bebida alcoólica</i>, alegre-se. [12] <i>A ciência mostra que gente capaz de tomar todas e estar inteira no dia seguinte é justamente a que corre mais risco de se tornar dependente.</i> [13] E não é só isso. [14] Descobriu-se também que <i>os mais resistentes costumam ser filhos de alcoólatras.</i> [15] <i>Essas conclusões fazem parte de um estudo superdetalhado do psiquiatra americano Marc Schuckit, da Universidade da Califórnia.</i> [16] Resumo da ópera: <i>quem, além de ser filho de alcoólatra, resiste bem à bebida está sob alto risco de alcoolismo.</i> [17] Embora <i>seu estudo possa levar à descoberta de um gene envolvido no alcoolismo</i>, ele lembra que <i>o ambiente também desempenha um papel importantíssimo.</i> [18] Ana Regina concorda. [19] “Um filho que cresce vendo o pai ou a mãe bebendo de modo exagerado tende a encarar isso como algo natural”, diz ela. [20] “<i>A educação é fundamental.</i>”</p>	<p>de que os jornalistas se valem, há a reiteração do discurso científico marcada pelo objeto de discurso <i>A ciência</i>, que aparece nos segmentos [8] e [12]. O segmento [10] encerra o subtópico <i>benefícios do álcool</i>, sugerindo que é preciso fazer uso moderado da substância. Os segmentos [11] a [19] tratam dos malefícios relacionados ao uso do álcool. [11] e [12] tratam da tolerância à substância, que varia de pessoa pra pessoa. Em particular, têm propensão ao consumo compulsivo aquelas que são mais tolerantes à bebida. [13] e [14] adicionam outro fator que pode causar a compulsão, de caráter genético. O segmento [15] é uma das marcas de r.e que faz referência à origem dessas representações discursivas. O segmento [16] tem função resumitiva, pois condensa informações contidas de [11] a [14]. Os segmentos [17] a [19] atentam para os fatores ambientais que podem favorecer o alcoolismo, permitindo que se infiram as duas maiores responsáveis pelo transtorno: a genética e o ambiente.</p>
<p>“<i>O álcool não mata por overdose</i>” (T_06_SI)</p>	<p>Sem autoria explícita (“da redação”)</p>	<p>Explicar como é a morte ocasionada pelo consumo exagerado de álcool</p>	<p>[1] <i>O consumo exagerado de bebidas alcoólicas pode, sim, levar à morte.</i> [2] <i>O envenenamento por álcool é consequência da sua ingestão em maior quantidade do que o corpo consegue metabolizar.</i> [3] E nem é preciso tanto assim. [4] Segundo o órgão americano National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism, <i>o nível de consumo considerado “uso pesado episódico” – isto é, além da conta – começa em 5 doses para os homens e 4 para as mulheres, em um período de duas horas;</i> [5] <i>O álcool mata porque exerce efeito depressivo sobre o sistema nervoso central e “desliga” as áreas cerebrais que controlam a consciência, a respiração e os batimentos cardíacos, levando ao coma e à morte.</i> [6] “<i>A intoxicação alcoólica grave provoca distúrbios metabólicos, como desidratação, hipotensão – a queda da pressão arterial – e arritmia, levando à parada cardíaca</i>”, diz Daniel Magnoni, cardiologista e nutrólogo do Hospital do Coração (HCor) e do Instituto Dante Pazzanese, de São Paulo; [7] Isso tudo sem falar nos problemas crônicos que podem ser causados pela bebida, como <i>cirrose, pancreatite, colite e gastrite, por exemplo.</i></p>	<p>Esse texto chama a atenção, primeiramente pelo título: ao dizer que <i>o álcool não mata por overdose</i>, fica implícita a ideia de que <i>o álcool mata</i>. O que o texto discute é como a morte ocorre, uma vez excetuada a hipótese de overdose. O segmento [1], linha de apoio do título do texto, marcadamente, confirma o potencial letal do álcool, subentendido no título. O segmento [2] mostra que não se trata de uma overdose, mas de um <i>envenenamento</i> causado pelo consumo excessivo de álcool, que acarreta a morte porque o corpo não consegue processar – ou <i>metabolizar</i> – a substância. [3] e [4] remetem às dosagens excessivas de álcool estimadas para homens e mulheres, que, mesmo em número <i>relativamente baixo</i>, já podem ser consideradas excessivas. [5] remete ao potencial letal do álcool, explicitando como se dá a morte por envenenamento – é também notável a transição entre os objetos de discurso <i>envenenamento por álcool</i> em [2], e <i>intoxicação alcoólica grave</i>, em [6], que podem ser lidas como <i>causa</i> da morte por ingestão de álcool, ao contrário da <i>overdose</i>, como diz o título. Além dos problemas diretamente ligados ao consumo de álcool contidos em [5] e [6], em [7], aparecem problemas indiretamente ligados ao alcoolismo, que afetam outros órgãos do corpo.</p>

⁵² Fonte: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/alvaro-pereira-junior/>>.

⁵³ Fonte: <<https://twitter.com/meirecavalcante>>.

<p>“Uma viagem das drogas pelo corpo humano” (T_07_SI)</p>	<p>Lúcia Helena de Oliveira</p> <p>Jornalista com 33 anos de experiência em Saúde e cursos de especialização no Brasil e no Exterior. Na Editora Abril foi uma das fundadoras de Superinteressante, criou e comandou o site do Bebê e dirigiu por 17 anos a revista SAÚDE⁵⁴.</p> <p>Paulo Roberto Pepe</p> <p>Jornalista e sociólogo formado pela USP. Profissional de comunicação há mais de vinte anos, trabalhou na Editora Abril como editor de pesquisas no Dedoc (Departamento de Documentação) e foi colaborador das revistas Exame, Veja e Superinteressante. Fundador da Empório da Comunicação, coordenou o grupo multidisciplinar que desenvolveu a metodologia do Índice de Qualidade de Imagem – IQI e também do IQI de Mídias Sociais – IQI-MS⁵⁵.</p> <p>Lúcia Camargo (colaboradora)</p>	<p>Explicar os efeitos de diversas drogas – entre elas, o álcool – no organismo.</p>	<p>[1] <i>O álcool é um depressor do funcionamento do sistema nervoso.</i> [2] O mais curioso, porém, é que <i>ele parece agir em etapas, ao chegar ao cérebro.</i> [3] A primeira região a ser deprimida é aquela do comportamento voluntário, na superfície da víscera cinzenta, responsável por decisões do tipo “o que devo e o que não devo fazer”. [4] Ou seja, em um só golpe, <i>o álcool derruba a autocensura.</i> [5] Depois de alguns goles, a pessoa passa a liberar pensamentos e emoções que estavam, de alguma maneira, bloqueados—pode, assim, falar mal da sogra, cair na gargalhada, soltar o choro, mostrar o cansaço do dia e adormecer em público; [6] <i>O próximo passo do álcool no sistema nervoso é ir para as áreas encarregadas da concentração e da coordenação motora.</i> [7] Da mesma forma que a bebida alcoólica, <i>os remédios barbitúricos, criados a partir de 1903, deprimem o sistema nervoso.</i> [8] <i>A primeira área do cérebro a entregar o jogo é a que controla a respiração. Resultado: a pessoa morre por asfixia.</i></p>	<p>O último texto do <i>corpus</i> da Superinteressante remete aos efeitos de várias drogas no corpo humano. Em relação ao álcool o segmento [1], como nos demais textos, constrói o álcool como uma substância <i>depressora do sistema nervoso central</i>, sem usar o termo <i>droga</i>, entretanto. Os segmentos que vão de [2] a [6] remetem aos efeitos, em sua maioria, negativos do álcool de acordo com distintos estágios que esta percorre ao chegar ao cérebro. [7] e [8] remetem aos barbitúricos, cujo poder é comparado ao do álcool, e cuja ação no cérebro é semelhante.</p>
--	--	--	---	--

⁵⁴ Fonte: <<http://verakis.over-blog.com/2017/09/lucia-helena-de-oliveira-prof.wi-food-br.html>>.

⁵⁵ Fonte: <<https://emporiocom.com.br/quem-somos/>>.

6.3.2 Análise do texto “O álcool é a droga mais pesada de todas?”, de José Francisco Botelho, na revista Superinteressante

(1) O álcool é a droga mais pesada de todas?⁵⁶

(2) Há quem diga que sim e que não. (3) Mas ninguém discorda pelo menos de um ponto: o alcoolismo é um problema muito maior que as outras drogas - e seus efeitos são devastadores para quem vira dependente.

Por **José Francisco Botelho**

access_time31 out 2016, 18h52 - Publicado em 6 abr 2012, 22h00



(4) Quando se pensa nos danos causados por drogas como o crack ou a cocaína, fica difícil imaginar que um copo de cerveja ou uma dose de uísque possam ser mais perigosos. (5) Muitos especialistas, no entanto, defendem a tese de que, por uma combinação de fatores perversos, o álcool é a droga mais pesada – ou pelo menos a mais preocupante – de todas.

(6) De acordo com a médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa da Silva, autora do livro *Mentes Perigosas – O Psicopata Mora ao Lado* (Fontanar, 2008), as consequências do uso continuado de álcool são devastadoras: desenvolvimento de doenças autoimunes, cirrose, diabetes e depressão, para citar apenas alguns exemplos. (7) E com um agravante: bebidas alcoólicas são drogas legais, estão à venda em cada esquina. (8) “De todas as drogas, o álcool é a que tem o maior número de usuários e a que começa a ser consumida mais cedo, entre os 12 e os 13 anos de idade”, diz Ana Beatriz. (9) “Em 50% dos casos, a primeira dose é consumida em casa, com a convivência dos pais.”

⁵⁶ Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/o-alcool-e-a-droga-mais-pesada-de-todas/>>. Acesso em 25 abr. 2017.

(10) O poder destrutivo do álcool, segundo a médica, vem da capacidade que essa substância tem de provocar lesões em tecidos adiposos (gordura). (11) “E o cérebro humano é todo revestido de tecido adiposo”. (12) Ao atacar esse revestimento, diz Ana Beatriz, o álcool desencadeia um processo inflamatório no cérebro, alterando sua bioquímica e as transmissões elétricas entre as sinapses (as ligações que unem os neurônios). (13) “No primeiro momento, ele relaxa. (14) No segundo, provoca euforia. (15) No terceiro momento, vem a depressão. (16) E, se a pessoa não parar de beber, o álcool leva ao coma.”

(17) Uma pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) revela que 80% dos adolescentes brasileiros já beberam alguma vez na vida e que 33% dos alunos do Ensino Médio bebem em excesso pelo menos uma vez por mês. (18) “O consumo de álcool na adolescência pode causar danos irreversíveis à cognição e à aprendizagem”, afirma Ana Beatriz. (19) E a situação fica ainda mais preocupante, segundo a médica, quando se leva em consideração que anúncios de bebidas alcoólicas ocupam algo entre 8% e 10% de toda a publicidade veiculada na TV – especialmente nos intervalos de transmissões esportivas e programas que têm os jovens como público alvo. (20) “É um paradoxo”, diz o historiador Henrique Carneiro, especialista na história do consumo de drogas. (21) “A substância que causa mais problemas à saúde pública é aceita e legalizada, enquanto os usuários de outras drogas são estigmatizados.”

(22) Para o médico Emiliano Kanter, clínico geral em Porto Alegre (RS), determinar qual é a droga mais pesada de todas pode ser algo muito relativo. (23) Exemplos: o LSD, segundo Kanter, é a droga que causa efeitos mais intensos com uma dose mínima – apenas 25 milionésimos de grama já são suficientes; (24) por outro lado, o crack é a que vicia mais rapidamente; (25) já as crises de abstinência da cocaína costumam ser as mais radicais. (26) “Se considerarmos o impacto social do alcoolismo, no entanto, o álcool certamente entra no rol das drogas mais nocivas”.

(27) Vícios na balança
 (28) *Há no Brasil entre 20 milhões e 30 milhões de viciados em álcool, contra 870 mil dependentes de cocaína*

(29) CRACK – 500 a 600 mil usuários
 (30) Droga estimulante do sistema nervoso central. (31) Os danos ao lobo frontal do cérebro são graves, tornando muito difícil a tarefa de livrar o usuário da dependência.

(32) O vício pode surgir em apenas 3 dias. (33) A abstinência é bem parecida com a da cocaína: irritabilidade e ansiedade extremas.

(34) COCAÍNA – 870 mil usuários

(35) Como o crack, é uma droga estimulante do sistema nervoso central. (36) Aumenta o ritmo cardíaco e diminui a capacidade de absorção de oxigênio, tornando o organismo mais propenso a infartos. (37) A abstinência causa agressividade, ansiedade extrema e depressão. (38) O vício pode surgir já na quarta dose.

(39) MACONHA – 3 milhões de usuários

(40) Perturbadora do sistema nervoso central (a categoria dos alucinógenos). (41) Embora seja vista como droga “leve”, as estatísticas demonstram que pessoas que consumiram maconha ao menos 400 vezes na adolescência têm menos empregos e menos diplomas do que aquelas que nunca a utilizaram.

(42) ÁLCOOL – 20 milhões a 30 milhões de usuários

(43) É uma droga depressora do sistema nervoso central. (44) Age diretamente sobre os lipídios e as gorduras – presentes em todos os tecidos do corpo humano, inclusive na membrana que envolve e protege o cérebro. (45) A abstinência pode causar pressão alta, tremores generalizados, alucinações e síndrome do pânico.

(46) *Fontes: Secretaria Nacional Antidrogas (Senad); United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC); Sergio de Paula Ramos; Ana Beatriz Barbosa da Silva.*

O segmento (1) – *O álcool é a droga mais pesada de todas?* – condizente ao título do texto, introduz referencialmente *álcool*, por meio de um hipônimo, que é imediatamente associado a seu hiperônimo: *drogas*. Esse primeiro segmento já me permite evidenciar algo: para José Francisco Botelho – e, conseqüentemente, para a revista Superinteressante – o álcool é um tipo de droga, o que remete, portanto à primeira recategorização referencial efetuada através de um hiperônimo. A esse processo fórico Cavalcante (2003) chama anáfora correferencial recategorizadora, um subtipo de anáfora que envolve a retomada da expressão evocadora – neste caso, *álcool*.

Em termos predicativos, o título do texto questiona o *status* do álcool, interpelando os leitores da revista sobre a hipótese de a substância *ser uma droga potencialmente mais pesada* se comparada às demais. O segundo segmento do texto busca responder a esse questionamento, sinalizando para a ideia de que a resposta não é algo consensual: (2) “há quem diga que sim e que não”.

Em termos de fim discursivo e orientação argumentativa (doravante *or. arg.*), a forma interrogativa do título já dá indícios das intenções de seu produtor: problematizar os danos do álcool, se comparado a outras drogas. Conforme o texto aludirá, a resposta é positiva, não por uma propriedade inerente à substância, mas devido a seu consumo abusivo, que emerge no segmento seguinte. Dada a afinidade epistemológica entre a categoria de Charaudeau – o fim discursivo – e a *or. arg.*, proposta por Adam (2011), fica evidente a defesa de um ponto de vista (doravante, *PdV*) do produtor do texto, o qual é consubstanciado pela polifonia de vozes que aparecerão no texto, uma vez que o produtor não possui legitimidade (CHARAUDEAU, 2012) para discorrer sobre um assunto que transcende as Letras, sua área de conhecimento. Como procurei enfatizar na seção teórica de minha pesquisa, essa afirmação também remete à responsabilidade enunciativa (doravante *r.e*), como os segmentos (2) e (3) fazem referência, ao acenar para as vozes que serão agenciadas por Botelho ao longo do plano textual: (2) Há quem diga que sim e que não. (3) Mas ninguém discorda pelo menos de um ponto: o alcoolismo é um problema muito maior que as outras drogas - e seus efeitos são devastadores para quem vira dependente.

Ainda sobre o segmento (3), cabe destacar transformação do referente, através de um anafórico indireto, que retoma *álcool* por intermédio do SN *alcoolismo*, que pode ser parafraseado como *consumo compulsivo de álcool*. Trata-se, portanto, de uma anáfora indireta com a recategorização de um novo referente (CAVALCANTE, 2003): o uso dessa expressão referencial permite falar do álcool da perspectiva de seu consumo excessivo.

Creio que seja válido de menção o alto grau de informatividade contido nos segmentos (1), (2) e (3). O questionamento estratégico do *status* do álcool, bem como as informações trazidas na linha de apoio da matéria deixam claro o movimento argumentativo – ou a *or. arg.* – que será seguida por José Francisco em seu texto.

O primeiro parágrafo do texto é composto de duas proposições-enunciado, que se encontram nos segmentos (4) e (5).

O segundo parágrafo do texto compreende os segmentos (4) e (5):

[1] (4) Quando se pensa nos danos causados por drogas como o crack ou a cocaína, fica difícil imaginar que um copo de cerveja ou uma dose de uísque possam ser mais perigosos. (5) Muitos especialistas, no entanto, defendem a tese de que, por uma combinação de fatores perversos, o álcool é a droga mais pesada – ou pelo menos a mais preocupante – de todas.

O segmento (4) introduz, por meio de hipônimos, outras drogas sobre as quais o texto alude, e cujos efeitos são comparados aos do álcool: *crack* e *cocaína*. Embora não tenha me comprometido com as representações discursivas relacionadas a essas substâncias, limitar-me-ei a dizer que remetem a especificação de um objeto de discurso mais amplo – *droga* – introduzido no segmento (1) – *O álcool é a droga mais pesada de todas?* – e repetido nos segmentos (4) – *Quando se pensa nos danos causados por drogas como o crack ou a cocaína, fica difícil imaginar que um copo de cerveja ou uma dose de uísque possam ser mais perigosos* – e (5) – *muitos especialistas, no entanto, defendem a tese de que, por uma combinação de fatores perversos, o álcool é a droga mais pesada – ou pelo menos a mais preocupante – de todas.*

Entretanto, ainda em relação ao segmento (4), em termos estratégicos, o emprego da construção circunstancial introduzida pelo advérbio *quando*, por parte de Botelho, visa a desconstruir uma noção corrente: a de que as drogas mencionadas são mais danosas que o próprio álcool. A essa estrutura Adam (2011) chama de *marcador de construção de mundo*, mais precisamente, um *hipotético real*, que, em outras palavras, pode ser considerado como uma asserção tomada como possivelmente verdadeira. Além disso, a reiteração do hiperônimo *drogas* corrobora a orientação argumentativa da linha de apoio: o álcool, assim como a cocaína e o crack, são drogas. Reitero esse aspecto pois, como demonstrarei em relação à página Papo de Homem, essa relação é deveras diluída, se não inexistente – o que pode ser parcialmente explicado pelas diferentes condições de produção a que os textos se submetem.

A desconstrução a que aludi acima é evidenciada pelo segmento (5), como mostra o conector contra-argumentativo marcador de um argumento forte (ADAM, 2011) *no entanto*:

(5) Muitos especialistas, no entanto, defendem a tese de que, por uma combinação de fatores perversos, o álcool é a droga mais pesada – ou pelo menos a mais preocupante – de todas.

Essa concessão é introduzida pelo SN *muitos especialistas*, que, mais uma vez, sinaliza para as vozes que virão à baila para que o texto de Botelho cumpra seu fim discursivo. Essa partícula acessória remete ao que Adam (2011) chama de *marcadores de quadros mediadores ou fontes do saber*, e que, por sua vez, é deveras

afim à categoria de r.e. Além disso, o próprio segmento (5) responde ao questionamento que intitula o texto: [...] *por uma combinação de fatores perversos, o álcool é a droga mais pesada – ou pelo menos a mais preocupante – de todas.*

A resposta ao questionamento dá-se através da introdução de um novo objeto de discurso – que será desenvolvido ao longo do texto – *por uma série de fatores perversos*. Em relação a esse objeto, destaco a escolha lexical efetuada por José Botelho: o adjetivo *perversos* corrobora a ideia central do texto – a de que o álcool é uma substância altamente danosa. Cabe citar também, a partir de Koch (2001), que a escolha do núcleo de uma expressão nominal, bem como de seus modificadores – como é o caso da relação entre *perversos* e *fatores* – não é casual, e opera em consonância com a orientação argumentativa do produtor do texto. Essa escolha de palavras parece não deixar margem de relativização ao interlocutor: caso este não concorde com a periculosidade relacionada ao consumo do álcool, tem de admitir, minimamente, que seu consumo inspira preocupação, a partir dos dados que emergirão do texto.

Os cinco primeiros segmentos que integram o texto em questão – o título, a linha de apoio (formada por dois segmentos) e o primeiro parágrafo (também formado por dois segmentos) – apresentam unicamente a voz do produtor do texto, Botelho, que introduz o tema e a orientação argumentativa que será desenvolvida ao longo do texto. A partir do segmento (6), emergem diferentes vozes que fundamentam a tese sobre a maior periculosidade do álcool em relação às demais drogas.

Esses cinco segmentos iniciais, em termos de atos ilocucionários, e de forma conjunta, remetem à expressão de um PdV que é recorrente no texto, e que se dá por intermédio do ato assertivo-constativo (ADAM, 2011) *o álcool é a droga mais pesada de todas*, em (5), que é discretamente mitigada por *ou pelo menos a mais preocupante*, pois não anula o caráter danoso do modificador *mais pesada*:

(5) Muitos especialistas, no entanto, defendem a tese de que, por uma combinação de fatores perversos, o álcool é a droga mais pesada – ou pelo menos a mais preocupante – de todas.

As vozes agenciadas por Botelho ocupam grande parte – se não a maioria – do plano textual, estendendo-se, explicitamente, dos segmentos (6) ao (26), e, implicitamente, dos segmentos (27) a (45), visto que, embora não haja marcas explícitas (ou os já referidos quadros mediadores do saber e de fontes de informação)

como há em relação às vozes que antecedem esses segmentos, todas as informações foram providas por colaboradores mencionados ao fim da publicação, em (46).

O segundo parágrafo abrange os segmentos que vão de (6) a (9) e trata (i) dos efeitos colaterais do uso recorrente de álcool, e (ii) da relação entre o consumo e o público jovem:

[2] (6) De acordo com a médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa da Silva, autora do livro *Mentes Perigosas – O Psicopata Mora ao Lado* (Fontanar, 2008), as consequências do uso continuado de álcool são devastadoras: desenvolvimento de doenças autoimunes, cirrose, diabetes e depressão, para citar apenas alguns exemplos. (7) E com um agravante: bebidas alcoólicas são drogas legais, estão à venda em cada esquina. (8) “De todas as drogas, o álcool é a que tem o maior número de usuários e a que começa a ser consumida mais cedo, entre os 12 e os 13 anos de idade”, diz Ana Beatriz. (9) “Em 50% dos casos, a primeira dose é consumida em casa, com a convivência dos pais.”

Nesse texto, a primeira voz a ser conclamada por Botelho é a da *médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa da Silva*, como mostra o segmento (6):

(6) De acordo com a médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa da Silva, autora do livro *Mentes Perigosas – O Psicopata Mora ao Lado* (Fontanar, 2008), as consequências do uso continuado de álcool são devastadoras: desenvolvimento de doenças autoimunes, cirrose, diabetes e depressão, para citar apenas alguns exemplos.

Essa voz é introduzida pela marca linguística *de acordo com*, que, conforme aludi acima, remete ao que Adam (2011) chama de *quadros mediadores do saber ou fontes de informação*. Esse expediente repetir-se-á ao longo do texto, porém, através de outras marcas linguísticas cujo valor corresponde à categoria proposta pelo estudioso.

Do ponto de vista da referenciação, partindo de Cavalcante (2003), tem-se a anáfora indireta com a recategorização de um novo referente: *as consequências do uso continuado de álcool*:

(6) De acordo com a médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa da Silva, autora do livro *Mentes Perigosas – O Psicopata Mora ao Lado* (Fontanar, 2008), as consequências do uso continuado de álcool são devastadoras: desenvolvimento de doenças autoimunes, cirrose, diabetes e depressão, para citar apenas alguns exemplos.

A perspectiva passa, portanto, da substância, às consequências de seu consumo regular.

Quanto à predicação associada a esse objeto de discurso – *são devastadoras* – destaco o papel do adjetivo, que possui valor pejorativo, e que opera em conjunção com tal objeto. Novamente, não se trata de uma escolha lexical fortuita: a identidade de Ana Beatriz – que é médica – confere-lhe o direito de fazer uso desse adjetivo de forma categórica. Em termos charaudeanos, é a *identidade psicossocial* (CHARAUDEAU, 2009) de Ana Beatriz que lhe autoriza a expressar-se dessa forma. Também é válido de menção o fato de que, caso tal enunciado houvesse sido proferido pelo produtor do texto, José Botelho, o *ato ilocucionário* (ADAM, 2011) de advertência não teria o mesmo efeito perlocutório, o que autorizaria os leitores da revista a indagar algo do tipo *o que você, jornalista, sabe sobre esse assunto?* Não apenas isso: trata-se de uma peculiaridade do gênero discursivo em questão, a reportagem de DC, em que o jornalista precisa convocar as vozes da ciência para que seu discurso se legitime.

Entretanto, José Botelho, o jornalista divulgador em questão, não é simplesmente um tradutor, mas, sim, um *sujeito ativo*, nos termos de Zamboni (2001), que, mesmo sob determinadas restrições – sendo a temática uma delas – o sujeito é livre para fazer escolhas quanto à organização das vozes as vozes que emergem no texto de DC, como fica evidente nesse e nos demais textos da SI que compõem meu *corpus*.

Também cabe dizer que a voz de Ana Beatriz é bastante presente no texto, estendendo-se do segmento (6) ao segmento (18), o que corresponde a pouco menos do que a metade do texto, que possui 46 segmentos.

Ainda dentro dessa predicação, em (6), encontram-se as especificações das consequências do uso contínuo de álcool – todas negativas, diga-se – *desenvolvimento de doenças autoimunes, cirrose, diabetes e depressão*. Essa pequena lista não se esgota em si mesma, visto que há outras, como mostra o SP *para citar apenas alguns exemplos*.

Em termos de or. arg. e atos ilocucionários, destaco, uma vez mais, a ação de asseverar, que ocorre por meio de um ato assertivo constativo, em que se toma aquilo que a especialista diz como verdadeiro.

O segmento (7) retoma, semelhantemente, a predicação presente no segmento (4), associando-a a uma nova transformação do objeto de discurso introduzido no título: (7) *E com um agravante: bebidas alcoólicas são drogas legais, estão à venda em cada esquina*. A associação do objeto de discurso *Bebidas alcoólicas* – uma

anáfora correferencial e cossignificativa, visto que remete diretamente a álcool, podendo, conseqüentemente, ser por ela comutada – à predicação *são drogas legais* mantém a continuidade referencial iniciada pelo nome *álcool*, no título. Além dessa predicação, em seguida, encontra-se uma outra, que opera sobre o mesmo objeto de discurso: *estão à venda em cada esquina*, o que remete o leitor ao fato de que o acesso à substância não é, de forma alguma, dificultado. Também atento para o encapsulador *agravante*, que antecede a representação discursiva – portanto, de caráter prospectivo – introduzindo-a e especificando-a.

O segmento seguinte, (8), traz a voz da médica psiquiatra, cuja fala é representada pelo uso de aspas, configurando o emprego do discurso direto (DD), de que fala Adam (2011): (8) *De todas as drogas, o álcool é a que tem o maior número de usuários e a que começa a ser consumida mais cedo, entre os 12 e os 13 anos de idade*. Além das aspas, encontramos, novamente, uma marca de quadro mediador do saber ou fonte de informação, que se evidencia pelo SV *diz Ana Beatriz*. Ainda nesse segmento, há a reiteração da predicação que atribui o *status* de droga ao álcool: *de todas as drogas, o álcool é a que a que tem o maior número de usuários e a que começa a ser consumida mais cedo, entre os 12 e os 13 anos de idade*. Do ponto de vista da referenciação, novamente, aponto o papel da anáfora correferencial recategorizadora efetuada por intermédio de um hiperônimo – *drogas* – e que é recuperada pela construção restritiva iniciada por *a que*.

O segmento subsequente, (9), especifica outro *agravante*, através do mesmo expediente de atribuição de R.e., o uso de aspas: *Em 50% dos casos, a primeira dose é consumida em casa, com a convivência dos pais*.

Quanto ao objeto de discurso presente nesse segmento, destaco a transformação, a partir da classificação de Cavalcante (2033), por meio de uma *Anáfora indireta com a recategorização de novo referente*, da forma nominal introdutória: *a primeira dose*, que, através de inferência, remete ao fato de que o consumo da substância dá-se através da unidade de medida *dose*⁵⁷.

⁵⁷ De acordo com o CISA – Centro de informações sobre saúde e álcool – “Dose padrão é uma unidade de medida que define a quantidade de etanol puro contido nas bebidas alcoólicas. Ainda não existe um consenso internacional sobre a dimensão exata de uma unidade padrão, com definições diferentes entre os países e organizações. Em geral, variam de 8 a 14 gramas (g) de etanol puro. A Organização Mundial de Saúde (OMS), por exemplo, estabelece que uma dose padrão contém9 aproximadamente 10 a 12 g de álcool puro, o equivalente a uma lata de cerveja ou chope (330 ml), uma taça de vinho (100 ml) ou uma dose de destilado (30 ml) [...]”. Fonte: <<http://www.cisa.org.br/artigo/4503/definicao-dose-padrao.php>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

O terceiro parágrafo estende-se do segmento (10) ao segmento (16), e dedica-se a enumerar, primeiramente, os efeitos danosos do álcool no organismo, e, em segundo lugar, a partir do segmento (13), seus efeitos, que são expostos de maneira gradual:

[3] (10) O poder destrutivo do álcool, segundo a médica, vem da capacidade que essa substância tem de provocar lesões em tecidos adiposos (gordura). (11) “E o cérebro humano é todo revestido de tecido adiposo”. (12) Ao atacar esse revestimento, diz Ana Beatriz, o álcool desencadeia um processo inflamatório no cérebro, alterando sua bioquímica e as transmissões elétricas entre as sinapses (as ligações que unem os neurônios). (13) “No primeiro momento, ele relaxa. (14) No segundo, provoca euforia. (15) No terceiro momento, vem a depressão. (16) E, se a pessoa não parar de beber, o álcool leva ao coma.”

Em (10), novamente, ocorre a *Anáfora indireta com a recategorização de novo referente*, visto que o objeto de discurso em questão – *o poder destrutivo do álcool* – não havia aparecido até então: (10) *O poder destrutivo do álcool, segundo a médica, vem da capacidade que essa substância tem de provocar lesões em tecidos adiposos (gordura)*. Mais uma vez, chamo a atenção para o modificador *destrutivo*, que opera sobre o núcleo da expressão nominal, *efeitos*. O predicado verbal introduzido pelo verbo *vir* especifica o objeto de discurso ao qual se associa: *a capacidade que essa substância tem de provocar lesões em tecidos adiposos (gordura)*.

Ainda do ponto de vista da referenciação, de acordo com Cavalcante (2003), a expressão definida *essa substância* remete a uma anáfora correferencial realizada por meio de uma expressão definida, o que coopera para a manutenção da continuidade referencial iniciada pelo nome *álcool*.

Em termos de r.e., mais uma vez, há a presença de quadros mediadores do saber ou fontes de informação (ADAM, 2011), como mostra a marca *segundo a médica*, que reitera sua identidade psicossocial através da menção a sua profissão. Cumpre, da mesma forma, aludir à alternância de alcunhas atribuídas a ela: ora é referida por seu nome, ora por sua profissão, ora por sua atividade literária, e ora por esses três elementos, como enfatizei em relação ao segmento (6). A soma desses elementos confere (mais) legitimidade ao discurso de Ana, que não é apenas médica psiquiatra, mas especialista no tema *drogas*.

Em termos de seleção lexical, ainda em relação ao segmento (10), no que tange à voz de Ana Beatriz, chamo a atenção para a reformulação realizada por meio de um

termo sinônimo a *tecido adiposo* de uso corrente – *gordura*. Em se tratando de uma publicação que implica o gênero *reportagem DC*, aponto para o esforço empreendido pela profissional para se fazer entender, uma vez que *tecido adiposo* é um termo da área da medicina com o qual os leitores e leitoras do periódico não têm a obrigação de serem familiarizados (as).

O segmento (11), por sua vez, introduz o objeto de discurso *o cérebro humano*, associando-o a predicação *é todo revestido de tecido adiposo*: (11) “E o cérebro humano é todo revestido de tecido adiposo”. Destaco a reiteração do termo *tecido adiposo* que, uma vez reformulado pelo nome *gordura*, torna-se familiar aos leitores e leitoras, o que permite a Ana Beatriz empregá-lo plenamente, enquanto informação dada, sem ter de explicá-lo toda vez que o faz. Finalmente, em relação a esse trecho, aponto, uma vez mais, para o uso das aspas, que informa aos leitores e leitoras de que essa representação discursiva não pertence a José Francisco Botelho, mas à médica Ana Beatriz, cuja voz é por ele agenciada – trata-se do já mencionado Discurso Direto, de que fala Adam (2011).

O segmento seguinte, (12), põe em foco, através de uma anáfora introduzida por um pronome demonstrativo – *esse revestimento* – transformado a partir da predicação do segmento anterior – *é revestido* [...]:

(12) Ao atacar esse revestimento, diz Ana Beatriz, o álcool desencadeia um processo inflamatório no cérebro, alterando sua bioquímica e as transmissões elétricas entre as sinapses (as ligações que unem os neurônios).

Para Cavalcante (2003), trata-se de uma anáfora parcial cossignificativa que se realiza por meio de um SN, cuja função é salientar um referente – ou, neste caso, uma predicação – difusa no cotexto anterior ao segmento em questão.

Ainda em relação a (12), há a reiteração da forma nominal introdutória *álcool*, ativada já no título do texto. No que tange à predicação associada ao objeto de discurso, esta permanece no escopo dos efeitos do consumo da substância, como já me referi anteriormente: *desencadeia um processo inflamatório no cérebro*. Especificando essa predicação, há um período composto por coordenação, o qual é introduzido por uma oração gerundiva: *alterando sua bioquímica e as transmissões elétricas entre as sinapses (as ligações que unem os neurônios)*. Quanto ao nome *sinapses*, uma vez mais, reitero o comentário tecido em relação ao termo *tecido adiposo*, presente no segmento anterior: esse objeto de discurso é parafraseado entre parênteses, possivelmente, de forma estratégica para que não haja dúvidas dos

leitores acerca desse objeto de discurso, uma vez que se trata de um uso especializado da língua. Como lembra Charaudeau (2012), o discurso de Divulgação Científica partilha traços do discurso didático – pois visa a uma explicação, a um *fazer saber* – e do discurso científico, já que apresenta aos interessados uma descoberta da ciência. Nesse sentido, a segunda metade do segmento (12) parece-me corroborar o que diz esse teórico. Em relação ao processo fórico que origina o objeto de discurso *sinapses*, a partir de Cavalcante (2003), trata-se de uma anáfora com continuidade referencial de caráter indireto, ou seja, sem a retomada do referente previamente ativado – *álcool* – efetuada por meio da recategorização de um novo referente: *sinapses*. Dito de forma sintética, trata-se da introdução de informação nova a partir de informação difusa no contexto (“o novo em função do dado”), como propõe Koch (2008).

Quanto à marcação da responsabilidade enunciativa no segmento (12), destaco o emprego do discurso indireto (DI), aludido por Adam (2011), que se verifica pelo emprego do SV *diz Ana Beatriz*. Note-se as reiterações das fontes de informação empregadas por Botelho, que o faz estrategicamente ao longo do texto, mesmo já tendo aludido à origem da informação – Ana Beatriz – em segmentos anteriores. Possivelmente, a não indicação da fonte do saber daria margem aos leitores e leitoras da Super para que interpretassem as informações como se tivessem sido proferidas por Botelho, e não por sua fonte – o que contradiria uma peculiaridade do já mencionado gênero *reportagem de DC*. Dito de outra forma, Botelho, por si só, não possui legitimidade para fazer afirmações categóricas sobre o tema em questão, e, portanto, tem de recorrer àqueles que podem: os especialistas no consumo de álcool.

As predicções presentes dos segmentos (13) a (16), do ponto de vista temático, adicionam efeitos do álcool aos previamente explicitados:

(13) “No primeiro momento, ele relaxa. (14) No segundo, provoca euforia. (15) No terceiro momento, vem a depressão. (16) E, se a pessoa não parar de beber, o álcool leva ao coma.”

Tais efeitos verificam-se por meio das predicções *relaxa*, *provoca euforia*, *vem a depressão* e *leva ao coma*. Tais predicções são complementadas pela já citada categoria de Adam (2011), *marcadores de construção de mundo*, do tipo *hipotético real: no primeiro momento, no segundo e no terceiro momento*, que ordenam os efeitos ensejados pelo consumo do álcool mencionados nesses segmentos, além da

construção hipotética *se a pessoa não parar de beber*, que introduz a predicação *leva ao coma*.

Em termos anafóricos, em relação aos segmentos mencionados acima, destaco *ele*, em (13), que retoma *álcool*, recategorizando-o através de um pronome (CAVALCANTE, 2003) pessoal; em (14) e (15), ênfase a elisão do anafórico, o que não impede a compreensão dos leitores e leitoras, uma vez que, do ponto de vista sociocognitivo, o objeto de discurso *álcool* está ativado em suas memórias, como propõem Koch e Cunha-Lima (2015); finalmente, o segmento (16), do ponto de vista fórico, reitera a forma nominal introdutória, *álcool*, retomando a continuidade referencial iniciada no título da publicação.

O quarto parágrafo compõe-se de 5 segmentos (17-21) e desenvolve o subtema introduzido no segmento (8), seja ele a média de idade atribuída a adolescentes que consomem *álcool* pela primeira vez:

[4](17) Uma pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) revela que 80% dos adolescentes brasileiros já beberam alguma vez na vida e que 33% dos alunos do Ensino Médio bebem em excesso pelo menos uma vez por mês. (18) “O consumo de álcool na adolescência pode causar danos irreversíveis à cognição e à aprendizagem”, afirma Ana Beatriz. (19) E a situação fica ainda mais preocupante, segundo a médica, quando se leva em consideração que anúncios de bebidas alcoólicas ocupam algo entre 8% e 10% de toda a publicidade veiculada na TV – especialmente nos intervalos de transmissões esportivas e programas que têm os jovens como público alvo. (20) “É um paradoxo”, diz o historiador Henrique Carneiro, especialista na história do consumo de drogas. (21) “A substância que causa mais problemas à saúde pública é aceita e legalizada, enquanto os usuários de outras drogas são estigmatizados.”

O segmento (17) compõe-se de dois enunciados em que são explicitados os resultados de um estudo expresso pelo objeto de discurso *Uma pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)*. Na conformação da representação discursiva, aparecem as predicações *revela que 80% dos adolescentes brasileiros já beberam alguma vez na vida e que 33% dos alunos do Ensino Médio bebem em excesso pelo menos uma vez por mês*. Mais uma vez, sob a ótica dos processos fóricos, consoante Cavalcante (2003), aparece a anáfora indireta com a recategorização de um novo referente, e cujo núcleo é *pesquisa*.

Em termos de r.e., além do já citado *status* de Ana Beatriz, que é médica psiquiatra, emerge a menção a um estudo feito por uma conhecida universidade paulistana, a Unifesp: trata-se de outro elemento que visa a conferir (mais) legitimidade ao discurso de Ana. Também, em se tratando do gênero *reportagem de*

DC, o uso estratégico desse tipo de expediente, possivelmente, visa a satisfazer certo grau de exigência os leitores e leitoras da publicação – que se enquadram ao perfil de alvo intelectual, de que fala Charaudeau (2012), e que, enquanto tal, exigem fontes de informação cuja credibilidade não pode ser questionada.

No segmento seguinte, (18), do ponto de vista da r.e., mais uma vez, Botelho faz uso do discurso direto para se valer da voz de Ana Beatriz. Entre aspas, encontra-se o objeto de discurso *o consumo de álcool na adolescência*, que remete indiretamente ao referente *álcool* – portanto, uma anáfora indireta, como enfatiza Cavalcante (2003), efetuada por intermédio de um sintagma nominal. Associada a esse objeto de discurso, há a predicação construída por intermédio do verbo modalizador *poder* em seu sentido epistêmico: *pode causar danos irreversíveis à cognição e à aprendizagem*. Finalmente, *diz Ana Beatriz*, remete a um marcador de quadros mediadores ou fonte do saber (ADAM, 2011), uma vez que a oração atrela o conteúdo proposicional a sua enunciativa. Uma vez mais aponto para a coocorrência dessas marcas de quadros mediadores: as aspas e a menção à fonte de informação.

Em termos de atos ilocucionários, (18), explicitamente, evidencia um ato assertivo, e, simultaneamente, um ato diretivo de caráter implícito, pois não há marcas linguísticas como *cuidado*, *atenção* etc. Tal ato pode ser parafraseado como *cuidado com o uso abusivo da substância*, por exemplo.

O segmento (19) apresenta o segundo caso de encapsulamento observado nesse texto: *a situação*, a que Cavalcante (2003) chama de anáfora encapsuladora com dêitico, efetuada por um SN. Nos termos de Koch (2008), trata-se de um *rótulo retrospectivo*, uma vez que esse nome sumariza os efeitos (danosos) do álcool, que o antecedem. Além disso, destaco a função assinaladora desse rótulo, que, como propõe Francis ([1994] 2003), *empacota* proposições anteriores e, simultaneamente, sinaliza para o próximo movimento argumentativo do produtor do texto – que, nesse caso, consiste em citar, não um efeito do consumo da substância, mas um argumento que remete à relação de familiaridade que os telespectadores brasileiros tem com o álcool, cujas propagandas são veiculadas em televisão, como aludi no capítulo 6 ao mencionar a reportagem produzida pela BBC Brasil.

Atrelada a esse encapsulamento, há a predicação *fica ainda mais preocupante*, que é a oração principal do período subordinado de caráter adverbial temporal, consideravelmente extenso, e introduzido por um pronome relativo: *quando se leva em consideração que anúncios de bebidas alcoólicas ocupam algo entre 8% e 10%*

de toda a publicidade veiculada na TV – especialmente nos intervalos de transmissões esportivas e programas que têm os jovens como público alvo. Ênfase a estrutura sintática de (19), pois a proposição-enunciado introduzida por *quando* especifica a predicação *fica preocupante*, explicitando as circunstâncias que inspiram preocupação a Ana Beatriz, e, conseqüentemente, tem papel importante na construção do sentido expreso nessa porção de texto.

Em termos de Atos ilocucionários, além do ato assertivo gramaticalmente expreso pela r.d em jogo, aponto para o caráter implícito do ato declarativo que esse segmento contém: o posicionamento da médica pode ser lido como uma crítica, ou, ainda, como uma advertência, ao estado de coisas descrito na predicação associada ao objeto de discurso *a situação*. A leitura crítica desse ato ilocucionário também pode ser corroborada pelo fato de que o segmento (19) pode ser lido como um agravante do estado de coisas introduzido em (17) e desenvolvido em (18):

[4](17) Uma pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) revela que 80% dos adolescentes brasileiros já beberam alguma vez na vida e que 33% dos alunos do Ensino Médio bebem em excesso pelo menos uma vez por mês. (18) “O consumo de álcool na adolescência pode causar danos irreversíveis à cognição e à aprendizagem”, afirma Ana Beatriz. (19) E a situação fica ainda mais preocupante, segundo a médica, quando se leva em consideração que anúncios de bebidas alcoólicas ocupam algo entre 8% e 10% de toda a publicidade veiculada na TV – especialmente nos intervalos de transmissões esportivas e programas que têm os jovens como público alvo.

Ainda em relação a (19), esse segmento pode também ser lido como um *fazer-saber* (CHARAUDEAU, 2009) balizado pela voz de um cientista – neste caso, *uma cientista*, Ana Beatriz – agenciado por Botelho em seu texto.

Até este ponto, os objetos de discurso, bem como as predicações a eles associadas, em termos de r.e., dizem respeito ao agenciamento da voz de Ana Beatriz Barbosa por parte do produtor do texto, José Francisco Botelho, que, por si só, não tem legitimidade para fazer uso de tais marcas linguísticas. Isso ocorre porque, nas reportagens de divulgação científica veiculadas na SI, o jornalista adequa-se ao que Charaudeau (2012) chama de *pesquisador-fornecedor da informação*, que deve tratar a problemática das fontes tanto qualitativamente – trazendo vozes abalizadas em relação ao tema em questão – quanto quantitativamente – pois não pode valer-se de fonte de informação única, o que se percebe no texto em questão, a partir do segmento (20). Como diz o teórico em relação à seleção das fontes de informação, “é

na escolha dos critérios [...] que se põe em jogo a imagem de marca de cada organismo de informação” (CHARAUDEAU, 2012, p.74-75). Essas representações discursivas constroem os sentidos de *álcool* do ponto de vista dos efeitos de seu consumo – grande parte delas de cunho danoso condizentes ao uso continuado da substância. Nos segmentos seguintes, ainda no quarto parágrafo, aparecem novas predicções que evidenciam outras perspectivas sobre a substância, ou, nos termos de Grize (1990), novas *esquematisações* condizentes a *álcool*. Essas esquematizações, como lembra Vidrio (2017), consistem em representações discursivas ligadas a destinatários específicos, no intuito de propor uma coconstrução de mundo que pode ser ou não aceita por tais destinatários. Em se tratando de uma reportagem de DC, e do perfil psicossocial de quem profere tais representações – uma médica especialista no tema álcool – infere-se que tais enunciados sejam tomados como verdadeiros.

A segunda voz agenciada por Botelho é a de um historiador. Essa voz emerge no quarto parágrafo, ainda, e é introduzida no segmento (20), pelo marcador de quadro mediador ou fonte do saber (ADAM, 2011) *para o historiador Henrique Carneiro: (20) “É um paradoxo”, diz o historiador Henrique Carneiro, especialista na história do consumo de drogas. O status psicossocial de Henrique é complementado pelo aposto especialista na história do consumo de drogas. Destaco o uso estratégico de José Francisco desse aposto: não se trata de qualquer historiador, mas de um historiador versado no tema em questão, o consumo de drogas.*

Do ponto de vista fórico, mais uma vez, reemerge o objeto de discurso *drogas*, reativado por uma anáfora correferencial recategorizadora efetuada por meio de um hiperônimo, que associa *álcool* a essa categoria mais ampla. Além disso, é nesse trecho em que ocorre a terceira ocorrência de uma anáfora encapsuladora, desta vez, por meio de um SN: *um paradoxo*. Esse encapsulamento aponta, de forma prospectiva, para o conteúdo proposicional expresso no segmento seguinte, (21), que contém a única manifestação do historiador agenciada pelo produtor do texto: *a substância que causa mais problemas à saúde pública é aceita e legalizada, enquanto os usuários de outras drogas são estigmatizados*. Em termos de processos fóricos, o SN *usuários de outras drogas* remete a uma anáfora indireta com a recategorização de um novo referente (CAVALCANTE, 2003).

Em termos de or. arg. e microatos de discurso, além do caráter assertivo de (20), é possível, também, perceber a orientação à crítica – um ato expressivo,

relacionado a uma atitude psicossocial (ADAM, 2011) – que repousa na escolha lexical de Henrique Carneiro – *paradoxo*.

Em relação ao segmento (21), destaco o objeto de discurso constituído, uma vez mais, por uma anáfora correferencial recategorizadora baseada no emprego de um hiperônimo – *substância* – que, por sua vez, é modificado por uma oração adjetiva restritiva – *que causa mais problemas à saúde pública*. Associada a esse objeto, encontra-se a predicação *é aceita e legalizada*, que constrói um sentido de álcool baseado em termos de popularidade – pois há comerciais veiculados pela televisão, como já enfatizei – e em termos de legalidade, visto que o consumo da substância, ao contrário da maconha, da cocaína, do crack e do LSD, não é condenado pelo código penal em vigência no Brasil.

O segundo excerto do segmento (21) é introduzido, conforme Adam (2011), pelo conector argumentativo *enquanto*, e contém um objeto de discurso construído de maneira indireta – portanto, uma anáfora indireta com a recategorização de um novo referente, como propõe Cavalcante (2003) – *os usuários de outras drogas*. Além do caráter indireto desse processo fórico, atento para a reiteração da recategorização que associa *álcool* a categoria mais ampla *drogas*, que funciona como hiperônimo da primeira. Em consonância com esse objeto de discurso, encontra-se a predicação *são estigmatizados*, que condiz a uma esquematização (GRIZE, 1990) baseada na concepção pejorativa que a sociedade brasileira tem de usuários de drogas ilegais, no entendimento de Henrique Carneiro.

Em termos de microatos de discurso, em (21), aponto os atos assertivo – visto que o enunciador reconhece o valor de verdade da afirmação – e declarativo de caráter implícito, pois o nome *paradoxo*, em (20), remete à crítica expressa na predicação de (21).

O quinto parágrafo do texto estende-se do segmento (22) ao segmento (26), e remete a uma comparação do álcool às outras drogas. Além disso, esse parágrafo introduz a terceira voz de que o produtor do texto se vale:

[5](22) Para o médico Emiliano Kanter, clínico geral em Porto Alegre (RS), determinar qual é a droga mais pesada de todas pode ser algo muito relativo. (23) Exemplos: o LSD, segundo Kanter, é a droga que causa efeitos mais intensos com uma dose mínima – apenas 25 milionésimos de grama já são suficientes; (24) por outro lado, o crack é a que vicia mais rapidamente; (25) já as crises de abstinência da cocaína costumam ser as mais radicais. (26) “Se considerarmos o impacto social do alcoolismo, no entanto, o álcool certamente entra no rol das drogas mais nocivas”.

O marcador de quadro mediativo ou fonte do saber (ADAM, 2011) *para o médico Emiliano Kanter*, em justaposição a *clínico geral em Porto Alegre (RS)*, funciona como uma apresentação das credenciais da voz trazida à baila por Botelho, que, uma vez mais, remetem à área da Medicina.

Quanto ao anafórico em (22), este encontra-se em uma oração: *determinar qual é a droga mais pesada de todas pode ser algo muito relativo*. O SN *a droga mais pesada de todas*, mais uma vez, e indiretamente, recategoriza *álcool* como uma droga, conforme o PdV de Kanter: trata-se de uma anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo, como propõe Cavalcante (2003).

Os segmentos que vão de (23) a (25), explicitam a relatividade aludida no segmento anterior, através de comparações – introduzidas pelo rótulo prospectivo *exemplos* – baseadas, respectivamente, em dosagem, potencial aditivo, intensidade da abstinência. Embora não se relacionem diretamente ao álcool, esses segmentos são necessários ao cumprimento do fim discursivo (CHARAUDEAU, 2010, 2012) – ou ao cumprimento do macroato, como propõe Adam (2011) – desse texto: comparar os danos do álcool em relação a outras drogas. Dito de outra forma, para que se cumpra esse fim, é preciso falar não apenas do tópico discursivo primeiro – *álcool* – mas, da mesma forma, dos subtópicos que são justapostos à substância, as demais drogas, para que se estabeleça uma relação de contraste:

(23) Exemplos: o LSD, segundo Kanter, é a droga que causa efeitos mais intensos com uma dose mínima – apenas 25 milionésimos de grama já são suficientes; (24) por outro lado, o crack é a que vicia mais rapidamente; (25) já as crises de abstinência da cocaína costumam ser as mais radicais.

Entretanto, no que tange ao segmento subsequente, (26), chamou-me a atenção o emprego do discurso direto (DD), em que a voz de Kanter é citada *ipsis litteris*, por intermédio de aspas: (26) *“Se considerarmos o impacto social do alcoolismo, no entanto, o álcool certamente entra no rol das drogas mais nocivas”*. Essa marca de quadro mediativo ou fonte do saber (ADAM, 2011) diferencia essa proposição-enunciado das três que a antecedem, visto que passa do discurso indireto (DI) de caráter relatado – *segundo Kanter* – ao discurso direto (DD), circunscrito às aspas, no segmento (26). Muito possivelmente, trata-se de uma estratégia empregada por Botelho, visto que o segmento em questão é central à compreensão do texto: ele responde ao questionamento presente no título – *O álcool é a droga mais perigosa de todas?* Estrategicamente, esse expediente parece trazer mais legitimidade ao texto

de Botelho, pois, ao transcrever de forma literal a fala de um especialista, elimina quaisquer ambiguidades, pois não se trata de uma paráfrase composta a partir de uma entrevista, mas de um trecho da própria entrevista, que confere maior autenticidade à informação em questão.

Do ponto de vista predicativo, pela segunda vez, aparece uma oração modalizada epistemicamente, no segmento (23): *pode ser algo muito relativo*. Nesse e nos segmentos seguintes – que se estendem de (24) a (26) – Kanter especifica aspectos que remetem a tal relatividade.

O segmento (23) é introduzido pela anáfora encapsuladora de cunho prospectivo *exemplos*, pois antecipa as informações que o sucedem, e o objeto de discurso em questão é *LSD*, sobre o qual o médico afirma ser a droga mais potente, a partir da quantia mínima necessária para a obtenção do efeito. Outra categorização possível da marca *exemplos*, com base em Adam (2011), é a de marcador de ilustração ou exemplificação, que corrobora com a orientação argumentativa do enunciado, especificando-a. Em termos de r.e., destaco a reiteração parcial do marcador de quadro mediativo ou fonte do saber, *segundo Kanter*, pois, caso não fizesse uso do PdV do médico, Botelho abriria margem para que os leitores e leitoras interpretassem a asserção como se a ele pertencesse, o que descaracterizaria o gênero *notícia de divulgação científica*.

O segmento (24) é introduzido por *por outro lado*, que adequa-se ao que Adam (2011) chama de *organizador textual*, e cuja função é sinalizar para a mudança de objeto de discurso – neste caso, *o crack*, que é imediatamente associado à oração predicativa *a que vicia mais rapidamente*.

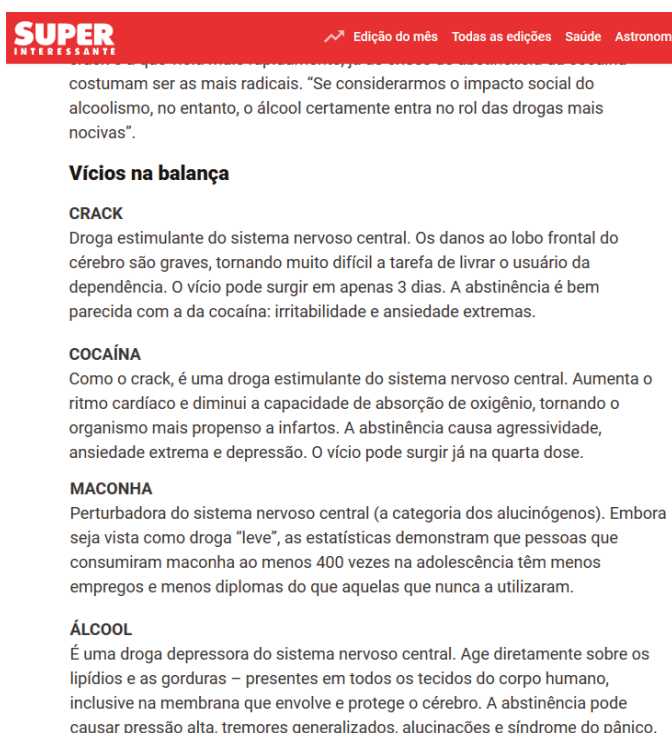
O segmento (25) tem como objeto de discurso *as crises de abstinência da cocaína*, cuja predicação repousa sob uma esquematização (GRIZE, 1990) construída a partir dos efeitos intensos advindos da cessão do consumo dessa substância. Novamente, essa r.d é introduzida por um organizador textual (ADAM, 2011) – *já* –, que marca a introdução de um novo objeto de discurso: *as crises de abstinência*.

O trecho subsequente, de número (26), retoma indiretamente *álcool*, primeiramente, ao fazer menção ao marcador de construção de mundo de cunho hipotético *se considerarmos o impacto social do alcoolismo*, o qual é seguido da marca *no entanto*, a que Adam (2011) chama *conector contra-argumentativo*. Além disso, Adam (2011) também reforça a mudança de objeto de discurso acenada por *no entanto*: no texto em questão, passa-se do *alcoolismo* ao *álcool*. O emprego dessa

marca, em termos de orientação argumentativa, reforça a maior periculosidade do álcool em relação às substâncias mencionadas de (23) a (25). Essa ênfase também pode ser corroborada pelo uso do modalizador asseverativo de caráter epistêmico *certamente*, que mostra o comprometimento do enunciador com o enunciado, avalizando seu valor de verdade.

Em (27) um novo objeto de discurso é introduzido: *vícios*. É interessante ressaltar que, a partir desse segmento, até o segmento (45), há uma mudança no plano de texto: até este ponto, tem-se um texto canônico, segmentado em parágrafos. A partir de (27) – o intertítulo *vícios na balança* – surgem porções de texto que, novamente, prestam-se à comparação dos efeitos do álcool em relação a outras drogas, comparação que, como já me referi, é introduzida no título do texto:

Figura 21 - Comparação entre efeitos do álcool em relação a outras drogas



costumam ser as mais radicais. “Se considerarmos o impacto social do alcoolismo, no entanto, o álcool certamente entra no rol das drogas mais nocivas”.

Vícios na balança

CRACK
 Droga estimulante do sistema nervoso central. Os danos ao lobo frontal do cérebro são graves, tornando muito difícil a tarefa de livrar o usuário da dependência. O vício pode surgir em apenas 3 dias. A abstinência é bem parecida com a da cocaína: irritabilidade e ansiedade extremas.

COCAÍNA
 Como o crack, é uma droga estimulante do sistema nervoso central. Aumenta o ritmo cardíaco e diminui a capacidade de absorção de oxigênio, tornando o organismo mais propenso a infartos. A abstinência causa agressividade, ansiedade extrema e depressão. O vício pode surgir já na quarta dose.

MACONHA
 Perturbadora do sistema nervoso central (a categoria dos alucinógenos). Embora seja vista como droga “leve”, as estatísticas demonstram que pessoas que consumiram maconha ao menos 400 vezes na adolescência têm menos empregos e menos diplomas do que aquelas que nunca a utilizaram.

ÁLCOOL
 É uma droga depressora do sistema nervoso central. Age diretamente sobre os lipídios e as gorduras – presentes em todos os tecidos do corpo humano, inclusive na membrana que envolve e protege o cérebro. A abstinência pode causar pressão alta, tremores generalizados, alucinações e síndrome do pânico.

Fonte: Superinteressante.

Eis os excertos⁵⁸ exibidos na imagem devidamente segmentados:

- (27) **Vícios na balança**
 (28) *Há no Brasil entre 20 milhões e 30 milhões de viciados em álcool, contra 870 mil dependentes de cocaína*
- (29) **CRACK – 500 a 600 mil usuários**
 (30) Droga estimulante do sistema nervoso central. (31) Os danos ao lobo frontal do cérebro são graves, tornando muito difícil a tarefa de livrar o usuário da dependência. (32) O vício pode surgir em apenas 3 dias. (33) A abstinência é bem parecida com a da cocaína: irritabilidade e ansiedade extremas.
- (34) **COCAÍNA – 870 mil usuários**
 (35) Como o crack, é uma droga estimulante do sistema nervoso central. (36) Aumenta o ritmo cardíaco e diminui a capacidade de absorção de oxigênio, tornando o organismo mais propenso a infartos. (37) A abstinência causa agressividade, ansiedade extrema e depressão. (38) O vício pode surgir já na quarta dose.
- (39) **MACONHA – 3 milhões de usuários**
 (40) Perturbadora do sistema nervoso central (a categoria dos alucinógenos). (41) Embora seja vista como droga “leve”, as estatísticas demonstram que pessoas que consumiram maconha ao menos 400 vezes na adolescência têm menos empregos e menos diplomas do que aquelas que nunca a utilizaram.
- (42) **ÁLCOOL – 20 milhões a 30 milhões de usuários**
 (43) É uma droga depressora do sistema nervoso central. (44) Age diretamente sobre os lipídios e as gorduras – presentes em todos os tecidos do corpo humano, inclusive na membrana que envolve e protege o cérebro. (45) A abstinência pode causar pressão alta, tremores generalizados, alucinações e síndrome do pânico.

Quanto ao objeto de discurso *vícios*, em (27), de acordo com a proposta de categorização de Cavalcante (2003), trata-se de uma anáfora indireta realizada por intermédio da recategorização de um novo referente. Tematicamente, o objeto de discurso *vícios* mantém afinidade com o objeto que emerge em (26), *alcoolismo*, já que pode ser parafraseado como *o vício em bebidas alcoólicas*.

Em (28), por sua vez, nota-se a transformação do objeto de discurso *alcoolismo*, introduzido em (26), por um processo anafórico indireto de recategorização de um novo referente (CAVALCANTE, 2003): (28) *Há no Brasil entre 20 milhões e 30 milhões de viciados em álcool, contra 870 mil dependentes de cocaína*. O anafórico *alcoolismo*, conforme mostra o segmento (28) é indiretamente recategorizado, e assume a forma nominal *viciados em álcool*. O que permite essa operação é o fato de que o referente transformado – *alcoolismo* – já havia sido previamente ativado no texto, o que permite ao produtor referir-se às pessoas que padecem dessa doença, sem que isso quebre a progressão temática do texto.

⁵⁸ Note-se que, na imagem, não há menção ao número de usuários de cada droga, como há nos excertos que a sucedem. Provavelmente, essas informações foram subtraídas entre o período em que realizei a coleta – abril de 2017 –, e o período em que fiz a captura da imagem – novembro de 2018.

Em termos de or. arg, o organizador textual *contra*, em (28), introduz um novo objeto de discurso, opondo o número de viciados em cada substância, e salientando um maior número de indivíduos dependentes de álcool, em comparação à cocaína. Não se trata de uma oposição ocasional, baseada em mera quantificação, mas, ao contrário, de uma possível estratégia que visa a desconstruir a ideia de que a cocaína causa mais danos ao tecido social do que as bebidas alcoólicas. Indo além, poder-se-ia dizer que (28) expande – ou especifica – o conteúdo dos segmentos (3) e (4), que já haviam sinalizado para a relativização da periculosidade de uma droga – a cocaína – em função de outra – o álcool:

(3) Mas ninguém discorda pelo menos de um ponto: o alcoolismo é um problema muito maior que as outras drogas - e seus efeitos são devastadores para quem vira dependente.

[1](4) Quando se pensa nos danos causados por drogas como o crack ou a cocaína, fica difícil imaginar que um copo de cerveja ou uma dose de uísque possam ser mais perigosos.

Os segmentos que se estendem de (29) a (41) fogem ao escopo de meu estudo, e, assim sendo, não os abordarei⁵⁹.

A forma nominal introdutória *álcool* é retomada no segmento (42), à qual é predicada – de forma não marcada, pois não há verbo – o dado *20 milhões a trinta milhões de usuários*, já introduzida em (28).

Do ponto de vista predicativo, o segmento (43) recategoriza *álcool* – forma nominal introdutória e a mais recorrente no texto, e reativada em (42) – mais uma vez, através de uma anáfora correferencial recategorizadora efetuada por meio de uma expressão de valor hiperonímico – *droga* – que, por sua vez, é modificada pelo predicativo *depressora do sistema nervoso central: uma droga depressora do sistema nervoso central*.

Em (44) e (45), tem-se uma paráfrase da fala da médica psiquiatra Ana Beatriz Barbosa, uma vez que reformula informações já mencionadas anteriormente no texto, atribuindo-as à forma nominal introdutória – *álcool* – previamente ativada em (42):

(44) Age diretamente sobre os lipídios e as gorduras – presentes em todos os tecidos do corpo humano, inclusive na membrana que envolve e protege

⁵⁹ Em relação a isso, justifico a menção dos segmentos (23) a (25), cujos objetos de discurso são *LSD*, *crack*, *cocaína*, respectivamente, pois são necessários para o entendimento da relação adversativa que mantém para com o *álcool*, estabelecida em (3), e que se evidencia pela marca *no entanto*, como me referi anteriormente.

o cérebro. (45) A abstinência pode causar pressão alta, tremores generalizados, alucinações e síndrome do pânico.

Em (45), o objeto de discurso *a abstinência* é trazido à baila por intermédio de um processo de anaforização indireta que enseja a recategorização de um novo referente, com base em Cavalcante (2003). Do ponto de vista predicativo, pela terceira vez, ocorre a modalização epistêmica, que introduz possíveis efeitos oriundos da interrupção do consumo de álcool: *pode causar pressão alta, tremores generalizados, alucinações e síndrome do pânico*. Ainda em relação a (45), em termos de microatos de discurso, além da asserção explícita, aponto para o ato diretivo implícito: essa proposição-enunciado pode ser lida como um alerta aos leitores e leitoras sobre os efeitos adversos do abuso do álcool.

Em termos de r.e., no que tange aos segmentos (42) a (45), não há marcas explícitas de atribuição da fonte de informação. Entretanto, o segmento seguinte, (46), introduz as fontes de que José Francisco se valeu para a composição de seu plano textual, das quais apenas a de Ana Beatriz Barbosa foi citada no decorrer do texto. O médico Emiliano Kanter, bem como o historiador Henrique Carneiro são mencionados apenas no texto, como mostra (46): *Fontes: Secretaria Nacional Antidrogas (Senad); United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC); Sergio de Paula Ramos; Ana Beatriz Barbosa da Silva*.

Sobre as fontes mencionadas, muito possivelmente tenham embasado a redação dos segmentos (27) a (45), já que, como me referi, não há marcas de r.e. explícitas nesses trechos, e, também, porque José Francisco não possui legitimidade alguma para, por si só, discorrer sobre o tema, posto que é jornalista, tendo de recorrer às vozes de outrem para o fazer. Destaco, finalmente, ainda em termos de r.e, a menção, em (46), ao médico psiquiatra Sérgio de Paula Ramos, cujos trabalhos inspiraram-me, tanto na concepção desta tese, quanto na redação de parte do capítulo 6, dedicado à relação que propus entre o álcool no Brasil e a Linguística aplicada, área de conhecimento que subjaz a esta investigação.

Nesta subseção, procurei dar conta das proposições-enunciado presentes no texto mais representativo da SI, no que tange à ocorrência de objetos de discurso relacionados ao álcool. As expressões referenciais a que me detive, bem como suas respectivas predicções, situadas no âmbito das proposições-enunciado que compõem o texto, evidenciam a relação contígua que há entre tópico discursivo e objetos de discurso, de que fala Marcuschi ([2000]2006). Essas expressões, no texto analisado,

são referencialmente construídas a partir do objeto de discurso/tópico álcool, mas não de maneira linear, pois não mantêm uma mera relação de comutação, paradigmática. Ao contrário: prestam-se, de um ponto de vista sociocognitivo – pois não evidenciam uma relação direta com o mundo fenomênico – à ativação e à desativação de referentes no plano textual, através do que o teórico chama de “estratégias anafóricas” (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 9). Essas estratégias evidenciam um movimento dinâmico que vai da materialidade textual ao contexto – noção substituída pela de Contrato de Comunicação, no âmbito deste trabalho – evidenciando possíveis motivações de seus enunciadores através de categorias como identidades, legitimidade e fontes de informação (associadas, nesta tese, à Re); fim discursivo e or. arg..

Essas estratégias, além de cooperarem na manutenção tópica, também pavimentam a coerência do texto, que, para Marcuschi, é uma “necessidade e condição da discursividade” (MARCUSCHI, [2000]2006, p. 17). O fato de que a forma nominal introdutória *álcool* – não coincidentemente, o objeto de discurso mais produtivo no texto – seja ativada, desativada, reiterada e alterada um número considerável de vezes – seja por processos anafóricos correferenciais diversos, seja por processos anafóricos que envolvem a recategorização de outros referentes indiretamente ligados ao álcool, como *o alcoolismo*, *a abstinência* e *paradoxo*, para citar alguns – evidencia que esses processos *tornam* o texto coerente. “Tornam” pois, como aponta Marcuschi ([2000]2006), a coerência não é uma propriedade inerente ao texto, mas algo construído de forma processual. Nesse sentido, a análise que proponho parece evidenciar esse caráter processual de que fala o teórico.

Em termos de fontes de informação (CHARAUDEAU, 2012) e R.e., a menção a várias vozes de especialistas no tópico parece satisfazer o público leitor da revista SI, que, segundo Charaudeau (2012), adequa-se ao perfil *intelectivo*, que remete a um público-alvo exigente, que exige fundamentação e seriedade daquilo que lê. Como demonstrarei na seção subsequente, o texto da página PdH difere-se diametralmente do texto aqui analisado – não em termos de juízo de valor, mas porque suas condições de produção também diferem de forma categórica das condições de produção da revista SI.

A seguir, no intuito de sumarizar minha análise, proponho um quadro integrativo das categorias dos principais autores de que me valho.

Quadro 6 - Proposições-enunciado no texto *O álcool é a droga mais pesada de todas?*

Proposições-enunciado no texto <i>O álcool é a droga mais pesada de todas?</i> (T_01_SI)						
Segmento	Nível A			Nível B		Nível C
	Objeto (s) de discurso	Predicação (ões)	Processo (s) fórico (s)	Resp. enunciativa/Identities	Conectores	Or. Arg. / Microato(s) de discurso
1	<i>O álcool</i>	<i>É a droga mais pesada de todas?</i>	<i>Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo</i>	<i>José Francisco Botelho, jornalista científico</i>	X	<i>Assertivo (inferido)</i>
3	<i>(1)O alcoolismo; (2) seus efeitos</i>	<i>(1)é um problema muito maior que as outras drogas; (2) são devastadores para quem vira dependente.</i>	<i>anáforas indiretas com a recategorização de novos referentes</i>	<i>José Francisco Botelho, jornalista científico</i>	X	<i>Assertivo</i>
4	<i>(1) drogas como o crack ou a cocaína; (2) um copo de cerveja; (3) uma dose de uísque</i>	<i>X; ser mais perigosos (modalizado epistemicamente pelo verbo “possam”)</i>	<i>(1)Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo; (2)(3)Anáforas correferenciais recategorizadoras por meio de hipônimos</i>	<i>José Francisco Botelho, jornalista científico</i>	X	<i>Assertivo</i>
5	<i>O álcool</i>	<i>É a droga mais pesada – ou pelo menos, a mais preocupante – de todas</i>	<i>Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo</i>	<i>José Francisco Botelho, jornalista científico; muitos especialistas</i>	<i>No entanto</i>	<i>Assertivo</i>

6	as consequências do uso continuado de álcool:	São devastadoras	anáfora indireta com a recategorização de um novo referente	De acordo com a médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa da Silva, autora do livro <i>Mentes Perigosas – O Psicopata Mora ao Lado</i> (Fontanar, 2008)	X	assertivo; diretivo (inferido)
7	(1)Agravante; (2)bebidas alcoólicas	são drogas legais; estão à venda em cada esquina	(1)Anáfora encapsuladora por SN; Anáfora co-referencial e co-significativa	Ana Beatriz (inferível)	X	assertivo; diretivo (inferido)
8	(1)todas as drogas; (2)o álcool	é a que tem o maior número de usuários; (é) a que começa a ser consumida mais cedo, entre os 12 e os 13 anos de idade.	(1)Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo; (2)repetição da forma nominal introdutória	Diz Ana Beatriz	X	assertivo
9	a primeira dose	é consumida em casa, com a convivência dos pais	Anáfora indireta com a recategorização de novo referente	Uso de aspas	X	assertivo
10	O poder destrutivo do álcool	vem da capacidade que essa substância tem de provocar lesões em tecidos adiposos (gordura).	Anáfora indireta com a recategorização de novo referente	Segundo a médica	X	Assertivo; diretivo (inferido)
11	o cérebro humano	é todo revestido de tecido adiposo	Anáfora indireta com a recategorização de novo referente	Uso de aspas	X	assertivo
12	(1)Esse revestimento; (2)o álcool	(1) X; (2) desencadeia um processo inflamatório no	(1)anáfora parcial co-significativa que se realiza por meio	Diz Ana Beatriz	X	Assertivo

		<i>cérebro, alterando sua bioquímica e as transmissões elétricas entre as sinapses (as ligações que unem os neurônios)</i>	<i>de um SN; (2) repetição da forma nominal introdutória</i>			
13	<i>ele</i>	<i>Relaxa</i>	<i>anáfora com continuidade referencial realizada por pronome</i>	<i>Uso de aspas</i>	X	<i>Assertivo</i>
14	<i>Álcool (elidido)</i>	<i>Provoca euforia</i>	X	<i>Uso de aspas</i>	X	<i>Assertivo</i>
15	<i>Álcool (elidido)</i>	<i>Vem a depressão</i>	X	<i>Uso de aspas</i>	X	<i>Assertivo</i>
16	<i>O álcool</i>	<i>Leva ao coma</i>	<i>Repetição da forma nominal introdutória</i>	<i>Uso de aspas</i>	X	<i>Assertivo</i>
17	<i>Uma pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)</i>	<i>revela que 80% dos adolescentes brasileiros já beberam alguma vez na vida e que 33% dos alunos do Ensino Médio bebem em excesso pelo menos uma vez por mês.</i>	<i>anáfora indireta com a recategorização de um novo referente</i>	<i>Feita pela Universidade Federal de São Paulo</i>	X	<i>Assertivo</i>
18	<i>O consumo de álcool na adolescência</i>	<i>Causar danos irreversíveis à saúde (epistemicamente modalizado pelo verbo pode</i>	<i>anáfora indireta efetuada por intermédio de um sintagma nominal</i>	<i>Uso de aspas; afirma Ana Beatriz</i>	X	<i>Assertivo; diretivo</i>
19	<i>A situação</i>	<i>fica ainda mais preocupante, segundo a médica, quando se leva em consideração que anúncios de</i>	<i>anáfora encapsuladora com dêitico por SN</i>	<i>Ana Beatriz (elidida)</i>	X	<i>Assertivo; declarativo (inferido)</i>

		<i>bebidas alcoólicas ocupam algo entre 8% e 10% de toda a publicidade veiculada na TV – especialmente nos intervalos de transmissões esportivas e programas que têm os jovens como público alvo.</i>				
20	<i>Um paradoxo;</i>	X	<i>Anáfora encapsuladora por SN</i>	<i>Uso de aspas; diz o historiador Henrique Carneiro, especialista na história do consumo de drogas</i>	X	<i>Assertivo; declarativo(inferido); expressivo;</i>
21	<i>(1)A substância que causa mais problemas à saúde pública; (2)usuários de outras drogas</i>	<i>(1) é aceita e legalizada; (2) São estigmatizados</i>	<i>(1)Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo; (2) anáfora indireta com a recategorização de um novo referente</i>	<i>Uso de aspas</i>	<i>enquanto</i>	<i>Assertivo; declarativo (inferido)</i>
22	<i>Determinar qual é a droga mais pesada de todas</i>	<i>Ser algo muito relativo (epistemicamente modalizada pelo verbo “pode”)</i>	<i>Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo</i>	<i>Para o médico Emiliano Kanter, clínico geral em Porto Alegre (RS)</i>	X	<i>assertivo</i>
26	<i>(1)o impacto social do alcoolismo; (2) o álcool;</i>	<i>(1) X; (2) o álcool certamente entra no rol das drogas mais nocivas</i>	<i>(1) Anáfora indireta com recategorização de um novo referente; (2)repetição da</i>	<i>Uso de aspas</i>	<i>No entanto</i>	<i>Assertivo, diretivo (inferido)</i>

			<i>forma nominal introdutória</i>			
27	Vícios	X	<i>Anáfora indireta com recategorização de um novo referente</i>	<i>José Francisco Botelho</i>	X	X
28	Viciados em álcool	X	<i>Anáfora indireta com recategorização de um novo referente</i>	<i>Fontes: Secretaria Nacional Antidrogas (Senad); United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC); Sergio de Paula Ramos; Ana Beatriz Barbosa da Silva.</i>	<i>contra</i>	<i>Assertivo</i>
42	Álcool	<i>20 milhões a 30 milhões de usuários</i>	<i>Repetição da forma nominal introdutória</i>	<i>Fontes: Secretaria Nacional Antidrogas (Senad); United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC); Sergio de Paula Ramos; Ana Beatriz Barbosa da Silva.</i>	X	<i>Assertivo</i>
43	X	<i>é uma droga depressora do sistema nervoso central</i>	X	<i>Fontes: Secretaria Nacional Antidrogas (Senad); United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC); Sergio de Paula Ramos; Ana Beatriz Barbosa da Silva.</i>	X	<i>Assertivo</i>
44		<i>Age diretamente sobre os lipídios e as gorduras – presentes em todos os tecidos do corpo humano,</i>	X	<i>Fontes: Secretaria Nacional Antidrogas (Senad); United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC); Sergio de Paula</i>	X	<i>assertivo</i>

		<i>inclusive na membrana que envolve e protege o cérebro.</i>		<i>Ramos; Ana Beatriz Barbosa da Silva.</i>		
45	<i>A abstinência</i>	<i>causar pressão alta, tremores generalizados, alucinações e síndrome do pânico (modalizada epistemicamente pelo verbo “pode”)</i>	<i>Anáfora indireta com recategorização de um novo referente</i>	<i>Fontes: Secretaria Nacional Antidrogas (Senad); United Nations Office for Drugs and Crime (UNODC); Sergio de Paula Ramos; Ana Beatriz Barbosa da Silva.</i>	x	<i>Assertivo, diretivo (inferido)</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na subseção seguinte, apresento a análise preliminar dos textos da Papo de Homem. Na subseção 6.3.4, analiso o texto mais produtor da página.

6.3.3 Análise preliminar dos textos da Papo de Homem

Quadro-síntese dos textos – Papo de Homem				
Texto	Contrato de comunicação		Representação discursiva	
	Inst. Produção	Fim discursivo	Objetos de discurso e predicções	Observações
“[+18] Mixologia: Dr. Drinks fala sobre suas motivações alquímicas” (T_01_PdH)	Júnior WM (Dr. Drinks) “Um grande apreciador de história e histórias. Vive a vida de forma que seja lembrada como honrada e humana. Ama os prazeres da vida e sua família. Escreve sobre passar pelo mundo com dignidade e alegria. Contribui com a revolução digital por acreditar em seu caráter humanitário e num mundo melhor”.	Apresentar a mixologia e as razões que levam o produtor do texto a praticá-la.	[1] Mixologia é a ciência que se preocupa em gerar conhecimento para a coquetelaria ; [2] A busca pelo aprimoramento da visão sobre a coquetelaria me levou a criar provocações para tornar o ato de consumir bebidas alcóolicas mais consciente e, de certa forma, contemplativo , pois entendo que <i>algo que há tanto tempo habita nosso universo é carregado de significados</i> ; [3] Podemos simplesmente beber <i>um gin, whisky, tequila, cachaça, vodka ou o que for</i> , e esperar como resultado nada além do entorpecimento momentâneo; [4] Mas gosto de ir mais a fundo, pois junto também estamos bebendo a manifestação cultural de um povo, sua história, todo processo de fabricação e marcas sociais; [5] Diversos países instauraram leis secas de forma a promover a sobriedade e temperança na população; [6] Nesses tempos surgiram formas de burlar a lei, claro; [7] Os drinks foram fundamentais para ajudar nesse disfarce ; [8] Isso sem falar da Máfia que traficava gin e na produção de vodka clandestina na Rússia czarista; [9] Nesta pequena amostra vê-se o quão complexo pode tornar-se <i>o ato de beber e também a infinidade de lições e conteúdo cultural que ele nos agrega</i> .	Este texto, além de apresentar a mixologia, relaciona-a a motivações pessoais do produtor do texto – que se considera um <i>mixólogo</i> . Nele se encontram representações discursivas que remetem, primeiramente, à área de conhecimento apresentada por Dr. Drinks, como mostra o segmento [1], e, também, representações discursivas que dizem respeito à visão de mundo de Júnior WM, como [2], [3] e [4]. Outro traço notável deste e dos demais textos de Júnior é o viés cultural pelo qual se propõe a abordar o álcool e temas correlatos, como mostram os segmentos que vão de [4] a [8]. Em termos de r.e, todas essas informações vêm de uma única fonte – o produtor do texto. Quanto aos sentidos de álcool construídos nesse texto, pode-se dizer que remetem a aspectos positivos associados ao consumo da substância, como a obtenção de conhecimento, como mostram os segmentos [4] e [9].
“4 dicas para construir coquetéis rápidos, simples e matadores (com 15 receitas para começar)” (T_02_PdH)		Ensinar a fazer coquetéis práticos	[1] Ser um bom anfitrião implica em juntar pessoas e criar um ambiente no qual todos se sintam à vontade para interagir. [2] Afinal, nem todo mundo quebra o gelo com a mesma facilidade e certamente você não foi apresentado a alguém interessante enquanto tomava <i>um mingau de aveia</i> , não é mesmo?; [3] O álcool pode ser usado em alguma ocasião como um notável facilitador de interação social , afinal, é reconhecida sua propriedade capaz de deixar as pessoas mais relaxadas e receptivas ; [4] Seus convidados vão comentar por semanas suas criações. [5] Cachaça com Suco de Laranja : Em um copo longo (300mL) cheio de gelo, misture 60mL de cachaça pura com 150mL de suco de laranja. Decore com um ramo de hortelã; [6] Cachaça com suco de Abacaxi : Em um copo longo (300mL) cheio de gelo, sirva 60mL de cachaça pura e misture com 150mL de suco de abacaxi. Decore com uma fatia de gengibre; [7] Mecenias: <i>Sagatiba</i> ; [8] <i>Os melhores relacionamentos, amizades para toda a vida, obras de arte, drinques, coquetéis, soluções disruptivas e negócios inovadores, em geral, vêm das boas e inusitadas misturas. Nem precisa ser complexo</i> . [9] <i>Não precisa dar trabalho</i> ; [10] <i>Por isso, a Sagatiba é contra o medo de se misturar, de viver, de experimentar</i> . [11] <i>A Sagatiba é #ContraMisturofobia</i> ; [12] <i>Sagatiba Pura</i> . [13] <i>A cachaça que se mistura</i> .	Este texto constrói a ideia de que o álcool é um elemento capaz de unir as pessoas. Isso fica claro nos segmentos [1] e [2]. Em [2], particularmente, fica implícita a ideia de que o álcool é um pré-requisito para a socialização, dada a ocorrência do objeto de discurso <i>mingau de aveia</i> . A representação discursiva no segmento [3] evidencia o caráter benéfico da substância nesse texto, em que se destaca, primeiramente, o emprego do modificador <i>notável</i> , e, também, as outra predicção atribuída ao álcool no mesmo segmento: <i>sua propriedade capaz de deixar as pessoas mais relaxadas e receptivas</i> . Também chama a atenção a ideia implícita de que, se você souber preparar <i>drinks</i> , será considerado (a) uma pessoa diferenciada em seu círculo social, como mostra o segmento [4]. Os segmentos [5] e [6] remetem a dois exemplos de coquetéis fáceis de fazer – todas as dicas de coquetéis apresentadas nesse texto incluem a cachaça como ingrediente principal. Provavelmente, não se trate de uma coincidência, visto que os últimos segmentos desse texto fazem alusão a uma marca de cachaça que patrocina a página: a <i>Sagatiba</i> , como mostram os segmentos de [7] a [13]. Em se tratando de uma página patrocinada por uma empresa de bebidas alcóolicas, seria uma contradição tratar o álcool como uma substância danosa, visto que não é assim que os fabricantes da referida cachaça, por exemplo, querem que seus consumidores encarem o produto.
“Gimlet: Dr. Drinks ensina a ficar bêbado com classe” (T_05_PdH)		Ensinar a preparar a bebida chamada <i>Gimlet</i>	[1] Sempre prezamos aqui pelo consumo responsável de álcool e pela contemplação do espírito de um drink. [2] Porém, hoje ensinaremos aos maiores de 18 anos, que não são mais <u>meninos</u> , a enfiar o pé na jaca com classe; [3] Pois é, a	Além do fim-discursivo explícito – ensinar a preparar o coquetel Gimlet – este texto constrói a ideia de que, assim como nos textos anteriores, sendo o álcool uma substância benéfica, é possível beneficiar-se do que o produtor do texto chama de “condição de

			<p><i>condição de bêbado pode ser administrada e até contribuir para seu sucesso</i>, como explico mais abaixo; [4] Sabe o que significa <i>Gimlet</i>? [5] Verruma; [6] Uma ferramenta muito antiga que foi substituída pela furadeira nos tempos modernos; [7] No final do século XIX, General Sir Thomas D. Gimlette (sacou?), médico da marinha inglesa, servia este drink como forma de induzir seus convidados a ingerirem suco de limão, importante fonte de vitamina C, cuja deficiência facilita o aparecimento do <u>escorbuto</u>, doença que ainda assombrava o mundo na época; [8] <i>A bebedeira é também um estado de espírito</i>; [9] Se gosta de <i>Blade Runner</i> e <i>L.A. Cidade Proibida</i>, se é fã de Tarantino ou ainda se curte de filmes noir como os de Billy Wilder e John Huston (o pai da Anglelica Houston, a Mortiça Adams original), saiba que todos eles foram influenciados por <i>um bêbado de grande valor: Raymond Chandler</i>; [10] O cara era de um profissionalismo invejável, a ponto da Paramount Pictures por em produção <i>A Dália Azul</i> antes mesmo de ele ter começado a escrever o roteiro; [11] Duas semanas após começarem as gravações do filme, Raymond estava sofrendo de um grave bloqueio criativo para escrever o desfecho da história [12] Na época, era um alcoólatra em recuperação e já estava sóbrio há algum tempo, então negociou com o produtor do filme uma completa recaída para que pudesse furar o bloqueio; [13] <i>A bebida é como um estúdio fotográfico</i>; [14] É a câmera escura de nós mesmos; [15] A cada dose ela vai nos revelando até que chega uma hora que somos totalmente nós mesmos.</p>	<p>bêbado”. As representações discursivas encontradas nesse texto remetem, primeiramente, ao uso moderado e contemplativo do álcool, como mostra o segmento [1]. Essa representação, entretanto, é negada pelo segmento [2], em que Dr. Drinks evidencia o intuito que vai além da simples preparação do drink: <i>entfiar o pé na jaca com classe</i>, uma metáfora para <i>embriagar-se</i>. Esse SV é nominalizado em [3] pela expressão <i>a condição de bêbado</i>, passando a ser um objeto de discurso, cuja predicação remete a uma possível benesse – <i>contribuir para seu sucesso</i>. Nesse texto também se encontram representações discursivas que remetem ao próprio Gimlet, que, como nos textos desse autor, evocam informações de caráter histórico, dada a relação entre álcool e conhecimento que se estabelecem em seus textos. Isso se verifica nos segmentos que se estendem de [4] a [7]. O segmento [8] marca o segmento em que as benesses advindas do consumo de álcool emergem no texto. Nesse segmento, destacam-se o objeto de discurso <i>a bebedeira</i>, e a predicação a ele justaposta, <i>é um estado de espírito</i>. Essa representação discursiva tem por função introduzir um caso de suposto sucesso profissional resultante do consumo de álcool, ao mencionar um episódio protagonizado pelo escritor Raymond Chandler – segundo o produtor do texto, <i>um bêbado de grande valor</i> – como mostram os segmentos de [10] a [12]. Em termos de or. arg., trata-se de uma estratégia que parte de um caso em particular – o de um profissional que era alcoolista em recuperação e só conseguiu terminar uma tarefa após ter uma recaída – que, segundo o produtor do texto, pode ser aplicado indistintamente, como mostra o segmento [3]. Essa estratégia age em consonância com as representações abonadoras do álcool, que, permeiam os textos desse autor. Os segmentos que vão de [13] a [15] reiteram o caráter abonador da substância, como mostram as predicações associadas ao objeto de discurso <i>a bebida: é como um estúdio fotográfico, é a câmera escura de nós mesmos</i>. Em [15], a predicação <i>vai nos revelando a cada dose até que chega uma hora que somos totalmente nós mesmos</i>, associada à anáfora pronominal <i>ela</i>, evidencia, além do caráter abonador do álcool linguisticamente marcado, a pressuposição de que só conseguimos ser plenamente nós mesmos quando estamos embriagados, segundo o produtor do texto.</p>
<p>“<i>Jello Shots. Drinks de gelatina</i>” (T_04_PdH)</p>	<p>Maurício Garcia “Flamenguista ortodoxo, toca bateria e ama cerveja e mulher (nessa ordem). Nas horas vagas, é médico e o nosso grande Dr. Health”.</p>	<p>Ensinara fazer uma bebida alcoólica a base de gelatina – os <i>Jello Shots</i>.</p>	<p>[1] Após mais um final de semana de festa pura em São Paulo (Sim, eu sou um carioca apaixonado por Sampa), trago aqui para a PdH <i>uma excelente idéia de “drink”</i> de um grande chapa meu, <u>o lqor</u>; [2] É uma grande pedida para festinhas, porque além de fácil de fazer, diferente e muito gostoso, bate fundo na cuca que é uma beleza; [3] Bastam algumas doses para deixar a galera (e principalmente a mulherada) no ponto; [4] Falo dos chamados <i>Jello Shots</i>; [5] Como se pode notar, é uma ótima pedida para festinhas, muito gostoso, fácilimo de fazer, diferente, e garanto que é uma bela porrada no coco, vai deixar a galera no ponto para o resto da noite; [6] Mas, mesmo gelatina não “molhando”, a Lei Seca ainda tá valendo; [7] Muito cuidado.</p>	<p>Esse texto ensina a preparar a bebida alcoólica a base de gelatina chamada <i>Jello Shot</i>. Além da receita em si, as representações discursivas que nele se encontram favorecem os elementos que as diferenciam das demais bebidas, segundo o produtor do texto. Esse diferencial é verificável pelos segmentos [2], [3] e [5]. Em [2], as predicações remetem a (i) nível de dificuldade no preparo, (ii) recorrência – visto que não é uma forma comum de se consumir álcool – e (iii) alto teor alcoólico – <i>bate fundo na cuca</i>. O segmento [3] adiciona um traço funcional à bebida, visto que ela se presta a <i>deixar a galera (e principalmente a mulherada) no ponto</i>. Em termos de atos ilocucionários, além dos atos expressivos linguisticamente marcados (aqueles em que o produtor do texto enaltece a bebida), há um ato diretivo implícito que sugere que os <i>jello shots</i> são eficazes para embriagar – ato metaforicamente referido como <i>deixar no ponto</i> – os amigos, mas, sobretudo, as mulheres. Cumpriria perguntar, em relação a [3]: que intuito levaria um homem, em uma festa, a deixar uma mulher <i>no ponto</i>, embriagada? Em [4], há a reiteração da forma</p>

				<p>nominal introdutória <i>Jello Shots</i>, introduzida no título, e recategorizada no segmento [1] como <i>uma excelente ideia de drink</i>. O segmento [5] reitera as predicções atribuídas aos Jello Shots, à diferença que, ao invés da metáfora <i>bate fundo na cuca</i>, há a ocorrência de outra predicção, também metafórica, <i>bate fundo no coco que é uma beleza</i>, que também remete ao elevado nível alcoólico da bebida. Em termos de r.e., a única menção à fonte de informação que se encontra no texto, além do próprio produtor, é seu amigo, que lhe ensinou a receita, como mostra o segmento [1]. O segmento [6] tem por função alertar os leitores e leitoras da página quanto ao risco de ser flagrado dirigindo sob efeito dos Jello Shots. Esse alerta pode ser lido como um ato ilocucionário diretivo implícito, e pode ser parafraseado como “mesmo não se tratando de uma bebida típica, em forma líquida, você pode ser preso caso a consuma e seja flagrado dirigindo logo após.</p>
<p>“Cara, você tá bêbado! Ass: o cartão do estacionamento” (T_03_PdH)</p>	<p>Jader Pires “É escritor e editor do Papo de Homem. Seu livro de contos é o <u>Ela Prefere as Uvas Verdes</u>. Está no <u>Facebook</u>, no <u>Instagram</u> e escreve semanalmente sua newsletter, a <u>Meio-Fio</u>, com contos/crônicas e uma curadoria cultural todas às sextas, direto no seu e-mail”.</p>	<p>(i) Apresentar a iniciativa de um clube asiático que tem por intuito impedir que motoristas alcoolizados saiam do estabelecimento dirigindo os próprios veículos; (ii) criticar o comportamento condescendente da sociedade brasileira no que tange à relação entre álcool e direção.</p>	<p>[1] O jornal Correio Brasiliense publicou uma matéria em fevereiro de 2013 sobre a relação de acidentes de trânsito estarem relacionados com o consumo de álcool; [2] De acordo com a pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde na época, 21% dos acidentes de trânsito no Brasil estão relacionados com o uso de álcool; [3] O levantamento, feito em 71 hospitais do Sistema Único de Saúde de todo o país, apontou que, com a adoção da nova Lei seca, que mostra tolerância zero ao uso de álcool, houve uma redução de 24% de mortes durante o período de carnaval; [4] “<i>A relação entre o álcool e direção é fatal</i>”; [5] Leva não só ao óbito, mas à deficiência também. [6] <i>Nossos dados apontam que o aumento de blitz reduz o número de acidentes no trânsito</i>”, afirmou o ministro Alexandre Padilha. [7] <i>Acidentes causados por embriaguez ao volante são um grande problema em todo o mundo</i>. [8] Cingapura possui mais de 2.140 casos de embriaguez ao volante relatados nos últimos 12 meses e, como aqui, as autoridades estão tendo problemas para lidar com a <i>situação</i> de forma eficiente; [9] Ao deixar o carro com os manobristas da balada, em vez de receber um bilhete ao entregar as chaves, o cliente fica com um cartão RFID (Radio Frequency Identification Device); [10] Cada mictório dos banheiros está equipado com um gadget que detecta a quantidade de álcool na urina do usuário e, ao mesmo tempo, se conecta ao cartão RFID e envia os dados da “coleta” automaticamente; [11] Se o nível de álcool estiver acima do limite legal, o cartão é marcado e uma mensagem é exibida acima do urinol, dizendo ao dono do cartão que ele bebeu muito e acaba aconselhando-os para chamar um táxi ou usar o sistema de <i>drive home</i> do Zouk; [12] O que parece que rola, voltando ao Brasil, é um desleixo velado por parte de todos: do motorista ao estabelecimento, passando pelos amigos e família; [13] Deixar alguém dirigir alcoolizado é algo que deveria ser fortemente combatido, altamente recomendado, somando as forças de todos esses que eu comentei agora; [14] É de um <i>atraso tremendo</i> perceber que uma droga legal pode dar a alguém o direito de virar uma arma gigantesca (homem + álcool + carro); [15] A lei deve coibir, claro, as ainda há a liberdade de ir e vir; [16] Só que há</p>	<p>Esse texto diferencia-se dos demais na medida em que é o único texto da página Papo de Homem que se refere ao álcool como uma droga, predominando representações discursivas que remetem a malefícios causados por seu consumo. Além disso, em termos de r.e., é um dos únicos textos da página que trazem fontes de informação alheias ao produtor do texto: são citados a reportagem feita pelo jornal <i>Correio Brasiliense</i>, e a pesquisa na qual a reportagem se baseia, feita pelo governo federal à época da publicação da matéria. Os segmentos que vão de [2] a [6] remetem aos problemas causados por motoristas que dirigem alcoolizados. Em [2], a representação discursiva remete ao percentual de acidentes causados pela ingestão de álcool no Brasil, em que o objeto de discurso <i>21% dos acidentes de trânsito no Brasil</i> é associado à predicção <i>estão relacionados com o uso de álcool</i>. O segmento seguinte, [3], traz dados da pesquisa que embasa [2]. De [4] a [6], a representação discursiva emerge na fala do médico Alexandre Padilha, então ministro da saúde, e compõe-se de um objeto de discurso e duas predicções, como se vê em [4] e [5]. Em termos de atos ilocucionários, esses três segmentos pode ser lidos como um ato expressivo de advertência envolvendo o estado de coisas descrito na representação. Em [7], a representação discursiva estende o escopo da discussão para a esfera internacional, indicando que se trata de um problema muito mais amplo, visto que não afeta apenas os brasileiros. Nesse sentido, essa representação introduz o subtópico principal do texto: o cartão de estacionamento que mede o nível de embriaguez dos clientes em um clube na Ásia (e que se mostrou eficaz na redução de acidentes causados pela ingestão de álcool nesse período). Em termos de or. arg., a menção às estatísticas de Cingapura introduz um segundo estágio argumentativo: o primeiro remete à relação <i>álcool e direção</i> no Brasil, com base nos resultados de uma pesquisa realizada em 2013, e o segundo, a um dado internacional, que enfatiza a gravidade da questão. Os segmentos de [9] a [11] exemplificam como se desenvolve o tópico do cartão, cerne do texto. Em [12], a oração gerundiva <i>voltando ao Brasil</i> retoma o tópico <i>álcool no Brasil</i>, que, embora seja secundário em relação ao tópico principal, é bastante presente no texto. Esse segmento introduz, por intermédio de um ato expressivo com valor de crítica, a visão de mundo do produtor do texto em relação a essa questão, que se estende até [15]. Em [13] e [14], a crítica torna-se mais clara, visto que a ação de dirigir sob efeito</p>

			a intensa necessidade de mudar o pensamento também de quem está sóbrio e no círculo próximo de quem bebe e está dirigindo.	de álcool é marcadamente rechaçada, em [13], e a periculosidade do álcool evidenciada através do objeto de discurso <i>uma droga legal</i> , e da predicação epistemicamente modalizada pelo verbo <i>poder</i> , o que remete a uma possibilidade posta, e embasada pelos dados da pesquisa governamental realizada em 2013, citada no texto.
<p>“Quem nunca bebeu e dirigiu, que atire a primeira garrafa” (T_06_PdH)</p>	<p>Gustavo Morelli</p> <p>“Cientista jurídico, cinéfilo e aspirante a músico. Boleiro não praticante e ex-jogador de Counter Strike. Gosta de discutir futebol, política e religião. Tem orgulho do sotaque caipira e aprecia um scotch “maior de idade””.</p>	<p>Ensinar motoristas que bebem a não serem detidos por embriaguez em <i>blitze</i> policiais.</p>	<p>[1] Você vai naquela festa e toma <i>todas</i>, ou quem sabe toma <i>apenas uma</i>, mas na volta, por azar, é abordado pela polícia e solicitado a se submeter ao exame do etilômetro, ou seja, o famoso “bafômetro”; [2] E agora, o que fazer? [3] Antes de tudo, não se busca aqui incentivar o consumo de bebidas alcoólicas simultaneamente ao manejo de veículos. [4] Sabemos que <i>essa mistura não combina</i>, e é muito mais recomendável que você utilize um táxi, ou tenha a sorte de ter um amigo que não bebe (raridade) para fazer as vezes de motorista da rodada; [5] O objetivo é impedir que alguém sofra a injustiça de arcar com as penalidades previstas na lei apesar de ter ingerido somente <i>uma pequena quantidade de álcool que não lhe entorpece</i>. [6] Com a entrada em vigor da <u>Lei 11.705/08</u>, a conhecida “Lei seca”, o art. 306 do Código de Trânsito Brasileiro, que cuida da esfera judicial, ganhou a seguinte redação: <i>Art. 306. Conduzir veículo automotor, na via pública, estando com concentração de álcool por litro de sangue igual ou superior a 6 (seis) decigramas [...]</i>; [7] A lei é radical e abstrata, pois é impossível aferir individualmente a capacidade de ingestão de bebidas alcoólicas e o comprometimento das habilidades de cada um; [8] Assim, <i>minha dica aos “inocentes” e “injustiçados”</i> é a seguinte: Caso seja abordado numa blitz policial e lhe seja solicitado que assopre o bafômetro, com educação e humildade simplesmente recuse e se disponha a acompanhar o agente de polícia para a realização do chamado exame clínico; [9] Obviamente, recuse também o exame de sangue, que chega a ser ainda mais preciso; [10] Explico; [11] O art. 277 do Código de Trânsito Brasileiro fala que todo condutor que se envolver em acidente ou for pego em fiscalização da polícia, com suspeita de estar alcoolizado, será submetido aos <i>“testes de alcoolemia, exames clínicos, perícia ou outro exame que, por meios técnicos ou científicos, em aparelhos homologados pelo CONTRAN, permitam certificar seu estado”</i>; [12] Constituição da República (diploma que está acima de qualquer lei) confere o recorrente direito de não produzir provas contra si próprio (art. 5º, LXIII), com respaldo também na Convenção Americana de Direitos Humanos (art. 8º, inciso II, alínea “g”); [13] Graças a isso, é possível nos recusarmos a todos os meios de verificação de embriaguez; [14] Naturalmente, negar todas essas “alternativas” implica em uma presunção quanto a nossa culpa; [15] Assim, fica o conselho: faça o exame clínico; [16] Você será conduzido até um local adequado para consulta, onde um médico lhe examinará para averiguar se realmente há embriaguez; [17] Caso você tenha ingerido somente <i>uma razoável quantia de álcool</i>, pode ser que com o susto da abordagem policial e a demora na localização de um médico você consiga se safar desta – ou, quem sabe, até fingir muito bem; [18] Então, vale repetir novamente o clichê: “se beber,</p>	<p>Este texto, escrito por um cientista jurídico, ensina motoristas que tenham porventura bebido antes de dirigir a escapar de abordagens policiais que, via de regra, acontecem após festas noturnas. Embora o produtor do texto afirme que não busca incentivar a combinação entre álcool e direção, como mostra [4], o segmento [1] permite afirmar que tal afirmação possa ser questionada, já que prevê que seu texto serve tanto para aquele que bebeu muito – <i>toma todas</i> – ou pouco – <i>toma apenas uma</i>. O segmento [5], embora delimite a quem o texto é direcionado, é contradito, novamente, em [17]. Quanto à representação discursiva em [4], embora afirme que a combinação entre álcool e direção não seja recomendada, nota-se que a or. arg. do texto volta-se exclusivamente para casos em que o condutor bebeu, dirigiu e foi flagrado pela fiscalização da lei seca. Quanto ao objeto de discurso em [5], é possível auferir sua vagueza, visto que, em nenhum momento, há menção à “pequena quantidade de álcool que não lhe entorpece”, que é de 0,04 miligramas de álcool por litro de ar alveolar. Em segundo lugar, também salta à vista o caráter falacioso desse objeto de discurso, visto que não há como, intuitivamente, saber se o limite de álcool tolerado pela lei já foi ultrapassado pelo motorista infrator. De acordo com o produtor do texto, é possível, embora este não diga como. O segmento [6] traz um excerto da lei seca, não apresentado em sua totalidade por questões de espaço. A menção à lei é essencial ao cumprimento do fim discursivo desse texto, visto que é a partir dela que seu produtor ensina a burlá-la. Em [7], a representação discursiva evidencia uma crítica à lei, que, segundo o entendimento do produtor do texto, é <i>radical e abstrata</i>. Novamente, a contradição faz-se presente: se a lei fosse radical, a tolerância seria zero, e não 0,44. Da mesma forma, se fosse abstrata, não preveria uma quantidade mínima para consumo – um dado bastante objetivo. Embora tente justificar essa crítica, o mesmo segmento, através de um conector causativo, também implica contradições: as <i>blitze</i> não pretendem aferir a capacidade de ingestão de álcool das pessoas, nem as habilidades motoras de cada um, mas, única e exclusivamente, a quantidade de álcool que a pessoa tenha consumido antes de ter sido parada em uma abordagem. O segmento [8] introduz o fim discursivo do texto, que se corrobora pelo objeto de discurso <i>minha dica para os “inocentes” e “injustiçados”</i>, e pela predicação que o acompanha. O uso de aspas nesses nomes marca a ideia de que quem consome álcool e dirige não pode ser considerado inocente ou injustiçado, visto que a lei é de conhecimento público. Esse segmento encerra ainda outra contradição, visto que, se a pessoa bebeu a quantidade permitida por lei, é inocente de fato, visto que não pode ser penalizada, e não “inocente”, ou, ainda, “injustiçada”. Os segmentos [8] e [9] encerram atos diretivos que especificam a forma como se deve agir ao ser abordado em uma <i>blitz</i>, após consumir bebidas alcoólicas. Em [9], outra vez, o produtor do texto se contradiz: se a pessoa bebeu <i>uma pequena quantidade [...]</i>, por que se negaria a fazer o exame, visto que está ciente – de que forma, não se sabe – de não ter</p>

			<p>não dirija” – do contrário, você corre o risco de ser o <u>próximo Jeremias</u>.</p>	<p>ultrapassado os 0.44? Os segmentos [11] e [12], novamente, trazem excertos três publicações legais: o código de trânsito, a constituição federal, e a Convenção Americana de Direitos Humanos, que embasam o aconselhamento do produtor do texto. Em relação ao código, o que permite aos motoristas que beberam não fazerem o teste do bafômetro é a marca <i>ou</i>, presente na publicação. Também é parte do aconselhamento que uma das alternativas previstas em lei tem de ser aceita pelo motorista, sob pena de despertar a desconfiança dos agentes públicos em relação a sua potencial embriaguez. A alternativa preferida no texto é a do exame clínico, dada sua demora, a qual pode fazer com que a quantidade de álcool no organismo diminua. Isso fica patente no segmento seguinte, [17], além do <i>susto</i> provocado pela abordagem, que pode fazer com que a pessoa não seja penalizada. Além disso, o produtor do texto prevê a hipótese de que o motorista finja estar sóbrio – isto é, outra contradição, pois, quem bebeu a quantia permitida, em tese, está sóbrio, enquanto, se é necessário fingir estar sóbrio, é sinal de que <i>não</i> se está sóbrio. Ainda em relação a [17], há a transformação do objeto de discurso, que, em [5] era <i>uma pequena quantidade de álcool que não lhe entorpece</i>, e passa a ser, em [17], somente <i>uma razoável quantia de álcool</i>. Dado o fato de que <i>pequena</i> e <i>razoável</i> não sejam sinônimos, é possível afirmar que o texto não se volta à exceção da regra – pessoas que beberam a quantidade tolerada pela lei – como diz seu produtor, mas a quaisquer pessoas que tenham bebido indistintamente antes de pegarem o volante. Da mesma forma que em [5], a <i>razoável quantia</i> não é mencionada. Em suma, esse texto, apesar de condenar (moderada e, mesmo, ironicamente, como mostra [18], ao citar Jeremias, um jovem que foi preso altamente alcoolizado e virou sensação na internet) a combinação entre álcool e direção, como o faz a lei brasileira, ao mesmo tempo diz aos leitores: <i>mas, se você bebeu, aqui está uma forma de burlar a lei</i>.</p>
--	--	--	---	--

6.3.4 Análise textual: as proposições-enunciado que compõem o texto “*Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens*”, de Júnior WM, em Papo de Homem

(1) Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens



(2) Chegou a hora de saber se alguém aqui é homem de verdade ou se faz parte da nova geração dos homens mimados.

(3) Preparei um drink clássico com gin, uma das bebidas mais fortes que existe e um drink sem álcool para entendermos melhor o que nos motiva a beber. (4) Sou neto de um dono de bar, depois tive e trabalhei em bares; (5) uma coisa meu avô e o balcão me ensinaram: crianças não sabem beber.

(6) Veja no final do vídeo um dos efeitos de se conhecer sobre bebidas e aprenda dois drinks antes de ler abaixo minha explicação sobre a diferença entre homens e meninos e sobre como beber fora dos padrões.

<https://www.youtube.com/watch?v=NMKkC9yFrUo>

(7) Receita do Dr. Drinks para o Orange Blossom

(8) O Orange Blossom foi inventado na década de 1920, em plena lei seca nos EUA. (9) Como a bebida mais acessível era o gin, traficada pela máfia italiana, ele tornou-se bem popular em drinks e cocktails por um motivo muito peculiar: o gin da época era horrível por ser produzido em condições precárias como destilarias de fundo de quintal. (10) Então, para disfarçar o sabor grosseiro deste que mal havia deixado de ser apenas um remédio, ele era comumente misturado a licores ou sucos.

(11) Era o drink favorito de Robert Benchley, escritor americano que inicialmente era defensor da lei seca, aos 31 anos de idade tomou seu primeiro drink (um Orange Blossom) e acabou se tornando parceiro de copo de F. Scott Fitzgerald e sua mulher, Zelda Fitzgerald, que segundo uma lenda urbana tomou uma garrafa térmica inteira do drink e perdeu-se em um campo de golf.

(12) Você vai precisar de:

(13)• Uma taça de Martini gelada

(14)• Suco de laranja

(15)• Gin (o melhor é o London Dry Gin)

(16)• Simple syrup (xarope simples de açúcar, receita abaixo)

(17)• Gelo

(18) Adicione gelo à coqueteleira, 3 partes de gin, 6 partes de suco de laranja e duas partes de simple syrup. (19) Bata até gelar a superfície da coqueteleira e sirva o drink coado sem gelo algum na taça de Martini previamente gelada.

(20)Para fazer o simple syrup:

(21) Muito fácil: jogue uma medida de água e uma de açúcar numa panela, leve ao fogo médio e mexa continuamente por alguns minutos até começar a ferver. (22) Retire de fogo, deixe esfriar e use para adoçar drinks com suco de fruta que não levem licor. (23) Infelizmente o vídeo que temos fazendo o xarope ainda não está editado. (24) Publicaremos o link via [Twitter](#), [Facebook](#) e comentários essa semana.

(25)Receita do novo drink sem álcool do Dr. Drinks

(26) Esse drink junta elementos cítricos e azedos, como limão e abacaxi, a sabores doces e amplos, como o simple syrup e a hortelã.

(27)Você vai precisar de:

(28)• Um copo Long Drink

(29)• Gelo

(30)• Um raminho de hortelã

(31)• Suco de laranja

(32)• Suco de abacaxi

(33)• Simple Syrup

(34)• Suco de limão

(35) Ponha a hortelã no copo com uma boa dose de simple syrup, macere bem pra que a erva solte seu sabor e aromas no xarope. (36) A seguir acrescente 4 pedras de gelo e encha até a metade do copo com suco de laranja. (37) Complete com suco de abacaxi e esprema meio limão por cima. (38) Mexa e sirva. (39) É fantástica a complexidade desses sabores combinados.

(40) Entenda por que crianças não sabem beber



(41) *Xamã peruano: esquecemos de nossas origens a tal ponto que hoje muitos sequer sabem o que significa "xamã" | Créditos: Leonid Plotkin*

(42) Bebemos com desejo de socialização. (43) Pense em quantas pessoas bacanas você conheceu enquanto bebia leite e entenderá o que estou dizendo. (44) O consumo de bebidas alcoólicas pela humanidade começou há muitos séculos por vários **povos indígenas e pagãos** que bebiam para "entrar em transe" e estar mais próximo de seus deuses.

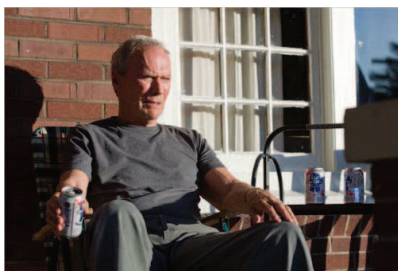
(45) É fato que quem bebe vê "coisinhas" – e como não havia método científico, era normal atribuir tudo ao divino. (46) Tomar um porre era, literalmente, uma coisa santa. (47) Assim as bebidas tornaram-se um traço da cultura dos povos. (48) Em algumas regiões onde a medicina era mais avançada, as bebidas eram inicialmente usadas como remédio. (49) Em outras, eram aperitivo, como a cachaça no Brasil, que era tomada antes das refeições para abrir o apetite.

(50) Esse hábito tornou-se parte tão forte de nossas vidas que hoje em dia é quase impossível pensar em uma festa de casamento, por exemplo, sem algo diferenciado para beber. (51) Beber tornou-se algo natural em nossas vidas. (52) É natural filhos crescerem vendo os pais consumindo álcool em casa. (53) Seja no seu próprio aniversário de um aninho ou na noite de Natal.

(54) Mais cedo ou mais tarde essas crianças crescem e acabam bebendo. (55) Isso acontece porque incorporamos em nosso inconsciente, por osmose com nosso meio e a sociedade em que vivemos, o valor emocional do álcool e todas as suas benesses para o agrupamento social.

(56) O álcool potencializa as emoções, antes para nos colocar em contato com os deuses e hoje para nos conectar a outras pessoas. (57) Portanto, ele torna-se um problema nas mãos de quem não sabe controlar as próprias emoções.

(58) A diferença entre homens e meninos



(59) *Clint Eastwood: mesmo tomando cerveja em latinha (PBR), é sempre um grande exemplo*

(60) Para algumas pessoas o hábito de beber é muito mais do que simplesmente **embriagar-se levado por um hábito involuntário**. (61) São as pessoas que conhecem o que estão bebendo. (62) Sabem seus limites e as consequências de avançar até eles, ou de ultrapassá-los.

(63) É justamente a forma como encaramos as consequências que mostra quem somos nós. (64) Não só por causa de uma ressaca ou uma piadinha pra mulher errada, mas pra tudo na vida. (65) Homem mesmo é aquele que estufa o peito e segura a bronca, seja ela qual for. (66) É o cara que sabe admitir que errou ou que algo que fez deu errado e tem a coragem de encarar os fatos.

(67) Isso também tem seu lado bom, pois quem administra de forma madura algo ruim também o faz para coisas boas. (68) Afinal é assim que vamos pra cima das mulheres. (69) De qualquer outra forma tomamos toco. (70) Quem é pegador chega junto com a maior naturalidade porque é seguro de si e não precisa correr pra mamãezinha buscando proteção.

(71) Beber fora dos padrões

(72) Sujeito diz que sabe beber, pois bebe 30 latas de cerveja e não cai. (73) Isso não é saber beber. (74) No máximo é saber não cair de bêbado com cerveja. (75) **Sabe beber o sujeito que conhece o que está bebendo, sua história e seus efeitos.**



(76) *Nosso retrato: seres enlatados, uns iguais aos outros, que fazem pouco além de poluir o mundo*

(77) Se num evento social já estão todos de copo na mão, a aproximação torna-se muito mais fácil ao focar seu discurso em algo que está evidente na outra pessoa: seu copo. (78) Alguém com um copo na mão está, como vimos, disposto a socializar. (79) Imagine se nesse momento você é capaz de **descrever o estímulo sensorial** que o outro está tendo naquele exato momento por meio de sua bebida.

(80) Isso só acontece se você conhecer bebidas. (81) Se tiver tal disposição, um novo mundo vai se abrir diante de seu olfato, visão e paladar. (82) História, antropologia, ciência, religião... tudo cabe numa simples dose. (83) E nesse momento você nasce de forma elevada perante o outro. (84) Seja uma mulher, sejam seus amigos, familiares, colegas de trabalho, quem for.

(85) Você adquire a característica de dominar o conhecimento de um hábito subconsciente do ser humano. (86) É ser visto como um tipo de psicólogo que entende as expectativas que pretendemos suprir no copo. (87) Ou ser **um grande contador de histórias**.

(88) Ambos os casos prendem a atenção e tornam você uma pessoa diferenciada no grupo cheio de caras que tomam 30 latas de cerveja e não caem. (89) E também não sabem porque bebem. (90) É quase como que um movimento reflexo, automático.

(91) Pessoas que se enquadram em grandes padrões comportamentais tem menos chance de serem lembradas, uma vez que compartilham suas características com um grupo muito grande. (92) E se todos são iguais, como diferenciar alguém?

(93) Olha na foto abaixo **meu abdômen atual** (tirada hoje pela manhã):



(94) Não é um exemplo de beleza midiática, mas mesmo assim Dr. Drinks sempre é recebido como uma pessoa com uma habilidade especial: **construir sabores**. (95) É uma forma de comunicação não verbal muito forte e é justamente ela que proporciona um destaque dos padrões comportamentais de um grupo.

(96) Isso faz com que se consiga reações como a da gatinha do final do vídeo (que odeia álcool, aliás), pois estamos proporcionando **uma experiência sensorial muito mais profunda que uma simples conversa** ou exibição de um corpo perfeito.

(97) Explorar outros níveis de conversação é algo que jogará muito a seu favor. (98) E conhecer essas formas é algo que exige maturidade. (99) Ou seja, ser homem.

(100) Ser homem pra saber dosar malícia *versus* gentileza e estar disposto a receber críticas de caráter pessoal tomadas como verdades a respeito de novos sabores. (101) Mas também é fazê-lo projetando o resultado, esperando um sorriso e o elogio que vem sempre potencializado pela empolgação da experiência.

(102) Ao aprender a preparar um drink, na verdade estamos lidando com algo muito além do álcool: estamos **resgatando histórias** e aprendendo novas formas de estimular os sentidos e proporcionar novas sensações.

(103) Por que você bebe?

(104) Em vez de viver dividindo espaço com todos o demais homens que tem o mesmo padrão comportamental, convido você a ser um elemento diferenciado, não apenas mais um, mas **um ponto focal de sofisticação, generosidade, conhecimento e estilo**. (105) É essa minha motivação por trás de todo o trabalho para tocar essa coluna.

(106) E pra isso te pergunto: **Por que você bebe?**

publicado em 29 de Janeiro de 2010, 03:01



Junior WM

Um grande apreciador de história e histórias. Vive a vida de forma que seja lembrada como honrada e humana. Ama os prazeres da vida e sua família. Escreve sobre passar pelo mundo com dignidade e alegria. Contribui com a revolução digital por acreditar em seu caráter humanitário e num mundo melhor.

A forma nominal introdutória *Orange Blossom* é introduzida no título do texto: *Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens*.

A proposição-enunciado que sucede os dois pontos evidencia que o texto não trata apenas da bebida em questão, mas associa-a a outro tópico que é desenvolvido no texto – maturidade – que é indiretamente associado ao conhecimento sobre bebidas.

Em relação ao tópico *maturidade*, também chama a atenção as formas nominais metafóricas associadas a pessoas imaturas – *meninos* – e a pessoas maduras – *homens* – o que contradiz o conteúdo da página *nossa visão*, que afirma

que, apesar do nome, a página não se volta exclusivamente a homens: “Esse é o PapodeHomem, um espaço criado em 2006, no qual todos são bem vindos – independente de sexo, gênero, orientação sexual, credo ou raça”⁶⁰.

Em termos de r.e., o segmento (1) apresenta a única fonte de informação de que se vale o produtor desse texto: ele mesmo, que se evidencia pelo emprego do pseudônimo *Dr. Drinks*.

No segmento (2), fica patente a ideia de que o texto volta-se a homens, dada a ocorrência dos objetos de discurso *homem de verdade* e *nova geração de homens mimados*: *Chegou a hora de saber se alguém aqui é homem de verdade ou se faz parte da nova geração dos homens mimados*. Em relação aos processos fóricos relacionados a esses objetos, ambos se enquadram, conforme a proposta de categorização de Cavalcante (2003), ao grupo das anáforas correferenciais: *homem de verdade* adequa-se ao subtipo *correferencial e cossignificativa*, e *a nova geração de homens mimados* adequa-se ao subtipo *correferencial recategorizadora* que se dá por meio de uma expressão definida.

Em termos de or. arg. e atos ilocucionários, os segmentos (1) e (2), por meio de atos assertivos, deixam subentendida a ideia de que o conhecimento sobre bebidas alcoólicas é um pré-requisito para que um homem seja considerado maduro. Essa associação é bastante evidente no texto de Junior WM, visto que é introduzida no título da publicação, e reiterada em seu primeiro parágrafo.

O segundo parágrafo do texto compõe-se de três segmentos:

[2](3) Preparei um drink clássico com gin, uma das bebidas mais fortes que existe e um drink sem álcool para entendermos melhor o que nos motiva a beber. (4) Sou neto de um dono de bar, depois tive e trabalhei em bares; (5) uma coisa meu avô e o balcão me ensinaram: crianças não sabem beber.

O segmento (3) apresenta a primeira transformação da forma nominal de introdução *Orange blossom: um drink clássico com gin*, que, segundo Cavalcante (2003), remete a uma anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo, visto que o *Orange blossom* é *um tipo de drink*. No mesmo segmento (3), há uma oração de caráter completivo que recategoriza parte desse objeto de discurso – *gin* – atribuindo-lhe uma predicação baseada em seu alto teor alcoólico – *uma das bebidas mais fortes que existe*. Essa recategorização, em termos fóricos, remete, portanto, a

⁶⁰ Disponível em: <<https://papodehomem.com.br/nossa-visao>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

uma anáfora parcial cossignificativa por indefinido (CAVALCANTE, 2003). O terceiro objeto de discurso que aparece no segmento (3) é *um drink sem álcool*, o que configura a introdução de um novo referente – já que o referente principal, o Orange Blossom, como se nota, contém álcool.

O excerto (4) funciona como uma credencial do produtor do texto – que remete à pergunta que Charaudeau (2010) propõe ao falar de legitimidade: *o que me autoriza a tomar a palavra?* No caso do texto em questão, o que autoriza Dr. Drinks a tomar a palavra é sua experiência de vida: (4) Sou neto de um dono de bar, depois tive e trabalhei em bares.

O segmento seguinte, (5), desenvolve o segmento anterior através dos objetos de discurso *meu avô e o balcão*, que, através de processos de anaforização indiretos com a recategorização de novos referentes – *meu avô e o balcão* – retomam as credenciais providas em (4). Quanto à predicação associada a esses objetos de discurso, esta contém um objeto de discurso composto por um nome genérico – *coisa* – que, por sua vez, retoma a ideia de que é madura aquela pessoa que sabe beber. Também chama a atenção o emprego metafórico do nome *crianças*, que ocorre duas vezes no texto, e que, ao contrário de *meninos*, não remete a uma esquematização (GRIZE, 1990) baseada em gênero. Vale notar que todas as outras formas nominais metafóricas relacionadas a maturidade que emergem no texto, salvo essa e outra menção a *crianças*, em um intertítulo, como demonstrarei, remetem ao gênero masculino.

Em termos de r.e., os próprios objetos de discurso *meu avô e o balcão* remetem à única fonte de informação mencionada no texto, Dr. Drinks. O emprego da primeira pessoa do singular, no início do segmento (3) – *preparei* – corrobora a univocidade desse texto.

Em termos de atos ilocucionários, os três segmentos do segundo parágrafo remetem a atos assertivos.

O terceiro parágrafo compõe-se de apenas um segmento: **(6) *Veja no final do vídeo um dos efeitos de se conhecer sobre bebidas e aprenda dois drinks antes de ler abaixo minha explicação sobre a diferença entre homens e meninos e sobre como beber fora dos padrões.***

Através de um ato diretivo – *veja* – Dr. Drinks incita os leitores e as leitoras da página a assistirem um vídeo em que, ao final, uma garota expressa sua aprovação em relação ao Orange Blossom: “Nossa! Uma delícia! Muito doce... eu ficaria... eu

ficaria bêbada disso...”. Esse depoimento tem uma dupla função: primeiramente, corroborar a legitimidade de Dr. Drinks, cuja habilidade é reconhecida pela jovem, e, demonstrar que o conhecimento sobre bebidas alcoólicas é algo que facilita aos homens a abordagem de mulheres, como se verá no transcorrer do texto.

Quanto aos objetos de discurso em (6), destaco *dois drinks*, que remete a uma anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo, visto que retoma *um drink sem álcool* e *Orange blossom*, e a *diferença entre meninos e homens*, que diz respeito a uma anáfora indireta com a recategorização de um novo referente. Note-se que esse objeto de discurso é uma “versão nominal” do complemento da oração contida no segmento (1): *a diferenciar meninos de homens*, transformando-a em objeto de discurso.

O segmento (7) corresponde ao primeiro intertítulo desse texto: (7) *Receita do Dr. Drinks para o Orange Blossom*; nele, verifica-se a reiteração da forma nominal introdutória – *Orange Blossom*.

A reiteração de Orange Blossom repete-se no parágrafo seguinte, que é composto de 3 segmentos:

[4](8) O Orange Blossom foi inventado na década de 1920, em plena lei seca nos EUA. (9) Como a bebida mais acessível era o gin, traficada pela máfia italiana, ele tornou-se bem popular em drinks e cocktails por um motivo muito peculiar: o gin da época era horrível por ser produzido em condições precárias como destilarias de fundo de quintal. (10) Então, para disfarçar o sabor grosseiro deste que mal havia deixado de ser apenas um remédio, ele era comumente misturado a licores ou sucos.

No segmento (8), além do objeto Orange Blossom, encontra-se a predicação *foi inventado na década de 1920, em plena lei seca nos EUA*, que, através de uma informação histórica cuja origem é o próprio enunciador, tem por função através de um ato assertivo, demonstrar seu conhecimento sobre a matéria que está tratando: o drink Orange Blossom. Não se trata apenas de ensinar a fazê-lo, mas, também, de situá-lo no tempo e no espaço, pois, como Dr. Drinks enfatiza em seu texto, conhecer bebidas é um fator abonador em círculos sociais. Essa ideia reemerge outras vezes no plano textual, como mostrarei.

Em (9), através de três formas nominais, há a menção a dois referentes: ao *gin* e ao *Orange Blossom*. O primeiro objeto de discurso é *a bebida mais acessível*, que remete a uma Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo, que recategoriza *gin*, na predicação *era o gin*. O segundo objeto de discurso é

representado pelo pronome *ele*, que retoma *Orange blossom*, e remete a uma anáfora correferencial recategorizadora por pronome pessoal. Note-se o uso não prototípico do pronome pessoal, que não retoma uma pessoa, mas uma entidade inanimada. Embora seja um uso não previsto pela norma culta, o gênero discursivo *post de blog* – ou os traços desse gênero que se verificam nesse texto, uma vez que apresenta traços de gêneros distintos – permite que Dr. Drinks se valha de um uso menos monitorado da linguagem. O terceiro e último objeto de discurso em (9) é *o gin da época*, e remete a uma anáfora parcial, visto que o gin é um dos ingredientes do Orange Blossom. A predicação atribuída a esse objeto de discurso também remete a questões históricas ligadas ao Orange Blossom: *era horrível por ser produzido em condições precárias como destilarias de fundo de quintal*;

No segmento (10), ocorre outra recategorização indireta do referente *gin*: *o sabor grosseiro deste que mal havia deixado de ser apenas um remédio*. Trata-se de uma anáfora indireta com recategorização de um novo referente, visto que remete a *gin* através do sabor desagradável da bebida. O segundo objeto de discurso, mais uma vez, ocorre na forma de um pronome pessoal, que recategoriza *gin* através de uma anáfora correferencial recategorizadora por pronome pessoal. Novamente, vale a observação feita em relação ao emprego não prototípico do dêitico pessoal *ele*, como no segmento anterior, (9).

O quinto parágrafo do texto compõe-se de um único segmento, que é bastante extenso:

[5](11) Era o drink favorito de Robert Benchley, escritor americano que inicialmente era defensor da lei seca, aos 31 anos de idade tomou seu primeiro drink (um Orange Blossom) e acabou se tornando parceiro de copo de F. Scott Fitzgerald e sua mulher, Zelda Fitzgerald, que segundo uma lenda urbana tomou uma garrafa térmica inteira do drink e perdeu-se em um campo de golf.

Em (11), a predicação *era o drink favorito de Robert Benchley* [...] associa a bebida – o Orange Blossom, previamente ativado em (9), e reiterado no mesmo segmento (11), entre parênteses – a personalidades da cultura popular estadunidense: trata-se de uma estratégia que, novamente, visa a mostrar aos leitores e leitoras da página que o tópico *álcool*, segundo o produtor do texto, enseja o aparecimento de outros tópicos, tornando-lhe uma *pessoa culta* perante seu público. Essa ideia é confirmada no decorrer do texto, como mostrarei. O que Dr. Drinks não

diz é que Robert Benchley morreu aos 56 anos, de cirrose hepática⁶¹. Definitiva e assumidamente⁶², Benchley bebia fora dos padrões – leia-se *compulsivamente* – mas não em relação aos padrões aludidos alguns segmentos adiante deste, por Dr. Drinks. Ao invés disso, a esquematização (GRIZE, 1990) preferida pelo produtor do texto é a de uma situação possivelmente cômica envolvendo outra personalidade da cultura estadunidense, Zelda Fitzgerald, “que segundo uma lenda urbana tomou uma garrafa térmica inteira do *drink* e perdeu-se em um campo de golf”. Como em todo o texto, esses atos assertivos são de inteira responsabilidade de Dr. Drinks, uma vez que não há menções a sua origem.

Quanto aos processos fóricos em (11), há a reincidência da forma nominal introdutória *Orange Blossom*.

O segmento (12) corresponde ao intertítulo que antecede a receita do Orange Blossom: (12) *você vai precisar de:*.

Os segmentos que se estendem de (13) a (17) contêm anáforas parciais cossignificativas realizadas por expressão indefinida – é o caso de (13) – bem como por meio de SNs – nos segmentos (14) a (17) – (CAVALCANTE, 2003), visto que sua soma corresponde ao *drink* ensinado por Dr. Drinks:

- (13)• Uma taça de Martini gelada
- (14)• Suco de laranja
- (15)• Gin (o melhor é o London Dry Gin)
- (16)• Simple syrup (xarope simples de açúcar, receita abaixo)
- (17)• Gelo

Em (15), além da reiteração do ingrediente principal da bebida, o gin, há, ainda, uma recategorização bastante específica – *London Dry Gin* – associada à predicação *é o melhor*, que, mais uma vez, tem por função mostrar o conhecimento de Dr. Drinks sobre bebidas.

O segmento (16) evidencia uma estratégia de reformulação que, possivelmente, visa a explicar aos leitores e leitoras da página que porventura não saibam Inglês em que consiste o *simple syrup*, que é recategorizado como *xarope simples de açúcar*: portanto, uma anáfora correferencial e cossignificativa.

⁶¹ Fonte: <<https://www.britannica.com/biography/Robert-Benchley>>. Acesso em 13/12/2018.

⁶² É dele a frase “I know I’m drinking myself to a slow death, but then I’m no hurry”, que, embora represente um desafio à tradução, pode ser livremente adaptada ao Português como “Eu sei que estou me embebedando rumo a uma morte lenta, então não estou com pressa”.

O sexto parágrafo do texto é formado pelos segmentos (18) e (19):

[6](18) Adicione gelo à coqueteleira, 3 partes de gin, 6 partes de suco de laranja e duas partes de simple syrup. (19) Bata até gelar a superfície da coqueteleira e sirva o drink coado sem gelo algum na taça de Martini previamente gelada.

Esses segmentos correspondem à forma de preparo da bebida, e remetem a atos diretivos – traço peculiar ao gênero discursivo *receita*, assim como a lista de ingredientes, no parágrafo anterior.

O segmento (2) corresponde ao intertítulo relativo ao modo de preparo do *simple syrup*.

O parágrafo [7] do texto é composto por 4 segmentos: em (21) e (22), encontram-se atos diretivos que instruem os leitores e leitoras quanto à combinação dos ingredientes do xarope. Em (21), também se nota a ocorrência de um ato expressivo, gramaticalmente expresso pela asserção *é muito fácil*. O segmento (23) simplesmente justifica a falta de um vídeo que mostre a forma de preparo do xarope, por meio de um ato de discurso expressivo marcado por *infelizmente*, e (24), através de um ato de discurso engajante, mostra o comprometimento da equipe da página – dada a ocorrência da primeira pessoa do plural – em fornecer meios de acesso ao vídeo que será disponibilizado.

No segmento seguinte, (25), o Objeto de discurso *receita do novo drink sem álcool do Dr. Drinks* alude ao preparo da bebida sem álcool introduzida no início do texto, em (3): *um drink sem álcool*. Quanto ao processo fórico em (25), trata-se de uma anáfora indireta – pois se trata da receita do *drink*, e não do *drink* em si – com recategorização lexical, visto que não se trata apenas de uma bebida desprovida de álcool, mas de uma *novidade*.

Cabe notar, em relação ao *(novo) drink sem álcool*, aludido em (3) e em (25), a ausência de um nome específico, se compararmos à receita principal, o Orange Blossom. Entendo que a maior importância dada por Dr. Drinks ao Orange Blossom evidencia-se por 4 fatores: a receita do Orange Blossom contém álcool; aparece primeiro no texto; pela inexistência de um nome específico para a bebida sem álcool, que é referencialmente trazida à baila por uma expressão cujo núcleo é hiperonímico: *drink*; finalmente, pelo fato de que, após a receita da bebida sem álcool, esta não mais é ativada referencialmente no texto, que passa a tratar exclusivamente de bebidas com álcool. Nesse sentido, a inexistência de um nome específico para a bebida sem

álcool chamou-me a atenção, visto que, mesmo as bebidas mais estigmatizadas socialmente possuem nome, como é o caso do *pé sujo* ou *porta aberta* – uma bebida de baixo custo consumida por adolescentes baseada na mistura entre o refrigerante Coca-Cola e vinho tinto barato⁶³. A ausência de um nome associado a essa bebida sem álcool, a menção e a reiteração da forma nominal introdutória *Orange Blossom*, bem como o comentário da menina ao final do vídeo para o qual há um *link*, entre os segmentos (6) e (7), permitem a leitura de que, em termos de importância, o *novo drink sem álcool do Dr. Drinks* é menos importante do que aquele que contém gin – *uma das bebidas mais fortes que existe* – segundo o produtor do texto.

O parágrafo [8] é composto por um único segmento, (26), de caráter resumitivo. Nesse segmento, o objeto de discurso *esse drink* – uma anáfora correferencial cossignificativa – é associado à predicação *junta elementos cítricos e azedos, como limão e abacaxi, a sabores doces e amplos, como o simple syrup e a hortelã*: (26) *Esse drink junta elementos cítricos e azedos, como limão e abacaxi, a sabores doces e amplos, como o simple syrup e a hortelã*.

O intertítulo em (27) – *você vai precisar de* –, assim como em (12), apresenta a lista de ingredientes que compõem a bebida sem álcool. Esses ingredientes – anafóricos parciais efetuados por meio de SNs – estendem-se dos segmentos (28) ao (34):

- (28)• Um copo Long Drink
- (29)• Gelo
- (30)• Um raminho de hortelã
- (31)• Suco de laranja
- (32)• Suco de abacaxi
- (33)• Simple Syrup
- (34)• Suco de limão

O parágrafo [9] é composto por 4 segmentos – (35-39) – que, por meio de atos diretivos, ensinam a preparar a bebida:

- [9](35) Ponha a hortelã no copo com uma boa dose de simple syrup, macere bem pra que a erva solte seu sabor e aromas no xarope. (36) A seguir acrescente 4 pedras de gelo e encha até a metade do copo com suco de laranja. (37) Complete com suco de abacaxi e esprema meio limão por cima. (38) Mexa e sirva. (39) É fantástica a complexidade desses sabores combinados.

⁶³ Fonte: <<http://vinho.ig.com.br/2010/11/28/vinho-com-coca-cola-ou-como-estragar-um-refrigerante-e-humilhar-um-tinto.html>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

Em (39), destaco o ato de discurso expressivo marcado por *é fantástica*, que funciona como um elogio à bebida que o próprio Dr. Drinks criou: esse parece ser o único atrativo da bebida, e, ao mesmo tempo, mostra-se um tanto dispensável, pois qual seria a vantagem perante seu público em divulgar uma receita sem álcool e com gosto ruim? Em termos funcionais, portanto, esse ato assertivo age como um fator abonador da receita.

A partir do intertítulo presente no segmento (40) *Entenda por que crianças não sabem beber* – Dr. Drinks passa a tratar do primeiro subtópico do texto: a relação entre maturidade e o consumo de álcool. *A priori*, alguém poderia alegar que não há relação entre beber e ser uma pessoa madura. Entretanto, é preciso entender essa relação sob a ótica do texto produzido por Dr. Drinks, que defende a tese de que é madura a pessoa – ou *o homem*, como os segmentos subsumidos pelo intertítulo em (55) mostram – que entende de bebidas alcoólicas.

Ainda, nessa sessão do texto, aparecem, além das representações discursivas de quem bebe, representações ligadas ao álcool e ao ato de beber.

Em (40), há a reiteração do objeto de discurso *crianças* e da predicação *não sabem beber*, introduzidos no segmento (5), pelo rótulo prospectivo *coisa*. Outro fato válido de menção, em (40), é o emprego do conector explicativo (ADAM, 2011) *por que*: os excertos que se estendem de (42) a (53), através de relações de causalidade, explicam aos leitores e leitoras da página as motivações, segundo o produtor do texto, que levam as pessoas a beber.

Também chama a atenção para a pouca ocorrência de conectores nesse texto: em 106 segmentos, apenas 9 contêm esse tipo de marca. Sua orientação argumentativa, portanto, baseia-se mais em asserções do que em sequências explicitamente argumentativas.

O parágrafo [10] é composto por 3 segmentos (42-44):

[10](42) Bebemos com desejo de socialização. (43) Pense em quantas pessoas bacanas você conheceu enquanto bebia leite e entenderá o que estou dizendo. (44) O consumo de bebidas alcoólicas pela humanidade começou há muitos séculos por vários **povos indígenas e pagãos** que bebiam para "entrar em transe" e estar mais próximo de seus deuses.

No segmento (43), o objeto de discurso pronominal *o que* retoma a asserção em (42) – *bebemos com desejo de socialização* – e parte do próprio segmento (43), expressa por um ato diretivo: *pense em quantas pessoas você conheceu bebendo*

leite e entenderão que estou dizendo. Quanto ao processo fórico relacionado a *o que*, segundo a proposta de Cavalcante (2003), trata-se de uma anáfora correferencial recategorizadora por meio de pronome.

Em termos de r.e., aponto para a passagem da primeira pessoa do singular, que até então vinha sendo empregada no texto, para a primeira pessoa do plural: Dr. Drinks, através de uma modalização universal inclusiva (NASCIMENTO, 2009), passa a incluir seus leitores e leitoras, partindo do pressuposto de que compartilham da sua visão de mundo expressa pelo ato assertivo em (42): *bebemos com desejo de socialização*.

Em (44), há a introdução de um novo referente: *o consumo de bebidas alcoólicas pela humanidade*, cujo processo fórico diz respeito a uma anáfora indireta com recategorização de um novo referente: *consumo de bebidas alcoólicas*. Atrelada a esse objeto de discurso, encontra-se a predicação *começou há muitos séculos por vários povos indígenas e pagãos que bebiam para "entrar em transe" e estar mais próximo de seus deuses*, que, mais uma vez, remete aos conhecimentos históricos de Dr. Drinks cuja proveniência não é trazida à baila, e, sendo, portanto, atribuída a ele mesmo. Note-se a vagueza dos SNs *muitos séculos* e *vários povos*, cujos núcleos são modificados por adjetivos, ao invés de estimativas ou dados que precisem as informações: mais uma evidência de que Dr. Drinks defende um p.d.v próprio, pois não traz referência alguma sobre a natureza dos argumentos apontados em seu texto.

O parágrafo seguinte, [11], é constituído por 5 segmentos, que se estendem de (45) a (49):

[11](45) É fato que quem bebe vê "coisinhas" – e como não havia método científico, era normal atribuir tudo ao divino. (46) Tomar um porre era, literalmente, uma coisa santa. (47) Assim as bebidas tornaram-se um traço da cultura dos povos. (48) Em algumas regiões onde a medicina era mais avançada, as bebidas eram inicialmente usadas como remédio. (49) Em outras, eram aperitivo, como a cachaça no Brasil, que era tomada antes das refeições para abrir o apetite.

O segmento (45) apresenta o objeto de discurso *quem bebe*, que é associado à predicação *vê "coisinhas"*. O processo fórico que subjaz esse objeto remete a uma anáfora indireta com recategorização de um novo referente, visto que o tópico discursivo passa de *bebidas a pessoas que bebem*. Quanto à predicação, esta remete aos efeitos da substância no organismo de quem a consome. Entretanto, considerando a vagueza do nome genérico *coisa*, Dr. Drinks não especifica que

“coisinhas” são essas que acometem quem consome álcool. Pode-se, também, dizer, resumidamente, que esse comentário é vago e suaviza a realidade.

Em termos de or. arg., o segmento (45) é embasado pela asserção *é fato*, que pressupõe que seu conteúdo proposicional é tomado como verdadeiro: se é um fato, é algo dado, posto, que não deixa margem à discussão.

Em (46), emerge outro objeto de discurso: *um porre*. Novamente, tem-se um processo da anaforização indireto com a recategorização de um novo referente. Em justaposição a esse objeto, aparece a predicação *era – literalmente – uma coisa santa*. Assim como nos casos anteriores, essas predicações remetem a informações de caráter histórico cuja origem não é provida, e que têm por função, no entendimento do produtor do texto, evidenciar que há uma relação estreita entre o consumo de álcool e o conhecimento histórico. Essa ideia é confirmada no segmento (81), como demonstrarei.

Em (47), (48) e, de forma implícita, em (49), o tópico discursivo *bebidas* é retomado:

(47) Assim as bebidas tornaram-se um traço da cultura dos povos. (48) Em algumas regiões onde a medicina era mais avançada, as bebidas eram inicialmente usadas como remédio. (49) Em outras, eram aperitivo, como a cachaça no Brasil, que era tomada antes das refeições para abrir o apetite.

Esse objeto de discurso – *bebidas* – remete a uma anáfora indireta com recategorização de um novo referente, visto que sinaliza a transição entre o objeto o *consumo de bebidas alcoólicas* para, simplesmente, *bebidas*.

As predicações associadas a *bebidas* permanecem ligadas a questões históricas: em (47), *tornaram-se um traço da cultura dos povos*; em (48) *eram inicialmente usadas como remédio*; em (49), *eram aperitivo*.

Ainda no excerto (49), emerge outro objeto de discurso: *a cachaça no Brasil*, que consiste em uma anáfora indireta com recategorização de um novo referente, visto que particulariza *as bebidas*. Assim como as demais predicações, tem-se uma informação de cunho histórico associada ao objeto de discurso em questão: era tomada antes das refeições para abrir o apetite.

O parágrafo [12] é composto de 4 segmentos, que se estendem de (50) a (53), e o tópico discursivo desenvolvido é o ato de beber, que é recategorizado como esse *hábito*, como mostra o segmento (50):

[12](50) Esse hábito tornou-se parte tão forte de nossas vidas que hoje em dia é quase impossível pensar em uma festa de casamento, por exemplo, sem algo diferenciado para beber. (51) Beber tornou-se algo natural em nossas vidas. (52) É natural filhos crescerem vendo os pais consumindo álcool em casa. (53) Seja no seu próprio aniversário de um aninho ou na noite de Natal.

Em (50), o objeto de discurso *esse hábito* é associado à predicação *Tornou-se parte tão forte de nossas vidas que hoje em dia é quase impossível pensar em uma festa de casamento, por exemplo, sem algo diferenciado para beber*. Novamente, emerge a modalidade universal inclusiva (NASCIMENTO, 2009) que implica os interlocutores de Dr. Drinks, pressupondo que estes compartilham do mesmo hábito que ele. Outro elemento válido de menção, no que tange à predicação em (50), é a recategorização de bebida alcoólica para *algo diferenciado para beber*, em que se infere que a “diferença” se baseie na existência de álcool na composição das bebidas servidas em uma festa de casamento.

Em (51), a forma infinitiva do verbo *beber* faz menção ao *ato de beber*, o que permite a classificação do processo fórico em questão como sendo uma anáfora correferencial e cossignificativa, visto que *beber* pode ser comutado por *o consumo de bebidas alcoólicas*, objeto de discurso presente em (44). Quanto à predicação associada a esse objeto, tem-se *tornou-se algo natural em nossas vidas*, que, outra vez mais, implica os interlocutores de Dr. Drinks, por meio da modalidade universal inclusiva.

No segmento (52), o objeto de discurso *álcool* aparece pela primeira vez no texto referindo-se a bebidas alcoólicas: as duas únicas ocorrências desse nome, antes de (52), referem-se ao *drink sem álcool*. Em termos fóricos, *álcool* pode ser considerada uma anáfora correferencial e cossignificativa, visto que pode ser comutado por *bebidas alcoólicas* e *bebidas*.

O segmento (53), último componente do parágrafo [12] especifica as circunstâncias em que, segundo o produtor do texto, o consumo de álcool é tornado “natural”: (53) *Seja no seu próprio aniversário de um aninho ou na noite de Natal*.

O parágrafo seguinte, [13], compõe-se de dois segmentos – (54) e (55):

[13](54) Mais cedo ou mais tarde essas crianças crescem e acabam bebendo.
(55) Isso acontece porque incorporamos em nosso inconsciente, por osmose com nosso meio e a sociedade em que vivemos, o valor emocional do álcool e todas as suas benesses para o agrupamento social.

O pronome demonstrativo em (55) retoma a proposição em (54): *Mais cedo ou mais tarde essas crianças crescem e acabam bebendo*, o que permite sua classificação como uma anáfora correferencial recategorizadora por pronome. Além da retomada, o pronome *isso* introduz uma explicação, contida na predicação associada a esse pronome, que é marcada pelo conector argumentativo *porque* (ADAM, 2011). No interior dessa explicação, emerge o objeto de discurso *o valor emocional do álcool e todas as suas benesses para o agrupamento social*, que claramente marca uma esquematização (GRIZE, 1990) positiva acerca do consumo da substância.

Em termos de r.e, é reiterado o uso da primeira pessoa do plural, que implica os interlocutores de Dr. Drinks, fazendo que estes compartilhem com ele a pressuposição de que tal enunciado é verdadeiro.

O parágrafo [14], assim como o anterior, compõe-se de 2 segmentos – (56) e (57):

[14](56) O álcool potencializa as emoções, antes para nos colocar em contato com os deuses e hoje para nos conectar a outras pessoas. (57) Portanto, ele torna-se um problema nas mãos de quem não sabe controlar as próprias emoções.

Em [56], o objeto de discurso *álcool* é reativado por intermédio de uma Anáfora correferencial e cossignificativa, visto que pode ser comutado por *bebidas alcoólicas*. Quanto à predicação associada a esse objeto de discurso, tem-se *potencializa as emoções*, e é complementada pelos SPs *para nos colocar em contato com os deuses e para nos conectar a outras pessoas*, que têm por função resumir os tópicos desenvolvidos nos parágrafos [10] a [13].

O segmento (57) é iniciado por um conector argumentativo marcador de conclusão (ADAM, 2011) – *portanto* – empregado de forma não prototípica, visto que não marca uma conclusão, mas uma oposição: (57) *Portanto, ele torna-se um problema nas mãos de quem não sabe controlar as próprias emoções*. Não se trata de uma incorreção gramatical, mas, muito possivelmente, de uma estratégia empregada por Dr. Drinks: em termos de efeitos visados (CHARAUDEAU, 2006), o emprego de *portanto* exime o produtor do texto da responsabilidade de desenvolver o conteúdo da predicação associada ao pronome *ele*, que, ao contrário das demais predicções atribuídas a álcool – todas abonadoras – esquematiza um de seus efeitos negativos, marcado pelo SN *um problema*. Ainda, o emprego não prototípico de

portanto pode ser visto em termos de força ilocucionária, pois isenta Dr. Drinks de desenvolver o único caráter problemático da substância que emerge no texto, que seria reforçado caso *portanto* fosse substituído por *no entanto*.

Quanto ao processo fórico subjacente a *ele*, em (57), tem-se uma anáfora correferencial recategorizadora por pronome.

O segmento (58) consiste em um intertítulo, e introduz o terceiro subtópico tratado no texto: *a diferença entre homens e meninos*. Trata-se de uma anáfora indireta com recategorização de um novo referente.

O parágrafo [15], que sucede esse intertítulo, compõe-se de 3 segmentos: (60), (61) e (62):

[15](60) Para algumas pessoas o hábito de beber é muito mais do que simplesmente **embriagar-se levado por um hábito involuntário**. (61) São as pessoas que conhecem o que estão bebendo. (62) Sabem seus limites e as consequências de avançar até eles, ou de ultrapassá-los.

Os segmentos desse parágrafo especificam *a diferença entre meninos e homens*, objeto de discurso introduzido em (58). Essa especificação, em (60), é marcada pelo SP *para algumas pessoas*. Novamente, o ato de beber, nesse segmento, é recategorizado como um sendo *muito mais do que simplesmente embriagar-se levado por um hábito involuntário*, como mostra a predicação associada ao verbo *beber*.

Em termos de r.e., *para algumas pessoas* evidencia que essa r.d. não se trata de uma visão de mundo exclusiva de Dr. Drinks. Embora essas pessoas não sejam especificadas – o que torna a marca de r.e. um tanto vaga – infere-se que possivelmente remeta àqueles e àqueles que compartilham da visão de mundo do produtor do texto: o público da página PdH.

Os segmentos (61) e (62) especificam *para algumas pessoas*: (61) *São as pessoas que conhecem o que estão bebendo*. (62) *Sabem seus limites e as consequências de avançar até eles, ou de ultrapassá-los*.

O parágrafo [16] sinaliza a mudança de objeto de discurso, que passa de *pessoas a homens*:

[16](63) É justamente a forma como encaramos as consequências que mostra quão homens nós somos. (64) Não só por causa de uma ressaca ou uma piadinha pra mulher errada, mas pra tudo na vida. (65) Homem mesmo é aquele que estufa o peito e segura a bronca, seja ela qual for. (66) É o cara

que sabe admitir que errou ou que algo que fez deu errado e tem a coragem de encarar os fatos.

Esse parágrafo deixa patente a ideia de que o texto, bem como o conteúdo da página, ao contrário do que seus idealizadores afirmam na aba *nossa visão*, é voltado ao público masculino. Essa ideia pode ser corroborada pelo emprego do SN *homens* como sinônimo de *maduros* – forma que, se empregada fosse, permitiria a leitura de que o texto também se aplicaria a mulheres que entendem de bebidas alcoólicas. Indo além, diria que o texto não é endereçado apenas a *homens*, mas a *homens heterossexuais*, como mostra (64).

Em (65), o objeto de discurso *homem mesmo*, uma anáfora correferencial cossignificativa, é especificado pelas predicções *é aquele que estufa o peito e segura a bronca, seja ela qual for*, no mesmo segmento (65), e por *é o cara que sabe admitir que errou ou que algo que fez deu errado e tem a coragem de encarar os fatos*.

O parágrafo seguinte, [17], estende-se dos segmentos (67) a (70), e seu tópico reitera a relação entre *homens que bebem e mulheres*:

[17](67) Isso também tem seu lado bom, pois quem administra de forma madura algo ruim também o faz para coisas boas. (68) Afinal é assim que vamos pra cima das mulheres. (69) De qualquer outra forma tomamos toco. (70) Quem é pegador chega junto com a maior naturalidade porque é seguro de si e não precisa correr pra mamãezinha buscando proteção.

A anáfora pronominal *isso*, em (67), remete aos segmentos (64), (65) e (66), dado a ocorrência do SN *coisas ruins*, que remete, de forma retrospectiva, aos SNs *uma ressaca, uma piadinha pra mulher errada e tudo na vida*, em (64), *a bronca*, em (65), e *algo que fez*, em (66). Em termos fóricos, portanto, *isso* pode ser classificado como uma anáfora correferencial recategorizadora por pronome.

Em oposição a *coisas ruins*, no mesmo segmento (67), emerge o objeto de discurso *coisas boas*, cujo núcleo é um nome genérico. Esse objeto é particularizado no segmento seguinte, (68), em que se verifica que *coisas boas* remete à abordagem de mulheres, metaforicamente referida pela construção *ir pra cima*: (68) *Afinal é assim que vamos pra cima das mulheres*.

É interessante observar que o tópico discursivo passa de *maturidade para sucesso na abordagem de mulheres*, como mostram os segmentos (64), (68), (69) e (70):

(64) Não só por causa de uma ressaca ou uma piadinha pra mulher errada, mas pra tudo na vida.

(68) Afinal é assim que vamos pra cima das mulheres. (69) De qualquer outra forma tomamos toco. (70) Quem é pegador chega junto com a maior naturalidade porque é seguro de si e não precisa correr pra mamãezinha buscando proteção.

Essa ideia é confirmada pelo predicativo *pegador*, em (70), e pela já citada construção *ir pra cima*, em (68).

O segmento (71) contém o último intertítulo desse texto: *Beber fora dos padrões*. Tematicamente, essa seção privilegia as diferenças entre homens que simplesmente bebem, de homens que *conhecem o que bebem* – sendo estes os que são considerados, de acordo com Dr. Drinks, *fora dos padrões*.

O parágrafo que sucede esse intertítulo compõe-se de 4 segmentos: (72), (73), (74) e (75):

[18](72) Sujeito diz que sabe beber, pois bebe 30 latas de cerveja e não cai. (73) Isso não é saber beber. (74) No máximo é saber não cair de bêbado com cerveja. (75) **Sabe beber o sujeito que conhece o que está bebendo, sua história e seus efeitos.**

A anáfora pronominal *isso*, em (73) nega as proposições em (72). No segmento seguinte, (74), essa negação passa menção de um argumento situado em uma escala – sinalizado pelo operador argumentativo (ADAM, 2011) *no máximo* – em que Dr. Drinks refere-se a uma única possibilidade: *no máximo é saber não cair de bêbado com cerveja*. Finalmente, em (75), Dr. Drinks assevera o perfil de homem que, em seu entendimento, sabe beber: ***o sujeito que conhece o que está bebendo, sua história e seus efeitos***. Essa asseveração é marcada não apenas pela afirmação categórica supracitada, mas, da mesma forma, pela formatação dessa porção de texto, que se sobressai ao contexto em que se encontra devido ao fato de estar negritada.

Quanto ao processo fórico relacionado a *isso*, trata-se de uma Anáfora correferencial recategorizadora por pronome, que funciona tanto retrospectivamente, pois remete a (72), quanto prospectivamente, uma vez que remete a (74).

O parágrafo seguinte, [19], compõe-se de segmentos que partem de (77), estendendo-se até (79):

[19](77) Se num evento social já estão todos de copo na mão, a aproximação torna-se muito mais fácil ao focar seu discurso em algo que está evidente na outra pessoa: seu copo. (78) Alguém com um copo na mão está, como vimos,

disposto a socializar. (79) Imagine se nesse momento você é capaz de **descrever o estímulo sensorial** que o outro está tendo naquele exato momento por meio de sua bebida.

Em termos funcionais, (78) se presta à corroboração do ato assertivo expresso em (77), visto que o objeto de discurso *alguém com um copo na mão*, em (78), uma anáfora indireta com recategorização de um novo referente, refere-se indiretamente a *todos de copo na mão*: *Se num evento social já estão todos de copo na mão, a aproximação torna-se muito mais fácil ao focar seu discurso em algo que está evidente na outra pessoa: seu copo*. Dada a reiteração do objeto de discurso *mulher e mulheres*, nos parágrafos [16] e [17], e da menção a *gatinha* – uma metáfora para *mulher jovem e bonita* – no parágrafo [3], infere-se que *alguém* corresponde, possivelmente, a uma *pessoa do sexo feminino*.

O último segmento desse parágrafo, (79), transparece que aqueles que conhecem bebidas tem a capacidade de saber o que se passa na cabeça de quem bebe, como mostra a porção de texto negritada, bem como a porção subsequente: (79) *Imagine se nesse momento você é capaz de **descrever o estímulo sensorial** que o outro está tendo naquele exato momento por meio de sua bebida*. O conteúdo desse segmento chama a atenção, pois, ao invés de retomar as diversas informações históricas trazidas nos parágrafos [4] e [5], bem como nos parágrafos [10] a [14], apresenta o objeto de discurso *estímulo sensorial que o outro está tendo*, que introduz outro subtema ao texto, pois em nenhum momento essa capacidade é associada ao conhecimento de bebidas alcoólicas.

O parágrafo seguinte, [20], estende-se dos segmentos (80) a (84):

[20](80) Isso só acontece se você conhecer bebidas. (81) Se tiver tal disposição, um novo mundo vai se abrir diante de seu olfato, visão e paladar. (82) História, antropologia, ciência, religião... tudo cabe numa simples dose. (83) E nesse momento você nasce de forma elevada perante o outro. (84) Seja uma mulher, sejam seus amigos, familiares, colegas de trabalho, quem for.

Em (80), o anafórico *isso* – uma anáfora correferencial recategorizadora por pronome – remete ao segmento anterior – (79) – e a predicação associada a esse anafórico contém uma condição para a realização do estado de coisas evocado pelo pronome: *só acontece se você conhecer bebidas*. Nesse segmento, fica evidente o caráter contraditório entre (79) e (80), visto que, conhecer bebidas alcoólicas é um

saber ao alcance dos que se interessam pela temática, enquanto *descrever o estímulo sensorial que o outro está tendo* é algo que apenas o outro pode fazê-lo.

No segmento seguinte, (81), o marcador de argumento com valor de construção de mundo (ADAM, 2011) *se* introduz as vantagens advindas de se conhecer bebidas, que, nesse segmento, é retomado por *tal disposição*: (81) *Se tiver tal disposição, um novo mundo vai se abrir diante de seu olfato, visão e paladar.*

Quanto ao objeto de discurso em (81), destaco o SN *um novo mundo*, uma anáfora indireta com recategorização de um novo referente. Somada a esse objeto, a predicação *vai se abrir diante de seu olfato, visão e paladar* tem por função introduzir uma série de conhecimentos correlatos ao álcool, na visão de mundo de Dr. Drinks, que são, então, particularizados em (82): *História, antropologia, ciência, religião... tudo cabe numa simples dose.* Cumpre notar que, em termos tópicos, (82) retoma informações históricas providas nos parágrafos [4] e [5], e nos parágrafos que se estendem de [10] a [14]. Essa retomada é um dos poucos casos em que a continuidade tópica do texto é mantida, dada a profusão de objetos de discurso que nele emergem.

O segmento (83) evidencia uma consequência, segundo o produtor do texto, do domínio de tais conhecimentos correlatos ao álcool: (83) *E nesse momento você nasce de forma elevada perante o outro.*

Em (84), percebe-se, mais uma vez, a preocupação de Dr. Drinks em agradar as mulheres, visto que, na lista indivíduos relacionados a *outro*, estas são as primeiras: (84) *Seja uma mulher, sejam seus amigos, familiares, colegas de trabalho, quem for.* É notável que, ao contrário do referente *mulheres* – que, ao longo do texto é reiterado e desenvolvido como *gatinha, mulher, mulheres – amigos, familiares e colegas de trabalho* emergem apenas nesse parágrafo, o que permite a leitura de que mais um fim discursivo pode ser detectado nesse texto: ensinar homens a abordar mulheres em situações sociais a partir do tópico *álcool* e de tópicos, no entendimento de Dr. Drinks, correlatos.

O parágrafo seguinte, [21], abrange os segmentos que vão de (85) a (87), e dá continuidade à listagem de vantagens oriundas do conhecimento do álcool:

[21](85) Você adquire a característica de dominar o conhecimento de um hábito subconsciente do ser humano. (86) É ser visto como um tipo de psicólogo que entende as expectativas que pretendemos suprir no copo. (87) Ou ser **um grande contador de histórias.**

Mais uma vez, assim como em (50) e (60), o ato de beber é categorizado como um *hábito*, à diferença que, em (85), o núcleo desse objeto é modificado pelo complemento *subconsciente do ser humano*.

Em (86), Dr. Drinks introduz o objeto de discurso *as expectativas que pretendemos suprir no copo*, que, além de não ter sido previamente introduzido, aparece uma única vez, visto que não é desenvolvido: (86) *um tipo de psicólogo que entende as expectativas que pretendemos suprir no copo*. Esse segmento também permite a inferência de que o produtor do texto, bem como seus interlocutores, bebem para suprir expectativas, motivação que não havia sido mencionada até então.

No último segmento desse parágrafo, o objeto de discurso *um grande contador de histórias* é introduzido por *ou*, um conector argumentativo marcador de disjunção (ADAM, 2011), e remete a outra categorização que possivelmente possa se aplicar aos conhecedores de bebidas alcoólicas.

O parágrafo seguinte, [22], é formado por três segmentos – (88), (89), (90) – que evidenciam a relação de diferenciação que existe entre quem entende, e quem não entende de bebidas alcoólicas:

[22](88) Ambos os casos prendem a atenção e tornam você uma pessoa diferenciada no grupo cheio de caras que tomam 30 latas de cerveja e não caem. (89) E também não sabem porque bebem. (90) É quase como que um movimento reflexo, automático.

Em (88), o objeto de discurso *ambos os casos* remete a *um tipo de psicólogo que [...]*, em (86), e *um grande contador de histórias*, em (87), o que permite sua classificação como uma anáfora encapsuladora por SN que atua retrospectivamente, visto que empacota porções de texto anteriores a (88).

As predicções *prendem a atenção e tornam você uma pessoa diferenciada no grupo cheio de caras que tomam 30 latas de cerveja e não caem*, em (88), e *e também não sabem porque bebem*, em (89), estabelecem a divisão entre quem é entendedor e quem não é, quando o assunto é o álcool.

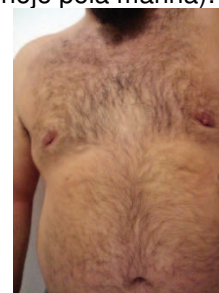
O parágrafo seguinte, [23], compõe-se de apenas dois segmentos: (92) e (93):

[23](91) Pessoas que se enquadram em grandes padrões comportamentais tem menos chance de serem lembradas, uma vez que compartilham suas características com um grupo muito grande. (92) E se todos são iguais, como diferenciar alguém?

O segmento (91) recategoriza os não conhecedores do álcool, através de uma anáfora indireta com a recategorização de um novo referente, como *peças que se enquadram em grandes padrões comportamentais*, e a predicação contígua remete a uma consequência de não se conhecer a matéria em questão: tem menos chance de serem lembradas. Essa consequência desabonadora é explicada através de uma relação de causalidade introduzida pelo conector explicativo (ADAM, 2011) *uma vez que: uma vez que compartilham suas características com um grupo muito grande*.

Não coincidentemente, como se nota através das r.d. que emergem no desenrolar desse texto, Dr. Drinks é uma pessoa diferenciada, detentora de *uma habilidade especial*, o que se evidencia pela introdução de objetos de discurso que remetem a ele mesmo, no parágrafo [24]:

[24](93) Olha na foto abaixo **meu abdômen atual** (tirada hoje pela manhã):



(94) Não é um exemplo de beleza midiática, mas mesmo assim Dr. Drinks sempre é recebido como uma pessoa com uma habilidade especial: **construir sabores**. (95) É uma forma de comunicação não verbal muito forte e é justamente ela que proporciona um destaque dos padrões comportamentais de um grupo.

O objeto de discurso em (93), *meu abdômen atual* é usado como mote para mostrar em que Dr. Drinks *não* se diferencia, dada a ocorrência da predicação que inicia o segmento seguinte, (94): *não é um exemplo de beleza midiática*. É uma estratégia que consiste em, primeiramente, dizer o que ele não é, para, então, no mesmo segmento, evidenciar o traço que o diferencia dos demais, que é introduzido por um conector contra-argumentativo – *mas* – seguido de um marcador de argumento – *mesmo assim* (ADAM, 2011): *mas mesmo assim Dr. Drinks sempre é recebido como uma pessoa com uma habilidade especial: **construir sabores***. Conforme se nota, a habilidade especial de que fala o produtor do texto é, ainda, enfatizada pela formatação em negrito, que permeia vários trechos do texto, como me referi anteriormente.

Em termos de processos fóricos, *Dr. Drinks* reitera a menção à identidade do produtor do texto introduzida no segmento primeiro, após os dois pontos, e que corresponde ao título: (1) *Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens*.

No segmento seguinte, (95), *uma habilidade especial* e recategorizada como *uma forma de comunicação não verbal muito forte*, e reforçada pelo marcador de ilustração ou exemplificação *justamente*, que, como alude Adam (2011), “chama a atenção para um elemento do conjunto” (ADAM, 2011, p. 185-186). A ênfase desse marcador recai sobre a porção de texto que a sucede, nesse mesmo segmento: *é justamente ela que proporciona um destaque dos padrões comportamentais de um grupo*.

O parágrafo subsequente, uma vez mais, mostra a preocupação de Dr. Drinks em agradar as mulheres:

[25](96) Isso faz com que se consiga reações como a da gatinha do final do vídeo (que odeia álcool, aliás), pois estamos proporcionando **uma experiência sensorial muito mais profunda que uma simples conversa** ou exibição de um corpo perfeito. (97) Explorar outros níveis de conversação é algo que jogará muito a seu favor. (98) E conhecer essas formas é algo que exige maturidade. (99) Ou seja, ser homem.

Em (96), o pronome *isso*, uma anáfora encapsuladora com dêitico, remete à *habilidade especial* de Dr. Drinks, e a predicação associada a esse objeto de discurso remete à reação da garota que aparece no vídeo para o qual há um link no parágrafo [3], que, contraditoriamente, embora odeie álcool, segundo Dr. Drinks, revela que “ficaria bêbada disso”, como me referi anteriormente.

Ainda no mesmo segmento, o conector argumentativo explicativo (ADAM, 2011) *pois* introduz uma recategorização do resultado de se saber preparar bebidas, previamente introduzida em (79), e, mais uma vez, reforçada pela formatação em negrito:

[19](79) Imagine se nesse momento você é capaz de **descrever o estímulo sensorial** que o outro está tendo naquele exato momento por meio de sua bebida.

[25](96) Isso faz com que se consiga reações como a da gatinha do final do vídeo (que odeia álcool, aliás), pois estamos proporcionando **uma experiência sensorial muito mais profunda que uma simples conversa** ou exibição de um corpo perfeito.

O segmento (97) funciona como garantia das asserções de Dr. Drinks sobre a importância de se saber preparar bebidas: (97) *Explorar outros níveis de conversação é algo que jogará muito a seu favor*. Cumpre-se perguntar em favor de que a exploração de *outros níveis de conversação* é válida: na abordagem de mulheres em situações sociais? Infiro que sim, dada a já mencionada reiteração dos objetos de discurso *mulher, mulheres* e *gatinha* no desenrolar do plano textual.

Em (98), o anafórico *essas formas*, uma anáfora encapsuladora com dêitico, bem como a predicação que a acompanha, *é algo que exige maturidade*, reintroduzem a relação entre maturidade e masculinidade, como se verifica pelo marcador de reformulação (ADAM, 2011) *ou seja*, no segmento seguinte, (99). Mais uma vez, reitero que esse tipo de associação vai de encontro à descrição do público-alvo da página, exibida na aba *noossa visão*, pois o texto é bem claro quando dicotomiza homens e mulheres. Não é permitida a leitura de que, por exemplo, uma mulher possa saber preparar bebidas e usar esse conhecimento para iniciar uma conversação com um homem. Essa leitura seria possível, quiçá, se o referente *peessoas*, presente em (46), (56) e (91), fosse reiterado e desenvolvido no transcorrer do texto, o que não acontece.

O antepenúltimo parágrafo do texto, [26], evidencia as situações em que ter maturidade – ou *ser homem*, nos termos de Dr. Drinks – é algo produtivo:

[26](100) Ser homem pra saber dosar malícia *versus* gentileza e estar disposto a receber críticas de caráter pessoal tomadas como verdades a respeito de novos sabores. (101) Mas também é fazê-lo projetando o resultado, esperando um sorriso e o elogio que vem sempre potencializado pela empolgação da experiência.

O segmento (101) é introduzido pelo conector conjuntivo (ADAM, 2011) *mas...também*, que justapõe o conteúdo deste segmento ao anterior, (100). Dado o conteúdo de (101), infere-se que os resultados a que esse segmento faz referência aplicam-se à avaliação da garota que aparece no vídeo, a quem Dr. Drinks chama de *gatinha*.

O penúltimo parágrafo do texto, [27], tem função resumitiva, pois reitera as vantagens de saber preparar bebidas:

[27](102) Ao aprender a preparar um drink, na verdade estamos lidando com algo muito além do álcool: estamos **resgatando histórias** e aprendendo novas formas de estimular os sentidos e proporcionar novas sensações.

O último parágrafo, finalmente, compõe-se de dois segmentos – (104) e (105):

[28](104) Em vez de viver dividindo espaço com todos o⁶⁴ demais homens que tem o mesmo padrão comportamental, convido você a ser um elemento diferenciado, não apenas mais um, mas **um ponto focal de sofisticação, generosidade, conhecimento e estilo**. (105) É essa minha motivação por trás de todo o trabalho para tocar essa coluna.

Os segmentos (104) e (105) confirmam flagrantemente a ideia de que, de acordo com sua própria perspectiva, Dr. Drinks é uma *pessoa diferenciada, com uma habilidade especial*, mas não apenas isso: ele é também *um elemento diferenciado [...] um ponto focal de sofisticação, generosidade, conhecimento e estilo*, predicados que são contrapostos, por meio do um conector conjuntivo *mas* – empregado com valor de *mas... também*, visto que soma ideias, ao invés de contrapô-las –, àqueles que corresponde aos indivíduos dos quais o produtor do texto se difere: *todos o demais homens que tem o mesmo padrão comportamental [...] não apenas mais um*.

Finalmente, em (105), o produtor do texto deixa claro seu objetivo, que é ensinar aos leitores homens da página a serem diferenciados, como ele próprio se apresenta.

Os segmentos (103) e (105) interpelam os leitores e leitoras da página, que, através dos comentários, podem não apenas responder à interpelação de Dr. Drinks, mas emitir comentários sobre o texto – o que é próprio da situação de troca interlocutiva (CHARAUDEAU, 2010) que a página permite.

A seguir, no intuito de sumarizar minha análise, proponho um quadro integrativo das categorias dos principais autores de que me valho.

⁶⁴ A falta do morfema de número *s* é do próprio texto, não foi omitida ou apagada deliberada, ou acidentalmente.

Quadro 7 - Proposições-enunciado no texto *Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens*

Proposições-enunciado no texto <i>Orange Blossom: Dr. Drinks ensina a diferenciar meninos de homens</i> (T_05_PdH)						
Segmento	Nível A			Nível B		Nível C
	Objeto (s) de discurso	Predicação (ões)	Processo (s) fórico (s)	Resp. enunciativa/Identidades	Conectores	Or. Arg. / Microato(s) de discurso
1	<i>Orange Blossom</i> ;	X	Introdução referencial;	Dr. Drinks	X	X
2	(1)Homem de verdade; (2) a nova geração de homens mimados	X	(1)anáfora correferencial e cossignificativa; (2)anáfora correferencial recategorizadora por expressão definida;	Idem	X	Assertivo
3	(1)Um drink clássico com gin; (2)Uma das bebidas mais fortes que existem (gin); (3)um drink sem álcool;	X	(1) Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo; (2) anáfora parcial co-significativa por indefinido; (3)introdução referencial;	idem		
5	Meu avô e o balcão	me ensinaram uma coisa: crianças não sabem beber	anáfora indireta com a recategorização de novos referentes;	Meu avô e o balcão	X	assertivo

6	(1)Dois drinks; (2)a diferença entre meninos e homens;	X	(1)Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo; anáfora indireta com recategorização de um novo referente;	Dr. Drinks	X	Diretivo;
7	Orange blossom;	X	Reiteração da forma nominal introdutória;	Idem	X	assertivo
8	Orange blossom;	foi inventado na década de 1920, em plena lei seca nos EUA.	Reiteração da forma nominal introdutória;	Idem	X	<i>Assertivo</i>
9	(1) a bebida mais acessível; (2)ele; (3) o gin da época	(1) era o gin; (2) tornou-se bem popular em drinks e cocktails por um motivo muito peculiar; (3)era horrível por ser produzido em condições precárias como destilarias de fundo de quintal;	(1)Anáfora correferencial recategorizadora por meio de hiperônimo; (2)anáfora correferencial recategorizadora por pronome pessoal; (3) Anáfora parcial;	Idem	?	Assertivo
10	(1) O sabor grosseiro deste que mal havia deixado de ser um remédio; (2) ele;	(1)X; (2) era comumente misturado a licores ou sucos.	(1) anáfora indireta com recategorização de um novo referente; (2) anáfora correferencial recategorizadora	Idem	X	Assertivo

			por pronome pessoal			
11	(1)Orange blossom (elidido); (2)um Orange blossom;	(1)(2)Era o drink favorito de <u>Robert Benchley</u> , escritor americano que inicialmente era defensor da lei seca, aos 31 anos de idade tomou seu primeiro drink; acabou se tornando parceiro de copo de <u>F. Scott Fitzgerald</u> e sua mulher, <u>Zelda Fitzgerald</u> , que segundo uma lenda urbana tomou uma garrafa térmica inteira do drink e perdeu-se em um campo de golf.	Reiteração da forma nominal introdutória;	Idem	X	Assertivo
13	Uma taça de Martini gelada	X	Anáfora parcial por indefinido;	Idem	X	Assertivo
14	Suco de laranja	X	<i>Anáfora parcial por SN,</i>	<i>Idem</i>	X	<i>Assertivo</i>
15	(1) Gin; (2) London Dry Gin;	(1) X; (2) é o melhor;	(1)(2)Anáfora parcial por SN	Idem	X	<i>Assertivo</i>
16	Simple syrup; xarope simples de açúcar;	X	(1)anáfora parcial por SN; (2)anáfora correferencial cossignificativa	Idem	X	Assertivo
17	Gelo	X	Anáfora parcial por SN	Idem	X	<i>Assertivo</i>
25	Receita do novo drink sem álcool do Dr. Drinks	X	Anáfora indireta com recategorização lexical (<i>novo</i>)	Idem	X	Assertivo

26	Esse drink;	Junta elementos cítricos e azedos, como limão e abacaxi, a sabores doces e amplos, como o simple syrup e a hortelã	Anáfora correferencial cossignificativa	Idem	X	assertivo
28	Um copo long drink;	X	Anáfora parcial por SN			
29	Gelo;	X	Anáfora parcial por SN			
30	Um raminho de hortelã;	X	Anáfora parcial por SN			
31	Suco de laranja	X	Anáfora parcial por SN			
32	Suco de abacaxi	X	Anáfora parcial por SN			
33	Simple syrup	X	Anáfora parcial por SN			
34	Suco de limão	X	Anáfora parcial por SN			
40	Crianças	Não sabem beber	Anáfora indireta com recategorização de um novo referente;		Por que	Assertivo
43	O que	X	Anáfora correferencial recategorizadora por pronome			Diretivo
44	O consumo de bebidas alcoólicas	começou há muitos séculos por vários povos indígenas e pagãos que bebiam para "entrar em transe" e estar mais próximo de seus deuses.	Anáfora indireta com recategorização de um novo referente;		X	Assertivo

45	Quem bebe	Vê “coisinhas”	Anáfora indireta com recategorização de um novo referente;		X	Assertivo
46	(Tomar) um porre	Era – literalmente – uma coisa santa	Anáfora indireta com recategorização de um novo referente;		X	assertivo
47	As bebidas	Tornaram-se um traço da cultura dos povos	Anáfora indireta com recategorização de um novo referente;		X	Assertivo
48	as bebidas	eram inicialmente usadas como remédio	Reiteração do objeto de discurso em (47).		X	Assertivo
49	(1) elidido; (2) a cachaça no Brasil;	(1)Eram aperitivo; (2) era tomada antes das refeições para abrir o apetite	(2) Anáfora indireta com recategorização de um novo referente;			Assertivo
50	Esse hábito	Tornou-se parte tão forte de nossas vidas que hoje em dia é quase impossível pensar em uma festa de casamento, por exemplo, sem algo diferenciado para beber;	Anáfora indireta com recategorização de um novo referente;		X	Assertivo
51	(o ato de) beber	Tornou-se algo natural em nossas vidas;	Anáfora correferencial e cossignificativa			Assertivo

52	Álcool	X	Anáfora correferencial e cossignificativa			Assertivo
55	Isso	acontece porque incorporamos em nosso inconsciente, por osmose com nosso meio e a sociedade em que vivemos, o valor emocional do álcool e todas as suas benesses para o agrupamento social	Anáfora correferencial recategorizadora por pronome		Porque	Assertivo
56	O álcool	potencializa as emoções, antes para nos colocar em contato com os deuses e hoje para nos conectar a outras pessoas				Assertivo
57	Ele	ele torna-se um problema nas mãos de quem não sabe controlar as próprias emoções	Anáfora correferencial recategorizadora por pronome		Portanto	Assertivo
58	A diferença entre meninos e homens	X				
60	O hábito de beber	é muito mais do que simplesmente embriagar-se levado por um hábito involuntário.		Para algumas pessoas		
61	as pessoas que conhecem o que estão bebendo.	X				
65	Homem mesmo;	é aquele que estufa o peito e segura a bronca, seja ela qual for.				
66	(homem mesmo) elidido	o cara que sabe admitir que errou ou que algo que fez deu	Anáfora indireta com			

		errado e tem a coragem de encarar os fatos.	recategorização de um novo referente			
67	Isso	tem seu lado bom, pois quem administra de forma madura algo ruim também o faz para coisas boas.	Anáfora correferencial recategorizadora por pronome			
73	Isso		Anáfora correferencial recategorizadora por pronome			
78	Alguém com um copo na mão	Está, como vimos, disposto a socializar.	Anáfora indireta com recategorização de um novo referente	Como vimos		Assertivo
80	Isso	Só acontece se você conhecer bebidas	Anáfora correferencial recategorizadora por pronome			
81	Um novo mundo	vai se abrir diante de seu olfato, visão e paladar.	<i>Anáfora indireta com recategorização de um novo referente</i>			
88	Ambos os casos	prendem a atenção e tornam você uma pessoa diferenciada no grupo cheio de caras que tomam 30 latas de cerveja e não caem.	Anáfora encapsuladora por SN			
91	Pessoas que se enquadram em grandes padrões comportamentais	tem menos chance de serem lembradas, uma vez que compartilham suas	Anáfora indireta com a recategorização		Uma vez que	

		características com um grupo muito grande.	de um novo referente			
94	Dr. Drinks	sempre é recebido como uma pessoa com uma habilidade especial: construir sabores.	Reiteração da forma nominal apresentada no título do texto		Mas	
96	Isso	faz com que se consiga reações como a da gatinha do final do vídeo (que odeia álcool, aliás), pois estamos proporcionando uma experiência sensorial muito mais profunda que uma simples conversa ou exibição de um corpo perfeito.	Anáfora encapsuladora com dêitico		Pois	
98	(conhecer) essas formas	é algo que exige maturidade	Anáfora encapsuladora com dêitico			
99	Elidido (maturidade)	Ou seja, Ser homem				
104	um elemento diferenciado, não apenas mais um, um ponto focal de sofisticação, generosidade, conhecimento e estilo.	x			mas	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na seção seguinte, a última deste capítulo, proponho uma síntese sobre os demais textos que integram meu *corpus* de pesquisa.

6.4 Cotejando as proposições-enunciado presentes nos textos: em que elas diferem, e em que se baseiam tais diferenças?

Apresentadas as análises dos textos de SI e PdH, cabe, a partir deste ponto, contrastá-las. Entretanto, cabe dizer que tal contraste não visa a conferir maior ou menor importância de um *corpus* em função de outro, mas, sim, mostrar o quão diversas – e, mesmo, contraditórias – são as r.d. que envolvem o álcool na mídia *online* brasileira, representada neste estudo por dois veículos de informação cujos públicos são bastante expressivos em termos numéricos.

Isso dito, cabe explicitar que essas diferenças entre r.d. podem ser vistas de forma dicotômica, primeiramente, no que tange aos objetos de discurso e predicções a eles associadas, que remetem, em SI, a malefícios causados pelo consumo do álcool, que é entendido como uma droga, e, em PdH, a benefícios advindos do uso da substância, entendida como facilitadora ou benéfica.

Em termos de r.e. e PdV, o contraste se baseia na riqueza de marcas linguísticas que remetem a fontes de informação variadas, em SI, em oposição à escassez de marcas desse tipo nos textos de PdH; em SI, predomina o PdV da ciência – concretizado através da menção a estudos científicos, a especialistas, às diferentes formas de discurso – reportado e direto – e ao passo que, em PdH, predominam os PdVs estritamente pessoais, que emanam exclusivamente dos produtores dos textos.

Quanto à or. arg. e aos atos de discurso dos textos, em SI, tem-se o emprego recorrente de conectores argumentativos, enquanto em PdH, a or. arg. se dá de forma menos marcada, através de proposições-enunciado de caráter assertivo, dada a pouquíssima ocorrência de conectores; em termos de atos ilocucionários, o que difere as análises não é propriamente os tipos de atos que nelas aparecem – predominantemente assertivos – mas, sim, as bases em que essas asserções se dão: científica, em SI, e subjetiva, em PdH.

O quadro a seguir coteja algumas das r.d. encontradas nos textos principais:

Quadro 8 - Quadro comparativo de representações discursivas encontradas nos textos

Quadro comparativo de representações discursivas encontradas nos textos				
	<i>Superinteressante</i>	<i>Texto</i>	<i>Papo de Homem</i>	<i>Texto</i>
1	o álcool é a droga mais pesada – ou pelo menos a mais preocupante – de todas.	T_01_Sl	as bebidas tornaram-se um traço da cultura dos povos	T_06_PdH
2	bebidas alcoólicas são drogas legais, estão à venda em cada esquina	T_01_Sl	a manifestação cultural de um povo, sua história, todo processo de fabricação e marcas sociais	T_01_PdH
3	O poder destrutivo do álcool [...] vem da capacidade que essa substância tem de provocar lesões em tecidos adiposos (gordura)	T_01_Sl	O álcool pode ser usado em alguma ocasião como um notável facilitador de interação social,	T_02_PdH
4	o álcool desencadeia um processo inflamatório no cérebro, alterando sua bioquímica e as transmissões elétricas entre as sinapses (as ligações que unem os neurônios)	T_01_Sl	O álcool potencializa as emoções, antes para nos colocar em contato com os deuses e hoje para nos conectar a outras pessoas	T_06_PdH
5	O álcool vicia mais que maconha e causa mais danos que todas as outras drogas juntas	T_04_Sl		
6	A substância que causa mais problemas à saúde pública é aceita e legalizada	T_01_Sl	<i>a condição de bêbado</i> pode ser administrada e até contribuir para seu sucesso	T_05_PdH
7	o álcool certamente entra no rol das drogas mais nocivas	T_01_Sl	o valor emocional do álcool e todas as suas benesses para o agrupamento social.	T_06_PdH
8	É uma droga depressora do sistema nervoso central	T_01_Sl	<i>A bebida</i> é como um estúdio fotográfico. A cada dose <i>ela</i> vai nos revelando até que chega uma hora que somos totalmente nós mesmos.	T_05_PdH
9	Age diretamente sobre os lipídios e as gorduras – presentes em todos os tecidos do corpo humano, inclusive na membrana que	T_01_Sl	<i>a infinidade de lições e conteúdo cultural</i> que ele nos agrega.	T_01_PdH

	envolve e protege o cérebro			
10	o alcoolismo é um problema muito maior que as outras drogas	T_01_SI	Esse hábito tornou-se parte tão forte de nossas vidas	T_06_PdH
11	ele relaxa;	T_01_SI	quem bebe vê "coisinhas"	T_06_PdH
12	provoca euforia;			
13	o álcool leva ao coma;			
14	O consumo de álcool na adolescência pode causar danos irreversíveis à cognição e à aprendizagem	T_01_SI	É uma grande pedida para festinhas, porque além de fácil de fazer, diferente e muito gostoso, bate fundo na cuca que é uma beleza.	T_04_PdH
15	A abstinência pode causar pressão alta, tremores generalizados, alucinações e síndrome do pânico.	T_01_SI	Para algumas pessoas o hábito de beber é muito mais do que simplesmente embriagar-se levado por um hábito involuntário.	T_06_PdH

Fonte: Elaborado pelo autor.

As r.d. acima (re) categorizam o álcool em três perspectivas: a primeira diz respeito a propriedades associadas à substância; a segunda, remete a seus efeitos; a terceira, finalmente, remete a seu consumo.

Quanto às propriedades associadas, destaco as linhas 1, 2, 8, 7 do quadro.

Na linha 1, a escolha dos nomes núcleo dos objetos de discurso, no texto T_01_SI, bem como a escolha de seus modificadores – *a droga mais pesada, a mais preocupante* – enfatiza o caráter danoso do álcool do ponto de vista social. Opostamente, em T_06_PdH, o álcool é (re) categorizado de forma neutra, dada a ocorrência do nome *traço*, na predicação que acompanha o objeto de discurso; na linha 2, ocorre algo semelhante: há um contraste entre os SNs *droga* e *manifestação cultural de um povo* – que (re) categoriza a substância de forma positiva; em 7 e 8, novamente, reemerge a (re) categorização *droga*, que é modificada, em T_01_SI, por *depressora do sistema nervoso central, e drogas mais nocivas*. A representação discursiva em 8 opõe-se à (re) categorização metafórica positiva, que remete ao poder revelador de personalidades atribuído ao álcool do álcool, em T_05_PdH; em 7, há o contraste entre benefício e prejuízo, estabelecido pelo adjetivo *nocivas*, em T_01_SI, e o SN *benesses*, em T_06_PdH.

No que concerne aos efeitos do álcool, destaco as r.d. alocadas nas linhas 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12 e 13 do quadro. Em 3, os efeitos danosos do álcool a que remetem as

representações em T_01_SI, destoam em relação a T_02_PdH, em que o efeito a que remete a representação é a obtenção de uma interação social proporcionada pela substância. Essa representação também pode ser entendida como uma *função* do álcool; 4 e 5, no que tange à T_01_SI, o caráter danoso da substância é evidenciado pelo emprego do SN *processo inflamatório no cérebro*, bem como pelas consequências associadas a tal processo (4), e pelo verbo *vicia*, bem como pela construção com verbo-suporte *causa (mais) danos* (5). Em oposição, em T_06_PdH, os efeitos associados ao álcool remetem a questões “nobres”, visto que seus efeitos são associados à espiritualidade e à socialização; as representações na linha 6 mostram a oposição entre sentidos que remetem (i) aos problemas sociais ocasionados pelo consumo do álcool, em T_01_SI, e (ii) ao eventual sucesso advindo de seu consumo, em T_05_PdH; finalmente, em 9, percebe-se a oposição entre consequências negativas e positivas do consumo da substância: em T_01_SI, emergem os órgãos afetados pelo álcool, e, em T_01_PdH, os benefícios que a substância proporciona, os quais remetem ao aprendizado; 11, 12 e 13 dizem respeito, em T_01_SI, aos efeitos graduais do álcool no organismo – os dois primeiros não são necessariamente maléficos, entretanto, quanto ao terceiro efeito, não se pode dizer o mesmo; em T_06_PdH os efeitos do álcool são vagamente subsumidos pelo nome genérico *coisinhas*, visto que não há referências a efeitos particulares, como há em SI.

Finalmente, as r.d. relacionadas ao consumo do álcool podem ser encontradas nas linhas 10, 14, e 15 do quadro comparativo. Nas linhas 10 e 15, em T_01_SI, o consumo é (re) categorizado do ponto de vista patológico, visto que está em jogo o uso compulsivo da substância, o qual é marcado pelo emprego dos nomes *alcoolismo* e *abstinência*; diametralmente oposta a essas (re) categorizações, em T_06_PdH, o consumo do álcool é construído como um hábito, que difere das categorizações anteriores devido à noção de controle acarretada por esse nome, em oposição à falta de controle implicada por *alcoolismo*.

Quanto às marcas de r.e., destaco algumas delas no quadro comparativo a seguir:

Quadro 9 - Quadro comparativo de marcas de r.e. encontradas nos textos

Quadro comparativo de marcas de r.e. encontradas nos textos				
	<i>Superinteressante</i>	<i>Texto</i>	<i>Papo de Homem</i>	<i>Texto</i>
1	José Francisco Botelho, jornalista científico; muitos especialistas;	T_01_Sl	meu avô e o balcão	T_07_PdH
2	De acordo com a médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa da Silva, autora do livro <i>Mentes Perigosas – O Psicopata Mora ao Lado</i> (Fontanar, 2008)	T_01_Sl	Júnior WM (sem marcas de r.e – o produtor assume-a sozinho)	
3	Diz Ana Beatriz	T_01_Sl	um grande chapa meu, o Igor	T_04_PdH
5	Uso de aspas; diz o historiador Henrique Carneiro, especialista na história do consumo de drogas	T_01_Sl	Maurício Garcia (sem marcas de r.e – o produtor assume-a sozinho)	
6	afirma a doutora Lisa Hines, da Universidade Harvard, nos Estados Unidos.	T_02_Sl	Júnior WM (sem marcas de r.e – o produtor assume-a sozinho)	T_02_PdH
7	diz o japonês Toshiro Makino, diretor da clínica do Aeroporto Internacional de Tóquio.	T_02_Sl	Júnior WM (sem marcas de r.e – o produtor assume-a sozinho)	T_05_PdH
8	a pesquisadora Linda Sobell afirmou que	T_04_Sl	Júnior WM (sem marcas de r.e – o produtor assume-a sozinho)	T_01_PdH
9	Segundo o órgão americano National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism	T_06_Sl		
10	”, diz Daniel Magnoni, cardiologista e nutrólogo do Hospital do Coração (HCor) e do Instituto Dante Pazzanese, de São Paulo.	T_06_Sl		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação às marcas de r.e. presentes na SI, pode-se dizer que remetem a: instância de produção (linha 1); especialistas em questões ligadas ao consumo de álcool no Brasil (linhas 1, 2, 3, 5 e 10); especialistas em questões ligadas ao álcool no exterior (linhas 6, 7 e 8); e, por fim, a instituições que estudam o tema (6, 9, e 10).

A r.e. em PdH, por outro lado, é significativamente menos marcada do que em SI. As poucas marcas de r.e. encontradas nos textos remetem a referências ligadas à

instância de produção, como familiares – *meu avô*, em T_07_PdH – e amigos – um grande chapa meu, *o Igor*, em T_04_PdH. Em grande parte dos demais textos, não há marcas de atribuição de r.e., o que permite afirmar que seus produtores tomam para si a responsabilidade sobre as proposições-enunciado que constroem, estabelecendo-se como fontes de informação únicas.

As representações discursivas encontradas em SI e PdH, via de regra, remetem a predicações abonadoras (PdH) e desabonadoras (SI) associadas ao álcool, como procurei mostrar em minhas análises.

Entretanto, como toda a regra possui exceções, cabe, à guisa de conclusão, discriminar os textos que escapam às regularidades até aqui expostas.

O único texto de SI que faz alusão a benefícios advindos do uso de álcool é *Álcool faz bem?* (T_05_SI). Entretanto, os benefícios não são tratados em termos absolutos, como é possível notar na seguinte proposição-enunciado:

“O uso moderado do álcool traz uma série de benefícios físicos e psicossociais”, afirma Archie Brodsky, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Harvard, nos Estados Unidos. O caráter relativo dessa proposição repousa na ideia de que as benesses do álcool só são obtidas em uma situação muito particular: quanto este é usado de forma moderada. Essas benesses incluem facilidade na socialização – O álcool é o que se chama de lubrificante social ideal”, explicou à SUPER a psicobióloga Ana Regina Noto, do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) – e melhora das funções cardíacas – Estudos realizados em mais de vinte países indicam que uma dose diária para mulheres e duas para homens diminuem os riscos de doenças do coração.

Em segundo lugar, ainda em relação ao texto *O álcool faz bem?*, cabe pontuar que os segmentos que se referem aos eventuais benefícios proporcionados pela substância são bem menos recorrentes, se comparados àqueles que remetem a malefícios.

Quanto a PdH, o único texto da página que alude a malefícios da substância é *Cara, você tá bêbado! Ass: o cartão do estacionamento* (T_03_PdH). Esse também é o único exemplar do *corpus* de PdH que categoriza a substância como uma droga: *A relação entre o álcool e direção é fatal; [5] Leva não só ao óbito, mas à deficiência também. É de um atraso tremendo perceber que uma droga legal pode dar a alguém o direito de virar uma arma gigantesca (homem + álcool + carro).*

Em termos de r.e., esse texto também pode ser destacado como o único que apresenta esse tipo de marca: *O jornal Correio Brasiliense publicou uma matéria em fevereiro de 2013 sobre a relação de acidentes de trânsito estarem relacionados com o consumo de álcool; [2] De acordo com a pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde na época, 21% dos acidentes de trânsito no Brasil estão relacionados com o uso de álcool.*

Essa discrepância em T_03_PdH, no que tange à r.e., salta à vista do analista de texto por se valer de um expediente – a menção a fontes de informação – que não está previsto no contrato de comunicação firmado entre a página e seus leitores. Assim o é, dado que o perfil de leitores da página corresponde ao que Charaudeau (2010) chama de *alvo afetivo*: aqueles sujeitos que validam a informação por meio de sentimentos, subjetivamente – o extremo oposto do perfil *intelectivo* ao qual se adequam os leitores e leitoras da SI.

No capítulo seguinte, dedico-me às considerações finais atinentes a esta tese.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, procurei problematizar os entendimentos sobre o álcool que circulam na mídia *online* brasileira, ao analisar textos presentes em dois veículos de informação com públicos bastante significativos, dado o elevado número de leitores e leitoras de cada um. Procurei fazê-lo a partir de categorias textuais-discursivas, como a representação discursiva e o contrato de comunicação, no intuito de conferir sistematicidade a algo que já havia observado empiricamente, em telejornais, jornais e revistas associados a veículos midiáticos estabelecidos no Brasil.

Acredito que esta investigação permita-me corroborar minha tese de que, na mídia *online* brasileira, é possível encontrar representações discursivas sobre o álcool e seu consumo: parte dessas representações, conforme procurei mostrar em minha análise dos textos extraídos da edição eletrônica da revista Superinteressante, corrobora o ponto de vista daquilo que a ciência diz sobre a substância – e não coincidentemente, visto que a *Super* é um veículo dedicado à divulgação científica midiática. A outra parte dessas representações, verificada por meio das análises da página Papo de Homem, vai de encontro à voz da ciência e exhibe as visões de mundo dos produtores dos textos dessa página, bem como o compromisso com alguns de seus patrocinadores, que são fabricantes de bebidas alcoólicas.

Na Superinteressante, os sentidos construídos sobre o álcool baseiam-se em pesquisas feitas por especialistas no tema, em sua maioria, médicos filiados a instituições reconhecidas tanto nacional quanto internacionalmente. Embora haja, nessa publicação, (apenas duas) menções a marcas de bebidas alcoólicas – uma direta, no *kit* de mídia da publicação, e outra indireta, visto que se relaciona não à revista em si, mas a um evento anunciado na revista (ver T_01_SI) –, predominam as representações discursivas relacionadas aos malefícios causados pelo consumo da substância, tanto em termos individuais – no caso de doenças advindas do álcool, dentre elas, o alcoolismo – quanto sociais – a relação entre álcool e direção, por exemplo, que implica não apenas quem bebe, mas quem porventura cruze o caminho de motoristas embriagados. Essas representações discursivas inspiram prudência em relação ao consumo do álcool, que, conforme mostram os textos analisados, não é uma substância livre de contradições.

Em termos de construção de objetos de discurso e de progressão tópica, é patente a sistematicidade que os textos de Superinteressante apresentam: a

reiteração da forma nominal introdutória *álcool*, no decorrer do plano textual, bem como a vasta presença das anáforas correferenciais recategorizadoras por meio de hiperônimos (*o álcool é uma droga*), cooperam para a construção processual dos objetos de discurso, tornando a coesão e coerência desses textos fluida, como alude Marcuschi (2000[2006]).

De forma diametralmente oposta, as representações discursivas em Papo de Homem evidenciam o compromisso da página: (i) com a visão de mundo de seus proponentes, dada a escassez de marcas de responsabilidade enunciativa; e (ii) com parte dos patrocinadores da página – empresas fabricantes de bebidas alcoólicas, como a cachaça Sagatiba. Assim, em Papo de Homem, predominam representações abonadoras do álcool, que incentivam seu consumo, sob a escusa de proporcionarem benefícios como a facilidade de socialização, a atração da atenção das mulheres (embora a página alegue que não se limite ao público masculino, é clara a distinção entre os gêneros masculino e feminino, como procurei mostrar em relação a T_06_PdH), e a obtenção de conhecimento através do consumo do álcool (como se o consumo da substância fosse um pré-requisito para os conhecimentos diversos a que alude Júnior WM). Além das representações discursivas abonadoras do álcool, há a ocorrência, em Papo de Homem, de representações associadas à substância, como maturidade (metaforicamente referida de forma sexista pela expressão *ser homem*).

Em relação a esses resultados, posso afirmar que as categorias textuais-discursivas de que me vali mostraram-se bastante produtivas, visto que situam as condições de produção dessas representações, evidenciando suas motivações (ou *fins discursivos*) e visões de mundo (ou *pontos de vista*) dos produtores dos textos analisados. O cotejo entre as análises dos textos publicados nesses veículos evidencia, como já me referi anteriormente, ao caráter contraditório do álcool na sociedade brasileira, bem como às implicações dos sentidos atribuídos à substância, que, quando consumida com moderação, pode até acarretar benefícios, mas que, ao ser ingerida de forma abusiva, pode causar doenças variadas, e mesmo o óbito.

Esta tese não representa um manifesto contra o álcool, tampouco procura abordá-lo a partir de um viés moralista. Antes de tudo, representa um convite à reflexão sistemática realizada no âmbito da Linguística Aplicada em sua acepção mais recente (MOITA LOPES, 2006), que visa a criar entendimentos sobre problemas

mundanos que implicam o uso da linguagem, como parece ser o caso dos diferentes (e contraditórios) sentidos predicados ao álcool nos dois veículos analisados.

Nesse sentido, este trabalho não se esgota em si mesmo: não representa um ponto de chegada, mas, quem sabe, um ponto de partida para trabalhos que se debrucem sobre a questão aqui tratada, primeiramente, no campo das Ciências da Linguagem, dada a escassez de investigações dedicadas ao tema – mas não apenas: também podem-se dedicar à manutenção desse debate outras áreas afins situadas no escopo das ciências humanas, como as Ciências Sociais, visto que a discussão sobre o álcool no Brasil, via de regra, limita-se à área da saúde.

As contribuições deste trabalho podem ser entendidas em três momentos: em relação à Linguística Aplicada; em relação aos estudos textuais-discursivos; em relação a questões de ensino e aprendizagem de língua, visto que sou licenciado em Letras.

No que tange à Linguística Aplicada, este trabalho propõe-se à problematização de uma questão – através de uma análise textual-discursiva – que, mesmo sensível à sociedade brasileira, tem sido, até então, pouco abordada pela academia em nosso país. Dada a saliência dos problemas relacionados ao álcool no Brasil – evidenciada não apenas pelos textos da Superinteressante, mas, da mesma forma, pelas referências mencionadas na introdução desta tese, como as matérias publicadas na revista National Geographic e a opinião de Sérgio de Paula Ramos, quiçá o nome mais representativo no que tange ao estudo da dependência química no Brasil –, a problematização que aqui proponho mostra-se fundamentada.

Em relação aos estudos textuais-discursivos, creio que, em primeiro lugar, este estudo contribui para a extensão da teoria de Patrick Charaudeau ao domínio *online* – como o faz Boaventura (2018) – visto que esse teórico contempla, em seus trabalhos, veículos midiáticos tradicionais, como a televisão e os jornais impressos. Em relação ao domínio midiático *online*, há uma série de desafios que, antes, não existiam: por exemplo, a concepção das instâncias de recepção dos veículos presentes nesse domínio, em oposição à mídia impressa, que, embora não tenha deixado de existir, hoje compete com a mídia eletrônica. Antes do advento da internet, só era possível consumir informação mediante pagamento, através da compra de periódicos. Como o custo era um fator preponderante, o público limitava-se àqueles veículos que mais ou menos se adequassem a suas visões de mundo. Com a internet, tornou-se possível acessar, mesmo de forma limitada (pois há *sites* que limitam o

número de acessos àqueles que não são assinantes), variados veículos de informação – mesmo aqueles que vão de encontro à visão de mundo dos leitores. Por exemplo, nada impede que um(a) leitor(a) de *Veja*, uma publicação associada a tendências políticas conservadoras (de direita), acesse o conteúdo de uma página como a *Brasil 247*, de tendência progressista (de esquerda). O único pré-requisito para tal é possuir uma conexão com a internet. Antes do advento da democratização da rede, dificilmente o leitor de um desses veículos investiria recursos para adquirir uma publicação que fosse de encontro a suas visões de mundo.

No que tange aos estudos sobre referência, esta proposta visa a contribuir para a inserção do tema em relação a uma questão social pouco abordada no domínio da Linguística Textual – no caso de minha pesquisa, é a relação entre álcool e sociedade que está em jogo, mas também é possível, a partir deste arcabouço teórico-metodológico, debruçar-se sobre questões igualmente sensíveis à sociedade, como gênero, aborto e violência: trata-se de temas bastante presentes tanto na mídia quanto na vida social brasileira.

Em terceiro lugar, visto que sou licenciado em Letras, esta tese pode vir a contribuir para a área de ensino e aprendizagem de língua materna, pois procura distanciar-se de abordagens estritamente formais que tratam a linguagem como entidade homogênea e estanque, limitando-a à aplicação de regras, de forma desprovida de reflexão. A diversidade de objetos de discurso e predicções que integram as variadas representações discursivas aqui discutidas evidencia que a escolha das marcas linguísticas não se dá ao acaso, nem tampouco de forma neutra. Ao contrário: essas representações mostram que há questões como identidades (tanto de quem produz um texto quanto de quem o consome), fim discursivo, condições materiais de troca e gênero de discurso que são fundamentais à produção escrita e precisam ser consideradas de antemão. Nesse sentido, vale retomar a máxima de Charaudeau (2006): “o Contrato fala antes que qualquer um tenha falado”.

Apresentadas as contribuições desta tese, cabe, em tom concludente, apresentar as limitações deste estudo, que são, fundamentalmente, duas.

A primeira delas condiz à limitação do *corpus* de estudo. As análises propostas debruçaram-se sobre (os poucos) textos encontrados nos veículos em questão que tematizam exclusivamente o álcool. A escolha entre Superinteressante e Papo de Homem deu-se após uma busca exaustiva em páginas como BBC, Folha de São Paulo, Mundo Estranho, NILC São Carlos, Pesquisa Fapesp e UOL. De todos esses

veículos, apenas os dois escolhidos forneceram textos que se prestassem a meus propósitos de pesquisa.

Em segundo lugar, a carência de estudos sobre o álcool, nas Ciências da Linguagem, mais precisamente na Linguística Aplicada e na Linguística do Texto, faz com que não haja parâmetros de comparação entre esta e outras investigações sobre o tema, que se limitam à área da saúde, bem como aos profissionais dessa área.

Em tom concludente, espero que esta tese, mesmo com suas limitações, possa contribuir para a manutenção e ampliação do (ainda tímido) debate sobre o álcool no Brasil, tanto na sociedade quanto na academia brasileira.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- APOTHÉLOZ, D. Nominalisations, référents clandestins et anaphores atypiques. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BEGUELIN M-J. (Orgs.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtel: Université de Neuchâtel. 1995b, p. 143- 173.
- APOTHÉLOZ, D., CHANET, C. Défini et démonstratif dans les nominalisations. In: MULDER, W.; RYCK, L. T.; VETTERS, C. (Eds.) **Relations anaphoriques et (in)cohérence**. Amsterdam: Rodopi, 1997, p. 159-86.
- ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- CAMPOS, E. A. Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência da cidade de São Paulo - Brasil. **Interface**, Botucatu, v. 14, n. 34, p. 539-550, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832010000300006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21 out. 2017.
- BOURDIEU, P. Les trois états du capital culturel. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, France, 30:3-6, 1979.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637068/479>>. Acesso em: 25 out. 2017.
- CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CAVALCANTE, M. M.; FILHO, V. C.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M.; SANTOS, L. W. Referenciação e marcas de conhecimento compartilhado. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 657-681, set./dez. 2012.
- CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, F. O. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.
- CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27. Disponível em:

<<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiinguistica-do.html>>. Acesso em: 01 out. 2017.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARROLES, M. Coherence as a principle of interpretability of discourse. **Text**, v.3, n. 1, p. 71-98, 1983.

CLARK, H. H. **Arenas of Language Use**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

CONTE, M.-E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica M. et al. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

CRONICK, K. A rhetorical and hermeneutic analysis of texts related to alcohol use. **Qualitative Research**, [S.l.], v. 6, n. 3, 2005.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: Cavalcante, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção clássicos da linguística).

HEINEMANN, W.; VIEHWEGER, D. **Textlinguistik**: eine Einführung. Tübingen, Niemeyer, 1991.

ISENBERG, H. Einige grundbegriffe für eine linguistische Texttheorie. In: DANES, F.; VIEHWEGER, D. (Eds.). **Probleme der Textgrammatik**. Berlin: Akademie Verlag, 1976.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, v. 14, p. 169-190, 1998.

KOCH, I. G. V. Linguística textual: quo vadis?. **D.E.L.T.A.**, [S.l.], v. 17, p.11-23, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v17nspe/6708.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

KOCH, I. V. G. **Argumentação e linguagem**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002a.

KOCH, I. V. G. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002b.

KOCH, I. V. G. **Introdução à Linguística Textual**: Trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, I. V. G. **As Tramas do Texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

KOCH, I. G. V. A referenciação como construção sociocognitiva: o caso do rótulo. **Revista de estudos da linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 201-213, 2008b.

Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2486>>. Acesso em: 20 out. 2017.

KOCH, I. G. V.; CORTEZ, S. L. A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais. **ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 29-49, 2015.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, [S.l.], v. 14, p. 169-190, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501998000300012>. Acesso em: 20 out. 2017.

MARCUSCHI, L. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap032.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Unicamp, v. 48, n. 1, p. 7- 22, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MONDADA, L. DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2016. (Coleção Clássicos da Linguística).

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto**. Anais ABRALIN. 2009, p. 1369-1376.

PRIMO, Alex. Interatividade. In: SPYER, Juliano. **Para Entender a Internet – Noções, práticas e desafios da comunicação em rede**. 2009.

SANTOS, L. W. dos; LEAL, C. L. Referenciação e leitura em textos escritos de alunos surdos. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. de. **Referenciação: teoria e prática** (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2013. p. 160-180.

SCHMIDT, S. **Texttheorie, probleme einer Linguistik der sprachlichen Kommunikation**. München: Fink, 1973.

VAN DIJK, T. A. **Text and context**. London: Longman, 1977.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **De cuerpo presente**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1992.